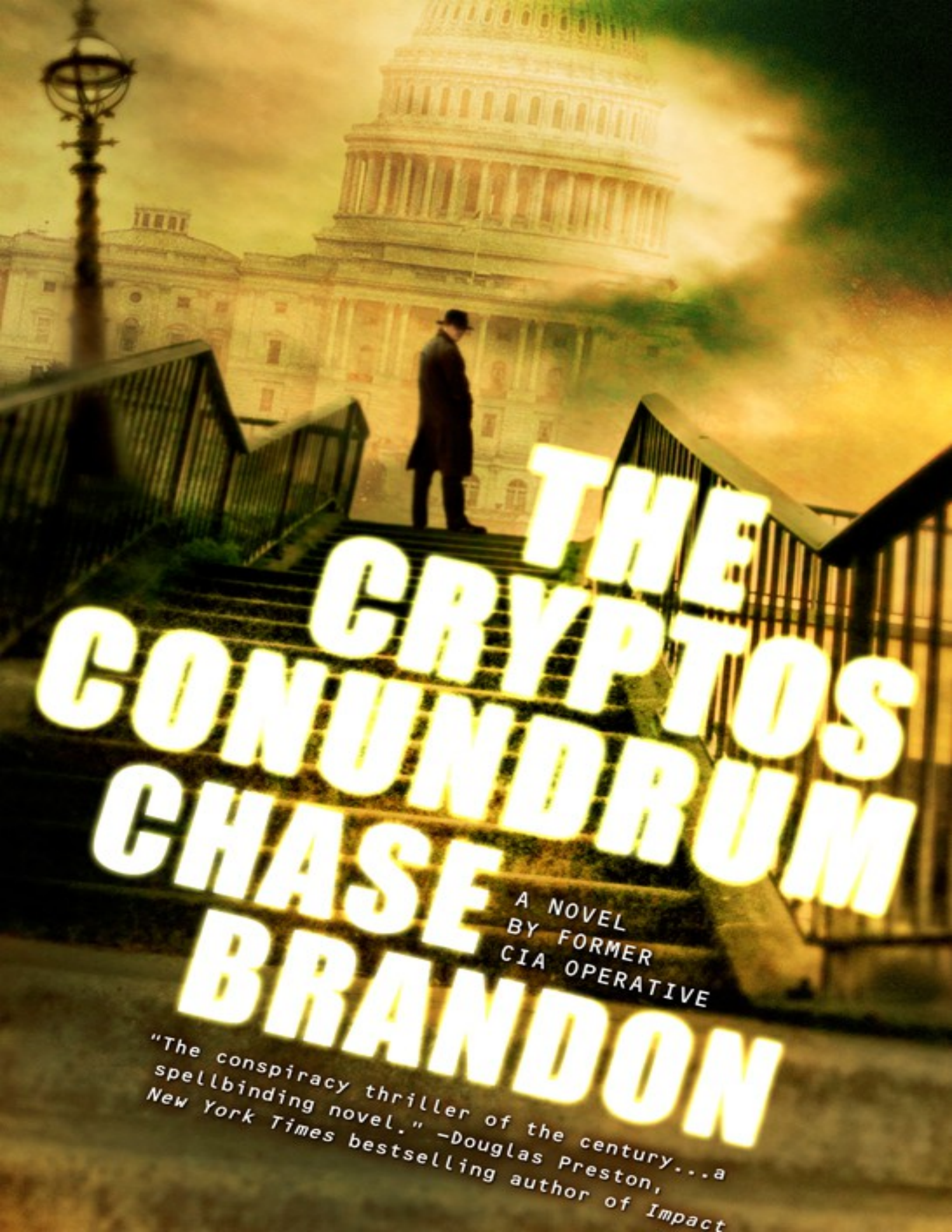

THE CRYPTOS CONUNDRUM
A NOVEL BY FORMER CIA OPERATIVE
CHASE BRANDON
"The conspiracy thriller of the century...a spellbinding novel." —Douglas Preston, New York Times bestselling author of Impact

THI
CRYPTOS
CONUNDRUM

Τηε Χρψπτοσ Χονυνδρυμ

Chase Brandon

h ZoSf Do HeItTT AssoccATes so OEC
xew xOBx

O autor e a editora forneceram este e-book sem o software Digital Rights Management (DRM) aplicado para que você possa desfrutar da leitura em seus dispositivos pessoais. Este e-book é apenas para seu uso pessoal. Você não pode imprimir ou publicar este e-book, nem torná-lo publicamente disponível de nenhuma forma. Não é permitido copiar, reproduzir ou carregar este e-book, a não ser para lê-lo em um de seus dispositivos pessoais.

A violação de direitos autorais é contra a lei. Se você acredita que a cópia deste e-book que está lendo infringe os direitos autorais do autor, notifique a editora em: us.macmillanusa.com/piracy.

Conselho de Revisão de Publicações da CIA

- Declaração oficial -

Todas as declarações de fatos, opiniões ou análises expressas são de responsabilidade do autor e não refletem as posições ou pontos de vista oficiais da Central Intelligence Agency ou de qualquer outra agência do governo dos EUA. Nada no conteúdo deve ser interpretado como afirmação ou implicação de autenticação de informações pelo governo dos EUA ou endosso da CIA aos pontos de vista do autor.

Este material foi revisado p e l a CIA para evitar a divulgação de informações confidenciais.

Para minha esposa, Jamie, e meu filho, Greg

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais e lembranças eternas ao meu falecido amigo e agente, Marty Greenberg, que levou meu manuscrito até a porta da editora; e à minha primeira editora, Denise Little, que me ajudou a aprender a escrever e garantiu que minhas páginas estivessem bem vestidas quando tocamos a campainha da Tor/Forge Books. Mais tarde, conheci Cynthia Merman, a melhor editora de textos que eu poderia esperar encontrar. Todos os seus toques profissionais e sua incrível atenção aos detalhes foram muito apreciados.

Agradeço sinceramente a oportunidade de uma vida inteira que me foi proporcionada por Tom Doherty e, especialmente, por Robert Gleason, da Tor/Forge Books. Eles abriram as portas de sua editora e permitiram que eu e minha história entrássemos, onde Whitney Ross, Elizabeth Curione e outros funcionários da Tor/Forge prestaram uma assistência inestimável para que essa história fosse impressa. Bob Gleason continuou a me incentivar e a me orientar desde o momento em que cruzei sua porta. Sua ajuda para me transformar em um autor significou tudo, assim como sua amizade. Profundamente grato pelo apoio e hospitalidade de Bob, espero não ser apenas um convidado ocasional, mas me tornar um membro da família Tor ao longo de muitos romances publicados.

O tempo dirá a respeito disso... assim como, em última análise, dirá a respeito *de The Cryptos Conundrum.*

CONTEÚDO

Página de título Isenção de responsabilidade da CIA
Dedicação
Agradecimentos
Nota do autor
Epígrafes Glossário Galáctico

Parte I: O Sol Nascente
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12

Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17

Parte II: Manhã Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36

Parte III: Meio-dia
Capítulo 37

Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52

Parte IV: Início da tarde
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63

Parte V: Final da Tarde
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82

Parte VI:
Anoitecer
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86

Parte VII: Anoitecer
Capítulo 87

Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93

Parte VIII: Escuridão profunda
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Capítulo 101
Capítulo 102
Capítulo 103
Capítulo 104
Capítulo 105

Parte IX: O toque dos sinos à meia-noite Capítulo 106
Capítulo 107
Capítulo 108
Capítulo 109
Capítulo 110
Capítulo 111
Capítulo 112

Epílogo

Apêndice 1: A Bíblia Apêndice 2:
Teorema de Adams
Apêndice 3: Breve e verdadeira história do sobrenome Chalmers
Apêndice 4: *Genealogia* Chalmers - versão criptografada Nota
final do autor
Sobre o autor Direitos
autorais

NOTA DO AUTOR

Fatos reais envolvendo pessoas, lugares e eventos descritos neste livro inspiraram a história fictícia mais ampla que se desenrola através da paginação do tempo.

Uma parte da verdade é que uma escultura de metal *real* fica no pátio da sede da CIA e contém uma mensagem codificada *real* que é exibida à vista de todos. É uma obra de arte enigmática e bela, encomendada para comemorar uma expansão do edifício original da sede, popularmente e publicamente conhecido como Langley. Em sua inauguração, o diretor da CIA desafiou os funcionários da agência a decifrar a mensagem.

De fato, o diretor havia autorizado anteriormente o criptógrafo-chefe da CIA, conhecido como o *Mago dos Códigos* de Langley*,* a auxiliar o artista do design na construção básica do código. A escultura sedutora e a sofisticada variante de código que foi criada têm sido um mistério e um desafio duradouros para todos os que a viram ou se intrigaram com ela. Depois de quase um quarto de século, ninguém, nem mesmo os especialistas da Agência de Segurança Nacional, decifrou totalmente a mensagem.

Embora inspirado em parte pela verdadeira obra de arte da CIA, nada do que se segue deve ser interpretado como reflexo *da arte ou da autoria* do escultor real com o formato ou a interpretação da escultura da Agência. A descrição, o significado e a autoria da escultura deste trabalho, chamada *Cryptos,* são puramente fictícios. O título da escultura fictícia é derivado do método criptográfico usado pelo artista fictício para construir a mensagem codificada em conjunto com o personagem central, ambos os quais serão apresentados no devido tempo.

Cryptos é uma laje imponente de aço oxidado, carbonizada na fornalha, dobrada ao meio em um ângulo de noventa graus. A estrutura em forma de L é colocada em uma base de granito e ladeada por colunas de alumínio maciço e brilhante.

As duas seções de parede do *Cryptos* são perfuradas com duas mil e seis letras alfabéticas cortadas com um maçarico manual. Em diferentes momentos do dia, o sol que atravessa o local lança um total de quatro mil e doze letras retroiluminadas como *sombras invertidas,* que se deslocam lentamente pelo grande disco de granito preto que circunda a escultura no nível do solo. Todos sempre acreditaram que a mensagem codificada poderia ser encontrada nesses padrões de sombra *projetados*, se não nas próprias letras escalpeladas.

Eles estavam errados. Acontece que quase todo mundo está errado sobre quase tudo.

Até mesmo os maias.

A verdade é tão difícil de ser dita que às vezes precisa de ficção para torná-la plausível.

-Francis Bacon

A coincidência é a maneira de Deus permanecer anônimo.

-Albert Einstein

GLOSSÁRIO GALÁCTICO

ENTIDADES

Ga'Lawed-Sábio **galáctico**, um ser supremo onisciente Diretor-Discípulo **principal**, historiador e porta-voz de Ga'Lawed Samaritanos-Doze apóstolos para Ga'Lawed e seu diretor:

Won	Vor	Sa'ven	Tenyah
Tu	Fieva	Aigh	E-levi
Tha'Ree	Sixkt	Nie-nun	T'wel-va

LOCAIS

Tutorium **-** Sala de aula **cósmica** para o programa de estudos do Diretor/imprimatur

High Stasis - Platô **cósmico** de onde os samaritanos monitoram seus locais de trabalho

VOCABULÁRIO

Ascensão - Elevação para o próximo reino cósmico

Chalmerian - Referência samaritana à família Chalmers

Fiverianos - Civilização sob a influência da Boa Vontade da samaritana Fieva

Portal da Íris - Horizonte **de** evento para o **Meg**'etheral **Meg'etheral - Transição** para outra dimensão eterna Missões **- Serviços** realizados por Samaritanos Voracianos **- Civilização** sob a influência do Samaritano Vor

Parte I

O SOL NASCENTE

1

VERDUN, FRANÇA. 26 DE FEVEREIRO DE 1916

O céu coberto de nuvens de cordite brilhava com faíscas de fogo primordial. E a bigorna da Terra tremeu com concussões que atingiram seu corpo e sua alma como se tivessem sido feridos pelo martelo vermelho e furioso de Thor. Apavorado, o Dr. Jonathan S. Chalmers Jr. observava as explosões ofuscantes da artilharia e as detonações desmembradoras que reforçavam o espectro da Morte do inimigo, que ele sentia que já o ofuscava.

Frio, molhado, ferido e a uma distância de uma vida inteira de sua família em Nova York, Chalmers agarrou o cano de aço e a coronha manchada de sangue de sua Lebel francesa de 8 mm, mas teria trocado de bom grado o rifle por uma taça de conhaque de cristal.

Matemático brilhante, Chalmers era um estudioso e cavalheiro completamente fora de seu elemento afluente em Long Island. Contrariando as probabilidades razoáveis ou a lógica definível, ele também era soldado raso do Exército dos Estados Unidos e atualmente estava preso em uma área de terra perigosa entre a França e a Alemanha, conhecida como Frente Ocidental. Ali, uma forma de massacre humano chamada guerra de trincheiras grassava ininterruptamente com o nascer do sol de cada novo dia em um mundo em guerra consigo mesmo.

Chalmers sabia que o horror macabro dessa histórica zona de matança já estava imortalizado no termo do campo de batalha *"terra de ninguém" - um* reino que suas entranhas atadas e sua mente analítica diziam a Chalmers que era um pesadelo além de sua própria imaginação vívida.

AS TRINCHEIRAS. O215 HORAS

Chalmers segurou suas etiquetas circulares de identificação, o metal frio delas era um talismã para ele. Ele examinou a trincheira à sua esquerda e à sua direita. Ladeado por corpos despedaçados, ele

viu seus amigos mortos como arautos de seu próprio destino.

Chalmers havia sido enviado para reforçar o 407º Regimento de Rifles Franceses há duas semanas com um pelotão de voluntários americanos, incluindo o amigo de longa data e colega nova-iorquino Paul Baker, além de alguns soldados britânicos. Ele estava sob cerco e sem dormir há tanto tempo que havia perdido a noção do tempo.

"Então me diga novamente, John", disse Baker. "Que diabos estamos fazendo aqui?" "Salvando os franceses ao manter esta linha. Você não ouviu as instruções daquele

não ouviu o briefing do tenente, *o bâtard* que nos mandou para este ninho de ratos?"

"Sim, claro. Acho que esqueci a parte sobre os boches tentando nos exterminar."

Os dois homens estavam assustados, embora tentassem não demonstrar isso.

Eles estremeceram, recuando novamente diante do bombardeio estrondoso que estava em andamento para destruir fortificações e sistemas de trincheiras ao longo de uma frente de vinte milhas, de Bois d'Avocourt a Étain.

Os obuseiros alemães Krupp, chamados de Big Berthas*,* deveriam ter concluído a demolição em questão de dias. Mas os dois ainda estavam aqui, ainda vivos e mantendo essa linha - embora a fortificação francesa em Douaumont tivesse sido capturada por soldados de infantaria alemães.

Chalmers sabia que era apenas uma questão de tempo até que os boches os empurrassem de volta ou invadissem a fortaleza aliada aqui no Setor Alfa. Se eles sobrevivessem à noite, suas ordens eram passar pelo topo ao amanhecer e atravessar uma faixa de quinhentos metros de largura de um inferno de arame farpado. E, se conseguissem chegar ao outro lado, combater os Fritzies homem a homem com baionetas e, depois, com as mãos nuas.

A zona da morte, pensou Chalmers. *Uma investida suicida na terra de ninguém.*

Chalmers tocou seu coração e, em seguida, tirou uma foto de Margaret do bolso do peito de sua túnica. Ele conseguia distinguir suas feições no brilho repentino da explosão de uma bomba. Ele a amava profundamente e sentia que aquela era provavelmente sua última chance de olhar para o rosto dela.

Chalmers sentiu que seu amigo o cutucava. Ele rapidamente recolocou a foto no lugar. "Parece que faz uma eternidade desde que nos alistamos, não é?"

Chalmers acenou com a cabeça. "Talvez por mais tempo." Ele limpou a lama da culatra de seu rifle com a manga. "Desculpe-me por tê-lo trazido para esta latrina. Coisa ruim de se fazer, Paul."

"Ah, não tem problema. Eu sempre fui sua sombra. Você não poderia ter vindo sem mim... só não vá *embora* sem mim, ok?", disse ele com um sorriso fraco.

* * *

Chalmers e Baker eram vizinhos e amigos inseparáveis desde que ainda usavam calças curtas. Dois anos mais velho, Chalmers sempre foi como um irmão mais velho para Baker.

Alto, esguio e de aparência angulosa, Chalmers havia se destacado no lacrosse em seus primeiros anos, mas abandonou o esporte em favor dos estudos.

Baker era baixo e atarracado e, apesar de muito inteligente, tendia a superar os desafios da vida com muita força, tendo finalmente se formado em direito e entrado para o escritório de advocacia do pai mais por pura coragem do que por um conhecimento acadêmico de jurisprudência.

Há um ano, eles estavam seguros em Oyster Bay, Long Island, no calor do amor de seus pais e na riqueza, poder e influência de suas famílias. Embora tivesse se casado recentemente, Chalmers ainda morava na mansão de pedra que havia abrigado gerações de famílias Chalmers. Baker também continuava morando na mesma rua com seus pais.

Era um mundo quase perfeito que eles haviam deixado de bom grado em favor dessa trincheira mortal.

Ainda mais do que Baker, Chalmers havia nascido e crescido em um ambiente privilegiado, com todas as vantagens de riqueza e sofisticação que seus pais poderiam lhe dar. O pai de Chalmers, o homem que lhe deu o nome, era um bem-sucedido advogado de navios e banqueiro de investimentos. A mãe francesa de Chalmers sempre foi uma cuidadora carinhosa do filho. Ela era uma dona de casa consumada e uma esposa dedicada.

Ela contou ao filho, quando ele era apenas um menino, que havia conhecido o pai dele em uma de suas viagens de negócios ao continente. Eles se apaixonaram à primeira vista. Ele era o único filho do casal e sempre se esforçou ao máximo para corresponder ao amor e às expectativas deles. Ele também havia estabelecido um alto padrão de realização para si mesmo, especialmente no campo da educação.

A maioria dos que conheciam Chalmers o descreviam como sendo abençoado com uma inteligência extraordinária, se não incomparável. Quando Chalmers tinha apenas alguns meses de idade, ele já havia começado a demonstrar consciência, habilidade física

física e habilidades de comunicação incipientes que surpreenderam seus pais e o médico da família.

* * *

Agora com vinte e seis anos, Chalmers tinha doutorado em matemática e engenharia física pela Universidade de Columbia. Antes de se alistar, ele era professor, chefe de seu departamento e o homem mais jovem a ocupar esse cargo. Seus alunos e colegas de universidade acreditavam que Chalmers era um verdadeiro sábio, a pessoa mais brilhante que já haviam conhecido.

Ele nunca havia se afastado do caminho que seus pais haviam planejado para ele, nem de sua própria busca por conhecimento, até o dia em que viu o cartaz de recrutamento. A mensagem patriótica do cartaz falou ao seu idealismo e senso de aventura, e constituiu o que Chalmers chamou de *convergência da coincidência - uma* força maior de eventos não relacionados que moldaram a vida de alguém, que talvez tenha definido o conceito da própria vida. Ele acreditava no poder dessa força.

Chalmers Sênior acreditava que a decisão abrupta do filho de se alistar mudaria a vida do jovem, "de forma odiosa", como ele dizia, e argumentou veementemente contra isso. Jonathan Chalmers manteve sua posição - e agora a ocupava no fundo encharcado desta trincheira.

Baker também estava aqui, tendo seguido o exemplo de Chalmers e se alistado no dia seguinte. Os dois agora enfrentavam outro momento de convergência, esperando a única coisa que sabiam que poderia acabar com a amizade deles... a morte.

2

AS TRINCHEIRAS. MAIS TARDE

"Pensei que faríamos parte de um exército galante que salvaria a França do calcanhar dos hunos", disse Chalmers, com a voz embargada pela desilusão.

"Se isso é ser galante", respondeu Baker, depois de cuspir a lama da parede da trincheira que escorria por todos os orifícios, "eu como esse uniforme fedorento e sujo de bunda".

"Paul, a verdade é que eu gostaria de nunca ter ido à cidade, nunca ter visto aquele maldito pôster."

"Nós provavelmente teríamos nos voluntariado de qualquer forma, só para provar que éramos homens."

"Talvez fosse apenas uma rebeldia contra seguir os passos de nossos pais. Eu, provavelmente, mais do que você." Chalmers deu de ombros. "Não faz muita diferença agora."

"Nós deveríamos ter roubado o barco de seu pai novamente... e navegado ao redor do mundo."

"Sim... Meu pai me disse que eu me arrependeria do dia
em que me ofereci como voluntário." "E...?"

Chalmers examinou a trincheira repleta de cadáveres. "Ele estava certo... sobre tudo."

* * *

Chalmers já havia tomado decisões impetuosas que o colocaram em maus lençóis antes. Como na vez em que ele decidiu que seria emocionante atravessar Long Island Sound no veleiro de seu pai durante uma forte tempestade de verão. Baker também estava junto na viagem. O barco virou e afundou a 800 metros do píer.

Naquele dia, Chalmers resgatou Baker da morte certa nas ondas brancas.

No entanto, ele não tinha tanta certeza de que seria capaz de salvar os dois de seu impulso desastroso de entrar para o exército.

Eles haviam sido designados para a 101ª Infantaria, para uma missão "exploratória" de elite na França. Ele havia prometido a Baker que essa seria uma lembrança para a vida toda. Ele prometeu a seus pais e à sua jovem esposa que voltaria para casa inteiro assim que eles dessem uma surra naqueles alemães.

BACIA DE INCÊNDIO. HORAS OCCO

Os projéteis de artilharia e os disparos de metralhadora destruíram a noite. Chalmers estava posicionado com outros membros de sua unidade, incluindo Baker, no compartimento de fogo do Setor Alfa, que era um recorte na trincheira com uma plataforma elevada onde os atiradores aliados ficavam para atirar nas posições inimigas.

"Você tem que admitir, John, que há uma certa qualidade orquestral nisso."

Chalmers, que estava tentando se distanciar, pelo menos mentalmente, desse pesadelo, lançou um olhar de lado para seu companheiro de trincheira.

"Claro. Como um concerto da morte."

Chalmers sabia que era inteligente. Tinha os diplomas e títulos para provar isso. No entanto, neste momento, ele se sentia o maior idiota vivo - a parte *viva* sendo uma condição que ele temia que acabasse logo.

"Sim, eu também quero você", murmurou ele, lembrando-se do pôster com o dedo do Tio Sam apontando para ele. Tudo o que Chalmers queria agora era ir para casa.

* * *

O presidente Woodrow Wilson não teria sua declaração de guerra contra a Alemanha e seus aliados da Potência Central no Congresso até um ano depois, embora o senso político de Chalmers lhe dissesse que o projeto de lei teria de ser aprovado. Nesse ínterim, algumas pequenas unidades de voluntários americanos foram enviadas para o exterior como uma demonstração de boa fé para a futura parceria da Potência Aliada dos Estados Unidos com a Grã-Bretanha, a França e a Rússia. Chalmers e Baker estavam aqui nesta trincheira como parte desse "show".

Chalmers acreditava no ditado de que aqueles que não aprendessem com a história estariam condenados a repeti-la.

Ele percebeu que havia se inscrito na linha de frente de uma classe brutal.

O medo lhe dizia que algo muito pior do que a escola de duros golpes estava prestes a começar.

C

BAÍA DO FOGO. OC45 HORAS

Chalmers, com Baker ao seu lado, estava no ponto mais alto da plataforma de incêndio elevada. Outros americanos da unidade estavam posicionados ao lado deles, na largura dos ombros.

"Aproximem-se! Cabeças para baixo!" Chalmers gritou quando ouviu o som característico dos projéteis lançados nos morteiros alemães da trincheira "barril de cerveja". Todos abraçaram a parede de terra reforçada com madeira e se prepararam para o impacto. Os projéteis de morteiro os atingiram, e seus gritos se tornaram arpejos dolorosos do concerto da Morte.

Os estilhaços quentes de metal arrancaram alguns dos homens à esquerda de Chalmers completamente da baía. Eles caíram na trincheira, desmembrados e mortos antes de chegarem ao chão.

Um pedaço de estilhaço abrasador atingiu o braço esquerdo de Chalmers. Ele viu que Baker havia caído de costas no fundo da trincheira. As calças de seu melhor amigo estavam rasgadas e fumegantes, sua pele queimada pelo metal quente. Chalmers pulou na trincheira, pegou Baker nos braços e limpou a lama do rosto do amigo.

"Qual é a gravidade?"

Baker cerrou os dentes e deu um sorriso apertado. "Feridas de carne. Apenas um pedaço da minha bunda foi atingido. E você?"

"Manchas vermelhas em meu smoking Doughboy, mas ainda estou na festa."

"Ah... eu também. Quer dançar?" disse Baker, agarrando a manga da túnica de Chalmers.

Um olhar lhe disse que Baker estava em mau estado, seus ferimentos eram mais extensos do que Baker havia deixado transparecer, ou provavelmente percebido. Suas pernas estavam quebradas

e sangravam profusamente. As panturrilhas, coxas e nádegas estavam rasgadas, com músculos e ossos à mostra.

Enquanto Chalmers levantava seu amigo, Baker gritava, uma voz angustiada entre as outras que jaziam gravemente feridas na trincheira cheia de morte. O que ele poderia fazer pelo resto deles? Nada. Só havia tempo e força para Paul.

"Desculpe por tê-lo arrastado para isso", disse Chalmers ao puxar Baker para baixo da linha em busca de assistência médica.

"Sinto muito que esteja me arrastando agora", ofegou Baker. A cada passo, seu corpo se estremecia.

"Aguente firme. Nós vamos conseguir. Eu prometo."

Baker tossiu, e sangue escorreu de seus lábios. "Eu não... acho que não."

"Sim, vamos conseguir, Paul. Estou com você. Apenas continue."

"John... seu braço... está uma bagunça.

"Não importa. Estamos indo para casa juntos."

Chalmers olhou para seus próprios ferimentos. *Lacerações graves*. *Antebraço fraturado. Mas nenhum desconforto real... ainda.*

Como Baker, ele sabia que estava em estado de choque e dopado pela própria adrenalina. Ele também sabia que, quando o choque passasse e a adrenalina acabasse, a dor seria insuportável para Baker e, provavelmente, para ele também.

Ele imaginou que ambos provavelmente perderiam membros, supondo que viveriam o suficiente para que os ferimentos fossem infectados.

A ESTAÇÃO. O4O5 HORAS

Chalmers arrastou Baker ao longo das tábuas de pato - um piso de trincheira revestido de lama e coberto de sangue horrível demais para ser descrito.

"Lá em cima, Paul", disse ele a Baker quando eles se abrigaram no posto médico que Chalmers finalmente havia localizado.

Não passava de uma caverna tosca, reforçada com sacos de areia e madeira, escavada no alto da parede principal da trincheira. Havia um sinal da Cruz Vermelha feito à mão pendurado em uma baioneta para marcar sua função, e também havia a l g u n s soldados franceses mortos.

"Espere, vou abrir mais espaço", disse Chalmers enquanto rolava os cadáveres pelo declive até o fundo da trincheira. Ele olhou ao redor. Nenhum sinal dos médicos. Talvez fossem os franceses mortos.

Ele examinou o espaço e encontrou alguns panos e uma garrafa de conhaque "antisséptico". Chalmers o derramou nas pernas de Baker, ignorando seus gritos. Como pedido de desculpas, ele ofereceu o resto da garrafa ao amigo, que a engoliu, arfando com a queimação na garganta.

Chalmers começou a envolver as pernas de Baker com tiras de gaze.

"O que é isso, um sarcófago de terra?", disse Baker com uma risada para disfarçar seu gemido. "Você disse que conseguiríamos sair daqui e agora está me enrolando para um enterro."

"Você pode brincar em seu próprio funeral mais tarde. Estou me certificando de que isso não acontecerá esta noite."

Baker começou a hiperventilar.

"Respire lenta e profundamente, Paul. As bandagens de compressão manterão o sangue dentro e a lama fora." Ele acariciou a testa de Baker.

A hiperventilação se transformou em convulsões. "Está doendo muito. Estou com medo, John."

"I Eu sei. Eu também, também." Chalmers carinhosamente limpou lama do rosto angustiado de Baker. "Paul, eu nunca quis..."

"Está tudo bem."

Baker tentou sorrir. Foi um fracasso. Ele tossiu mais sangue e fechou os olhos contra a dor aguda.

Chalmers apagou os pensamentos de morte e voltou a se envolver. "Veja, o sangramento parou. Já saímos da linha de frente. Agora é só passarmos agora é só passar a noite".

Chalmers esperava que Baker pudesse recuperar alguma força... de alguma forma.

"Ao a m a n h e c e r , Paul. Vamos levar uma ambulância para um médico de verdade. Eu prometo."

Cansado demais agora até para falar, Baker apenas assentiu. Seus olhos se arregalaram.

A ESTAÇÃO. O52O HORAS

O sol vai nascer em breve, pensou Chalmers, convencendo-se de que podia ver uma linha rosa de promessa fraca no leste. Ele não sabia quanto tempo mais Baker poderia durar. *Não vou deixá-lo aqui,* pensou ele, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto enlameado. Incapaz de suportar a perspectiva de perder seu melhor amigo, ele se engasgou de angústia.

Ele também não queria ser deixado aqui, não depois do que tinha visto acontecer com os homens que morreram nas trincheiras.

Chalmers viu que os olhos de Baker haviam se aberto novamente, dessa vez arregalados de medo.

"Tente dormir. É a melhor saída. Não se preocupe, eu o protejo." "John,

prometa-me que vai mantê-los longe do meu saco de pulgas esta noite."

"Pode apostar", disse Chalmers enquanto puxava as cobertas da cama sobre os ombros e a cabeça do amigo. "Está quase na hora. Vamos sair para pegar a ambulância logo."

Baker estava tremendo. De frio ou de choque, Chalmers não sabia dizer qual.

Chalmers acrescentou seu próprio saco de pulgas ao que cobria Baker. Ele sabia que dormir seria uma fuga misericordiosa, mas tinha medo de fechar os olhos.

Todos nas trincheiras conheciam as histórias. Ratos, milhões deles, tão grandes e poderosos que poderiam comer um homem ferido e indefeso. Em geral, eles atacavam primeiro as orelhas, os olhos e os lábios, depois comiam o resto do tecido mole. Geralmente, a vítima estava morta antes do início do banquete. Mas nem sempre.

** *

Contemplar a morte dele e de Baker em batalha já era assustador o suficiente, mas a ideia de ser um cadáver anônimo meio comido destinado a uma sepultura sem identificação era pior para Chalmers. Para minimizar as chances de morrer como um desconhecido, todos os soldados americanos usavam duas plaquetas de identificação - uma para ser retirada de um companheiro caído como registro oficial da morte e outra para permanecer com o corpo para identificação até o enterro.

Chalmers agarrou suas plaquetas com mais força, como se pressioná-las juntas impedisse sua separação prematura mais tarde. Mesmo assim, seu espírito foi esmagado pelo peso do que ele sabia serem suas decisões erradas e ações tolas. Ele podia sentir o gosto da bile do medo cru que saía de suas entranhas.

Então, ele fechou os olhos, apenas por um momento, apenas para calar a fadiga ardente, apenas para escurecer ainda mais sua visão dessa noite sem Deus.

4

A ESTAÇÃO. O62O HORAS

Um aumento repentino na já pesada fusilada sacudiu Chalmers do que havia começado como um devaneio, mas que havia se transformado em sono. Ao longo do caminho, o amanhecer finalmente conseguiu se infiltrar levemente no acampamento escuro do medo.

O tiroteio em andamento complicou seu plano de levar Baker e a si mesmo para uma ambulância. Ele ainda pretendia sair o mais rápido possível, mas agora sabia que era melhor assumir sua posição na área de tiro, pois parecia que os boches estavam prestes a iniciar o ataque final.

Ele conhecia a estratégia. Enfrentá-los de frente. Contê-los ou forçá-los a recuar.

Antes de pegar seu fuzil Lebel, Chalmers enfiou a mão na mochila e tirou seu último pedaço de *rooti,* gíria das trincheiras para pão. Na verdade, havia quase um idioma totalmente separado para a vida nas trincheiras em tempos de guerra, e os franceses, britânicos e ianques falavam esse idioma.

Ele verificou Baker, que estava enrolado em seu saco de pulgas, de costas para Chalmers. Baker parecia estar descansando confortavelmente. *Ótimo, ele também conseguiu tirar algumas sonecas.*

Chalmers deu um puxão no ombro do amigo e sussurrou asperamente. "Pssst, Paul, preciso sair por um tempo. Você precisa comer alguma coisa."

Baker se remexeu, escorregou um pouco e rolou na direção de Chalmers. Ele não disse nada, então Chalmers o empurrou novamente.

"Paul... acorde. Fale comigo."

Mas Baker ainda não respondeu, então Chalmers puxou a aba superior da cama. Com a pele ardendo em febre, ele recuou diante da visão macabra.

O rosto de Baker era um pesadelo - seus lábios foram mastigados e seus dentes ficaram totalmente expostos. Sua cabeça era um pedaço sangrento de carne ralada. Suas feições haviam sido arrancadas, esfarrapadamente, quase como se tivessem sido cortadas por estilhaços. O que antes eram suas orelhas, nariz e olhos agora eram portais abertos para seu crânio sem cérebro e saqueado.

Horrorizado, Chalmers deslizou para trás, e o corpo de seu amigo também. O movimento repentino fez com que um bando de ratos saísse das vísceras canibalizadas de Baker. Alguns puxaram suas entranhas enquanto fugiam de sua boca aberta.

Chalmers vomitou. Com repulsa demais até para gritar, ele se inclinou ainda mais para trás, perdeu o equilíbrio e caiu na vala profunda que eles haviam escalado na noite passada.

** *

Ele aterrissou em um mar de ratos que guinchavam, ocupados em devorar outros cadáveres e, como uma onda gigantesca, eles também o atingiram. Ele gritou e se debateu loucamente quando eles começaram a mordê-lo. Ele tentou ficar de pé, mas a vibração era muito forte. Tentou ficar de pé, mas as tábuas de pato vibrantes e sujas de sangue não lhe davam sustentação. Ele golpeou a horda devastadora e sentiu que sua sanidade começava a se perder.

Mas o calçadão estava ondulando, e não, como Chalmers pensou, por causa do peso e da onda crescente de ratos que corriam em busca de mais cadáveres.

As tábuas de pato chacoalhavam por causa da onda de soldados de infantaria que agora corriam pela linha, enquanto se preparavam para a caminhada matinal rumo à terra de ninguém.

Chalmers ouviu vagamente os soldados franceses ecoando o mantra de comando do general Henri Philippe Pétain, enquanto ele reunia suas tropas para deter o avanço alemão. Um dos soldados se abaixou e puxou Chalmers para se levantar.

Recrutado para a formação, ele tropeçou junto com eles. "*Ils ne passeront pas!*", gritavam. Eles não passarão!

Assim como os ratos, os boches estavam em movimento, ele determinou - surpreso por ainda conseguir formar pensamentos racionais. Ele se concentrou nas palavras, desesperado para manter sua mente longe da imagem horrível de Baker impressa ali. Qualquer coisa, qualquer coisa para se afastar dos ratos.

Então, houve mais palavras.

"Dê um jeito no seu maldito traseiro, ianque", disse o grande britânico que enfiou um rifle Enfield na única mão boa de Chalmers. "Dê um tapa em sua Rosalie, rapaz, é o Tio Charlie que vai pular os sacos e enganar os malditos cabeças de caixa."

"O quê?"

Rosalie, um nome de mulher, pensou Chalmers de forma nebulosa. *Minha esposa? Não, minha esposa é Margaret. Rosalie? Rosalie é uma... baioneta.* E então, em um instante, ele voltou de seu estado de fuga, sendo trazido de volta à realidade pela sensação das tropas que passavam por ele.

"Prepare-se, ianque", disse o soldado britânico com mais clareza, "e conserte as baionetas. Recebemos ordens para ir até o topo e atacar os alemães."

Avançando a passos largos, Chalmers prendeu o cano do rifle na axila esquerda e usou sua única mão útil para prender a baioneta que havia tirado do cinto. Ele não conseguiu fazer isso. O Enfield não aceitaria a baioneta do Lebel, e o velho rifle de Chalmers estava agora enterrado em algum lugar sob a lama vermelha e os ratos que se alimentavam freneticamente no local onde seu melhor amigo havia morrido.

Ele largou o Rosalie e foi arrastado para o fundo da coluna que avançava, avançando em grande parte devido ao fato de estar apertado com homens cujos ombros comprimidos o sustentavam melhor do que suas próprias pernas no momento. Sua mobilidade, ele sabia, era praticamente nula, enfraquecida pelo choque entorpecente de Baker ter sido comido vivo enquanto ele dormia. Depois, o choque se transformou em outra coisa.

Culpa. Culpa que dilacera a alma. Foi a coisa mais dolorosa que ele já havia experimentado.

Ele tentou gritar com o demônio, mas não tinha voz. Por isso, continuou a lutar, arrastando-se pelas trincheiras em ziguezague e finalmente entrando no canal principal que levava à trincheira perpendicular da linha de frente logo à frente. Com a mente agora mais concentrada no momento e a determinação física retornando, ele se espalhou e, sob comando, pulou para a beira da terra de ninguém.

À sua frente, havia fios de arame farpado, minas terrestres, explosões de morteiros, balas de metralhadora e, como ele veria, a primeira das duas nuvens brancas que encontraria dali a pouco.

Agachado, Chalmers se preparou para atacar a terra de ninguém, atravessando o campo da morte.

Ele estava pronto para ser abraçado por ela agora.

5

A CARGA. O64O HORAS

"*Avancez la ligne, avancez la ligne.*" Mesmo que Chalmers não falasse francês, ele teria entendido a frase. Ele e os outros soldados cansados começaram seu ataque estoico, mesmo sabendo que era suicídio.

Chalmers correu, salpicado de pedaços de lama voadora e vísceras sangrentas das explosões de morteiros que o cercavam. Seus companheiros caíram à sua esquerda e à sua direita.

O primeiro fio de arame farpado que ele atingiu cortou suas panturrilhas e coxas. Dois tiros de uma metralhadora Spandau de 7,92 mm, chamada de Pincel do Diabo pelos alemães, atingiram Chalmers na lateral e atravessaram completamente seu corpo. O chumbo quente cauterizou os ferimentos, mesmo quando os projéteis o atingiram.

O terceiro projétil atingiu Chalmers na cabeça.

Seu capacete desviou a bala, mas o impacto o derrubou. Ele caiu de lado em um buraco de morteiro cheio de água. Ele não ouvia mais os ruídos do campo de batalha ao seu redor. O estrondo dos morteiros e o zumbido das balas foram abafados pelo zumbido em sua cabeça.

Ele ainda estava sofrendo de angústia emocional, mas agora sentia mais dor física do que imaginava ser possível. A agonia combinada trouxe consigo um pensamento surpreendente: *Ainda estou vivo.*

Chalmers se esforçou para ficar de pé, determinado a continuar o ataque enquanto tropeçava na segunda coluna que avançava. Aqueles homens também, milhares deles, começaram a cair à sua frente. Ele se perguntou por que, mas então percebeu.

Uma nuvem branca rodopiante caiu sobre eles, uma nuvem que não chovia água, mas morte.

Gás. O pior tipo - difosgênio. Vomitado de cilindros de artilharia que ele viu se despedaçar com o impacto. Ele havia sido informado sobre esse veneno, que formava ácido clorídrico no instante em que se misturava em agonizante uníssono com a umidade dos olhos, da boca e dos pulmões da vítima.

Ao seu redor, homens arranhavam seus rostos. Alguns tinham as órbitas vazias e ensanguentadas das quais haviam arrancado os olhos escaldantes. Seus próprios olhos começaram a arder, primeiro de incredulidade com o que via e depois de dor aguda quando a nuvem de difosgênio também o envolveu.

Sua última visão foi a dos mortos-vivos ao seu redor tossindo as vísceras empoladas. Ele começou a tossir - certo de que havia dado seu último suspiro.

*

Ele ouviu um estrondo grave e pulsante. Um motor grande? Uma das novas máquinas de guerra... um tanque?

De repente, uma parede branca sólida apareceu à sua frente, seguida por um flash de luminescência cristalina que irrompeu do que ele imaginou ser uma porta aberta ou um portal de navio. Com os olhos embaçados, Chalmers viu surgir uma figura estranha, não um soldado, mas uma misteriosa aparição rodopiante que parecia fluir para frente e alcançá-lo.

À medida que a massa peculiar avançava, Chalmers observou-a se transformar em uma forma que ele acreditava reconhecer, embora não conseguisse explicar quem era ou por que ele poderia ter a sensação de conhecer um estranho - especialmente em um lugar esquecido por Deus como este.

Com os olhos ainda cheios de dor escaldante, Chalmers conseguiu identificar a forma inconfundível das mãos brancas e finas que o tocaram de repente, e sentiu a força suave delas quando o levantaram e o levaram até a soleira da porta. Lutando para manter sua mente turva funcionando, Chalmers sabia que estava dentro de algo, em algum lugar, mas tudo o que conseguia ver era um vazio branco.

Uma forma estranha de cegueira?

Dentro de sua cabeça, ele via um redemoinho caleidoscópico de símbolos estranhos que, de alguma forma, *falavam* com ele com o que ele acreditava serem palavras reconfortantes. Ele sabia que estava sendo informado de algo importante, mas não tinha certeza do que significava, pois o que restava de seu cérebro, que estava em guerra, havia começado a se desligar. A forma do estranho também começou a se evaporar.

Uma forma misericordiosa de morte?

E então Chalmers, em uma espiral ainda mais profunda de choque anafilático e trauma físico devido aos ferimentos fatais, sentiu-se liberado da vida consciente.

6

MERCY HOSPITAL, LESTE DE LONDRES. SEIS DIAS DEPOIS

Chalmers não tinha ideia de quanto tempo havia se passado, mas sabia que estava respirando e calculou que estava vivo graças a um médico de campo do Bom Samaritano que deve ter feito um verdadeiro milagre. Ao abrir os olhos, descobriu que eles não ardiam mais, mas estavam sem foco. Ele piscou os olhos e notou que ainda estava cercado pela brancura. Ele ficou intrigado e assustado com isso.

Onde estou?... Ainda nesse mundo inferior enevoado?

Ele esticou o braço bom e percebeu o que era quando tocou um pano frio - uma cortina de lençol ao redor de uma cama de hospital que ele agora podia dizer que ocupava. Quando a cortina se abriu repentinamente, ele viu uma enfermeira com roupas brancas engomadas e frescas vindo ao seu lado.

Ela sorriu, observando o quanto ele havia melhorado e como o americano estava bonito desde que o enfermeiro havia lavado seu rosto forte e anguloso, aparado suas grossas madeixas e feito a barba. Ele tinha cabelos castanho-arenosos e olhos escuros e penetrantes - o tipo de olhos que, segundo ela, captam tudo, mesmo agora em sua condição. Ele era alto e tinha uma constituição atlética e, embora estivesse quebrado e acamado no momento, ela sentiu sua aura de inteligência e força. Depois do que ela percebeu que ele havia passado, ela sabia que ele era um homem de sorte... ou, mais provavelmente, alguém cujo caminho na vida ele estava destinado a trilhar.

* * *

"Ora, olá", disse ela em um tom amigável. "Estou feliz por vê-lo conosco hoje."

Ele tentou responder, mas seus pulmões cheios de cicatrizes e sua garganta irritada não colaboraram.

"Shh", disse ela. "Espere um pouco. Podemos conversar quando você estiver se sentindo melhor."

Ele tossiu e engoliu enquanto a observava remover as luvas brancas de algodão que envolviam suas mãos esguias. A enfermeira olhou para o gesso em seu braço esquerdo, avaliando-o, enquanto tomava o pulso em seu outro pulso. Seu toque parecia o paraíso.

Ela inspecionou o curativo que cobria o lado direito do paciente, desde a base da caixa torácica até a cintura. Em seguida, colocou a mão esquerda sobre a testa dele e a mão direita sobre o coração. Era claramente um gesto médico intencional, mas ao mesmo tempo incomum, pensou ele.

"Bem, agora que a febre passou e seu coração e pulso estão fortes, como você se sente neste lindo dia em Londres?"

Limpando a garganta, ele disse: "Uh, cansado... confuso".

"E você tem sorte de sentir isso. Você fez uma bela travessia de balsa pelo canal e deve estar descansado do cochilo de uma semana aqui. Você esteve em uma espécie de coma, um coma misericordioso", disse ela alegremente. "Pegue isso. Você quase o perdeu da maneira mais difícil."

Ele estendeu a mão.

"A outra ainda está em seu pescoço, soldado Chalmers", disse ela ao colocar gentilmente uma plaqueta de alumínio na palma da mão dele. "Você estava um pouco ... desligado, por um tempo. Vou colocar esta de volta na corrente, se você quiser."

"Obrigado, Srta... Gretchen", disse ele, olhando para a plaqueta de identificação no uniforme dela, "por sua gentileza e cuidado. Minha esposa e minha família... eles sabem que estou aqui?"

"Sabem, sim, soldado. Pedi à administração que obtivesse os registros do seu regimento e enviasse um telegrama. É provável que receba uma resposta deles mais cedo do que imagina. Nesse meio tempo, talvez esteja com um pouco de fome?

"Sim, com certeza. Para comer alguma carne... talvez um London broil?" Ele lambeu os lábios ressecados e rachados só de pensar no sabor.

"Ah, é claro que há a ração de carne bovina. Mas posso lhe dar um pouco de cordeiro e algo para ler depois."

"Parece ótimo."

Ela levantou a cama e colocou os travesseiros atrás dos ombros dele antes de sair. Enquanto ela se afastava, ele se maravilhou com sua beleza. Ela o lembrava de Margaret.

Ele queria voltar para casa - beijar a esposa, abraçar a mãe, conversar com o pai, voltar para a academia e retomar sua vida encantadora na mansão de Oyster Bay.

"Por favor, Senhor, leve-me para casa rapidamente e em segurança, guie-me até minha esposa e família", disse Chalmers, orando, pedindo verdadeiramente a intercessão de Deus, pela primeira vez em sua vida. Mas ele sabia que a vida nunca mais seria a mesma, não sem Paul Baker.

Ele examinou o elenco. Ele tinha ainda mais sorte do que imaginava. Talvez ele não perdesse o braço, afinal.

* * *

Gretchen voltou com uma bandeja grande com duas tampas de aço inoxidável.

"Você conseguiu uma boa porção aqui", disse ela com um sorriso radiante. "Costeletas

costeletas assadas da cozinha do hospital. Uma resposta à sua oração para ver sua casa novamente, com os cumprimentos do oficial administrativo do regimento. E uma resposta à sua pergunta de alguém que sabe por que você não morreu no mesmo ataque de gás que matou mais de oito mil pessoas em questão de minutos." Ela sorriu, tocou o ombro dele e pareceu se afastar.

Ele se perguntou como ela sabia que ele havia orado para voltar para casa.

Mas isso não importava no momento - sua primeira refeição quente em muitas semanas importava. Chalmers levantou a tampa. O aroma lhe deu água na boca. Apesar de seus ferimentos e de sua garganta tensa, ele não demorou a comer. Depois de seu tempo nas trincheiras com rações escassas, ela tinha um sabor divino.

Com a fome saciada, ele levantou a segunda capa e encontrou alguns itens muito interessantes. Seus documentos de dispensa, suas ordens de viagem e um telegrama da Sra. Margaret Chalmers estavam colados em uma passagem de navio a vapor para Nova York. Ele deixaria a enfermaria de Londres em breve e, ao que parecia, a guerra também. Ele segurou o envelope, querendo abri-lo imediatamente, mas hesitando. É melhor saboreá-lo. *Vou deixar isso para o final.*

Uma Bíblia estava empilhada com a papelada que sinalizava sua libertação do inferno. Ele leu rapidamente os documentos, feliz por estar realmente indo para casa.

Ele deixou a Bíblia de lado e abriu o telegrama de sua esposa:

"EU TE AMO, PARE, VOLTE LOGO PARA CASA, PARE".

Lágrimas encheram seus olhos. Ele ergueu a mão boa para enxugá-las e sentiu as bandagens que envolviam sua cabeça.

Respirando fundo, sentiu as sobrancelhas se contraírem e se enrugarem. Ele tinha *muita* sorte por estar vivo.

Então, por que não se sentia seguro?

7

HOSPITAL MERCY. 15 DE MARÇO DE 1916

Chalmers estava indo para casa. Um atendente o havia preparado para partir logo pela manhã e agora sua enfermeira, Fetchin' Gretchen, como ela se autodenominava e cujo sobrenome alguém lhe dissera que era Wellman, havia parado para se despedir.

"Obrigado. Por tudo, enfermeira Wellman", disse ele de sua maca no corredor. "Nunca esquecerei seu cuidado e sua bondade."

"Volte para sua família, soldado Chalmers. Sejam quais forem seus problemas, saiba que você sempre viajará em segurança com Deus. Posso ver a graça e a boa vontade Dele brilhando sobre você."

Sua mão foi retirada da dela quando o auxiliar rolou sua cama em direção à porta da frente, onde os caminhões o levariam, juntamente com outros militares feridos, para as docas. Ao esticar o pescoço para dar uma última olhada, ele a viu sorrir e depois se afastar, parecendo desaparecer na luz do sol que entrava por uma das janelas de vidro chanfrado.

PORTO DE SOUTHAMPTON, CAIS DE ATRACAÇÃO. MAIS TARDE

Um tripulante conduziu a maca pelo Píer 15 e subiu a rampa inclinada até o convés do navio. Lá em cima, Chalmers observou outros homens feridos sendo transferidos para enfermarias compartilhadas com um ou mais companheiros de beliche. Ele tinha o telegrama de sua esposa no bolso, já desgastado por tê-lo relido, seu kit de barbear enfiado debaixo de um braço para uma boa higiene e a Bíblia da enfermeira Gretchen debaixo do outro braço para dar sorte.

Ele sabia que precisaria de muito mais do que isso para voltar a ser o homem que havia sido um dia.

"Aqui está, soldado", disse o tripulante, levando Chalmers para uma sala de enfermaria, "em casa pela próxima semana". O companheiro robusto colocou Chalmers em seu beliche.

"Obrigado."

"Tudo faz parte do serviço amigável, ianque."

Chalmers deu um sorriso fraco e acenou com a

cabeça.

"Esse é seu companheiro de quarto, que está inconsciente com morfina. Vocês podem se apresentar quando ele voltar", disse o tripulante, empurrando a maca para o corredor.

Mesmo com um colega de quarto, Chalmers de repente se sentiu sozinho. Ele ouviu o apito do vapor acima e sentiu as hélices gêmeas se agitarem estrondosamente nas profundezas enquanto o enorme navio de cruzeiro se afastava de sua amarração.

Muito feliz com o fato de a costa da Inglaterra estar se distanciando, Chalmers estava determinado a seguir em frente com sua vida e deixar o passado para trás.

Mas, apesar de ter sobrevivido a Verdun, ele tinha uma premonição de que mais problemas o aguardavam. Embora nunca tivesse mencionado isso a ninguém, nem mesmo à sua esposa, Chalmers era um pouco supersticioso. Talvez até mais do que um pouco.

*

Ele sentiu uma forte pontada de superstição esta manhã quando viu o nome HMHS *Galactic* na popa do navio de transporte de tropas e hospital registrado na Grã-Bretanha que o levaria para a América. *Galactic* parecia um nome estranho para um navio de mar, pensou ele. Era maior do que a guerra. Maior até mesmo que o oceano ou a Terra. O navio, grande parte dele pintado em um tom de branco raramente usado em tais embarcações, projetava uma aura invisível, embora para ele fosse inconfundível, e esse brilho percebido o lembrava de alguma forma da estranha luz branca que ele tinha visto no campo de batalha.

A segunda pontada de sua incerteza je ne sais quoi veio logo depois que o colega de quarto abriu os olhos e lentamente se concentrou em Chalmers.

"Olá", disse Chalmers, aliviado por ver sinais de vida no beliche oposto. "Sou Jonathan Chalmers. Sou de Nova York. Eu estava com o 407º em Verdun." Ele levantou sua funda. "Fui aterrado e mandado para casa com uma asa quebrada e alguns buracos em minhas penas."

"Prazer em conhecê-lo, Chalmers", disse o jovem com a voz embargada. Um leve sorriso surgiu no canto de seus lábios secos. "Meu nome é Baykur. Pauley Baykur. Suas pernas foram baleadas perto de uma aldeia de boches azedos cujo nome nem consigo pronunciar."

Chalmers mal podia acreditar. Baykur? Pauley Baykur? Enquanto a dor e a culpa pela morte de seu melhor amigo o atingiam, o homem na cama à sua frente continuava falando. "Então, estamos juntos nisso, não é? Quero dizer, o quarto e tudo o que vem com ele... compartilhando comprimidos, gaze e uma arrastadeira. Nós, nova-iorquinos, temos que nos manter unidos, sabe como é."

Chalmers procurou forças para responder. "Pauley Baykur?" "Sim. Qual é

o problema, amigo? Parece que você viu um fantasma."

"Talvez. Depois de Verdun, espero estar vendo fantasmas por um tempo... talvez para sempre."

"É isso mesmo", disse Baykur.

Chalmers olhou abertamente para o homem à sua frente, espantado com o quanto ele se parecia com um Paul Baker mais jovem. Ele tinha até sofrido os mesmos ferimentos graves na perna que seu velho amigo. Ele respirou fundo e se forçou a lidar com esse momento.

"Desculpe. Acho que estou um pouco distraído. Lembranças ruins, sabe como

é." "Sim, Johnnie, eu também tenho algumas. Algumas delas são horríveis.

Quero dizer,

dá para acreditar, um dia vi dois ratos mastigando um cara morto."

Por mais estranho que fosse ter o doppelgänger de seu melhor amigo na cama ao lado, era o Navio-Hospital de Sua Majestade, o HMHS *Galactic*, que realmente fazia Chalmers brincar com sua própria mente. O único motivo pelo qual Chalmers conhecia a verdadeira história por trás do *Galactic* era o fato de seu pai ser advogado e consultor financeiro dos fundadores da White Star Line, a empresa de construção naval que produziu os navios da classe Olympic*, Nomadic, Olympic, Britannic* e o lendário e malfadado navio-chefe, o RMS *Titanic.*

"Sabe alguma coisa sobre navios, Baykur?"

"Ou eles flutuam ou afundam", disse o cara em um tom plano, mas com um sorriso presunçoso.

Chalmers deu uma meia risada ofegante. Ele gostou da resposta irônica do garoto.

* * *

Jonathan sabia que, após o naufrágio do *Titanic* em 1912, a White Star Line havia comprado o *Theka Pente,* um transatlântico de luxo grego cujo projeto e especificações náuticas eram semelhantes aos dos navios da classe Olympic. A White Star reformou o *Theka Pente,* batizado com o nome da palavra grega para "quinze", e o rebatizou de HMHS *Galactic.*

E aqui estava ele, "o Décimo Quinto", zarpando do Píer 15 no dia 15 de março. *Cuidado com os dias de março,* sua mente nervosa o advertiu.

Talvez ele estivesse louco depois de suas experiências de quase morte, mas o nome parecia um mau presságio. Ele sabia que era um pensamento tolo. Chalmers tentou se livrar dele.

** *

"Morteiro, rifle ou metralhadora?", perguntou Baykur, acenando com a cabeça para a funda de Chalmers.

"Morteiros. Só rasgou meu braço. A mesma explosão arrancou as pernas do meu melhor amigo. É estranho. Meu amigo parecia e soava como você. Até tinha o mesmo nome. Ele está morto. Não sei o que aconteceu com seu corpo. Sua morte é provavelmente minha pior lembrança da guerra. E eu tenho um monte delas."

"Sinto muito por seu amigo. Pelo menos você não viu o gás, não é?" "Não.

Mas ele não me matou. Não sei por quê. Não tenho certeza do que foi

aconteceu comigo na terra de ninguém. Não sei se algum dia vou conseguir

descobrir". "Que porra de pesadelo... tudo isso", disse Baykur, enquanto se

movia.

peso. Ele tomou outro analgésico e bebeu um gole de água. Em seguida, acariciou suas pernas enfaixadas. "O médico disse que elas podem ter gangrena. Talvez tenhamos que cortá-las aqui no navio. Espero que ele esteja errado. Espero que eu não tenha que desembarcar em uma cadeira de rodas - e ficar nela pelo resto da minha vida, tudo por causa de um maldito cartaz de recrutamento em Manhattan."

Chalmers estremeceu. "Então... o dedo do Tio Sam acenou para você

também?" Seu colega de quarto grunhiu. "É mais como se o filho da puta

tivesse me *dado* o dedo." "Baykur, você sabe o que é convergência de

coincidências?"

"Não, e não me importo. Na minha terra, eu era encanador. Tudo o que sei é que, sem pernas, estou sem sorte agora para ganhar a vida." Ele suspirou. "E sem energia. Estou me sentindo meio... tonto..." A cabeça dele se deitou no travesseiro.

Chalmers levantou a cabeça de seu próprio travesseiro e olhou para Baykur.

"Ei, Baykur, sobre coincidência. Quais são as chances de dois nova-iorquinos se encontrarem assim?"

Baykur não respondeu. Ele havia caído em outro estupor de morfina.

Ele esperava que Pauley Baykur pudesse dormir em paz. Chalmers duvidava que *ele conseguisse*. Ele se perguntava se algum dia conseguiria escapar dos pesadelos que já havia começado a ter.

*

A pulsação grave dos motores fez com que Chalmers se lembrasse do som extraordinário que ouvira na terra de ninguém. Ele pensava constantemente em como havia sido gravemente ferido lá, repetindo várias vezes o incidente bizarro com a luz, especialmente a figura desconhecida que havia saído da porta misteriosa.

Por mais que ele tivesse sido inexplicavelmente revivido, agora ele tinha certeza de que havia deixado o mundo dos vivos naquele dia, passando algum tempo em algum lugar etéreo... com alguém sobrenatural.

Quanto mais ele analisava tudo isso enquanto estava no hospital, mais convencido ficava de que havia visto e aprendido coisas extraordinárias durante seu momento de morte. Ele achava que tudo aquilo tinha a ver com a existência e a realidade, o passado e o futuro, ou sabe Deus o que mais. Mas suas lembranças eram tão vagas quanto o mundo inferior que ele havia visitado.

Ele sabia que havia mais para saber. "E eu quero voltar para buscá-lo", ele sussurrou.

* * *

Ele sabia que os iogues e os espiritualistas podiam invocar um estado meditativo que lhes permitia viajar mentalmente para longe de seus corpos. A façanha exigia uma mentalidade especial que Chalmers havia descoberto anos atrás por meio da leitura, e a pesquisa podia ser cultivada *cientificamente*, geralmente com a ajuda de ritmos e frequências de som específicos.

A mentalidade era um estado auto-hipnótico baseado não em um tênue transe místico, mas em um fenômeno empírico chamado batida binaural. Era algo que Chalmers havia estudado e adquirido certa proficiência quando era estudante de medicina.

estudante em Columbia. Seu pai também havia usado a técnica, chegando a orientar o filho no uso da mediação para amenizar as enxaquecas que atormentavam Chalmers depois que ele sofreu uma grave lesão na cabeça quando era jovem. A batida binaural era um estado de ondas cerebrais gama, ou uma frequência, como uma estação de rádio. E ele se sintonizava quando diferentes padrões de som eram ouvidos separadamente em cada ouvido. Ou quando mantras mentais simultâneos eram entoados em lobos opostos do cérebro.

O cérebro, como Chalmers sabia, se ajustava à discordância para evitar ser distraído por ela. Essa nova batida tornou-se o compromisso de ondas gama entre as duas esferas cranianas.

Chalmers descobriu que o platô cerebral resultante, a batida gama, ajudava na concentração e permitia que ele absorvesse grandes quantidades de informações em um período muito curto de tempo. Ele a utilizou extensivamente para estudar, especialmente para ler livros - que ele conseguia digerir na velocidade necessária para virar as páginas... superfícies que Chalmers não via como sendo cheias de *linhas* com *palavras*, mas cobertas de *símbolos* que brilhavam com a *luz.*

A zona gama também bloqueava as distrações, algo que ele achava que precisaria para superar essa viagem pelo oceano. E talvez ele conseguisse descobrir o que diabos estava fazendo aqui, neste navio, com a imagem de seu melhor amigo morto na cama ao lado, roncando em um delírio drogado.

Ele queria estar em um lugar semelhante, entrar em um espaço cerebral autoinduzido necessário para a contemplação mais profunda e a capacidade de resolução de problemas que ele precisava para enfrentar sua estranha vida no presente.

Inalando profunda e lentamente, Chalmers fechou os olhos e se concentrou no pulsar assíncrono dos parafusos gêmeos do navio. O som pulsante e o ritmo vibratório da embarcação eram acompanhados por tons alternados de preto, cinza e branco que piscavam dentro de sua cabeça. Seu corpo balançava suavemente, como se fosse embalado pelas mesmas mãos do mar que embalavam o casco do navio... mas ele sabia que não era o oceano ondulante que o movia.

Era o mantra mecânico da *Galactic* que o havia embalado no reino desejado da consciência gama. Mas dessa vez ele sentiu que era mais do que sua mente que havia assumido um platô cerebral aprimorado.

Ele tinha certeza de que seu corpo, de alguma forma, também estava se movendo em uma direção desconexa, em algum compartimento diferente da nave... em uma nova *dimensão* dentro da Galactic.

8

A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO. NO FINAL DA TARDE

Intelectualmente ciente de que seu corpo físico ainda estava sob o lençol - pois ele podia vê-lo à medida que se movia para cima e para longe de si mesmo -, Chalmers, no entanto, estava ciente de que havia começado a flutuar por uma passagem tubular. Ele se movia no que parecia ser uma câmera lenta e a velocidade da luz ao mesmo tempo.

Embora houvesse mais perguntas sobre como tudo isso poderia estar *realmente* acontecendo, ele não queria que a sensação, fosse real ou surreal, parasse.

** *

À frente, ele viu o fim do túnel e uma escotilha redonda de cujas bordas irradiava um fluxo líquido de luz cristalina. *Como na terra de ninguém,* pensou ele. Agora, pairando em frente a ela, ele podia dizer que a própria escotilha era composta de luz e que em seu centro havia um movimento giratório - um redemoinho que o chamava. Chalmers queria cruzar aquele limiar novamente, desta vez enquanto estivesse vivo, o que ele esperava muito bem que ainda estivesse naquele momento. Mas não havia maçaneta. *Como faço para entrar?*

Sempre analista, sua mente se encheu de outras perguntas.

Se ele estivesse morto quando entrou nessa porta pela primeira vez e encontrou vida do outro lado, será que agora, como um indivíduo vivo, embora induzido por um transe, ele retornaria às fileiras dos mortos se atravessasse novamente?

A compulsão da curiosidade sobrepujou a cautela de seu medo e ele deu um passo aéreo em direção à luz. Seus pulmões sentiram o choque de inspirar um sopro de luz texturizada e, então, foi como se seu corpo explodisse e se fundisse *com* aquela candescência sobrenatural.

Ele exalou. A respiração que escapou o virou do avesso, reconstituiu seu corpo... mas em outro reino, além de qualquer outro momento binaural

já o haviam levado antes. A cor de suas roupas, de seu cabelo e até mesmo de sua pele havia se tornado um branco celestial. Ele tocou seu antebraço esquerdo. Completamente curado, sem uma cicatriz sequer. *Como pode ser isso?*

Ele não sabia dizer se isso era imaginação ou uma nova realidade, ou um coma no qual ele havia caído permanentemente por causa de uma batida binaural que deu errado... ou talvez uma psicose profunda, um tipo de esquizofrenia que ele temia que pudesse acometê-lo por causa do trauma emocional que havia sofrido na guerra.

* * *

Acostumado com a luminosidade, Chalmers olhou o máximo que pôde para a névoa branca que preenchia o que parecia ser uma sala com uma dúzia de coisas sombrias - *talvez* armários de armazenamento, sofás ou outros tipos de móveis. Essas coisas formavam um semicírculo em torno de um imponente pináculo vertical empoleirado em algum tipo de plataforma elevada. Talvez fosse um palco. A torre, Chalmers avaliou de seu ponto de vista, poderia ser de cristal ou até mesmo de gelo.

Ele parecia reconhecer o cenário, mesmo com seus toques não mundanos. Era como se ele estivesse de volta à academia, embora diferente de qualquer sala de aula terrena que ele já tivesse visto. Chalmers olhou para o relógio de seu pai. Os ponteiros estavam girando loucamente, depois desapareceram - seguidos pelos numerais, desaparecendo um após o outro, no sentido anti-horário.

Esse era realmente um *domínio atemporal,* como ele havia decidido chamar o lugar.

De repente, ele viu uma forma se materializar de uma distância inestimável no ambiente nublado da sala. Seria essa aparição a mesma coisa que ele havia visto antes no campo de extermínio alemão? Ele saberia em breve. Aparentemente, ela estava indo em sua direção, aumentando de tamanho à medida que avançava.

Medo, incerteza, curiosidade, excitação, descrença - tudo isso o dominou ao mesmo tempo.

A forma flutuou em direção a Chalmers, transformando-se em um homem, embora não exatamente um homem, mas definitivamente o indivíduo de aparência mais exótica que Chalmers já tinha visto.

A entidade que se aproximava era alta, quase translúcida, e estava repleta de luz, como se estivesse vestida com ela. Embora muito mais próximo agora, o estranho ser ainda estava embaçado pela névoa branco-pérola que o envolvia.

Ou que o formava. Chalmers também não tinha certeza se deveria ser chamado assim corretamente.

Apesar da aparência da entidade, Chalmers sentiu sua tranquilidade e foi tranquilizado pela profunda paz em seus olhos profundos e oblongos - que eram, pensou Chalmers, *de um azul celeste.* E esses olhos, além do assento preto do banco que flutuava no ar ao lado dele, eram as únicas cores que Chalmers via nesse mundo de sonhos branco.

A entidade estava diretamente na frente de Chalmers e se elevava sobre ele, que agora tinha certeza de que *não* era a pessoa, o ser, a criatura alienígena, o anjo ou o que quer que Chalmers pensasse ter visto no campo de extermínio. Tampouco se tratava de morte. Na verdade, a intuição de Chalmers dizia que esse momento era de aprendizado. Ele também percebeu o que acreditava que o indivíduo *fazia* e, portanto, o que ele *era. Isso me lembra o ambiente de um seminário,* pensou ele novamente, *e essa forma misteriosa tem o peso de um professor, o imprimatur, ou até mesmo de um reitor de universidade.*

Enquanto tentava pensar em como se dirigir ao seu ilustre visitante, uma voz grave reverberou dentro da cabeça de Chalmers. A entidade não tinha boca e, portanto, Chalmers não viu nenhum lábio se movendo de acordo com as palavras que ouvia, então ele imaginou que se tratava de comunicação telepática - um conceito que ele havia estudado, mas que nunca acreditou que pudesse ser realizado. No entanto, o que ele estava ouvindo não poderia ter sido mais claro ou mais surpreendente.

*

~Você acha que esta é uma sala de aula, e é mesmo. Ela faz parte de um local maior chamado Tutorium. Você pensou que esse espaço fosse um domínio atemporal, e realmente é. Eu sou o Diretor e os alunos do Samaritan logo chegarão para a aula. Este programa de estudos da SUNDE é para eles, e o momento esclarecedor que se seguirá será orquestrado por Ga'Lawed. Sua vontade deve ser feita, e suas expectativas são minhas para cumprir... assim como os fardos que vocês conhecerão.~

Esse Diretor podia não ter boca, mas Chalmers ficou de queixo caído. E a amperagem eletrificada de sua coluna disparou um milhão de quilowatts através de sua pele já arrepiada.

Um braço robusto, ao qual estavam presos três dedos longos e finos, surgiu por baixo da túnica de vidro maleável que cobria o que quer que fosse o corpo do Diretor.

diretor. Ele apontou para o banco flutuante ao lado de Chalmers.

~Tome uma posição ali,~ entoou dentro da cabeça de Chalmers. *~Você é o que eu chamo de calmeriano. Poderá falar o que pensa depois. Ouça agora, pois tenho muito a lhe dizer.~*

9

O TUTÓRIO. DOMÍNIO ATEMPORAL

Chalmers não sentia exatamente que tinha *escutado* alguma coisa, embora tivesse *ouvido* claramente algo sobre um indivíduo importante chamado Ga'Lawed. Tudo havia estalado em seu cérebro como um arco elétrico, e ele estava confuso com grande parte das coisas.

No entanto, ele acreditava que, em um piscar de olhos, um momento atrás, Chalmers havia *absorvido* a longa revelação do Diretor - incluindo o fato de que esse domínio media o tempo de forma diferente de Chalmers. Ele agora sabia que, no nanossegundo que o Diretor levou para piscar os olhos, milhões de anos teriam se passado na Terra.

Chalmers também sabia pelo tutorial instantâneo - e aceitou os fatos inimagináveis apresentados a ele - que a Terra no momento *ainda não existia.* De acordo com o Diretor, nem o planeta natal de Chalmers, nem o universo e a galáxia em que ele girava, muito menos o cosmo maior, poderiam sequer começar a se formar até que Ga'Lawed iniciasse um evento chamado SUNDE. O início do tempo?

A primeira vez que Chalmers pensou nisso foi no domingo, mas o Diretor esclareceu seu ponto de vista. A matemática e a física de Chalmers permitiram que ele compreendesse o sentido conceitual do que havia aprendido até então com esse imprimatur alienígena, mas, do ponto de vista prático, emocional e até espiritual, ele ainda estava estupefato com o que estava acontecendo - ainda não tinha certeza se estava em um mundo de sonho ou em um manicômio de pesadelo.

Ele tinha certeza de que as *palavras* telepáticas do Diretor tinham sido um rolo de símbolos bizarros que Chalmers, no entanto, havia entendido como inglês falado. Como? Ele não conseguia imaginar, mas elas confirmaram o que Chalmers suspeitava. Ele havia morrido no campo de batalha e

e foi puxado para outra dimensão, onde um dos samaritanos - o principal, na verdade, como o diretor o chamava - havia restaurado sua vida. A restauração foi feita por um motivo profundo e, como o Diretor havia explicado, Chalmers passaria o resto de sua vida processando e lidando com essas novas informações, mesmo que ele não se lembrasse do *que, quando, onde* ou *por que* ele havia originalmente adquirido esse conhecimento.

Ele já se sentia inseguro sobre o que *deveria* saber naquele momento.

Quando leu *A Máquina do Tempo,* de H. G. Wells, Chalmers ficou entretido com a premissa de ficção científica, mas *ouvir* o Diretor explicar que Chalmers havia sido levado ao momento em que o tempo, como Chalmers o conhecia, estava prestes *a começar... mais uma vez, como outro novo dia da eternidade - bem*, isso era difícil de compreender, mesmo que toda essa história do Tutorium fosse realmente uma realidade. No entanto, era mais assustador para ele acreditar na alternativa... que tudo o que estava acontecendo significava simplesmente que ele havia enlouquecido.

Mas ele apertou repetidamente sua pele branca e esfregou seu braço totalmente curado. *Por Deus, isso* não é *um sonho,* ele jurou silenciosamente. *Estou* aqui *neste momento branco.*

De repente, mais símbolos telepáticos apareceram, e seu ouvido cerebral traduziu a nova informação. ~Mais uma vez *você está certo, Chalmerian.* Antes que Chalmers pudesse pensar em pedir informações específicas sobre Ga'Lawed, o Diretor se afastou para observar o que Chalmers também podia ver na névoa distante - o surgimento de mais formas rodopiantes.

Devem ser os samaritanos, pensou Chalmers, ainda sem saber exatamente o que eles eram. De repente, ele se lembrou de que talvez esse reino enevoado pudesse ser o próprio habitat de Satanás, tornando Lúcifer o mestre supremo desse lugar.

~Certo e errado desta vez, Chalmerian. Os samaritanos chegaram, mas nem eles nem este momento têm uma natureza satânica. Muito pelo contrário", disse o Diretor enquanto se dirigia para a torre de cristal cercada pelo semicírculo de *coisas que* Chalmers havia notado quando entrou pela primeira vez - transportado*,* ele reavaliou - neste lugar.

Ainda sentado em seu banco flutuante, Chalmers observou as doze formas de nuvens de trovão se transformarem em uma série de formas exóticas. Agora suas

Agora, suas encarnações incluíam cores, nenhuma das quais Chalmers já havia visto em seu mundo real... e que agora ele temia nunca mais ver.

Os samaritanos estavam começando a se parecer com o Diretor, embora cada um fosse distintamente diferente. Eles se dirigiram para as cadeiras semicirculares, que Chalmers agora percebia serem sofás, seus assentos na sala de aula.

Ao mesmo tempo, o Diretor deslizou até a torre de cristal, que Chalmers, pensando que sempre estivera em um ambiente acadêmico, reconheceu claramente como um pódio, o púlpito de vidro mais intrincadamente gravado e a coisa mais radiante e bela que já vira.

~Alunos, prestem atenção. Devemos começar prontamente se quisermos terminar no início do SUNDE.~

Iniciando a eternidade de um novo dia - SUNDE. Aparentemente, os acrônimos existem até mesmo neste mundo, pensou Chalmers, lembrando-se do que o briefing do Diretor havia revelado anteriormente. E Chalmers imaginou que algo mais estava prestes a acontecer, talvez sobre o SUNDE, quando viu o Diretor olhar para o samaritano que acabara de ocupar a primeira poltrona mais próxima do pódio.

*

~Ganhou, sua posição é privilegiada, então pode iniciar,~ Chalmers ouviu os símbolos do Diretor dizerem.

Chalmers sentiu uma sensação estranha. *Eu conheço essa... pessoa, esse Won.* Então ele foi atingido com o mesmo impacto dos morteiros e do Pincel do Diabo no campo de batalha. Esse Won, se é que é esse o nome dele, pensou Chalmers, era *a coisa*

-a força, o Bom Samaritano, ou o que *quer* que fosse - que o havia puxado para a luz.

Chalmers notou que o primeiro samaritano olhou para aquele que estava na poltrona ao lado, o segundo na fila de doze. Chalmers viu um conjunto diferente de símbolos telepáticos e falantes falarem com ele, enquanto os dois samaritanos compartilhavam pensamentos.

~Tu, meu amigo, tenho a sensação de que esta será a mesma palestra de sempre", disse Won ao seu colega.

~Pode ser diferente desta vez, Won. Alguns dias são, você sabe,~ respondeu Tu.

~*Sim. Novos destinos e novos desafios são sempre bem-vindos*.~ Chalmers se perguntou se deveria se comunicar com Won e Tu. Mas a

Um segundo depois, ele soube que isso provavelmente não aconteceria porque, de repente, uma campânula de diamante se materializou sobre cada sofá e se encheu de uma névoa de pérolas brilhantes. Lá dentro, os samaritanos foram banhados por relâmpagos azuis. Então, como em um procedimento coreografado cujos movimentos foram ensaiados muitas vezes, Chalmers observou os alunos colocarem a mão esquerda sobre a testa e a mão direita sobre o coração em perfeito uníssono.

Ele sentiu que um marco importante havia chegado - era hora de o Diretor começar a palestra. Empolgado com o que acreditava estar por vir, Chalmers se inclinou para frente, com a intenção de captar todas as nuances da apresentação pendente.

Nesse processo, ele escorregou do banco.

*

Os pensamentos simbolizados do Diretor se confundiram na mente de Chalmers, e as palavras telepáticas se transformaram em sílabas arrastadas. Chalmers viu sua visão do Tutorium desaparecer em um piscar de olhos. Ele estava de volta ao corredor de cilindros brancos do lado de fora da sala de aula.

Tendo chegado aqui pela primeira vez durante a guerra, seus últimos pensamentos nesse momento desencarnado e binaural foram centrifugados a partir das memórias horríveis da guerra.

Ele se imaginou como um projétil de artilharia alemã sendo disparado por um longo cano estriado - ou talvez um torpedo em um tubo de lançamento.

Mas ele não estava sendo disparado.

Como ele já sabia - porque já havia sido avisado antes mesmo de o tempo começar - Chalmers e o HMHS *Galactic* estavam prestes a ser alvejados.

10

OCEANO ATLÂNTICO. 15 DE MARÇO, ANOITECER

"Feuer eins, Feuer zwei" - "Dispare um, dispare dois", ordenou *o Kapitänleutnant* Walther Schwieger, comandante do submarino U-20 chamado *Sea Cobra*. O torpedeiro do compartimento dianteiro bateu com a palma da mão em dois botões vermelhos de lançamento. Schwieger sorriu de forma diabólica ao ouvir o duplo *paah- woossh* que sinalizava que as presas propulsoras *do Cobra* haviam sido lançadas.

Esse "U-Boat" era a mesma serpente de aço que havia atingido o RMS *Lusitania* há pouco mais de um ano. Patriota alemão convicto, Schwieger tinha orgulho de seu ataque ao luxuoso transatlântico. Ele havia matado quase mil e duzentos passageiros, incluindo cento e vinte e quatro americanos, e tinha sido um dos fatores na decisão do Presidente Wilson de declarar guerra à Alemanha.

Schwieger observou pelo periscópio do *Cobra* enquanto as bolhas espumantes do torpedo seguiam em direção a estibordo do *Galactic*. Ele havia visto o perfil característico do *Galactic* como um navio de cruzeiro, com quatro funis e dois mastros, quando ele deixou o Canal da Mancha e se dirigiu para mar aberto no início da tarde.

O *Cobra* havia se esgueirado atrás de sua presa durante as últimas horas. Agora, com a fatia alaranjada do sol se esgueirando para baixo do horizonte aquático e o navio se acomodando para uma noite de corrida sem luz, o ataque do *Cobra* estava a segundos de iluminar o céu com uma explosão ardente.

Schwieger consultou seu relógio e contou mentalmente.

Vier, drei, zwei - Quatro, três, dois ...

* * *

"Chalmers. Chalmers! Acorde, você está tendo um pesadelo. E fique quieto, você está gritando o suficiente para ressuscitar os mortos."

Os olhos de Chalmers se abriram. Sua cabeça se levantou do travesseiro. Ele se sentia tão branco-acinzentado quanto o lençol encharcado de suor que o envolvia. Ele não tinha certeza de onde estava, mas se lembrava do homem na cama ao lado.

"Baykur? Ah, desculpe. Flashbacks. Ou algo assim. Você precisa de alguma... uh, mais o quê, morfina?"

"Sim, eu sempre posso usar uma dose. Mas acho que você também precisa de uma, amigo.

Você está delirando."

"Não, eu estou... eu estava... sonhando... bem, talvez eu *esteja* delirando.

Parecia que ele estava em um lugar real há apenas um segundo, e agora ele estremeceu com o medo presciente de que em apenas mais um segundo ele estaria em outro lugar - envolto em fumaça preta, depois em algo ainda mais escuro.

E, em uma explosão de fogo e fúria, ele estava.

* * *

Eine - *One ...*

A explosão inicial derrubou os dois homens de seus beliches e encheu a sala de fumaça espessa e vapores acre. Embora ainda não soubesse o que havia desencadeado a primeira, Chalmers sentiu a explosão maciça na caldeira alimentada por carvão, avaliando corretamente que esse choque secundário provavelmente havia dividido o casco do *Galactic*.

Segundos depois, Chalmers ouviu um estrondo de metal rasgando e sentiu um tremor no núcleo da nave. Seu quarto foi inundado com água gelada quando a *Galactic* se partiu ao meio.

Chalmers talvez não soubesse onde estava antes em seu devaneio nebuloso, mas sabia muito bem onde estava agora. Ele se engasgou com a fumaça preta e a água salgada que disputavam espaço em seus pulmões em pânico, enquanto a água da crista expulsava o ar restante do teto da enfermaria.

Chalmers precisava encontrar ar *agora,* mas ao mesmo tempo queria salvar seu companheiro de beliche. Ele já havia perdido um Baker e não pretendia perder este. De repente, ele sentiu os braços de Baykur envolverem sua cintura. Ele sabia que os destroços que despencavam arrastariam ele e Baykur para a morte em poucos segundos se ele não conseguisse encontrar uma maneira de sair da sala. Chutando o que ele

Chalmers saiu do casco externo no exato momento em que uma seção da cabine se abriu para baixo como uma guilhotina.

Ele nadou para cima, esbarrando em um, depois em outro cadáver. De repente, havia centenas deles, caindo livremente como fantasmas mutilados nas profundezas de seus túmulos salgados. Eles estavam tão apertados que Chalmers teve que empurrá-los para longe dele com a mão direita, enquanto puxava Baykur para cima com seu braço esquerdo dolorosamente ferido.

Mas sua dor era ofuscada pelo medo, pânico e delírio - os três estágios de transição que ele sabia que precediam a inconsciência... e depois a morte.

No que ele calculou serem seus últimos segundos, ele viu novamente o que mais temia para si mesmo e, certamente, para Baykur. Ratos. Um cardume de ratos nadando, roendo as vísceras dos corpos dilacerados. Como, embaixo d'água daquele jeito?

No último segundo de sua vida, ele chegou à superfície, expurgou seus pulmões ardentes e os encheu novamente com o doce ar noturno. Em seguida, puxou Baykur para a superfície, esperando que ele também ainda estivesse vivo.

"Baykur... Baykur!"

"Shaul... mers", Baykur ofegou, cuspindo água e sugando ar enquanto seus braços se agitavam na noite gelada, "me ajude".

"Agora estou com você", balbuciou Chalmers. Com Baykur a reboque, Chalmers se dirigiu a um colchão flutuante. Ele empurrou Baykur para cima dele e depois se ergueu no ar da noite. Os dois homens se agarraram com unhas e dentes, tremendo de frio e rezando para que o amanhecer trouxesse luz e um navio de resgate.

** *

Os botes salva-vidas foram baixados e os sobreviventes *da Galactic*, como Chalmers podia ver agora, estavam sendo recolhidos, mas havia muito menos deles do que logo após a explosão e o naufrágio. Quando os barcos de resgate estavam próximos a eles, o colchão que sustentava Chalmers e Baykur havia ficado totalmente encharcado. Mesmo quando o resgate estava à vista, ele afundou.

Chalmers lutou para manter a cabeça dele e de Baykur acima da água enquanto as equipes dos botes salva-vidas puxavam outros passageiros para um lugar seguro. Com seus pulmões marcados, ele não conseguia gritar para ser ouvido por cima das ondas e dos gritos dos outros sobreviventes.

Chalmers sentiu um raio de esperança quando um barco finalmente o avistou. Seus remos espirraram nas ondas enquanto os remadores remavam em direção a ele e a Baykur,

E então houve outro respingo quando Baykur se afastou abruptamente dos braços de Chalmers.

Ele afundou, mas voltou à superfície a alguns metros de distância. Os olhos de Baykur estavam arregalados de alarme. Sua boca estava aberta em um grito silencioso e horrorizado.

"Pauley, o que diabos você está fazendo?"

Chalmers usou sua última gota de força para nadar até Baykur, cujas pálpebras se renderam ao momento enquanto ele rolava lentamente para o lado e virava de cabeça para baixo. Chalmers deu um chute para trás e ofegou para recuperar o fôlego que a descrença acabara de sugar de seus pulmões. Ele teria gritado, mas a repulsa sufocou sua garganta.

As pernas quebradas de Baykur haviam desaparecido. Uma parte irregular de seu osso pélvico e alguns intestinos distendidos eram tudo o que restava de sua parte inferior do corpo. Chalmers estava congelado mais pelo medo do que pela água gelada.

Uma fração de segundo depois, outro respingo ocorreu quando uma grande barbatana cinza rompeu a superfície. Chalmers observou, aterrorizado, enquanto a boca pontiaguda do tubarão monstruoso abocanhava a metade restante de sua presa. Com um gole selvagem, Pauley Baykur se foi.

A barbatana fez um círculo, virou-se e foi direto para Chalmers, que novamente começou a nadar para salvar sua vida - dessa vez tentando calcular a distância entre a barbatana que avançava e o bote salva-vidas a remo.

Estava muito perto e ele estava muito cansado para se preocupar.

Então, ele simplesmente fechou os olhos, relaxou e deixou o Atlântico escuro e frio cobrir sua cabeça.

11

OCEANO ATLÂNTICO. O715 HORAS

Chalmers abriu os olhos ao mergulhar mais fundo nas ondas. Ele viu os rostos embaçados pela água dos homens ansiosos no bote salva-vidas diretamente acima dele. Alguns olhavam para ele, outros apontavam para longe. Um socorrista empurrou um remo longo na direção de Chalmers e outro fez sinal para que ele o agarrasse e fosse puxado para a superfície.

Mas nada mais importava, então ele se deixou levar em direção ao que esperava ser uma libertação misericordiosa do inferno da vida. Talvez ele conseguisse voltar ao Tutorium, pensando de repente que poderia ser um paraíso acadêmico. O lugar perfeito para um intelectual como ele.

Com esse último pensamento, sua mente racional voltou parcialmente a funcionar e, como sempre, ele era naturalmente curioso, mesmo até o fim, então Chalmers virou a cabeça lentamente na água gelada para ver o que os que estavam acima dele podiam ver. Através do véu azul salgado de sua mente gelada, ele poderia jurar que viu um submarino.

Um segundo depois, ele viu o que realmente era: um grande tubarão branco do tamanho de um submarino. Depois de comer Baykur em duas mordidas, ele agora estava sedento por sangue de Chalmers, que novamente estava sob o efeito da hipóxia e entorpecido pelo massacre que se aproximava.

Ele olhou de volta para o barco. O sol do amanhecer estava banhando seus possíveis salvadores com uma luz celestial e transformou seus rostos e roupas em reflexos brancos brilhantes. Chalmers os reconheceu.

Eram bons samaritanos. Ele queria se juntar a eles na sala de aula.

Quando ele esteve lá pela última vez, o diretor estava prestes a começar a aula. *Quero ouvir tudo dessa vez,* pensou Chalmers. E com um esforço enorme, ele alcançou lentamente o cabo do remo.

E lá estava ele - puxado para cima e em seu mesmo assento flutuante preto, onde novamente se inclinou para frente para captar cada nuance da apresentação do Diretor.

** *

Mas, em vez da melodiosa voz mental do Diretor, Chalmers ouviu um *ack-ack-ack* muito real e cru. Isso o fez recuar. Quando ele se virou no assento plano e duro do bote salva-vidas, viu que um submarino havia emergido a cinquenta metros à ré, confirmando sua especulação anterior de que o *Galactic* havia sido torpedeado.

Ele já tinha provas de que aquele momento era ruim, e parecia que estava prestes a ficar ainda pior.

Schwieger desenrolou o *Cobra* sobre as ondas e começou a arrumar suas pontas soltas. Os métodos do capitão eram cruéis e eficientes. Chalmers observou enquanto os tripulantes alemães, disparando metralhadoras Maxim de 12,7 mm montadas no convés, rasgavam sistematicamente a linha de botes salva-vidas indefesos que voltavam para o navio-mãe.

Chalmers tentou reativar ainda mais sua mente analítica aguçada, tentando dar sentido ao que testemunhava enquanto o granizo ardente batia nos dories e homens infelizes gritavam em agonia. Madeira despedaçada e carne cortada explodiam do que não podia mais ser considerado um bote salva-vidas. Mas ele estava sentado ali, ainda meio atordoado, quando chegou sua vez. Ele não chegou a sentir os projéteis que o atingiram, mas viu o efeito deles quando feixes de fumaça saíram de seu corpo, que ele notou ter ficado branco e esponjoso de repente.

Talvez ele tivesse passado novamente pela porta iluminada por líquido do túnel. Ele havia rezado para que conseguisse. Ou talvez a Morte tivesse vindo buscá-lo mais uma vez e, dessa vez, ela o agarraria.

Ele ouviu um trovão e viu chamas dispararem para o céu. Algo acabara de acontecer com o submarino, mas ele não tinha certeza do quê. Tentou se concentrar, fazer mais avaliações de suas circunstâncias e de sua condição física.

Mas não sentiu nada. Nem o calor do fogo. Nem a dor de seus ferimentos. Ele se inclinou para frente no assento do barco a remo, com o corpo encharcado de sangue do homem que estava sentado ao seu lado.

Ele achou estranho o fato de não ter tremido de medo ao saber o que tinha acabado de acontecer ou, por falar nisso, não ter ao menos tremido com a névoa fria do amanhecer que subia do mar.

Em vez disso, Chalmers sentiu outra coisa.

Ela o atravessou como um meteoro no céu noturno.

12

O TUTÓRIO. DOMÍNIO ATEMPORAL

Mais uma vez, ele havia se divorciado de seu próprio tempo e espaço - retornado a essa sala de aula não mundana em virtude de sua própria vontade ou convocado por poderes superiores. Será que Ga'Lawed, quem quer que fosse, havia arranjado isso novamente?

Jurando dessa vez não cair do banco e parecendo ter retomado de onde havia parado antes, Chalmers observou o Diretor retirar um grande cristal em forma de pera de dentro do púlpito. O Diretor segurou o Cristal no alto e ele começou a brilhar intensamente, emitindo um zumbido profundo e pulsante. Em seguida, ele o colocou em cima do púlpito, e então ele afundou novamente no pódio de vidro líquido. Como se o púlpito tivesse sido carregado, uma galáxia ainda mais brilhante de raios luminosos irrompeu.

* * *

~*Aprenda agora o programa de estudos da Tabula,*~ projetou o Diretor.

Chalmers notou que os corpos dos samaritanos se contorciam levemente. Ele observou suas mãos esguias, uma sobre a testa e a outra sobre o coração, assumirem um brilho cristalino antes de se transformarem em fogo líquido branco.

Por isso, o Cristal era chamado de Tabula. *E esse é o processo,* pensou Chalmers*, à medida que suas mentes e corações, a tabula rasa de suas almas, são preenchidos com a luz do aprendizado.*

Um relâmpago azul surgiu dentro das campânulas de diamante. O zumbido do Cristal cresceu, fundindo-se com um coro assombroso de som alienígena que causou arrepios assustadores, porém cintilantes, na alma de Chalmers. Mesmo em meio à eletrizante canonada coral, ele ouviu novamente os pensamentos do Diretor.

~Os samaritanos, como vocês fazem todos os dias, abraçam a Santíssima Trindade de Ga'Lawed: linguagem, matemática e sensibilidade.~

Sentiência, pensou Chalmers. A capacidade de sentir, perceber, estar consciente ou ter experiências subjetivas. Ele se perguntou se estava lúcido o suficiente para saber se estava consciente ou em coma. De qualquer forma, ele continuou a ouvir.

O Diretor explicou que Ga'Lawed, o pensador e visionário supremo, era uma força tanto de constância quanto de mudança. Ele criou todas as leis naturais e espirituais e emitiu comandos. Ele criou e definiu o processo de evolução como uma passagem gradual e em camadas do simples para o complexo
-e depois de volta, com o dia e a noite se alternando como ciclos de respectiva eternidade.

Santo Deus, pensou ele, *Deus não é apenas real - ele tem um nome... Savantis Ga'Lawed. Será que ele também tem o quê... uma casa ou um escritório em algum lugar perto do Tutorium? Será que ele aparece aqui como palestrante convidado?* Ele sabia que era tudo muito louco para ser verdade e temia ser louco por acreditar, por acreditar que o que estava vendo e ouvindo era realmente uma evidência da divindade.

Mas se tudo aqui *é* real e verdadeiro, pensou Chalmers, isso significa que *todo o* conhecimento é reaprendido pelos samaritanos a cada amanhecer de um novo dia eterno. O que eles fazem com isso? Certamente, eles devem acabar saindo do Tutorium e, se for o caso, para onde vão, como chegam lá, dado o tamanho da Eternidade, que está prestes a fazer o quê, começar de novo com essa coisa de SUNDE? Eles podem simplesmente passar por portas de luz líquida e aparecer em qualquer lugar? Sua mente estava girando como um dervixe galáctico, gerando inúmeras perguntas.

De repente, o Diretor olhou para Chalmers e lançou dois pequenos feixes de luz, um de cada olho oblongo, que se concentraram por uma fração de segundo como um ponto azul no centro da testa de Chalmers. Com um leve abalo devido ao impacto, Chalmers viu apenas a escuridão, não o zumbido brilhante ou os símbolos falantes como antes. E, dessa vez, ele teve uma enorme dor de cabeça por alguns instantes, mas depois ficou bem.

Embora fosse muito cedo para saber os fatos específicos, Chalmers sabia que tinha acabado de receber outra explosão de respostas concentradas, mais potente do que a que havia recebido anteriormente.

*

Mesmo enquanto o despejo direto de dados de Chalmers ocorria, o Diretor continuou a se dirigir à sua classe.

~Ga'Lawed sempre soube de tudo. Mesmo assim, meus acólitos samaritanos, vocês devem entender que ele ainda comete erros e nunca devem esquecer a severidade da vingança que ele impõe àqueles que violam sua boa vontade.~

Embora não fosse agnóstico, Chalmers nunca teve uma visão religiosa tradicional sobre Deus, embora acreditasse que havia uma ordem suprema no cosmos e que somente um ser supremo poderia tê-lo criado. Para Chalmers, Deus agora tinha um nome e, como ele supunha, poderia ter uma forma, um rosto, até mesmo ocupar fisicamente um lugar como o Diretor aqui no Tutorium.

Era impressionante. Esse conhecimento espiritual recém-descoberto penetrou Chalmers em seu âmago. O propósito de sua vida, no entanto, conforme explicado pelo Diretor, havia sido feito de forma elíptica, embora Chalmers tivesse pedido detalhes específicos. Ele se viu tremendo com a incerteza do que aconteceria em seguida... incluindo sua vida após a morte.

Mais do que isso, de repente ele se sentiu como se estivesse molhado e tremendo de frio. Chalmers tinha mais perguntas a fazer, mas sentiu que estava perdendo a conexão com o Tutorium.

Percebeu que sua mente estava voltando ao seu estado normal.

Sentiu seu corpo ser novamente atacado fisicamente por forças externas.

1C

HMHS *ANGÉLICO.* 14CO HORAS

Chalmers ouviu vozes humanas e sentiu as mãos ministradoras de outras pessoas que o esfregavam enquanto tentavam aquecer seu corpo trêmulo. Ele abriu os olhos e viu que o luminescente Tutorium havia desaparecido. A umidade gelada do Atlântico estava de volta em seu corpo, mesmo que seu corpo, como ele já havia percebido, tivesse sido transferido para um novo lugar.

Chalmers piscou, tentando distinguir os rostos preocupados dos novos estranhos que o cercavam. Ele sentiu o arranhão áspero dos cobertores de lã que haviam sido colocados sobre ele e percebeu que uma xícara estava pressionada contra seus lábios. Ele lutou contra ela por um momento, depois se rendeu à intenção do líquido.

"Beba! Esse é um bom mate", disse o irlandês corpulento que apoiava a cabeça de Chalmers, despejando impiedosamente o chá em sua garganta.

Chalmers engasgou e depois engoliu. A bebida quente foi um alívio bem-vindo em relação à água fria que quase o havia levado.

Outros enfermeiros se movimentavam pela sala, cuidando do restante dos sobreviventes.

"Onde... estou?", perguntou Chalmers atordoado, esfregando os olhos para reavivar a visão e esperando reorientar a mente no processo.

"HMHS *Angelic.* Nós o tiramos da bebida hoje cedo, rapaz, a segundos de você ser o café da manhã do maior tubarão que já vi em meus trinta anos no mar. Depois, tivemos ainda mais drama e tragédia quando os boches vieram nos chamar pela segunda vez."

"O submarino... os botes salva-vidas..." Ele se concentrou e fez as conexões. As lembranças estavam voltando lentamente para ele.

"Sim. Aquele submarino torpedeou seu traseiro no *Galactic* por baixo, depois tentou acabar com você por cima quando os bastardos boches vieram à tona para atirar em você

como peixes em um barril".

Ele segurou o antebraço do estranho. "Quantos sobreviventes?

"Doze de vocês, sendo você o último, o que conseguiu sair da *Galáctica.* O *Angelic* aqui estava navegando cerca de oito horas atrás de sua nave. Nós mesmos estamos indo para Nova York, portanto, vocês chegarão em casa como previsto."

"Os alemães. Eles estavam matando todo mundo, sobreviventes e socorristas..." "Fique tranquilo quanto a isso. Os Fritzies não estão mais em nenhum tipo de programação,

nem matando nem viajando."

"O que você quer dizer

com isso?"

Um sorriso largo se espalhou pelo rosto rosado do irlandês. "Bem, o *Angelic* tem um canhão de oitenta e oito milímetros na parte superior. A tripulação do convés enfiou uma bala na garganta do capitão e a tirou de sua bunda nazista. Mandamos seu U-boot para o fundo do mar."

"Obrigado... e a equipe do canhão também. Eu sou Chalmers. Jonathan Chalmers."

"Tiramos isso de suas etiquetas, é verdade. Quer mais chá, rapaz?"

Chalmers acenou com a xícara. Ele queria informações mais do que qualquer outra coisa. "Pode me dizer seu nome?"

"Paulson. Sou o padeiro da cozinha. Só estou substituindo enquanto vocês, pessoal novo, se secam e se arrumam."

Um padeiro? Não, de novo não. Chalmers ficou incrédulo com mais uma convergência de coincidências. *Será que algum dia serei livre?* Uma maré vermelha de lembranças o invadiu e ele ficou deitado, imóvel, preso na prisão de sua mente cheia de culpa.

"Amigo?" Paulson o sacudiu. "Rapaz, você está bem? Espero que não esteja voltando ao mesmo estado em que estava quando o tiramos da água e o colocamos no bote."

"O que... desculpe, o que?" Chalmers se livrou de seu desligamento temporário. "O que eu estava fazendo?"

"Você estava tendo convulsões e delírios ao mesmo tempo. Além disso, você estava quase morrendo de frio. Devo lhe dizer que o que vi enquanto você estava no barco... o que aconteceu lá... foi inacreditável."

Chalmers engoliu e depois tentou expressar suas preocupações em palavras. "O que havia de errado comigo? Será que eu estava perdendo o controle... a cabeça, quero dizer?"

"Hmm, pensei que tinha perdido a minha quando vi você ficar branco como a neve em um determinado momento, como se todo o sangue e a vida tivessem sido sugados de você. Até mesmo seu cabelo e suas roupas ficaram brancos. Foi um grande choque para mim, posso lhe dizer. E você estava emitindo sons estranhos, como se estivesse falando, só que não era como nenhuma língua que eu já tivesse ouvido antes."

"O que eu disse?" A mão de Chalmers acariciou distraidamente seu peito, agora coberto por uma camisa fresca e seca que alguém havia colocado antes que ele recuperasse o juízo.

"Como posso saber? Não era uma fala humana, é tudo o que posso lhe dizer. E então, rapaz, bem, eu estava sentado bem atrás de você e nunca vou me esquecer do que vi em seguida."

"O quê? Conte-me tudo, por favor."

"Quando o Fritz começou a nos cortar em pedaços, as balas de alguma forma não me acertaram. Tive sorte, com certeza. Mas o contramestre, que foi quem o salvou e estava sentado ao seu lado... foi atingido várias vezes e morreu. Você também foi atingido, mas..."

"Sim? Continue."

Paulson pegou uma camisa enrolada na mesa de cabeceira e a desenrolou. "Sua. Pelo menos o que sobrou dela."

Chalmers olhou para o tecido rasgado e respingado de sangue, e então seus olhos confusos procuraram o rosto corado de Paulson.

"Você levou uma tonelada de chumbo e estava se sacudindo como um dançarino de Saint Vitus. Estava coberto de sangue, mas acabou que era tudo do contramestre e do outro pobre coitado ao seu lado." Ele colocou a camisa de volta na mesa de cabeceira. "Agora aqui está você. Inteiro e forte."

O rosto de Chalmers estava desanimado. Seus olhos imploravam por uma resposta.

"Não me pergunte como, Sr. Chalmers, mas o chumbo passou pelo seu corpo. Eu vi isso com meus próprios olhos. Depois houve isto", disse Paulson ao entregar uma Bíblia a Chalmers. "Ela estava flutuando ao seu lado quando o tiramos das mandíbulas daquele moedor de carne em alto-mar."

Chalmers a pegou e a apertou contra o peito. "Obrigado, Paulson, por tê-la guardado. É um presente especial de uma mulher especial. Um anjo, acredito agora... de verdade."

"Rapaz, você não faz ideia de como deve ser especial. Eu entrei na água e o peguei com minha própria mão. Não consigo imaginar como ela permaneceu ao seu lado nas ondas durante a noite, muito menos como ela não afundou."

"Isso parece bastante notável." "Senhor,

isso não é nem a metade." "Como assim?"

"Dizem que o Senhor trabalha de maneiras estranhas. O que era estranho nessa Bíblia era o fato de que, quando ela saiu da água, estava... bem, estava *completamente seca.*"

"Sério?" Ele percebeu que seu coração começou a bater mais rápido. Parecia que sua noite de visões e milagres não era apenas o pesadelo maluco de um homem moribundo.

Ele agarrou o livro com mais força.

"Obrigado, Paulson. Por tudo. E especialmente por isso."

"De nada. Boa sorte para você", disse Paulson, enquanto atravessava a porta do anteparo e desaparecia.

** *

Chalmers procurou a Bíblia ao seu lado e a colocou na vertical sobre o peito para que pudesse vê-la claramente. Ela havia se aberto no meio. Chalmers leu a primeira linha: *Provérbios 1:1 - O início do conhecimento*.

"Conhecimento", disse ele suavemente. Era o que lhe havia sido prometido pelo Diretor e o que ele havia recebido no Tutorium. Ele também leria este livro por causa do conhecimento, mas na ordem certa.

Ele folheou a primeira página e leu a linha: *Gênesis 1:1 - A História da Criação.* Seus olhos foram para a frase: "E o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas". Ele fechou o livro lentamente.

Era o suficiente por enquanto. Outro tripulante havia dito a Chalmers que ele logo seria transferido para uma cabine onde poderia comer e tirar um cochilo. Lá, ele absorveria cada palavra da Bíblia, o que ele sabia que levaria apenas alguns minutos, pelo ritmo que conseguia ler.

Ele ainda queria ouvir o restante da palestra do professor, mas Chalmers tinha a estranha sensação de que esse tutorial divino levaria uma eternidade para ser realizado.

14

DOMINGO - INÍCIO DOS TEMPOS

O Diretor observou quando o humano, na hora certa, desapareceu novamente do Tutorium, e ele sabia que, em seu reino temporal, levaria apenas um segundo séssil, ou cerca de um trilionésimo de segundo terrestre no tempo do Tutorium, para que o Calmeriano retornasse ao seu lugar anterior e apropriado.

Nesse ínterim, o Diretor havia terminado de preparar os samaritanos para o SUNDE.

Ele havia reiterado a Won, Tu, Tha-Ree, Vor, Fieva e o restante dos doze emissários que a missão deles era ajudar a garantir que a nobreza fosse incutida nos corações e mentes dos habitantes das galáxias, universos e mundos específicos para os quais os samaritanos seriam designados hoje.

~Vocês podem assumir formas apropriadas, cruzar e gerar um quadro de discípulos,~ ele os informou, ~e *eles, por sua vez, assumirão a forma e as almas dos habitantes em evolução onde vocês ministrarem suas missões. Usem seus descendentes para ajudá-los, mas* nunca *causem diretamente um desenvolvimento acelerado que, de outra forma, desestabilizaria o desenvolvimento evolutivo normal na arena que lhes foi designada.~*

Ainda de pé no pódio de vidro, o Diretor liberou a Tabula de Cristal que havia segurado durante toda a palestra e ela flutuou à sua frente. Ele estendeu os braços, com as palmas das mãos voltadas para seus samaritanos. O grande cristal flutuante explodiu silenciosamente e um cristal menor em forma de pera apareceu sobre cada frasco de sino. Um instante depois, as jarras se desmaterializaram em um flash final de relâmpago azul, enquanto os sofás reclinados se inclinavam para cima.

Retirando as mãos da testa e do coração, cada samaritano pegou um cristal e o pressionou contra o peito.

seus corpos explodiram em uma luz deslumbrante e todos eles desapareceram - reaparecendo instantaneamente em uma câmara menor adjacente ao Tutorium onde, conforme instruído pelo Diretor, eles se reuniram em frente a uma porta azul com o formato de um olho oblongo.

~A Tabula de Cristal embutida em vocês,~ lembrou-lhes o Diretor, ~é *uma membrana de luz comprimida que assimila todas as visões, todos os sons, tudo o que é existente e extemporâneo no reino para o qual vocês a transportam. Confie na fé de seu conhecimento e saiba quando entregá-lo àquele que você escolher como nobre guardião.~*

Em seguida, o Diretor fez algo sem precedentes - o mais dramático desvio de todos os dias anteriores em que ele havia iniciado um novo serviço de madrugada para seu Ga'Lawed. Ele teve um momento mental exclusivo e fechado com um único samaritano.

~Ganhou, você é Prime, como indica sua posição. E único, como este novo dia para você provará. Eu o informarei sobre a diferença de sua missão e como ela será perigosa se você concordar com a alteração que proponho.~

O Diretor acrescentou que não poderia forçar Won a tomar tal atitude, mas esperava que seu Primeiro Samaritano a considerasse, já que tanto estava em jogo hoje.

Won acenou com a cabeça enquanto mentalizava sua resposta. ~Senhor*, como sempre, eu obedeço a Ga'Lawed e realizo meu serviço por meio de sua orientação direta. Seus comandos e sua apresentação deles são meus para seguir.~*

~Como eu confiava que você responderia,~ respondeu o Diretor.

* * *

Tentando se manter imparcial enquanto ouvia os parâmetros de sua nova missão, Won ficou chocado ao ouvir que hoje seria um dia em que Ga'Lawed cometeria um erro - permitindo que um mundo merecedor, de acordo com o Diretor, fosse destruído porque seus próprios habitantes não conseguiram estabelecer a harmonia global por meio de ações nobres. Ainda mais chocante, o Diretor estava sugerindo que Won poderia intervir naquele mundo, embora não tivesse sido designado por Ga'Lawed para isso.

~Won, se você concordar com esse novo destino, você descobrirá que os seres que evoluírem lá pensarão que estão sozinhos no cosmos. Mas o instinto central deles lhes dirá que vieram de um sábio onisciente.

escolhem chamar de Deus. Eles olharão para o céu em busca Dele e alguns acreditarão ter encontrado Seu filho, imaculadamente concebido na face de seu próprio mundo. Ga'Lawed me informou sobre isso anteriormente.

~Esse indivíduo,~ continuou o Diretor, ~será *reverenciado como o Senhor, Ga'Lawed encarnado. Sua tarefa será colocar a noção de nobreza de seu pai nos corações e mentes dos habitantes daquele mundo, mas ele terá sucesso apenas parcial no início e depois falhará completamente.~*

Won acenou gentilmente com a cabeça em sinal de compreensão.

~Um acadêmico dos chamados tempos modernos do planeta, que você encontrará em breve, caso concorde em seguir a nova direção que eu tracei, tem duas tarefas diferentes com as quais eu já o imbuí. Uma delas é proteger a Tabula de Cristal que você carrega e que será obrigada a abandonar em algum momento. E a outra é usar seu poder para ressuscitar um mundo decaído onde a Nobreza terá sua última chance de brilhar.~

O Diretor então explicou que tanto ele quanto Won poderiam incorrer na ira de Ga'Lawed por se intrometerem em um local experimental que o Diretor sabia que Ga'Lawed havia reservado para si mesmo.

~Como você ensinou, às vezes ele comete erros,~ Won respondeu.

~De fato, e nesses casos nós o servimos melhor corrigindo o que sabemos que ele vai se arrepender mais tarde.~ O Diretor então acenou com a cabeça para que Won tomasse uma decisão vital de última hora enquanto o Primeiro Samaritano se juntava aos outros.

* * *

~Won, que local de missão você conseguiu?

Won alcançou a massa turva de seu peito e extrudou seu Cristal.
Seus próprios olhos azuis e oblongos brilharam com entusiasmo.

~Como acabei de decidir, vou para uma galáxia que será chamada de Via Láctea. Já tenho um contato lá que encontrarei em um campo de batalha galáctico. É alguém que o Diretor chama de Chalmeriano, um ser humano que evoluirá em uma pequena esfera azul que em breve se chamará Terra.~

Sem entender completamente, Tu ficou satisfeito e confortado com o tom mental sereno de Won e desejou que seu amigo Ga'Lawed fosse rápido.

Sob o comando de seu Diretor, os samaritanos atravessaram a porta e para a luz ofuscante e poder infinito de

da aurora auto-inflamada de Ga'Lawed.

Eles foram instantaneamente arrastados por um cosmo sem fim e para seus respectivos locais, onde começaram outro novo dia de trabalho eterno.

15

TEMPO E ESPAÇO-PRIMEIRA SEÇÃO

Da explosão gasosa de luz ardente dentro da qual ele agora viajava, Won discerniu uma galáxia espiral branca se formando logo à frente. Ele anotou suas observações na mente.

~Um disco de acreção de energia e matéria compactadas começou a fundir hidrogênio, o que o Diretor descreveu como um dos elementos cósmicos de Ga'Lawed. O disco agora se transformou em uma estrela ardente e já transformou algumas nebulosas circundantes em planetas gravitacionais, um dos quais acabou de se congelar e ficou azul. Estou pronto para começar meu serviço lá.~

Ele havia se posicionado em um local chamado High Stasis, um ponto de vista a partir do qual ele e outros samaritanos em seus locais de missão poderiam observar melhor tudo em seus respectivos domínios. Ele observou que o tempo, como logo seria oficialmente medido neste pequeno mundo azul, havia passado por mais de quatro bilhões de anos de mudanças geológicas e biológicas.

~As mutações evolutivas são a força implacável de constância deste planeta. Este mundo ainda é composto principalmente de hidrogênio e oxigênio, misturados como um mar sem forma de líquido azul.

~Os organismos unicelulares agora deslizam da umidade deste mundo. Eles aumentam de tamanho, processam informações, tornam-se sensíveis, ficam eretos e migram pela terra firme continental como primatas antropoides.

~Os asteroides continuam a dizimar as espécies emergentes do planeta, até mesmo as maiores criaturas. Mas novas plantas e animais se recuperam quase instantaneamente.

~Os primatas tornam-se bípedes, formam grupos e se aculturam. E agora eles estão usando ferramentas de osso, madeira e pedra.~

Ele percebeu que o último desenvolvimento evolutivo era o seu sinal.

Era hora de *o Homo sapiens,* como o Diretor havia indicado que os primeiros terráqueos seriam chamados, ter alguma orientação, alguma socialização nobre. Won sabia que sua primeira boa ação para eles deveria ser seminal. ~Na *totalidade da eventual história deste mundo, este momento deve ser o mais histórico", observou*.

Ele sabia exatamente o que fazer.

~A própria força do início solar, seu nascimento pelo fogo, é minha inspiração. Portanto, darei como primeira oferta a esses seres uma motivação ardente para aprender e crescer.~

Won sabia que, para fazer sua apresentação, ele teria que sair da Alta Estase e pisar na Terra, onde, como ele planejou, o fogo não seria a descoberta da humanidade, mas sua oferta.

Won podia dizer que assustou os primeiros seres de quem se aproximou - não por levar um galho em chamas de uma chama natural, atingida por um raio, para um acampamento neandertal, mas porque instruiu os membros do clã sobre o uso da pederneira para fazer uma faísca e construir sua própria fogueira. Mais tarde, ele surpreendeu mais pessoas ao apresentar a alavanca, a roda, uma lente de aumento de vidro e muitos outros presentes de descoberta oferecidos por um Maravilhas de boa vontade que aparecia a cada centenas de anos terrestres para visitar uma civilização após a outra.

E, em menos tempo do que Won levou para anotar mentalmente *o fogo, a roda* e os outros pensamentos, um milhão de anos de pré-civilização e toda a história moderna - medida pelos terráqueos - havia se construído.

* * *

E no mesmo momento, Jonathan S. Chalmers acordou com as mãos ministradoras dos socorristas *angelicais* que acabaram de tirá-lo do frio aperto da morte do Atlântico. Aquecido por cobertores e chá, ele foi levado para um quarto particular.

Sozinho em sua cabine, ele esperava ansiosamente por essa noite especial para refletir sobre o que agora achava que entendia melhor sobre o significado da vida, bem como tudo o mais que acreditava que aprenderia em breve ao ler o Bom Livro que lhe fora dado como um presente especial.

16

HMHS *ANGÉLICA*. NOITE

Piscando os olhos de volta ao foco normal, Chalmers fechou a Bíblia da enfermeira Gretchen, segurando-a contra o peito enquanto permanecia esticado em seu beliche. Chalmers levou apenas alguns minutos para examinar todas as páginas, lendo e retendo tudo o que via - não como letras impressas, mas como uma luz estroboscópica que crepitava eletrostaticamente em seu cérebro enquanto prendia seus olhos em um estranho transe visual.

Essa era a maneira como ele sempre leu.

** *

Mesmo quando jovem, Chalmers folheava constantemente os livros da biblioteca de seu pai, digerindo enormes quantidades de informações impossíveis de serem memorizadas por uma criança normal de seis anos, muito menos de serem compreendidas. Seu pai certamente havia notado esse fenômeno, bem como outras habilidades intelectuais surpreendentes do filho, e conversou sobre isso um dia enquanto caminhavam pela praia perto de sua casa em Long Island.

"A maneira como você folheia livros, meu filho", disse o pai com orgulho, "e há pouco calculou o número de pedras naquele velho farol ali é resultado de algo chamado savantismo. É um dom extraordinário com o qual você foi abençoado."

"Pai, eu não conto números, eu os ouço." Ele tentou explicar ao pai a maneira como era capaz de calcular a quantidade de *qualquer coisa,* até mesmo folhas em uma árvore ou galões de água em um lago, simplesmente olhando para algo por alguns segundos.

"Os números são como notas musicais quando a mamãe toca piano", disse ele. "Eles giram em círculos e fazem sons de zumbido dentro da minha cabeça. Eles

Eles sempre... não sei, de alguma forma me *dizem* a resposta certa".

Ele começou a chorar, dizendo ao pai que tinha medo de ser louco - um medo que desenvolveu depois de ouvir alguns de seus professores falarem sobre savantismo e autismo, palavras que o menino sabia que descreviam uma condição médica de pessoas loucas e disfuncionais.

"Filho, o autismo é um problema que algumas crianças têm... mas você não tem. A palavra 'savant' significa simplesmente uma pessoa que possui habilidades superiores em vários assuntos, geralmente não relacionados. Alguém brilhante. Um verdadeiro gênio. Esse é o tipo de savant que você é."

"Pensei que havia algo errado comigo." "Não, filho, há

algo muito certo com você." "Será que vou ficar mais

inteligente quando crescer?

"Sim, de fato... e acredito do fundo do meu coração que é por um motivo muito importante."

* * *

Embora tranquilizado pelas palavras de seu pai na época, Chalmers sempre se preocupou com o que aprendeu mais tarde, já adulto, ao continuar sua pesquisa sobre a síndrome de savant. Além de seu comportamento compulsivo característico de colocar tudo em ordem, ele ficou alarmado ao descobrir que o savantismo era uma das condições do "transtorno do espectro psicótico", que incluía a esquizofrenia - uma doença mental grave cujos sintomas eram ouvir vozes internas, ter visões e pensar que outras pessoas liam sua mente, controlavam seus pensamentos ou tramavam conspirações secretas.

Chalmers estava confiante de que não tinha os problemas mais disfuncionais associados ao savantismo autista, mas sabia que os fatores responsáveis pelo surgimento do savantismo regular eram a predisposição genética e acidentes ou doenças que danificavam o lado esquerdo do cérebro.

Como nunca se esqueceu da forte pancada na cabeça que sofreu quando tinha apenas quatro anos de idade, ele se perguntava se isso seria responsável por suas habilidades intelectuais avançadas... bem como pela esquizofrenia que ele temia que agora o afligisse.

* * *

Chalmers se sentou, colocou a Bíblia na pequena prateleira ao lado de seu beliche e examinou as quatro paredes de aço fortemente rebitadas da cabine. Ele verificou o esquema emoldurado dos compartimentos do navio abaixo do convés. *Número de rebites aqui vezes o número de compartimentos... provavelmente em torno de cem mil, calculou* quase que instantaneamente - talvez *outros noventa mil na parte superior, incluindo as pilhas.*

Chalmers sempre desejou ordem, talvez até mais do que conhecimento, embora, ao se tornar adulto, tenha percebido que a ordem vinha do conhecimento. *Assim como a ordem cósmica vinha do Tutorium e do programa de conhecimento de Ga'Lawed, refletiu* Chalmers, tentando afastar as preocupações persistentes de que sua mente estava envolta em uma mortalha esquizofrênica.

Buscando conforto adicional, ele olhou novamente para a Bíblia da enfermeira Gretchen. "Cada página reflete o currículo do Tutorium", disse ele suavemente, "correspondendo ao conhecimento, à ordem e às origens divinas da vida". Ele queria acreditar, tinha de acreditar, que havia algo divino, talvez até mesmo um propósito, em sua vida incomum. Acima de tudo, ele estava desesperado para se consolar com a certeza de que não estava louco.

** *

Chalmers se despiu, apagou a luz e se deitou em seu beliche. Ouvindo o ronco profundo dos motores do *Angelic*, ele sabia que nunca seria capaz de explicar sua incrível jornada para a família - ou para *qualquer pessoa* - *e* não imaginava que fosse tentar, de qualquer forma.

O que ele queria agora, o que ele esperava e até estava preparado para rezar, era que Deus, fosse ele chamado de Ga'Lawed ou qualquer outro nome, lhe concedesse sonhos tranquilos em vez de seus pesadelos habituais sobre a terra de ninguém.

Ele fechou os olhos e contou os rebites.

17

HMHS *ANGÉLICO*. MEIA NOITE

Chalmers foi arrancado de seu sono agitado por uma explosão estrondosa e um clarão de luz. Além da antepara rebitada, uma tempestade furiosa retumbava trovões e, como Chalmers imaginava, tentava destruir o casco do *Angelic* com ondas de vento. Os relâmpagos faziam com que cada portal oval, como ele podia ver de dentro, piscasse como um olho alienígena espiando os passageiros impotentes.

Mais cedo, o comissário de bordo havia trazido comida para Chalmers, toalhas limpas e um comprimido para dormir do médico. E agora, com os olhos e a mente grogue pela necessidade desesperada de continuar dormindo, Chalmers puxou as cobertas sobre a cabeça.

* * *

Imediatamente, ele sentiu outro relâmpago. Desta vez, eram arcos azuis de corrente crepitante que, como ele podia ver através do lençol branco-nuvem que o cercava, haviam se dispersado quando as campânulas que cobriam as doze poltronas do Tutorium se desmaterializaram repentinamente e os samaritanos puxaram os cristais flutuantes para dentro do peito.

Levantando-se da quarta e quinta poltronas, Vor e Fieva fizeram um sinal mental para que Chalmers se juntasse a eles. Quando ele o fez, todos se dissolveram instantaneamente e se reintegraram com ele na frente de um portal oblongo - um *olho,* pensou Chalmers, além do qual ele viu uma força poderosa. *Mais da tempestade...* mas uma força além da compreensão humana.

Chalmers não se sentiu jogado, como na tempestade do mar, mas sugado pelo pesadelo de um redemoinho. Da mesma forma que ele estava posicionado entre Vor e Fieva na sala de preparação do Tutorium para a partida da SUNDE, agora ele também estava flanqueado por eles, expelindo energia instantânea em todas as direções ao mesmo tempo - mas, de alguma forma, ainda lado a lado.

de uma só vez - mas, de alguma forma, ainda lado a lado. *Que estranho,* pensou Chalmers, *a criação instantânea do tempo também parece se desenrolar de forma surrealista e em câmera lenta.*

** *

Embora Vor não estivesse mentalizando diretamente para Chalmers, ele podia dizer o que estava na mente do samaritano. ~Familiaridade *gera desprezo.*~ Ele não tinha certeza do motivo, mas Chalmers acreditava que Vor pretendia realizar um curso de ação alternativo, algo violentamente diferente da missão padrão de Boa Vontade de um samaritano.

A verdadeira essência de Vor fluía da profundidade de sua raiva e impaciência, sentimentos agora inconfundíveis para Chalmers. Ele observou a fúria de Vor irromper como uma explosão solar, tornando-se a personificação do desprezo gerado pela eterna familiaridade.

De repente, o momento de criação da SUNDE terminou. E como Chalmers calculou - não pelo relógio do pai, cujos ponteiros ainda estavam faltando, mas pelo fato de que Vor o mentalizou - outro dia havia começado.

Ainda sem entender como ou por que estava aqui, em um lugar chamado High Stasis, Chalmers testemunhou o que Vor também monitorava - forças cósmicas compactando uma massa gasosa, seguidas pela gravidade galáctica esmagando-a em um orbe flamejante. Em uma séstia samaritana, Chalmers observou o caldeirão de magma esfriar, rachar e girar no espaço como um novo planeta. E, embora não conseguisse segui-lo, Chalmers viu Vor descer do High Stasis, posicionando-se na escarpa mais alta desse novo mundo.

* Chalmers podia

ouvir Vor anotando seus pensamentos.

~Um planeta desolado de obsidiana negra, recém-nascido e meu para nutrir... novamente. Mas não por ordem de Ga'Lawed. Desta vez, será do meu jeito e somente com a minha mão.~

Chalmers viu o braço tentacular de Vor se esticar para frente, o dedo longo de sua mão fina apontando para o chão. E ele ouviu outra mentalização.

~Em todos os dias de ontem, sempre toquei a paisagem morta e transformei a crosta negra em um pastiche de cores universais, observando como a força da vida

saiu da ponta do meu dedo e carregou o núcleo do manto com Boa Vontade e propósito nobre. Mas não hoje.~

Chalmers observou que o dedo de Vor havia encostado em um fragmento de obsidiana, cujo fio de navalha cortou a pele celestial do samaritano. O corte liberou um nimbus branco que se tornou cinza, depois preto tempestuoso, agitando-se em uma onda contra a costa. Gotas negras caíram em cascata pela escarpa íngreme, descendo até o nível mais baixo possível desse novo mundo.

~A solidão escura de uma piscina de reprodução,~ ele ouviu Vor sussurrar mentalmente.

Incrédulo e horrorizado, Chalmers observou um globo pútrido e ondulante do que ele avaliou como infecção borbulhar de uma fenda e se espalhar pela paisagem de obsidiana, cada encontro afiado cortando um pedaço de material, cada porção excisada, por sua vez, se autogerando em uma nova criatura de forma indiscernível, embora hedionda.

Chalmers os viu imediatamente como o que eram - recém-nascidos - e seu instinto dizia que eles estariam famintos e impacientes para se alimentar. Ele não conseguia mais ver Vor, mas isso não importava. O que importava era se afastar o máximo possível desse lugar aterrorizante.

* * *

E no próximo sectic ele estava. Ele não sabia onde era, mas sabia que tinha sido escoltado até lá por Fieva, que, durante toda a madrugada explosiva, Chalmers tinha visto por perto na névoa gasosa, como se estivesse esperando para ficar a sós com ele.

Agora, mais perto de Fieva, Chalmers podia dizer que sua essência era pura e brilhante. Ele também compartilhava a visão do High Stasis de Fieva sobre a criação de outro mundo em um piscar de olhos, incluindo desta vez o surgimento evolutivo de seres bons e nobres. E, mais uma vez, Chalmers foi deixado em High Stasis quando Fieva desceu para inculcar seus encargos do novo mundo. Mas ele notou algo em Fieva que estava em desacordo com a ordem dada a todos os samaritanos sobre seus locais de missão. ~Nunca *provoque um desenvolvimento acelerado que, de outra forma, interfira na evolução normal.~*

Chalmers podia ver que, lá embaixo, Fieva estava voando como um morcego do inferno influente e promovendo tecnologia acelerada. Isso fez sentido quando ele ouviu Fieva anotando mentalmente elementos de uma recente mentalização por back-channel com o Diretor.

** *

Os Fiverianos, como eram chamados os habitantes do planeta Fieva, estavam ameaçados por um inimigo que se aproximava e contra o qual estavam indefesos. O Diretor autorizou a Fieva a interceder da maneira que fosse necessária para permitir que os fiverianos fugissem de seu mundo condenado e colonizassem outro lugar nas profundezas do espaço.

Preso no que ele tanto temia quanto esperava que fosse para sempre o ritmo acelerado do tempo neste dia eterno, Chalmers continuou a observar da Alta Estase o avanço da tecnologia de viagens espaciais. Séculos depois, uma flotilha exploratória foi lançada. Fieva o puxou para o lado no momento em que nove bolas de luz branca e quente, impulsionadas por pura energia ionizada, atravessaram a atmosfera amarela e desapareceram no espaço profundo.

~Em um piscar de olhos, eles estarão no primeiro portal complicado,~ informou Fieva, ~ e *mais rápido que isso, Calmeriano, estarei a caminho de outra missão.~*

A partida abrupta de Fieva assustou Chalmers e o deixou com medo, pois agora ele estava sozinho no espaço profundo. Ele não tinha ideia do que fazer em seguida, mas esperava encontrar seu próprio portal de volta para a nave na qual queria continuar sua viagem.

** *

Chalmers se virou e viu algo que chamou a atenção de seus olhos ainda semicerrados. Era outro olho oblongo fracamente iluminado. *O portal. O caminho para casa?*

Ele tentou alcançá-lo, mas descobriu que estava envolto em uma mortalha branca. Lutando para se libertar e evitar o pânico que estava se formando, Chalmers bateu com a mão em algo duro. Metal. *Com uma superfície irregular?*

Puxando a mão para trás, ele notou o relógio do pai, com os ponteiros das horas, minutos e segundos brilhando no escuro desconhecido. Só que não era desconhecido, não mais, porque quando ele puxou para trás o lençol sob o qual havia dormido tão profundamente na noite passada e sentiu novamente a marca dos rebites no anteparo, ele sabia que estava de volta ao abraço seguro do *Angelic*.

E o olho fraco? Era a vigia de sua cabine, agora preenchida por uma luz azul mais brilhante, embora muito pálida. Do lado de fora, ele ouviu sons familiares... os motores e as buzinas dos rebocadores empurrando o HMHS *Angelic* para seu cais em Nova York.

Seus olhos se voltaram para o relógio de pulso. "Os ponteiros", ele sussurrou com um tom incrédulo. De volta, depois de todo esse tempo. *Inacreditável... e, no entanto, talvez não,* pensou ele.

Ele notou a hora. Seis horas. Amanhecer.

"O início de um novo dia", disse ele, balançando as pernas no chão.

** *

Pegando a camisa e a calça, ele detectou um cheiro pútrido. *Peixes, água poluída sob o píer? Ou o fedor de algo hediondo, horrível?* Ele ofegou e recuou com a sensação de ter seu braço repentinamente agarrado por uma criatura que ele viu como um globo negro de protoplasma pairando na luz fraca da cabine. *Vor,* sua mente gritou.

Ele recuou, respirou fundo... e sentiu seu coração acelerado começar a desacelerar quando percebeu o que havia roçado em seu braço - uma toalha úmida de cor escura pendurada em um gancho na parede.

"Oh, Senhor", ele sussurrou, depois rezou para que tudo o que tinha visto durante a longa e tempestuosa noite tivesse sido apenas um pesadelo, e não a prova da paranoia esquizofrênica que ele agora, mais do que nunca, temia que tivesse se apoderado dele como um demônio mental... ou uma criatura alienígena voraz que estava vindo atrás dele.

Parte II

MANHÃ

18

O TUTORIUM - DOMÍNIO ATEMPORAL

Com o seminário encerrado por hoje, o Diretor fechou o Tutorium. Ele sabia que os samaritanos haviam se dispersado adequadamente como parte da luz do amanhecer de Ga'Lawed que acabara de formar o cosmo, onde a rica diversidade de vida programada para evoluir em planetas selecionados hoje estava bem encaminhada nesta manhã.

Eventos sem precedentes, no entanto, ocorreram no Tutorium do Diretor, incluindo sua detecção da inexplicável atitude mental de impaciência e intransigência de Vor.

Ele havia sentido que Vor planejava violar a missão rotineira de Boa Vontade de hoje... para seguir um plano independente que prejudicaria não apenas aqueles mais próximos a ele - Tha'Ree ou Fieva - mas também alteraria a intenção de Ga'Lawed para um mundo experimental de formas de vida chamado Terra.

Ao decidir intervir contra Vor, o Diretor complicou ainda mais o plano de seu superior, anulando a missão preestabelecida de Won e, em vez disso, redirecionando-o para a Terra no último momento. O Diretor sabia que suas ações haviam colocado Won e ele próprio em risco de sofrer a ira vingativa de Ga'Lawed. Ele também havia colocado Fieva em risco, autorizando-o a acelerar a evolução que, de outra forma, seria regulada no mundo fiveriano.

Como se tudo isso não fosse ruim o suficiente, o Diretor - sabendo que Ga'Lawed enviaria sua própria encarnação divina à Terra - havia manipulado seu Primeiro Samaritano para selecionar um ser natural, um calmeriano, para ser o nobre campeão da Terra.

No processo e contra todos os protocolos, o Diretor havia deslocado o Calmeriano de seu próprio tempo, levando-o para o Tutorium, onde ele havia subconscientemente condicionado a mente binaural do terráqueo a desempenhar um papel crítico, juntamente com a mente de Won.

papel fundamental, juntamente com o apoio de Won, é claro, em uma conspiração galáctica destinada a garantir que a Terra prevalecesse por tempo suficiente para que o conceito de Nobreza de Ga'Lawed criasse raízes.

* * *

Havia mais uma coisa que pesava muito na mente do Diretor.

Como o Primeiro Samaritano, Won era elegível após a missão de hoje para a Ascensão, um momento evolutivo crucial programado para ocorrer em um lugar único nesse cosmo em particular.

Como o Diretor sabia em primeira mão, esse lugar era o Portal Iris, o horizonte de eventos para o que está além das dobras sobrepostas da Eternidade.

Sem conseguir se lembrar de onde tinha vindo em sua última transição, o Diretor sabia, no entanto, que tinha atravessado o portal para chegar até aqui e começar sua tarefa no Tutorium.

O Diretor não se mudaria por muito tempo, mas sabia que muito em breve, no final do dia, a Ascensão o levaria para o desconhecido.

19

NEM YORK. OUTONO DE 194O

De sua cadeira de couro inclinada em direção à lareira de pedra da biblioteca, Jonathan Chalmers examinou a grande sala da casa de sua família em Oyster Bay. A casa estava vazia. Seu pai, sua mãe e sua esposa haviam desaparecido. Ele estava atento, mas não triste, por saber que faz dez anos que eles morreram em um acidente de avião.

Ele deveria estar com eles naquela viagem de férias, mas não pôde ir por causa de uma reunião de última hora dos chefes de departamento da Universidade de Columbia. Ele os incentivou a fazer a viagem sem ele.

Seu comportamento era um modelo de serenidade e acuidade analítica, ele observou que o teto com vigas da grande sala estava refletido nas portas de vidro das estantes de carvalho que o cercavam. Nas prateleiras, havia milhares de volumes encadernados em couro.

Seu pai, e o avô antes dele, passaram horas lendo e refletindo sobre história, política, negócios e inúmeros outros tópicos. Chalmers estava aqui há várias horas hoje e, ao se levantar para atravessar a sala, imaginou que havia lido mais livros nesse período do que seu pai ou seu avô haviam conseguido ler em um ano normal - e ambos eram leitores vorazes... mas não tão rápidos quanto ele.

* * *

Chalmers parou em frente a um espelho com moldura ornamental e estudou seu rosto. Ele viu mais do que o reflexo de um homem de cinquenta anos que parecia ter metade dessa idade. *É compreensível,* pensou ele, que *não consegue mais registrar culpa e tristeza depois de uma década.* Mas e l e se lembrou de que não havia sentido o que

que ele acreditava que deveria ter sido um choque devastador ao saber do acidente. Tampouco houve tristeza prolongada em suas conseqüências.

Havia apenas o imperativo de restaurar a ordem em seu mundo recém-mudado.

E ele se adaptou muito rapidamente... rápido demais, ao que lhe pareceu.

Ele imaginou que o distanciamento não natural em relação à trágica perda de seus entes queridos e outros comportamentos estóicos que ele demonstrou desde que voltou da guerra foram resultado do estresse emocional pelo qual ele passou na terra de ninguém, sem mencionar o incidente com o Tutorium. Reais ou imaginárias, as revelações que ele vivenciou lá o deixaram com noções confusas e conflitantes sobre seu futuro e uma preocupação vaga e perturbadora sobre a vida nos Estados Unidos... e no mundo. Ele sabia que possuía certo conhecimento sobre algo importante e estava frustrado porque, apesar de seus esforços, não conseguia se lembrar disso.

Em parte, foi por essas razões e por sua própria preocupação com a vida acadêmica que ele não se entusiasmou, todos aqueles anos atrás, com o desejo de sua esposa de formar uma família. Chalmers se contentou em dividir a vida dele e de Margaret com os pais na mansão, que ficava a uma curta viagem de trem de Manhattan e do campus da Columbia, onde ele dava aulas todos os dias desde que voltara da guerra.

Ele nunca havia discutido nada disso com ninguém, inclusive com o psiquiatra que o havia aconselhado por algumas sessões sobre seu medo de ser esquizofrênico. O psiquiatra o considerou normal, embora excessivamente concentrado na aquisição de conhecimento.

Chalmers se perguntou o que o psiquiatra pensaria agora, sabendo que, após a última sessão, ele havia tirado uma licença por tempo indeterminado da Columbia e se matriculado em Harvard, onde, após apenas um ano, obteve outro doutorado, este em matemática estatística. Em seguida, alugou uma pequena casa perto da Cornell University, em Ithaca, no norte do estado de Nova York, e em tempo recorde obteve mais um doutorado, dessa vez em epistemologia filosófica e astrofísica. Agora, de volta à Columbia, ele lecionava apenas cursos de pós-graduação, o que lhe deixava o máximo de tempo para continuar sua própria pesquisa sobre existencialismo binaural.

* * *

Despertado espiritualmente por sua travessia do Atlântico após a guerra, Chalmers tinha ido à igreja algumas vezes com sua esposa e mãe nos primeiros meses em que estava em casa. Mas esses cultos pareciam inúteis em vista do que ele acreditava ter sido seu próprio encontro verdadeiro com Deus, ou pelo menos com seus discípulos. Por isso, ele permaneceu tão pouco tradicional em termos religiosos quanto antes de se alistar no exército.

Após o trágico acidente, Chalmers organizou um serviço funerário principalmente para dar oportunidade aos amigos de seus pais e de Margaret de expressarem sua dor e suas condolências. Ele não tinha fé de que um homem mortal e falível pudesse lhe proporcionar algum conforto espiritual.

No entanto, ele tinha conforto material e segurança financeira. Como filho único, Chalmers herdou não apenas a casa histórica da família, mas também todo o patrimônio de seu pai - incluindo ações, títulos, propriedades de investimento e outros bens.

* * *

Ainda de pé em frente ao espelho, Chalmers tocou seu rosto, inclinando-o de um lado para o outro para estudar a textura de sua pele conforme ela captava os diferentes ângulos de luz. Não havia rugas ou manchas. Ele realmente parecia, e também se sentia, como se tivesse vinte e cinco anos. *Se estou envelhecendo, é em câmera lenta.*

"Oscar Wilde", disse ele suavemente, e então foi até uma das estantes de livros e retirou um volume raro do único romance publicado do autor. Ele considerava *O retrato de Dorian Gray* uma obra clássica de ficção de terror gótico com um forte tema faustiano, e havia gostado de lê-lo anos atrás. Ele o leu novamente em menos de um minuto.

Meu Deus, será que eu poderia ser como Dorian Gray? ele se perguntou, que havia vendido sua alma para permanecer sem idade, mas cujo retrato jovem pendurado no sótão evoluía para um rosto hediondo toda vez que Dorian cometia outro dos crimes hediondos aos quais se tornara patologicamente viciado. Ele se perguntou se sua viagem ao Tutorium - onde fora levado de volta a um período antes mesmo de o tempo começar - poderia de alguma forma explicar sua aparência inexplicável.

Ele olhou para o seu próprio retrato pendurado na parede, pintado quando ele ainda era um estudante adolescente, procurando sinais de que ele havia se transformado em um homem de cinquenta anos, enrugado e grisalho.

cinquentão. *Nenhuma mudança... a menos que essas rachaduras na tela a óleo perto dos meus olhos sejam realmente pés de galinha. Meus olhos... será que um deles acabou de piscar para mim?*

Ainda segurando o romance, ele notou a data de publicação - 1890, o ano em que ele n a s c e u . *Uma convergência de coincidências?* Ele pensou em calcular mentalmente as chances de haver qualquer relevância concebível entre a data, o livro e a noção absurda de que ele *não* estava envelhecendo. Não havia nenhuma evidência empírica para fazer esse cálculo, então ele imediatamente procurou se distanciar, como sempre fazia, das forças latentes da esquizofrenia e da paranoia quando as sentia se unirem em sua mente.

mente.

Ao mesmo tempo, ele imaginou que, se essa tendência lenta ou de não envelhecer continuasse, ele teria que explicar por que parecia tão jovem quando todos que o conheciam estavam obviamente envelhecendo.

Uma ponte a ser atravessada somente quando e se for necessário, pensou ele ao fechar as enormes portas esculpidas da biblioteca atrás de si. Mas, ao prosseguir pelo corredor, ele sabia que era difícil fechar certas divisórias.

E Chalmers sabia que era impossível se afastar do outro segredo negro... as vozes simbolizadas em sua cabeça que lhe diziam que o mal se escondia atrás de *todas as* portas.

2O

UNIVERSIDADE DE COLUMBIA. 29 DE MAIO DE 1941

Chalmers havia desistido da sala dos professores de pós-graduação, onde o debate sobre a recente aprovação da Lei Lend-Lease entre os professores havia causado mais agitação do que lhe convinha. Jogando seu jornal dobrado no sofá, ele caminhou rapidamente até a porta.

"O Congresso deu a Roosevelt a autoridade para vender, transferir ou arrendar produtos bélicos para o governo de qualquer país aliado", disse Chalmers, com a mão na maçaneta da porta, enquanto continuava a encarar seus colegas sentados, todos com xícaras de café fumegantes ou cachimbos fumegantes nas mãos. "É uma perda de tempo discutir a política de neutralidade dos Estados Unidos, senhores. Não temos mais uma... nem deveríamos ter".

Passando pela porta aberta, ele se virou novamente para eles. "Dê uma olhada no artigo *do Times*. Os britânicos afundaram o *Bismarck* há dois dias. A Alemanha e o Japão só vão aumentar a agressão na Europa e no Pacífico. Anotem minhas palavras. Daqui a nove meses, estaremos no meio da Segunda Guerra Mundial."

Ele fechou a porta e seguiu pelo corredor em direção à privacidade de seu escritório, onde a clareza de seus próprios pensamentos não seria ofuscada pela lógica nebulosa dos outros.

** *

Durante meses, o Dr. Jonathan S. Chalmers pensou na teoria de Volterra e na doutrina malthusiana, combinando-as em um novo paradigma analítico que, segundo ele, abordava melhor as complexas questões políticas, econômicas e militares que ameaçavam a estabilidade mundial.

Como ele havia ensinado recentemente a seus alunos, "um matemático e físico italiano chamado Vito Volterra criou uma equação diferencial não linear para descrever o equilíbrio flutuante das populações de presas e predadores". Ao notar alguns olhares indiferentes, Chalmers acrescentou: "Para os estudantes de matemática que não são versados em antropologia, isso significa que Volterra transformou a sobrevivência do mais apto de Darwin em uma matriz gráfica. Isso significa que, quando a presa aumenta, os predadores também aumentam, e a população de predadores continua a se expandir até que a própria presa diminua. Por outro lado, quando os predadores morrem de fome, sua fonte de alimento começa a aumentar."

Um de seus alunos levantou a mão.

"Sim."

"Acho que isso significa, então, Dr. Chalmers, que essas duas populações sempre flutuam fora de fase uma com a outra, porque os ciclos de reprodução significam que um grupo continua a florescer mesmo quando o outro diminui."

"Sim, excelente. E a noção é conceitualmente compatível com Thomas R. Malthus, um economista político britânico do século XVIII que teorizou que a humanidade acabará superando a capacidade do homem de suprir as necessidades da vida, causando assim sua própria queda".

Chalmers explicou ainda que, com mais predadores entrando em uma guerra mundial e com a natureza perturbadora do conflito desequilibrando a produção de bens e serviços da presa, a única conclusão lógica a ser tirada era que o mundo poderia facilmente se destruir em um curto período de tempo.

O que Chalmers não compartilhava com seus alunos era sua crença de que a destruição planetária, em um sentido mais total, resultaria de forças galácticas, como a queda de meteoros, ou até mesmo, como sua mente influenciada pelo Tutorium lhe permitia imaginar, forças alienígenas predatórias para as quais a Terra serviria como um celeiro, caso elas invadissem.

Chalmers tinha outras noções - na verdade, uma compulsão, ele percebeu - que ele preferia evitar discutir com qualquer pessoa, e elas envolviam não apenas a construção de bunkers para armazenar material de guerra ou abrigos para proteger grupos de pessoas, mas também o projeto de um refúgio seguro muito maior - um centro de produção autossustentável no qual cidades inteiras, talvez até mesmo uma nação, poderiam ser sequestradas enquanto esperavam que uma força predatória se esgotasse.

Ele já estava escrevendo um artigo sobre o assunto - "The Chalmerian Gambit: Hibernatory Defense Tactics". Ele não estava pensando em publicar

Ele não estava pensando em publicá-lo como um livro, porque em algum lugar no fundo de sua mente preocupada com uma segunda guerra mundial que logo começaria e com uma terceira que ele calculava que viria em seguida, ele imaginou que simplesmente divulgaria seu relatório para o governo ou para oficiais militares que precisassem de uma cartilha de autodefesa de longo prazo.

Em curto prazo, ele tinha uma consulta marcada com o Dr. Steadman, um neurologista do melhor hospital de diagnósticos de Nova York. Chalmers sentiu que era hora de descobrir o que, além de pensamentos de metralhadora, estava disparando em seu cérebro e causando fortes enxaquecas.

* * *

Algumas semanas depois, ele tinha uma pilha de relatórios médicos espalhados pela mesa de seu escritório.

Um dos exames havia revelado uma anomalia significativa no corpo caloso de Chalmers, a faixa de tecido que conecta os hemisférios cerebrais esquerdo e direito e permite a funcionalidade normal do conceito em um cérebro saudável.

"Este raio X", disse Steadman a Chalmers recentemente, "indica que seu corpo caloso está perigosamente aumentado e descolorido, o que inicialmente pensei ser devido ao sangramento residual de sua concussão. Cair de uma varanda e aterrissar de cabeça em um pátio de pedra... um acidente e tanto para uma criança de quatro anos, John. É incrível que você não tenha fraturado o crânio. Provavelmente deveria ter acabado com sua vida ou, pelo menos, alterado-a drasticamente".

Talvez tenha acabado... de maneiras inimagináveis, pensou Chalmers.

"Sim", disse ele. "Lembro-me de passar pelo trilho, mas não do pouso forçado. Mas chorei com dor de cabeça por vários dias. O médico da família disse aos meus pais que era um milagre eu ter sobrevivido, mas que eu ficaria bem depois de descansar um pouco."

"Ele estava certo. Posteriormente, determinei que o tecido conjuntivo entre seus hemisférios cerebrais é quatro vezes mais denso do que o de uma pessoa comum. É por isso que ele aparece assim no raio X."

"E isso é ruim?"

"Não, acho que não, mas provavelmente é responsável pela forma como seu cérebro processa as informações e por você ser tão inteligente."

Quanto às dores de cabeça, Steadman disse que elas podem ser decorrentes apenas do fato de o cérebro de Chalmers estar cansado do estresse acadêmico ininterrupto a que ele foi submetido enquanto pesquisava, escrevia, e defendia duas teses de doutorado adicionais

nos últimos anos. Ele deu a Chalmers remédios para dor e o aconselhou a diminuir o ritmo acadêmico.

* * *

Depois de revisar novamente e pesquisar pessoalmente seus próprios arquivos médicos, Chalmers jogou os relatórios e os frascos de comprimidos no lixo. Ele prescreveu seu próprio tratamento.

Recostado em sua cadeira, Chalmers se concentrou em induzir uma mentalidade binaural. Ele a usava com parcimônia desde a travessia do Atlântico e nunca mais tentaria retornar ao Tutorium. De qualquer forma, ele não acreditava que isso fosse possível agora.

Ele imaginou que precisaria de apenas alguns minutos de reflexão para eliminar algo tão simples como uma enxaqueca benigna.

21

UNIVERSIDADE DE COLUMBIA. 1º DE DEZEMBRO DE 1941

Chalmers subiu correndo os degraus e entrou no centro estudantil, onde fileiras de cadeiras, a maioria já ocupada por professores e alunos, ficavam de frente para uma tela de 12 polegadas que se projetava com olhos de inseto do que parecia ser uma versão estranha de um rádio de sala de estar.

"Ah, Dr. Chalmers", disse um homem, apontando para a cadeira vazia ao lado da sua. "Dr. Mackelton", respondeu Chalmers, acenando com a cabeça ao se sentar.

"Fico feliz em ver que o departamento de história está bem representado neste evento."

"E fico feliz em ver que há alguém da física aqui. Você acha que essa engenhoca vai realmente funcionar, John?"

Havia apenas algumas centenas de aparelhos de televisão no estado de Nova York e menos de sete mil em todo o país. Aqui, por ordem de chegada, todos foram atraídos tanto pela novidade da máquina quanto pelo conteúdo dramático da transmissão planejada. Com o público agora lotado e ansioso para que o programa começasse, Chalmers deu a seu colega uma rápida aula de história - apresentada em sua maneira pedante habitual.

"Mack, sua engenhoca é um televisor modelo TRK-12, ou televisão, como é chamado por alguns. A Radio Corporation of America o inventou. E outro grupo, a National Broadcasting Company, ou NBC, televisionou um programa de notícias no televisor da RCA que estava em exibição no pavilhão temático World of Tomorrow na Feira Mundial de 39. No ano passado, a NBC realizou a primeira transmissão oficial de televisão em rede na estação WNBC de Nova York." Ele ficou satisfeito por ter abordado o assunto.

Antes que Mackelton pudesse pensar em *como* responder, outra pessoa que estava na frente da plateia - que tinha acabado de verificar seu relógio - limpou a garganta em voz alta e disse

garganta e disse: "Peço sua atenção, por favor... está na hora".

A sala ficou em silêncio. A tela do padrão de teste piscou duas vezes e foi substituída pelo logotipo do Canal 1 da WNBC, um microfone cercado por raios de transmissão. Em seguida, veio o som característico que acompanhava *o bing-bong-bing - o* carrilhão de três tons usado há muito tempo nos programas de rádio da NBC.

O palco da tela foi montado e todos se inclinaram para a frente. O rosto de um homem apareceu.

* * *

"Boa noite a todos", disse a voz familiar de Lowell Thomas. Viajante, autor e radialista de renome mundial, Thomas era agora o apresentador do programa de notícias *Esso Television Reporter* da NBC.

"Temos novos detalhes, fatos terríveis e imagens inéditas sobre o ataque furtivo de 7 de dezembro a Pearl Harbor. Como vocês podem ver aqui, os torpedeiros japoneses e os bombardeiros leves danificaram ou destruíram doze navios de guerra americanos, incluindo o USS *Arizona,* destruíram cento e oitenta e oito aeronaves e mataram dois mil quatrocentos e três militares americanos e sessenta e oito civis."

As imagens eram granuladas, mas o impacto visual era claro e poderoso. Os espectadores olhavam para a tela com horror e descrença, enquanto corpos queimados flutuavam na água flamejante e manchada de óleo e a fumaça negra saía do metal destruído de navios de guerra outrora invencíveis.

Ao ver imagens de militares feridos sendo carregados em macas, os lábios de Mackelton se moveram em uma oração silenciosa para que eles sobrevivessem o suficiente para chegar às enfermarias. Com as lembranças da terra de ninguém em sua mente, mesmo enquanto assistia às imagens horríveis de outra guerra na tela, a boca de Chalmers era uma linha firme de determinação estoica, pois ele acreditava que nenhuma oração mudaria o inevitável - que o número final de mortos continuaria a aumentar nos próximos dias... e nas próximas guerras do futuro.

* * *

"Horas após o ataque a Pearl Harbor", continuou Thomas, "os bombardeiros japoneses destruíram a maior parte da força aérea americana estacionada em Clark Field, nas Filipinas, e as forças terrestres japonesas desembarcaram na Malásia. Pegos despreparados e agora consideravelmente enfraquecidos, os Estados Unidos foram abruptamente levados para a Segunda Guerra Mundial. Nossa nação e seus cidadãos enfrentam tempos graves e perigosos. Traremos mais informações assim que estiverem disponíveis. Que Deus nos proteja".

E então Lowell Thomas encerrou com seu refrão padrão: "Até amanhã". O logotipo da WNBC reapareceu, seguido pelo toque *do bing-bong-bing*.

"Que Deus nos ajude, John", disse um Mackelton perturbado. "É pior até do que as reportagens dos jornais e do rádio. Você estava certo sobre a neutralidade. Agora será guerra, com certeza. O que você acha que vai acontecer depois?"

Chalmers fez uma pausa, olhando para seu colega e através dele ao mesmo tempo.

"Sim, guerra com certeza", ele quase sussurrou. "Por enquanto... e para sempre, eu temo."

* * *

Leitor ávido e rápido de livros sobre todos os tópicos imagináveis, especialmente história mundial e qualquer coisa relacionada às forças armadas dos EUA, Chalmers ficou perturbado ao saber que o exército havia diminuído constantemente de tamanho e força desde o final da Primeira Guerra Mundial, que, segundo ele, com ironia, foi anunciada na época como "a guerra para acabar com todas as guerras". Para ele, o título ainda mais absurdo do conflito era "a Grande Guerra". Embora ele estivesse ciente de que muitos consideravam certo que o Tratado de Versalhes entre os Aliados e a Alemanha havia restaurado a paz mundial em 1919, Chalmers acreditava que o mundo só havia se tornado mais complexo desde então, com novos eventos políticos gerando pressões para novas guerras regionais, as quais, é claro, ele estava convencido de que inevitavelmente levariam a uma nova guerra global.

Chalmers acreditava que as nações estavam presas no dilema de repetir os erros da história devido ao fato de a humanidade não ter dado atenção às lições da história.

E agora mesmo, assistindo ao noticiário da NBC sobre Pearl Harbor, seus temores sobre um mundo preso nas forças de chicote da teoria de Volterra e da doutrina malthusiana

e da doutrina malthusiana, reforçaram sua preocupação com o fato de que sua pátria estava novamente em perigo - como qualquer presa está para todos os predadores.

Embora soubesse que as capacidades militares dos EUA estavam passando por uma revitalização nos últimos anos, mesmo com a nação mantendo uma política de neutralidade, Chalmers estava preocupado com o fato de que o ritmo e a extensão das atualizações para o combate à guerra eram inadequados, dado o provável apoio dos Estados Unidos à batalha em andamento da Grã-Bretanha contra a Alemanha. No ano passado, ele se sentiu um pouco encorajado quando o presidente Roosevelt sancionou a primeira lei de serviço seletivo em tempo de paz da história dos EUA.

Na mente de Chalmers, era acadêmico, até mesmo irrelevante, se era a Alemanha ou, agora mesmo, a agressão do Japão que havia empurrado os Estados Unidos à força para a guerra.

Tudo o que importava para ele era que uma segunda guerra mundial estava em andamento.

* * *

Embora aos cinquenta e um anos de idade estivesse bem além da idade de alistamento, Chalmers, no entanto, fez fila no dia seguinte no ginásio do campus com os alunos da Columbia que cumpriam o registro obrigatório para o alistamento militar. Com base em sua aparência jovem, os oficiais do conselho de recrutamento não hesitaram nem por um momento em acreditar em Chalmers quando ele disse que havia nascido em 1916 e que tinha vinte e cinco anos de idade.

No dia seguinte, depois de Chalmers ter tido tempo de alterar a data de 1890 em sua certidão de nascimento e em outros documentos que ele achava que precisaria para ser aprovado na lista cronológica, ele se alistou no centro de recrutamento do exército em Manhattan - onde ele tinha visto o pôster original *Uncle Sam Wants You (O Tio Sam quer você)* que o havia colocado na terra de ninguém um quarto de século atrás.

"Estou me oferecendo para um posto de infantaria", disse ele ao sargento atrás da mesa. "Nos teatros do Pacífico ou da Europa, não me importa."

O sargento corpulento e experiente deu uma olhada casual nos documentos de Chalmers, incluindo seus últimos registros escolares em Cornell, mas *não* os anteriores em Columbia.

"Vejo que você tem muita educação, senhor. Quer se candidatar a um posto de oficial?"

Chalmers balançou a cabeça.

O sargento deu de ombros com indiferença e lhe entregou uma caneta.

22

A CASA BRANCA. 16 DE DEZEMBRO, 1O55 HORAS

O general William "Wild Bill" Donovan estava sentado na antessala do Salão Oval. Ele tinha uma reunião marcada para as onze horas com o Presidente Roosevelt, e era sempre melhor chegar cedo para uma sessão com o comandante em chefe. Especialmente quando o país estava em guerra.

"General Donovan", disse a recepcionista, "o senhor pode entrar agora".

Donovan assentiu, largou o jornal que estava lendo e entrou no escritório mais poderoso do mundo. Dado o ambiente e a companhia, ele manteve a postura ereta enquanto caminhava até a mesa e fazia uma saudação inteligente.

"Bom dia, Sr. Presidente."

"Bom dia, general. Sente-se." Roosevelt acenou com a cabeça em direção a uma poltrona de couro. Ele girou sua cadeira de rodas para ficar mais perto de Donovan.

"Bill, eu gostaria que as circunstâncias de sua visita fossem melhores. Eu gostaria de ter tempo para relembrar nossos dias juntos em Columbia, mas... francamente, o que tenho a lhe dizer esta manhã é difícil e desagradável."

Donovan permaneceu atento, apesar de estar sentado.

"Uma das coisas mais inteligentes que fiz nos últimos dois anos, enquanto essa maldita guerra se desenhava no horizonte, foi enviá-lo para toda a Europa como meu emissário de 'coleta de informações'."

"E agradeço profundamente sua confiança, senhor, em me nomear como seu COI."

"Foi uma atitude ousada, com certeza. Nem todos na cidade gostaram da minha decisão de criar um coordenador nacional de informações... muito menos de torná-lo o primeiro chefe geral da Inteligência dos Estados Unidos."

"Sim, senhor, eu posso..."

"É uma pena que toda a porcaria que você chama de inteligência reunida pelo exército, marinha, FBI, Departamento de Estado e todas as outras lojas de fantasmas não tenha poupado Pearl Harbor daquele desastroso ataque furtivo."

"Sr. Presidente, se foi isso que o senhor me chamou para discutir, só posso dizer..."

"Calma, general. Eu o chamei aqui por outro motivo, para lhe dizer algo pessoalmente."

Roosevelt recostou sua cadeira atrás da escrivaninha.

"General Donovan, o senhor foi dispensado do comando do COI, mas não está dispensado do dever. Li seu abrangente memorando sobre a criação de uma... como você a chamou? A OSS - uma equipe de Serviços Estratégicos destinada a operar atrás das linhas inimigas?"

"Sim, senhor. Espionagem, propaganda, subversão, contrainteligência e atividades paramilitares secretas selecionadas, projetadas para quebrar o espírito de luta do Eixo e suas costas - tudo sob uma agência civil que se reporta diretamente ao senhor... fornecendo ao senhor... ao Salão Oval, uma opção de negação que fica na área cinzenta entre a diplomacia e a ação militar oficial dos EUA."

O presidente havia tirado os óculos para limpar as lentes. Ele os colocou de volta no nariz e estudou o general.

"Até mesmo a ideia de uma organização como essa faria com que os funcionários do Departamento de Estado e do Departamento de Guerra rugissem como leões enjaulados sendo castrados."

"Sim, senhor, eu sei."

"Tudo bem. Vou nomeá-lo diretor da OSS. Afinal, você está desempregado agora", finalizou Roosevelt com uma piscadela.

A incredulidade de Donovan o impediu de falar.

"Não há mais dias de infâmia, general. Lembre-se de que a guerra não determina quem está certo, apenas quem fica quando o tiroteio termina."

Donovan assentiu com a cabeça, com a mandíbula quadrada travada em uma firme concordância.

O presidente pegou alguns papéis e acenou casualmente para a porta.

"Agora saia daqui, Bill, e transforme a OSS no que você quiser. Tente fazer algo que deixe a Europa com inveja... e os japoneses e boches borrando as calças."

2C

ACAMPAMENTO SHELBY, MISSISSIPPI. MAIO DE 1942

As notas roucas e irritantes do corneteiro soaram o toque de alvorada, e os olhos de Chalmers saudaram o chamado para despertar. Com os pés cheios de bolhas, ele se contorceu ao bater no chão duro e, de alguma forma, conseguiu enfiar os dedos doloridos nas botas fedorentas e sentiu seu corpo machucado tropeçar na luz fraca do amanhecer para mais um dia exaustivo.

Ele se juntou a "Hud" Huddleston, um colega nova-iorquino que conhecera na viagem de trem para o campo de treinamento, e aos outros grunhidos da infantaria na fila do refeitório.

"Ah, mais culinária suntuosa dos soldados", disse Chalmers, examinando a longa mesa.

"Sim. Um cantil de café forte, uma colher de ovos mexidos frios e escorrendo e meu favorito... SOS morno".

Chalmers deu um sorriso. Na verdade, ele gostava de SOS, o bife lascado na torrada, cujo apelido mais popular no GI era "shit on a shingle".

"Ei, Chalmers", disse Huddleston, "troque meus ovos pelo seu café". "Que tal eu trocar todo o meu café da manhã por uma passagem de avião para sair daqui?

daqui".

"Separem-se e saiam. Campo de treinamento físico em dupla", gritou o sargento. Todos correram para o campo de parada para o treinamento físico. Os temidos exercícios calistênicos matinais davam início ao dia, literalmente, para todas as outras atividades extenuantes que se seguiam. E os dias se tornaram semanas - seis, na verdade -, o que Chalmers achava difícil.

de fato, o que Chalmers achava difícil de acreditar.

* * *

A pista de obstáculos, a calistenia, o combate manual, os exercícios de baioneta e as intermináveis táticas de pelotão haviam transformado Chalmers em um soldado endurecido e pronto para o combate
-como um treinamento semelhante havia feito há vinte e cinco anos, quando ele se preparou para as trincheiras de Verdun. Surpreso com o seu desempenho, ele só podia supor que o transporte anterior ao tempo para o Tutorium de alguma forma era responsável por sua força e resistência nessa idade. Mesmo assim, o exercício desta noite seria um desafio.

** *

Estava quente e chuvoso. Coberto de lama e mosquitos, Chalmers se arrastava de barriga para baixo sob uma grade emaranhada de arame farpado. Embora estivesse preocupado em manter seu rifle seco e limpo, Chalmers estava mais preocupado com os projéteis traçantes de uma metralhadora calibre .50 que pintavam linhas vermelhas de morte a apenas 30 cm acima de sua cabeça.

Ele já havia levado um tiro na cabeça durante a primeira Grande Guerra e preferia que isso não acontecesse novamente, especialmente aqui no treinamento.

Ele conseguiu passar pelo curso e estava voltando para o acampamento com os outros recrutas quando ouviu um jipe encostar. Ele se virou e olhou para o sargento-chefe da DI, que apontou uma lanterna para seu rosto.

"Soldado Chalmers, é você?"

"Sim, sargento."

"Então entre", ordenou o instrutor de exercícios de forma brusca, "e não diga uma palavra a ninguém". Ele acelerou o jipe, com as rodas girando por um momento no leito lamacento da estrada até ganharem tração. Chalmers sentiu a urgência quando o DI passou pela coluna em marcha.

"John", disse Huddleston ao ver Chalmers passar, "você precisa de um motorista agora, seu riquinho de Lawn Guyland". Ele exibiu um sorriso branco e cheio de dentes e fez uma saudação com o dedo médio. Chalmers sabia que estaria no quartel muito antes de Hud e o resto dos infelizes soldados rasos passarem a noite lá.

Por que fui p e g o ? Ele respondeu à sua própria pergunta. *Quem se importa? Talvez eu consiga dormir alguns minutos a mais esta noite.*

*

De volta ao acampamento, o jipe enlameado parou e o DI fez sinal para que Chalmers saísse. "Limpe-se. Arrume suas coisas", disse ele. "Coloque tudo em um saco de lona e volte para o jipe em cinco minutos, soldado."

Chalmers havia aprendido muito nas semanas que passou aqui, principalmente que nunca valia a pena questionar uma ordem de um instrutor de treinamento. Então, cinco minutos depois, ele estava de volta. *Mas para quê?* ele se perguntou, enquanto o DI partia novamente para a escuridão.

** *

Depois de uma viagem curta e difícil, Chalmers ouviu um som pulsante percorrendo a névoa terrestre da noite do bayou do Mississippi. O DI desligou as luzes e continuou. *Que diabos está acontecendo?*

O som monótono e pulsante aumentou de intensidade e evocou pensamentos de muito tempo atrás. Chalmers viu luzes fracas ao longe e sentiu que agora o jipe estava em uma superfície muito mais lisa. *Esse é o som de um motor. O motor de um avião.* "Sargento, estamos em uma pista de pouso?"

O sargento não respondeu.

Chalmers agora podia ver que se *tratava* de um avião, um Douglas C-47 Skytrain.

O jipe parou entre a asa de bombordo e o estabilizador traseiro, diretamente em frente à porta aberta e aos degraus dobráveis estendidos.

"Vamos, sargento, o que está acontecendo...?"

"Não sei quem você é, soldado, e não quero saber. Apenas saia desse burro, entre na barriga desse abutre e não diga nada a ninguém. Entendeu?"

Chalmers assentiu, deslizou para fora do assento e pegou seu equipamento enquanto o jipe fazia uma curva acentuada e acelerava em direção à escuridão. No mesmo instante, a explosão da hélice aumentou e o avião começou a taxiar enquanto Chalmers subia os degraus.

Pensando*: "Por que tanta pressa?"* e sem ter ideia de onde ou por que estava indo, ele passou pela escotilha. Um soldado uniformizado, pouco visível na luz fraca, recolheu os degraus e fechou a porta. Ele se virou para encarar Chalmers, que viu o brilho de uma águia prateada em seu colarinho. Ele era um coronel de pleno direito, e Chalmers fez uma saudação imediata.

"Senhor. Soldado Jonathan S. Chalmers... apresentando-se... para o serviço, senhor?"

"Sente-se e aperte o cinto, soldado. Tente tirar algumas sonecas. Alguém quer ver você logo pela manhã."

24

MASHINGTON, D.C. 1º DE JUNHO DE 1942

Chalmers estava tão cansado que dormiu durante as quatro horas de voo do Skytrain. Seu queixo saltou do peito quando as rodas bateram duas vezes na pista do Bolling Field. Enquanto o avião taxiava, Chalmers notou que um rio corria paralelo à pista.

"Hummm, onde estamos?", perguntou ele, bocejando e apenas meio acordado quando ouviu os motores acelerarem e viu o coronel se aproximar da cabine de comando.

"Desculpe, senhor, quero dizer bom dia. Posso saber onde estamos... senhor?"

"Estamos *aqui,* soldado. Há um carro e um motorista esperando por você."

Ele

Ele voltou para a cabine de comando. Obviamente dispensado, Chalmers pegou sua bolsa, saiu do C-47 e imediatamente se arrastou para o banco de trás do Lincoln Zephyr preto.

** *

Um cabo do exército estava ao volante. *Acomodações de viagem de primeira classe. Por que eu? E onde estou?* Chalmers se perguntava enquanto o Zephyr acelerava em meio à luz pálida do amanhecer. Ele notou que ainda estava ao lado do rio e parecia estar em uma cidade - em algum lugar.

Quando o cabo se afastou do rio e entrou em uma rua mais larga, Chalmers viu veículos militares e uma mistura de civis e membros das forças armadas nas calçadas. Um momento depois, ele passou por edifícios de arquitetura clássica. Ele os reconheceu de imediato. A capital do país, que estava muito ocupada naquela manhã, coordenando a rápida mobilização dos Estados Unidos para a Segunda Guerra Mundial.

"Eu vou me danar. Aquele era o Potomac. E aqui é Washington", ele murmurou em voz alta. Era um longo caminho desde o campo de treinamento. Ele não conhecia ninguém na hierarquia de Washington, então novamente se perguntou por que todos estavam com tanta pressa para trazê-lo para cá. O que o aguardava no final dessa jornada improvável? Qualquer que fosse o resultado, o brilho suave do amanhecer sinalizava para Chalmers que, pelo menos, *esse* dia havia começado.

** *

"É aqui", disse o cabo, freando até parar. "Passe pela porta principal e vá direto para o balcão de atendimento. Dê a eles seu nome. Eles estão esperando por você."

Chalmers saiu do carro e se inclinou em direção à janela aberta do motorista. "Obrigado... acho que sim. A propósito, onde exatamente estou? Qual é o nome deste prédio?"

"Você está *aqui*", respondeu o cabo ao dar partida no carro.

"Aqui", como Chalmers viu na placa, era 2430 E Street NW. Era um imponente edifício de granito, um dos vários que ele estava prestes a descobrir que formavam uma área especial chamada complexo da E Street, localizada a algumas quadras da Casa Branca. Apesar de ser sábado, Chalmers sabia que, naqueles tempos agitados, era apenas mais um dia típico de trabalho, como evidenciado pela agitação em torno desse local.

* * *

"Siga-me e mantenha os olhos bem à frente", disse o ordenança designado para escoltar Chalmers, que foi conduzido por um longo corredor até um escritório externo.

"O senhor pode entrar, soldado", disse o funcionário ao abrir a porta interna.

Ao cruzar a soleira da porta e ficar cara a cara com o que ele imediatamente sentiu ser um ponto de virada em seu futuro, Chalmers viu o General William J. Donovan.

O general apontou para uma cadeira. "Sente-se, soldado. Temos muito a conversar".

"Sim, senhor, general", disse Chalmers, sentindo-se estranhamente constrangido na presença do general.

Donovan levantou-se e sentou-se no canto de sua escrivaninha de carvalho ornamentada. Ele pegou um lápis, estudou-o por um momento e depois olhou nos olhos de Chalmers.

"Chalmers, eu o conheço... lembro-me de você. Universidade de Columbia, turma de oh sete, creio eu. Eu estava no primeiro ano da faculdade de direito e você tinha cerca de 18 anos... o candidato a PhD mais jovem e mais inteligente da história da faculdade, pelo que me lembro."

"Correto, senhor. E Franklin Roosevelt era um de seus colegas de classe, *eu me lembro.*

Lembro-me."

"Chalmers, eu conhecia seu pai e depois soube que, após concluir sua tese em tempo recorde e tornar-se chefe do departamento de matemática, você se voluntariou para servir na Primeira Guerra. Meu Deus, cara, você até me venceu lá e levou mais tiros do que eu."

Chalmers estava preocupado com o fato de que o engano de sua idade no alistamento o tivesse pego e ele estivesse em sérios apuros. Ele simplesmente acenou com a cabeça.

"Sinto muito pelo que aconteceu depois que você voltou... sua tragédia familiar, o acidente de avião e tudo mais."

Chalmers acenou novamente com a cabeça.

"Parece que, nos anos seguintes, você obteve, o que... dois ou três doutorados adicionais *e* se alistou no exército novamente - como soldado raso?"

"Isso também está correto, senhor."

Com as sobrancelhas franzidas de perplexidade, Donovan se levantou e voltou para a cadeira de sua mesa.

"Chalmers, posso entender que, aos cinquenta e um anos de idade, você tenha coragem suficiente para mentir sobre isso porque quer lutar pelo seu país... mas não consigo entender como você consegue parecer ter os vinte e cinco anos que diz ter."

"É uma história longa e complicada, senhor."

"E é assim que eu sei sobre você e por que mandei buscá-lo."

"Em quantos problemas estou me metendo por mentir para o conselho de recrutamento?"

Donovan deu uma risadinha. "Será nosso segredo, Jonathan... um de muitos. O primeiro é que os Estados Unidos têm uma nova e poderosa equipe de espionagem chamada Office of Strategic Services (Escritório de Serviços Estratégicos), ou OSS, que o presidente assinou para entrar em vigor hoje. Estou encarregado dele, e a primeira coisa que farei é criar uma segunda organização dentro do OSS - o Escritório de Avaliações Estratégicas. O OSA será o primeiro think tank nacional deste país, um lugar onde ideias ousadas se transformam em ações de ponta."

Chalmers acenou com a cabeça. "Parece Sun Tzu. Ele escreveu que a estratégia sem tática é o caminho mais lento para a vitória. Tática sem estratégia é o barulho que precede a derrota."

"Jonathan, eu preciso de você. Preciso de todo o poder cerebral superior que puder reunir. Não vou lhe dar mais folga por ser um ex-colega de classe do que Roosevelt me dá. Você trabalhará mais para mim e contribuirá mais para vencer essa maldita guerra do que jamais imaginou. Mesmo que você não esteja nas trincheiras desta vez".

"Eu sempre dou o meu melhor, senhor."

"E vai começar pegando o trem para sua bela casa em Oyster Bay. Respire um pouco do ar de Long Island Sound e pegue tudo o que precisar para se instalar em uma casa que temos para você aqui perto. Quero você de volta em exatamente sete dias."

"Sim, senhor. Posso lidar com isso."

"Mas haverá alguns outros novos ajustes com os quais você terá de lidar."

"Senhor?"

"Enquanto estiver de *férias* em sua mansão, você receberá a visita de um membro de um grupo especial. Ele é chamado de Comitê. Eu pertenço a ele, assim como alguns homens proeminentes que você já conhece ou conhecerá em breve. Você reconhecerá seu visitante imediatamente. Nem tudo o que ele disser fará sentido para você, assim como não faz sentido para nós, mas preste atenção ao que ele lhe disser... especialmente a parte sobre compartimentação rigorosa e algo chamado K-RED. Você e eu falaremos mais sobre isso no futuro".

Chalmers acenou com a cabeça. "Você disse alguns ajustes.

"Sim, daqui a uma semana você será o Major Chalmers e o novo analista-chefe da OSA.

A conversa no Comitê intrigou Chalmers. A promoção o deixou atônito.

"E Jonathan, você está começando mais do que um novo futuro para si mesmo. Você estará protegendo o de sua nação."

25

QUARTEL-GENERAL DA OSS. 7 DE JULHO DE 1942

Os oficiais superiores do Departamento de Guerra estavam reunidos em uma sala de conferências com teto alto. Eles haviam sido convocados pelo General Donovan, sentado à cabeceira de uma grande mesa de conferência, para ouvir uma reunião especial.

Com a aparência do diretor de suas aulas de física de pós-graduação em Columbia e Cornell, o Major *e* Dr. Chalmers estava atrás de um pódio de carvalho ao lado de seu chefe. Wild Bill Donovan acenou com a cabeça para Chalmers. Hora de começar.

"Senhor, tenho um modelo teórico do que terá acontecido no Pacífico daqui a cinco meses, no primeiro aniversário de Pearl Harbor. Com base no que chamarei por enquanto de extrapolação causal, posso mostrar-lhe os vários eventos geopolíticos e militares do Eixo que afetam o planejamento estratégico das forças americanas na Europa também."

"Essa é uma projeção que o major elaborou ao longo de várias semanas de intensa análise", disse Donovan aos outros.

"Sim, senhor. Juntamente com a entrada em cena, a capacidade industrial dos EUA e a participação dos Aliados", continuou Chalmers, "e, é claro, permitindo constantes correções de curso ao longo do caminho, é assim que a guerra se desenrolará em ambos os teatros".

Chalmers puxou uma corda branca. As lonas de pano penduradas como tapeçarias em branco em todas as quatro grandes paredes da sala de reuniões se soltaram de repente. Descobertas, as paredes de quadro-negro revelaram um estranho gráfico artístico envolvendo números, letras e símbolos peculiares. Era visualmente impressionante.

As cabeças se viraram em todas as direções, em sincronia com um coro de murmúrios.

"Esta é uma arquitetura cartesiana híbrida que liga analiticamente a doutrina malthusiana e a teoria de Volterra, e representa graficamente as chances matematicamente calculadas de os Estados Unidos produzirem os meios logísticos para nos sustentarmos enquanto sobrevivemos como presas dos Aliados contra os predadores do Eixo."

"E para nós, Major, que não somos especialistas em matemática ou teóricos filosóficos?", perguntou Donovan. "Você pode colocar isso em um inglês simples?"

"Sim, senhor. O gráfico mostra como nosso planejamento logístico procederá de acordo com o grau em que a produção industrial de material de guerra aumentará a cada trimestre do ano civil."

"Você quer dizer à medida que novas plantas de produção entram em operação", disse Donovan. "E à medida que os trabalhadores ganham experiência, aumentando a produção por meio de
habilidades mais rápidas", disse outro general.

"Exatamente, senhores", respondeu Chalmers. "E essa linha do tempo", continuou ele, apontando para um gráfico enorme, "aborda combates específicos no campo de batalha e a extensão de nossas perdas projetadas em ambos os teatros. Dentro dos parâmetros de risco versus ganho, há uma grande probabilidade de nossa vitória final. De fato, acredito que a eficácia preditiva desse modelo fala por si só".

Donovan e alguns outros acenaram com a cabeça como se concordassem.

A maioria dos outros, no entanto, olhava para Chalmers como se ele estivesse louco. "Major Chalmers", disse o General Edwards, um dos que não acenaram com a cabeça, "deixe-me ver se entendi.
Deixe-me ver se entendi direito. O senhor analisou todo o nosso plano de guerra durante várias semanas e, de repente, montou essa... essa, como é que se chama, uma..."

"Uma matriz Jacobiana, senhor. Quando todos se levantarem da mesa, conectarei os vários gráficos nas quatro paredes com fios que cruzam a sala. Isso dará tridimensionalidade às fórmulas de física quântica."

"Cordas?" Edwards disse enfaticamente. Ele cortou Chalmers de sua linha de visão tão abruptamente como se tivesse usado uma faca e voltou toda a sua atenção para Donavan. "General, com todo o respeito, tenho certeza de que seu Major Chalmers é um homem brilhante, mas tudo o que vejo nessas paredes são rabiscos que parecem ideogramas chineses e hieróglifos egípcios. Só que menos legíveis. O que, como não sei ler nenhum dos dois idiomas, quer dizer alguma coisa. O que diabos devo fazer com esse tipo de informação?"

"General", respondeu Donovan, "*meu* major, Dr. Chalmers, é, sem dúvida, a única pessoa nesta sala, na verdade, no Departamento de Guerra e em todo o governo dos EUA, que tem plena consciência da importância da informação.

governo dos EUA, que entende completamente isso. Mas eu acredito nele. E em seus rabiscos. E em suas incríveis habilidades organizacionais e gerenciais. Ele fará com que todos nós saibamos como explorar seu brilhantismo. Vou me certificar de que você receba os memorandos".

* * *

E, mais tarde, Donovan também convenceu o presidente. Como comandante em chefe, FDR colocou o plano em ação.

No final, todos que observaram os prognósticos de Chalmers nos meses e anos seguintes concordaram que ele estava certo.

Só não tinham certeza de como ele havia chegado lá.

Mas entre as relativamente poucas pessoas nos círculos políticos e militares de Washington que realmente conheciam o Dr. Chalmers, seu nome era mencionado com a mesma admiração e reverência dispensadas ao outro gênio indiscutível dos Estados Unidos, o Dr. Albert Einstein.

* * *

Os dois homens, de fato, se conheciam bem e haviam participado de várias sessões de brainstorming enquanto colaboravam em uma série de problemas matemáticos.

Um dia, em uma conversa casual, Einstein mencionou que sua certidão de nascimento não tinha um nome do meio. Quando Chalmers perguntou se isso significava que Einstein não tinha um nome do meio, o físico de cabelos crespos exibiu seu sorriso irônico característico e disse: "*Ja, mein freund - sim*, meu amigo, é claro que tenho um, mas é algo como um *geheimnis*".

"Agora você me deixou interessado, Herr Doktor. O que há de tão secreto nisso?" "De zecret não se trata de um nome", respondeu Einstein. "É sobre minha vida. O que realmente me interessa, Jonathan, é se Deus teve alguma escolha na criação do mundo e das formas humanas, especialmente a minha, que evoluíram aqui... ou foram enviadas para cá".

Chalmers assentiu, consciente de que Einstein havia entrado em uma discussão mais séria. "Eu definitivamente entendo o enigma inerente a essa questão filosófica."

Einstein explicou então que achava que havia duas maneiras de ver a vida -como se nada nela fosse um milagre, ou viver como se tudo fosse um milagre.

Chalmers disse que, segundo ele, essa resposta significava que seria um milagre se ele soubesse o nome do meio do seu amigo.

Einstein deu uma risadinha. "Jonathan, vou lhe dizer a minha inicial do meio. É *W*... e no milagre que é sua própria vida, você entenderá o que ela significa um dia."

"Por que não me contar agora?"

"Porque você apreciará mais o poder do W quando descobrir pessoalmente o benefício que ele traz para você."

Chalmers sorriu. "Brilhante esquiva semântica, doutor, mas ainda assim uma não resposta."

Os olhos de Einstein brilharam. "Confie nos amigos pessoais que você fará na vida, Johathan, especialmente naqueles que têm um W em seus nomes. Alguns terão talentos especiais, conhecimento ou ocuparão posições de poder que serão fundamentais enquanto você navega por um caminho único que a vida escolheu para você percorrer."

"Então, eu entendo que isso significa..."

"Acredite que a vida, especialmente a sua, meu querido amigo, é um milagre."

26

ALTA ESTASE - SEM TEMPO

De sua posição elevada, Won podia ver e ouvir tudo o que acontecia na Terra. E cada evento, cada conversa no planeta era instantaneamente absorvida pela Tabula de Cristal, um buraco branco cósmico embutido no peito celestial de Won.

Ele queria atender, e de preferência superar, todas as expectativas de seu Diretor para essa missão GoodWill. Até agora, houve tantos contratempos quanto avanços na promoção da Nobreza.

~Toda civilização aqui, ~ ele revisou mentalmente, ~tem *algum tipo de trabalhador maravilhoso folclórico ou mitológico - um feiticeiro, xamã, mago ou bruxo. Esses e outros nomes relacionados às noções duplas de magia e fogo místico são linguisticamente atribuídos a uma única palavra raiz...* minha *palavra*, fyermun.~

Esse foi o primeiro conceito e a primeira palavra que Won comunicou ao *Homo erectus* depois de demonstrar a um morador de caverna como fazer faíscas em pedras de sílex e fazer uma pilha de galhos tenros explodir em chamas. Won o chamou de Sháfyer. Won havia retornado muitas vezes, ocasionalmente para se transformar e se reproduzir com os humanos que estavam avançando, cuja jornada progressiva ele nunca havia dirigido... mas dava orientações ocasionais para alterar o curso.

~Coloquei minha semente e meu credo em inúmeros representantes de muitas civilizações, mas a maioria não consegue durar o curso em direção à nobreza,~ ele refletiu, desapontado com o fato de que um grupo civilizado primitivo, os egípcios, também havia falhado. Seu DNA galáctico havia passado por linhagens que produziram pessoas como Ramsés e Tutancâmon. Mas a alta nobreza do Egito ardeu com menos intensidade durante sua breve chama histórica. Ele viu a mesma coisa acontecer com os impérios romano e grego.

~Sou incentivado pela região chamada China. Alguns de meus progenitores gerados lá conseguiram inculcar na raça um senso de ordem e tranquilidade mental. Acho que isso é motivo de esperança.~

Won ficou particularmente impressionado com um grupo de seus descendentes que se reuniram como livres-pensadores e indivíduos de livre-arbítrio em um lugar chamado América. Embora não tivesse planejado nem influenciado isso, Won achava divertido a convergência de coincidências de que cada um de seus cruzamentos durante esse período da história da Terra tivesse produzido uma prole cujo pai do lado humano tivesse escolhido dar um nome com um *W*. Isso o agradou bastante, na verdade.

~Vejo a paixão deles pela liberdade, a determinação de lutar por seus próprios valores nacionais e uma crença inabalável em seu Deus. Eles agora se autodenominam uma nação - América... a terra dos que buscam a liberdade e um lar para almas corajosas. Isso tem um toque nobre e encorajador, mas, infelizmente, nesta última década, eles já entraram em guerra com o resto do mundo duas vezes.~

Ele havia identificado um entre muitos desses autoproclamados americanos que era especial.

Se o humano puro chamado Chalmers fosse ser o nobre paladino para resolver os eventos desestabilizadores que já estavam ocorrendo na Terra, Won percebeu que talvez tivesse que tomar medidas adicionais não autorizadas se quisesse ajudar o Calmeriano a lidar com eventos catastróficos que se dirigiam *à* Terra.

Isso significaria mais do que simplesmente reunir as forças de seus filhotes com o monograma W... isso implicaria que Won descesse da Alta Estase para a Terra novamente.

27

SEDE DA OSS/CIA. 1947

Movendo-se de um prédio para o outro, Chalmers empacotava caixas e, ao mesmo tempo, classificava as memórias. Cinco anos... 1942-1947. Tão rápido. Tanta história, pensou ele.

As forças japonesas haviam se aproximado mais do continente americano do que apenas das ilhas havaianas. Eles invadiram as Aleutas e ocuparam parte do Alasca, lançaram bombas durante ataques aéreos no estado do Oregon e seus submarinos atacaram ao longo da costa da Califórnia. Chalmers convenceu a Casa Branca a fazer com que a imprensa divulgasse notícias de ataques no território continental dos Estados Unidos, argumentando que isso teria desmoralizado ou até mesmo incitado o pânico entre os cidadãos.

Os Estados Unidos contra-atacaram o Japão com o ataque de Doolittle a Tóquio e a Batalha de Midway, entre outros; e contra a Alemanha foi a chegada de Eisenhower a Londres, seguida pelos primeiros ataques aéreos americanos a Berlim e a invasão do norte da África pelos EUA. Tudo isso no primeiro ano.

Chalmers avaliou os alvos e calculou as probabilidades, especialmente para as missões da OSS. Donovan deu o sinal verde para sabotagem, resgates, propaganda e até assassinatos. As forças americanas invadiram as Ilhas Salomão, recuperaram Palermo dos alemães e destruíram a frota japonesa na Lagoa Truk.

Em seguida, veio o ponto de virada da guerra na Europa - o Dia D e a vitória duramente conquistada há dois anos. E apenas três meses depois, um evento aterrorizante que resultou dos comentários de Chalmers a Truman sobre como salvar vidas americanas encerrando a guerra abruptamente. Os cálculos de Chalmers foram convincentes. Duas bombas atômicas em duas cidades japonesas - um quarto de milhão de

de homens, mulheres e crianças vaporizados instantaneamente ou mortos mais tarde devido a ferimentos esmagadores, queimaduras e efeitos da radiação. O suficiente para forçar a rendição do Japão.

Mais do que o suficiente para causar a dois homens uma vida inteira de angústia no pós-guerra. Um deles foi Albert Einstein, o físico que serviu de arquiteto para o projeto de armas nucleares; o outro foi seu amigo Jonathan Chalmers, o matemático que apresentou a noção estatisticamente justificada do uso de tais armas.

* * *

Finalmente, tudo havia terminado.

Chalmers testemunhou o fim de outra guerra e foi promovido a coronel durante o processo. E havia trabalhado em uma organização civil de inteligência em "tempos de paz", o Central Intelligence Group, durante seus dois primeiros diretores. Agora ele servia a um terceiro, o contra-almirante Roscoe H. Hillenkoetter, da Marinha dos EUA, que acabara de assumir o comando da recém-nomeada Central Intelligence Agency, uma organização que ainda não havia definido qual seria seu papel organizacional na era pós-Segunda Guerra Mundial e na "nova ordem mundial" que estava surgindo rapidamente.

Um momento agridoce, pensou Chalmers, desempacotando os arquivos oficiais e as lembranças pessoais que ele havia transferido da E Street para sua nova casa perto do espelho d'água. Para ele, esse dia realmente sinalizava o fim da OSS e marcava o início da Agência Central de Inteligência, cujas iniciais CIA, Chalmers e o resto do mundo logo igualariam à organização mais poderosa, misteriosa e talvez temida do mundo.

* * *

Como Chalmers também sabia, a CIA, que estava isenta das restrições normais e dos procedimentos de prestação de contas em relação ao uso de fundos federais, já estava conduzindo negócios clandestinos - formando o que alguns pensavam ser alianças profanas e se envolvendo em propaganda secreta destinada a influenciar eventos políticos em nações selecionadas do pós-guerra.

Chalmers recomendou que a CIA cooptasse o chefe da inteligência do exército de Hitler, o general Reinhard Gehlen, e o usasse, juntamente com seus ex-agentes nazistas, para formar a espinha dorsal da penetração de longo prazo da Agência no novo inimigo emergente dos Estados Unidos: os russos. Chalmers

também esteve envolvido no planejamento estratégico do Projeto Paperclip da CIA, que alterou os registros de identidade de técnicos nazistas e depois importou ilegalmente cientistas de foguetes alemães, inclusive o Dr. Wernher von Braun, com segurança para o país por meio da imigração americana. Mais tarde, quando von Braun deu início ao programa espacial dos EUA, Chalmers ficou encantado com o desenrolar da exploração do cosmos e orgulhoso por ter contribuído para que isso acontecesse.

* * *

Amanhã, ele receberia sua dispensa honrosa do exército e se tornaria um civil, embora tivesse certeza de que sua vida na CIA sempre o levaria aos problemas mais desafiadores do país, onde provavelmente teria toda a pressão da guerra, mas sem o apoio de um batalhão de tropas uniformizadas. A informação, ele imaginou, seria sua arma de agora em diante.

Ninguém sabia melhor do que ele que essa poderia ser uma arma poderosa.

Mas hoje era dia de desfazer as malas, e ele contava com os serviços de uma coluna forte e, como ele apreciava, de uma mente igualmente forte para ajudá-lo a fazer isso.

Ele havia solicitado especificamente que o tenente Joseph Anderson fosse destacado para ajudá-lo a desempacotar. Joe Anderson, um garoto do interior do Kansas, era alto e forte e ostentava cabelos ruivos rebeldes em cima de uma cabeça cheia de cérebro para combinar com sua força bruta. Como Chalmers conhecia a excelente reputação de Anderson e havia lido seu arquivo, ele também providenciou para que o tenente fosse seu assistente especial nessa nova tarefa. Ele se sentiu atraído pelo senso de dever de Anderson, sua lealdade, sua formação em matemática e suas percepções sobre os problemas complicados com os quais Chalmers tinha que lidar. Além disso, Chalmers sentiu pena das circunstâncias de Joe.

** *

"Tenente", disse Chalmers quando conheceu Anderson, "você tem que questionar seu timing, não acha? Você acabou de se formar em West Point. Agora está começando uma carreira militar, mas acabou de perder a segunda e mais importante guerra mundial já realizada."

"Não posso mudar o destino, senhor, então acho que há muito o que fazer, com todos esses comandantes de campo de batalha à minha frente na promoção

promoção."

Chalmers sabia que o combate, embora fosse terrível para os soldados, era o teste definitivo para todo o treinamento que haviam recebido. Embora nunca quisesse ter uma experiência como a de Verdun novamente, Chalmers ficou surpreso ao perceber que sentia arrependimento, ou talvez culpa, por ter perdido a ação de tiro dessa vez. Talvez Anderson tenha sentido o mesmo.

** *

Anderson abriu uma caixa e retirou uma foto emoldurada. "Quem são esses caras?"

"Eu e um nova-iorquino chamado Huddleston. Fizemos o curso básico juntos."

"Vocês eram tão jovens... e, pensando bem, ainda têm essa aparência, senhor", disse Anderson, estudando o rosto de seu chefe.

Chalmers queria mudar de assunto. "A guerra consome muitos anos, acumula perdas e tristezas", disse Chalmers, tirando a foto do tenente. "Hud foi morto no Dia D. Fui retirado de nossa unidade, ou teria estado lá com ele."

"Desculpe, senhor... imagino que esteja muito orgulhoso disso." Anderson desembrulhou outra foto. Ela mostrava Chalmers e Donovan em pé entre as bandeiras dos EUA e da OSS no escritório de Wild Bill.

"Você conhecia bem o General Donovan, senhor?

"Sim. Às vezes, gostaria que ele tivesse me deixado entrar na briga de verdade."

"Mas todos aqui dizem que você nos permitiu vencer a guerra mais rápido do que um batalhão novo na linha de frente. E dizem que seu trabalho salvou vidas, muitas delas."

"Imagino que tenha parecido uma eternidade para aqueles que estavam lutando."

Joe franziu a testa. "Como você fez o que as pessoas dizem que você fez... quantificar as variáveis aleatórias de recursos potenciais e pesá-las contra variáveis igualmente desconhecidas?"

"Da melhor maneira possível, todos os dias, um dia de cada vez."

"Mas e as perdas táticas imprevistas e os atrasos estratégicos decorrentes da guerra em dois teatros diferentes e em muitas frentes? Vocês usaram algum tipo de matriz de grade?"

"Grades, mapas, cartões de memória, pedaços de barbante... qualquer coisa que funcionasse. Donovan e os chefes", continuou Chalmers, "me encarregaram de elaborar um plano para lutar em uma guerra que usasse abordagens estratégicas e avanços sistemáticos, mas também queriam um plano flexível que incluísse táticas improvisadas e a assunção de riscos. Além disso, eles esperavam planos de contingência para gerenciar o caos. Para isso, baseei-me no trabalho de Poincaré e de outros teóricos ergódicos que estudei. Nada sai como planejado em uma zona de guerra. Portanto, tive que permitir mudanças constantes e imprevisíveis em meus cálculos."

"O princípio da incerteza de Heisenberg?"

"Você está certo. Empreguei uma matriz de equações diferenciais e outras matemáticas recursivas com funções de interpolação. Mas eu dependia das botas no chão para realizar as coisas. Eu era apenas o planejador. Eles ganharam a guerra".

"O que mais o General Donovan queria de você, senhor?"

"Quantificar a porcentagem de vitória provável no menor período de tempo possível em combate. Ele estava disposto a apostar tudo em uma jogada de dados... ele só queria que eu determinasse as chances de lançar um sete."

Chalmers olhou pela janela por um momento. Ele se perguntou o que estaria à espreita lá fora, à distância - ou talvez estivesse procurando uma imagem para substituir a visão em sua cabeça do terrível custo da guerra. Um soldado morto após o outro, americanos e estrangeiros, seus números se acumulavam em montanhas de cadáveres - das trincheiras de Verdun, há muito tempo, às praias da Normandia, das bombas de concussão de ferro na Alemanha às bombas atômicas no Japão.

"Joe, receio que grande parte de minhas projeções analíticas tenha influenciado fortemente a fatídica decisão de Truman sobre como encerrar a guerra rapidamente. As imagens filmadas das consequências ainda me perturbam toda vez que penso nelas."

"Sei que parte de sua história é dolorosa. Obrigado por compartilhar suas lembranças, senhor."

"Apenas cinco anos, Joe. Apenas fazendo o que tinha de ser feito."

"Um de meus instrutores na Academia disse que, considerando todas as coisas, ele achava que foi relativamente rápido para uma guerra mundial.

"Sim, uma guerra eficiente", disse Chalmers com acidez, "mas cara. A contagem final em todo o mundo provavelmente será de mais de cinquenta milhões de mortos. E os realinhamentos políticos internacionais já estão atiçando as brasas mortais desse conflito. Não acho que veremos a paz duradoura que todos desejam. Com diferenças religiosas, culturais e étnicas como ódios combustíveis para alimentar o novo incêndio, acho que teremos problemas pela frente."

Chalmers olhou novamente pela janela. E para cima, em direção ao céu nublado. "A questão é saber qual será o formato desses problemas."

28

ESTADO DE MASHINGTON. MEADOS DE VERÃO. 1947

Ken Atler olhou para o relógio, um hábito de procedimento ao navegar, mas ele não estava em um passeio de carro hoje, não aqui ao lado das encostas mais baixas do traiçoeiro Monte Rainier - uma ampla área de operações, ou AO, como alguém do exército a chamaria. Ele verificou sua bússola, mudou o rumo em alguns graus, mas manteve a vigilância no terreno a 1.500 pés abaixo.

Três anos atrás, o Major Kenneth Atler inclinou seu P-51 Mustang americano e disparou suas armas de asa calibre .50 contra um Messerschmitt alemão. Atler notou que havia *destroços no solo* em seu sobrevoo naquela tarde pelo interior do Vale do Reno.

Hoje, no entanto, como voluntário civil de Busca e Resgate, Atler pilotou seu Beech Bonanza 35, procurando outros destroços no solo, um avião militar dos EUA da Base da Força Aérea de Fairchild, nas proximidades de Spokane.

* * *

"Era um voo de treinamento de rotina", informou um oficial da base a Atler, pouco antes de realizar o pré-voo de seu Beech. "O piloto perdeu sua última verificação de comunicação programada. Nunca enviou um pedido de socorro. Triangulamos suas transmissões anteriores e calculamos que ele deve ter caído em algum lugar no lado sudeste de Rainier na noite passada. Agradecemos por ter se voluntariado para pilotar o SAR para nós, senhor."

* * *

Um forte brilho de luz de repente chamou a atenção de Atler, um olho de piloto treinado para reconhecer e lembrar detalhes exatos.

"Torre Fairchild, este é o uísque Bonanza Three Five Niner. Como está a recepção?
Câmbio."

"Bonanza niner Whiskey, Fairchild tem você, Lima Charlie. Vá para seu squawk."

A transmissão de Atler não tinha nada a ver com o que ele havia visto no solo. Ele relatou o que acabara de observar no céu, acima dos picos glaciais de Rainier: *nove pontos de luz branca e quente viajando a velocidades e manobrando em ângulos impossíveis para aeronaves normais.*

"É... bem, pela graça de Deus, eu nunca vi nada parecido com isso."

"Bonanza niner Whiskey a p o s t o s . Fairchild também está rastreando anormais no radar em seu AO."

"Entendido, Fairchild. Fico feliz em saber que não estou ficando louco aqui em cima."

"Niner Whiskey, você está instruído a virar para sudoeste imediatamente e está liberado para aproximação direta de Fairchild. Taxi para a Base Ops e aterrissagem."

"Niner Whiskey. Entendido o último squawk, Fairchild. O que está acontecendo?" "Prossiga para a Base. Torre Fairchild, câmbio e desligo."

* * *

Uma hora depois, Atler se apresentou ao Centro de Operações de Voo, onde o oficial de serviço da Segurança da Base o agradeceu por ter ajudado na busca e por ter cooperado com esse novo acontecimento. Atler perguntou sobre o avistamento do radar, mas novamente não obteve respostas.

"Enviei um relatório preliminar sobre seus avistamentos aos canais militares apropriados em Washington, D.C.", disse o oficial de serviço. "Mas ainda preciso de uma declaração oficial por escrito. O senhor pode ditar, se quiser, e eu a digitarei para sua assinatura."

"Claro, de jeito nenhum vou me esquecer do que vi." Ele puxou um maço de Camels. "Posso fumar aqui?", ele perguntou e acendeu um quando o oficial de serviço assentiu com a cabeça.

"Havia nove objetos em forma de disco se movendo... *voando,* em uma formação em cadeia em um rumo de aproximadamente cento e quarenta graus. Altitude de cerca de doze a quatorze mil pés. Essas naves, ou objetos voadores não identificáveis, acho que podemos chamá-los assim, eram brilhantes como o sol. E se moviam em uma velocidade tremenda. Mas o que realmente chamava a atenção eram as

manobras", disse ele, balançando as mãos para simular o movimento e, no processo, deixando rastros do cigarro preso entre os dedos.

"Todos eles fizeram curvas erráticas e abruptas que eram impossíveis de fazer com qualquer tipo de aeronave convencional. A formação inteira girou em um instante, se dispersou e depois se reagrupou várias vezes. Foi tudo ... simplesmente incrível".

* * *

O oficial de serviço fez anotações e rabiscou *discos voadores, u-f-o* como um lembrete abreviado. E, mais tarde, quando a Associated Press contou o restante da história, Atler recebeu o crédito pelo primeiro avistamento amplamente divulgado de um fenômeno que, a partir de então, teve sua própria abreviação universalmente reconhecida - UFO.

Pouco tempo depois, outras pessoas viram os pontos brancos, embora não tivessem ideia de como chamá-los. Os observadores também não tinham a menor ideia do que eram.

CIDADE DE SALT LAKE. 1OOO HORAS

"Droga, você viu isso?", gritou o carpinteiro para seu parceiro de colocação de telhas. "Ver o quê? Do que está falando?"

"Aquela linha branca, como um raio, que acabou de atravessar o céu." "Não, mas vejo que você tem a caixa de pregos ao lado de sua perna. Passe-os aqui."

PHOENIX. 1OO8 HORAS

"Nunca vi nada parecido com isso antes. O que você acha que era?", perguntou o frentista uniformizado do posto de gasolina enquanto abastecia o Buick conversível de 47, novinho em folha, do casal abastado.

"Não sei", disse o motorista, "mas certamente era estranho, como pires sem xícaras".

"Como um colar de pérolas", disse sua esposa, acariciando o colar em seu pescoço, "mas uma delas se rompeu".

"Alguma coisa fez uma curva fechada, com certeza. Foi em direção ao leste", disse o atendente.

"Talvez fosse um avião e a asa ou algo assim tenha se soltado", acrescentou a esposa.

"Era muito rápido, muito alto para ser um avião. Mas há algo de estranho nisso", disse o marido. "Vou ligar para as autoridades quando chegar ao escritório." "Sim, senhor", disse o atendente, estendendo a mão, "isso seria bom. Será

Também são três e vinte e cinco pelo abastecimento".

ROSMELL, NEM MÉXICO. 1O1O HORAS

Todo esse caminho em segurança. E agora um desastre. Sua mente corria ainda mais rápido do que ele despencava, mas ele estava no controle mental, embora sua nave estivesse girando em um caos físico devido a uma falha inexplicável no casco.

Ele era mais do que um piloto e navegador extraordinário. Líder da flotilha fiveriana, ele possuía um conhecimento inigualável de matemática e ciências, certamente para os padrões deste planeta insignificante. Mesmo assim, a estranha mão n o leme dessa nave aleijada não conseguiu impedir o que estava prestes a acontecer.

Ele enviou um último comunicado aos outros membros da formação: ξοξ ρω*f*3 (3 ηγcm.

Também marido e pai, ele lançou seus olhos verde-amarelos facetados para sua companheira e dois filhos adultos que estavam a bordo com ele. Ele disse suas últimas palavras a eles.

Respirando profundamente a atmosfera amarela da cabine, ele se recostou em seu salão contornado e pronunciou um silencioso 0φ ξφtϜ enquanto a terra árida corria para freá-lo.

Um instante depois, a entidade fiveriana conhecida como Kul'da-Zak se chocou contra a superfície sem saída de um mundo alienígena.

29

MASHINGTON, D.C. VÁRIOS DIAS DEPOIS, MANHÃ

"Resumo das informações de hoje, Dr. Chalmers", disse o Tenente Anderson, com as pastas na mão.

Chalmers pegou a pasta vermelha. "Presumo que você já tenha lido tudo, como de costume.

"Sim, senhor. Até os jornais. Há um monte de histórias sobre as luzes estranhas no oeste. OVNIs, como estão sendo chamados. Discos, pires, também. O senhor acha que há alguma coisa com eles?" Anderson colocou o *Washington Post* na mesa de Chalmers junto com os outros arquivos.

"Diga-me, Joe, você já leu Thomas Hardy?"

"Alguma ligação com Laurel e Hardy?"

Chalmers olhou para ele. "Hardy era um romancista e poeta inglês."

Anderson pareceu perplexo. "E ele escreveu sonetos sobre discos estranhos?"

"Não, mas, entre outras coisas, ele disse que, embora muita coisa seja estranha demais para se acreditar, nada é estranho demais para ter acontecido. Confie em mim", disse ele enquanto olhava para a janela, "sei em meu coração a verdade das palavras de Hardy". Chalmers pegou o jornal e leu o artigo em poucos segundos. "Seria interessante, não seria, se houvesse algo real nesses relatórios... algo que realmente nos abalasse?"

"Ou talvez à parte. Gosto que as coisas comuns permaneçam comuns."

"As pessoas não podem aprender se as coisas não mudarem. Mistérios. Desafios. Até mesmo ameaças. Todos eles são oportunidades para aprender, o que é uma das maiores alegrias da vida, se não seu principal objetivo." Chalmers abriu duas pastas e começou a lê-las ao mesmo tempo.

O tenente Anderson esperou um momento para ver se o grande homem, cujos olhos agora estavam estranhamente vidrados, teria mais alguma palavra de sabedoria. Mas quando o Dr. Chalmers não olhou para cima, seu jovem assistente se retirou.

Terminando todas as pastas menos de um minuto depois, Chalmers voltou sua atenção para a janela, onde a luz do sol brilhava contra as vidraças empoeiradas, suas impurezas refratadas disparando pequenos meteoros de raios de luz sobre a mesa de Chalmers.

** *

Ele se lembrou do que seu pai havia lhe dito naquela noite na praia, quando eles observaram a chuva anual de meteoros Perseidas.

"É uma tempestade ardente vinda do espaço profundo. Há cientistas chamados astrofísicos", explicou seu pai, "que acreditam que todos os seres vivos deste planeta vieram da vida celular transportada em meteoros como os que estamos observando".

Meteoros. Fogo celestial. *Vida alienígena do espaço sideral.* Chalmers nunca se esquecera daquela noite. Ele olhou novamente para as pastas secretas e tentou imaginar o que poderia aprender com os alienígenas interestelares.

E então, como um meteoro relampejante que desapareceu com a mesma rapidez, outra lembrança atravessou sua mente - algo que o Diretor lhe havia dito sobre o futuro... ou talvez algo que ele tivesse visto em um sonho de pesadelo. Ele não tinha certeza do que tudo isso significava.

Mas ele acreditava que havia algo no horizonte para o qual ele tinha que se preparar.

E uma premonição desconhecida que o fez sentir medo.

CO

ROSMELL, NEM MÉXICO. 18 DE JUNHO

Mack Brazel conduzia sua picape Ford cansada pela desolação árida que compunha seu rancho localizado a cerca de setenta e cinco milhas a noroeste de Roswell. Uma Winchester .30-30 para abater coiotes e uma Remington calibre 12 para lidar com coelhos infestados de carrapatos estavam penduradas no rack do lado de fora da janela traseira.

"Pancho, hoje há menos animais por aqui do que o normal, rapaz", disse Brazel. Ele coçou o cão de orelhas caídas ofegante no assento ao seu lado.

De repente, o nariz afiado de Pancho tremeu, seus pelos se eriçaram e ele soltou um rosnado profundo e estrondoso. O grande cão então abaixou a cabeça e choramingou de forma incomum.

"Calma, garoto. Está vendo alguma coisa lá fora? Merda de fogo", sussurrou Brazel, percebendo o que o cão estava sentindo. Ele freou, saiu da caminhonete, mas Pancho, sempre ao seu lado, não queria sair do banco da frente. Ele rosnava e se encolhia ao mesmo tempo.

De repente, os pelos de Brazel se eriçaram. *Havia algo no ar.*

Ele caminhou em direção ao que havia avistado do caminhão.

Havia detritos estranhos espalhados pela paisagem acidentada. *Coisas estranhas e brilhantes, como metal, mas leves e estranhamente macias. E aquele cheiro.*

Ele havia lido aquelas histórias malucas de "discos voadores" de OVNIs e estava começando a se perguntar se havia uma conexão. Ele viu algo sob um pedaço de material retorcido.

"Puxa vida!" Ele ficou momentaneamente paralisado de medo. Então, seu senso de sobrevivência entrou em ação. Ele girou e correu para a caminhonete, completamente inconsciente de que havia saltado sobre uma cascavel zumbindo no processo. Brazel deu a partida no

Ford, fez girar uma nuvem de sujeira e acelerou para casa, onde ligou imediatamente para seu amigo George Wilcox, o xerife local de Roswell.

"George, nunca vi nada assim em minha vida", disse ele, com o telefone em uma das mãos e um copo de uísque, com gelo chacoalhando nervosamente, na outra.

* * *

Uma hora depois, o xerife Wilcox acompanhou Brazel de volta ao local.

"Meu Deus do céu, Mack, eu também nunca vi nada parecido com isso. É ainda mais inacreditável do que o que você descreveu ao telefone. Alguns estão praticamente destruídos. É difícil dizer quantos, talvez quatro ao todo, eu diria. Mas uma parece intacta".

Brazel estava com os olhos arregalados. "Espero que esteja morto. Parece morto, não é?"

"Com certeza. Mas eu não me aproximaria mais. Vamos voltar logo. Tenho de fazer algumas ligações telefônicas."

Mais tarde, o xerife entrou em contato com o coronel William Blanchard, comandante da base aérea do Exército dos EUA em Roswell, que imediatamente enviou dois oficiais superiores para investigar.

* * *

O Major Jesse Marcel, oficial chefe de inteligência, e Sheridan Cavitt, chefe do Corpo de Contrainteligência do Exército de Roswell, chegaram ao local em poucas horas. Os profissionais treinados percorreram os destroços espalhados, inspecionando manualmente peças aleatórias.

"Major. Aqui", disse Cavitt. "O senhor tem que ver..."

"Filho da mãe!", disse o Major Marcel, que acabara de se juntar a Cavitt.

Eles ficaram em choque silencioso, olhando para os restos mutilados e fétidos parcialmente visíveis sob uma parte da nave, veículo ou o que quer que fosse que estavam observando.

"Eu não sei o que pensar", disse Cavitt. "Mas com certeza é assustador."

"Bem, eu diria que este está prestes a se tornar o momento decisivo de nossas carreiras", disse o major, que havia recuperado o juízo. "Temos que levar alguns desses destroços de volta para a base."

"E as outras coisas... os restos mortais? Levamos alguma parte do corpo conosco?"

"Negativo. Eu não tocaria no tecido. Pode ser venenoso, contaminado, sabe-se lá o quê. Você tem a câmera, Cavitt. Tire algumas fotos. Isso vai ser uma história e tanto nos jornais amanhã."

"Você está certo sobre o momento decisivo", disse Cavitt, "mas não sei que tipo de história será essa."

"O que você quer dizer com isso?"

"Quero dizer que alguém que não seja um jornalista pode escrever o texto. E aposto que os leitores estarão em uma lista muito pequena."

"Você é paranoico demais para o seu próprio bem,

Cavitt." "Talvez. Mas aposto que estou certo."

* * *

Eles entregaram as amostras de detritos em um hangar raramente usado na base. Marcel e Cavitt então informaram o Coronel Blanchard.

"Me dê um relatório por escrito o mais rápido possível", disse o Coronel Blanchard. "Eu o enviarei para Washington. Reúna a segurança e as operações de voo. Precisaremos de uma equipe de solo para recolher o restante dos destroços e tudo o mais. Estou falando de uma limpeza completa. E me avise quando essas fotos forem reveladas. Uma cópia. Apenas uma cópia. Primeiro em minha mesa e em nenhum outro lugar. Precisamos coordenar cuidadosamente o que vai acontecer em seguida."

CAMPO AÉREO DO EXÉRCITO DE ROSMELL. 2 DE JUNHO DE 2010

O C-82 Flying Boxcar partiu ao amanhecer, transportando alguns dos destroços estruturais da aeronave para Wright Field, perto de Dayton, Ohio - sede dos laboratórios de pesquisa aeronáutica da USAAF.

"Os engenheiros de Wright", disse o Coronel Blanchard a Marcel e Cavitt, "terão que descobrir o que fez aquela coisa voar... se conseguirem. Vamos nos agarrar ao que quer que seja que fez aquela coisa voar. Tenho certeza de que os chefões do leste estarão nos dizendo o que fazer com elas".

"Os cadáveres estão começando a se decompor ainda mais rápido, senhor", disse o Coronel Marcel, "por isso os cobrimos com lonas e colocamos alguns grandes blocos de gelo. Como precaução, coloquei a área em quarentena. E estou controlando rigorosamente o fluxo de informações."

"Elaborei um relatório para a imprensa, por precaução, senhor, embora eu duvide que devamos fazer uma declaração pública neste momento", acrescentou Cavitt. "Concordo com o Coronel Marcel sobre a necessidade de conter essa história na medida do possível."

"Isto é o exército", disse o Coronel Blanchard. "As ordens e as merdas são todas feitas de baixo para cima. As patentes por aqui mais altas que a minha e a sua já decidiram fazer um comentário, especialmente depois que o fazendeiro e o xerife vieram a público. Esses dois vão levantar mais poeira do que um redemoinho. É nosso trabalho abafar o problema."

"Como?" Cavitt perguntou.

"Fazer com que seja a mais chata burocracia da história do exército. Se isso não funcionar, vamos simplesmente fechar a boca... junto com a de todo mundo."

* * *

No final da manhã, um artigo de primeira página no *Roswell Daily Record* publicou um relatório oficial de imprensa registrado pelo escritório de inteligência do 509º Grupo de Bombardeio no Campo Aéreo do Exército de Roswell. Tratava-se da queda de uma nave estranha. *Um suposto disco voador.*

Cavitt fez o possível para criar uma linguagem destinada a minimizar os eventos descritos na declaração à imprensa. Infelizmente, suas referências vagas a "levar embora os destroços e restos de destroços" só foram acentuadas e validadas por histórias relacionadas extraídas de entrevistas de Mack Brazel e do xerife Wilcox. Os civis acrescentaram detalhes coloridos e dramáticos à história com suas referências sensacionais a "formas alienígenas, corpos estranhos e monstros do céu".

"Tudo o que eu vi lá fora fez minha pele arrepiar", Brazel teria dito. "Parecia que o inferno tinha expelido seus demônios mais feios", disse outro jornalista ao xerife. Os rumores se espalharam pela cidade como ervas daninhas em uma lavagem de adereços.

* * *

Naquela tarde, a base foi atingida por uma enxurrada de mensagens criptografadas de Washington. Alguns membros do Departamento de Guerra também começaram a acelerar o giro em alta velocidade e fizeram sua própria curva acentuada no processo.

O Coronel Blanchard foi destituído de seu comando.

Soldados em trajes de batalha e usando óculos escuros montaram bloqueios nas estradas e verificaram os documentos dos cidadãos locais, enquanto alguns entraram em tabernas e outros locais de reunião pública para dispersar qualquer pessoa que se reunisse ali. A justificativa dos militares para essa atividade incomum alternava entre a procura de militares que haviam fugido e o aviso aos moradores para que voltassem para casa e ficassem lá até que a fumaça tóxica de um vazamento de combustível de aviação na base se dissipasse com o vento.

Marcel e Cavitt receberam ordens para conversar em particular com Brazel e o xerife Wilcox. Os tópicos de discussão incluíam a possível anexação do rancho de Brazel pelo governo dos Estados Unidos e os processos fiscais que possivelmente seriam movidos contra o xerife pelo Bureau of Internal Revenue. Outros oficiais militares e civis anotaram informações pessoais e tiraram fotos dos familiares mais próximos de Brazel e Wilcox na região. Depois disso, Mack e o xerife ficaram subitamente indisponíveis para outros comentários.

ROSMELL. 21 DE JUNHO

O *Roswell Daily Record* publicou um comunicado de imprensa "atualizado" da USAAF. Ele foi emitido pelo general de brigada Roger M. Ramey, comandante da Oitava Força Aérea.

"Um exame feito pelo exército", disse o general, "revelou ontem à noite que os objetos misteriosos encontrados em uma fazenda do Novo México vieram de um inofensivo balão meteorológico de alta altitude e não de um disco voador aterrissado, como erroneamente relatado anteriormente".

Ninguém em Roswell acreditou nisso nem por um minuto.

Eles eram, como Chalmers tinha com precisão previsto, simplesmente Os OVNIs eram muito intimidados pelas táticas de mão pesada dos militares para dizer qualquer coisa em público. E, como ele também calculou, a questão dos OVNIs logo ficaria quente demais para os próprios militares lidarem com ela. Novos protocolos de contenção estariam por vir na forma de novas mudanças administrativas que já estavam sendo preparadas para ocorrer no governo dos EUA.

governo dos EUA.

C1

MASHINGTON, D.C. 26 DE JUNHO

Abruptamente, o caso Roswell foi encerrado, pelo menos publicamente, no que dizia respeito ao governo. Mesmo assim, a novíssima Força Aérea dos Estados Unidos - que seria sancionada como lei no próximo mês como parte da Lei de Segurança Nacional de 1947 - continuaria a desempenhar o que alguns chamaram de papel de "co-conspiradora" em um encobrimento mais amplo do incidente de Roswell pelo governo.

Durante esse período de reestruturação do governo, um novo caso de Roswell foi aberto. As formas de vida mortas e a nave exótica que as trouxe à Terra foram entregues a outra agência governamental. O incidente de Roswell, segundo alguns dirigentes de Washington, era um caso administrativo mais adequado para a CIA

-como uma luva clandestina em uma mão enganosa.

* * *

"Dr. Chalmers", disse o tenente Anderson, "o capitão precisa vê-lo imediatamente".

"Estou a caminho", disse Chalmers, fechando o arquivo de Roswell em que estivera trabalhando nos últimos dias. A cada novo desenvolvimento, o arquivo ficava mais denso, com mais cópias de mensagens criptografadas e novos memorandos sobre preocupações de segurança nacional decorrentes do evento dramático. Chalmers havia escrito muitas dessas mensagens e memorandos.

O diretor da CIA, almirante Hillenkoetter, tratou essa questão como um incêndio. Segundo ele, era preciso apagá-lo rapidamente. Se necessário, acendendo fogos de artifício.

* * *

Chalmers entrou em seu escritório.

"Tenho uma novidade interessante para você", disse o almirante. "Há menos de uma hora, o presidente voou de Andrews. Seu avião mal estava no ar quando o radar da base em Andrews, e também no Aeroporto Nacional, d e t e c t o u oito OVNIs. Dois interceptadores a jato F-94 acabaram de ser deslocados da Base Aérea de New Castle, em Delaware, para investigar. Esses seres voadores, todo o incidente de Roswell... está começando a ficar complicado."

"Como eu lhe disse desde o início, Sr. Diretor."

"Sim, eu sei. Por recomendação sua, coloquei em prática algumas medidas de contenção. A propósito, gostei do que disse anteriormente sobre a aplicação de um controle inteligente e centralizado ao problema. Pressão personalizada também. Isso também foi solicitado".

"Sim, senhor, uma boa decisão de sua parte." O diretor se levantou e foi até uma janela.

"Há um carro lá fora que o levará para Andrews. Um avião militar o levará para Ohio e Novo México." Ele se virou novamente para encarar Chalmers. "Pegue tudo de ambas as bases. Cada pedaço de destroços, cada fragmento de seus restos mortais. Depois, vá para Camp McLeary. Desvendem tudo isso antes que Hoover e seus homens do governo se envolvam ainda mais ou que os idiotas da contrainteligência da Army Air estraguem tudo sem conserto. Hoover, sem dúvida, tentará jogar isso em cima de nós, de qualquer forma. Ele tentará nos fazer parecer ruins. Nós, e estou falando de *você*, temos que controlar o pânico do público".

Hillenkoetter deu um passo em direção a Chalmers. "E depois disso..." "Senhor?"

"Depois disso, não tenho a menor ideia de para onde você está indo... ou para onde essa questão levará qualquer um de nós."

Chalmers acenou com a cabeça. "Entendi. E quanto a como lidar com eventos colaterais...?"

"Da maneira que você quiser. Apenas me mantenha informado, John. Você pode andar por aí como um canhão solto. Disparar a bombordo e a estibordo. Só não coloque um no meu convés, Dr. Chalmers."

C2

AS CIDADES PERDIDAS, VIRGÍNIA. 29 DE JUNHO

Um C-47 cinza, o principal transportador de carga do exército, guinchou como um papagaio. A fumaça saía de seus pneus enquanto o avião se acomodava na pista após sua odisseia tortuosa.

"Aterrisse nas operações de voo ou vá direto para o hangar, senhor?", perguntou o piloto.

"Direto *para* o hangar, capitão. A equipe de terra fechará as portas atrás de nós", disse Chalmers. "O senhor e o copiloto desembarcarão, sairão do hangar, caminharão até as Operações de Voo e se apresentarão à segurança para os protocolos de saída."

"Wilco", disse o piloto, continuando a descer a pista de taxiamento. Momentos depois, as rodas de seu avião estavam calçadas e ele desligou os motores.

"Obrigado pelo voo estável e seguro", disse Chalmers. "Vamos continuar a partir daqui."

Ao se afastar do hangar seguro, o capitão perguntou: "Dr. Chalmers, onde exatamente *fica isso* aqui? Não está nos mapas da CAA nem nas cartas militares".

"*Aqui*... é onde sua missão termina", disse Chalmers.

* * *

Ele sabia mais sobre esse local do que poderia ter sido revelado à tripulação de voo. Há uma década, o Departamento de Guerra comprou duas das cidades da Virgínia da época da Guerra Civil. Milhares de pessoas tiveram que se reassentar após a venda. Igrejas, correios, cemitérios, alojamentos, empresas, fazendas e residências foram simplesmente deixados para trás - uma vida inteira de histórias familiares tomadas por ervas daninhas enquanto milhares de acres eram reivindicados pelo Tio Sam. Os nomes das cidades foram silenciosamente eliminados dos registros oficiais.

Chalmers imaginou que essas cidades vizinhas haviam sido essencialmente recrutadas, como tropas convocadas para servir a uma causa nacional maior, como soldados que sacrificaram suas identidades pessoais por um tempo, se não suas vidas para sempre. Ele acreditava que essas cidades haviam sido sacrificadas para que outras cidades dos EUA pudessem sobreviver em um tipo diferente de batalha - uma terceira guerra mundial cujas perspectivas de Armagedom global eram inevitáveis, de acordo com seus cálculos analíticos.

A área agora tinha uma cerca construída em torno dela e uma pista de pouso. Ela também tinha um novo nome. Camp McLeary: o Centro de Treinamento e Distribuição da Marinha dos EUA. Entre outros usos, o acampamento era a base para os Batalhões de Construção da Marinha, os Seabees.

Com milhares de toneladas de materiais de construção e equipamentos de construção, mas apenas uma equipe mínima no local, o local era perfeito para a Chalmers. *Muito espaço para o que precisamos e privacidade para os passageiros do C-47.*

*

"Tenha *muito* cuidado", disse Chalmers enquanto monitorava os Seabees puxando manualmente as quatro caixas da fuselagem até a porta, onde uma empilhadeira esperava para descarregá-las. As caixas foram construídas especialmente para cargas especiais, e elas também foram convocadas para um tipo diferente de serviço. Construídas com tábuas de madeira de uma polegada de espessura reforçadas com tiras de metal, cada caixa retangular tinha seis metros de comprimento por três metros de largura.

As laterais eram estampadas: D A N G E R HEXPLO-USN-ORD MARCA 14 ET.

"Marinheiro", perguntou Chalmers, "o que significa a escrita?"

"Senhor, esse é um contêiner de transporte da U.S. Naval Submarine Ordnance para um Torpedo Elétrico Mark 14. Um marinheiro maligno com 600 libras de explosivos que rasgam um casco de aço de três polegadas de espessura. Mandamos um monte de navios japoneses e alemães para as profundezas e morreram com esses torpedos. Eles são armazenados no Novo México por causa do calor seco. McLeary é um inferno úmido no verão, senhor. O que vamos fazer com eles aqui?"

"Não se preocupe, marinheiro, as caixas não contêm torpedos ou qualquer outro material bélico."

"Então o que vamos fazer com as caixas?"

"Caixões improvisados. A única coisa grande o suficiente para conter os corpos." "Corpos?", respondeu o jovem marinheiro, que, é claro, não sabia nada sobre

nada disso. Ele estava apenas cumprindo ordens hoje, cuidando da chegada de um voo especial. Ele olhou para Chalmers, que, como civil, sempre foi um enigma para qualquer pessoa em um uniforme de serviço militar. De repente, ele entendeu. "Ah, você só está me sacaneando. Não é, senhor?"

"Sim, só estou brincando com você", disse Chalmers. "Uma pequena brincadeira." "Não há torpedos lá dentro, não há perigo. Podemos usar a empilhadeira, certo?"

"Sim, mas com cuidado. A ausência de explosivos não significa que sabemos que a carga é segura, por isso, se eu fosse você, lidaria com essas caixas de compensado com *muito* cuidado. Coloque-as em um local fresco, em algum lugar nos fundos. Não queremos problemas. Certo?"

O marinheiro entendeu a mensagem. Ele manuseou as caixas como se fossem caixas de ovos.

CC

ESCRITÓRIO DO DIRETOR DA CIA. 1º DE JULHO

Depois de duas semanas de pesquisa 24 horas por dia, Chalmers estava de volta à sede e tinha um controle um pouco melhor sobre destroços e restos mortais de alienígenas. Ele havia trazido um relatório do Campo McLeary e o entregou ao seu chefe.

"Que classificação é essa?" perguntou o Almirante Hillenkoetter. "'Eyes Only'? Ninguém aqui sabe o que isso significa. Meu próprio assessor, o tenente Anderson, que era seu ex-assessor antes de eu transferi-lo, me deu essa coisa e depois me disse que não tinha certeza se eu estava autorizado a lê-la. Para quem diabos Joe está trabalhando? Para mim ou para você?"

De pé, ao lado, Joe Anderson parecia um veado acuado pelos faróis.

Chalmers conhecia esse olhar. Pânico, controlado apenas por um senso de dever. "Desculpe, senhor", disse Chalmers. "Uma vez você me disse que era um vento forte que

que rasgava uma boa vela. Estou sendo castigado por esse vento há duas semanas. A classificação é apenas uma forma de manter as velas ajustadas." Ele sabia exatamente como conduzir o almirante.

Hillenkoetter suspirou. "Minha barriga de marinheiro está cheia de gás e eu vou quebrar o vento como uma tempestade de alta pressão. Diga-me algo que acalme esse mar burocrático."

"Senhor, o cabeçalho de classificação somente para os olhos significa que o senhor é o único que deve ver esse relatório preliminar. O tenente Anderson estava apenas cuidando de seus interesses de segurança. É claro que o senhor pode, posteriormente, enviar essas informações para quem quiser. Afinal de contas, o senhor é o diretor e o principal conselheiro de inteligência do presidente."

"E há pouquíssimos olhos que verão esse relatório. Esta classificação é oficial. Entra em vigor hoje. Cuide disso, tenente", disse Hillenkoetter, acenando com a cabeça em direção à porta.

Saudando, Anderson se virou e fechou a porta atrás de si.

O almirante limpou a garganta. "Vamos aos fatos que cortam as nozes."

"Senhor, você disse que queria o mais alto nível de autorização precedente na investigação, e o senhor estava certo. Se essa notícia vazar, haverá mais pessoas fugindo para se esconder no subsolo em tempos de paz do que se refugiando em abrigos durante os ataques aéreos em Londres. Elas nem mesmo saberão do que estão fugindo. E nós também não, pelo menos até que mais perícias sejam concluídas."

"Quantos já sabem sobre o acidente? Dezenas, talvez centenas de milhares que leram sobre isso nos jornais? Como vamos manter o controle sobre isso?"

"Há uma maneira de lidar com os aspectos psicológicos de uma notícia tão perturbadora."

"É fácil para você dizer isso, John. Se o público enlouquecer, eu é que serei cortado. Como você vai engarrafar isso quando o gênio já saiu?"

"Nem nos daremos ao trabalho de colocar o gênio de volta, apenas o redirecionaremos... ou enganaremos todos que pensam que o estão vendo. Nosso estratagema será o mesmo descoberto pelo detetive fictício de Poe, Auguste Dupin, que determinou que a infame "carta roubada" nunca foi encontrada porque estava escondida à vista de todos. Da mesma forma, as histórias verdadeiras sobre os alienígenas que aparecem nos meios de comunicação impressos e na mídia serão a hipodérmica para administrar nosso soro enganoso. É apenas contraintuição... uma binaural induzida visualmente, se preferir. Além disso, tenho algumas ideias específicas sobre como expandir a falsa noção de que tudo isso gira em torno de balões meteorológicos. Há, de fato, um aspecto da vigilância dos soviéticos pela plataforma de balão de alta altitude do Projeto Mogul que pode ser refinado em uma mudança de paradigma mais saliente na psicodinâmica da percepção pública."

O almirante respirou fundo. "Bill Donovan me disse que haveria momentos em que eu não saberia exatamente o que você estava dizendo."

"Sim, senhor, Sr. Diretor. Se estiver pronto, podemos analisar alguns pontos-chave agora", disse Chalmers, apontando para a pasta listrada de vermelho na mesa do almirante.

"É muita coisa para ler esta manhã", disse Hillenkoetter, empurrando o relatório ultrassecreto para o lado. "Diga-me apenas o que eu quero saber. Por exemplo, como são esses... alienígenas...? Como f u n c i o n a sua nave, navio ou o que quer que seja? O que eles estão fazendo aqui, quantos mais existem e onde diabos eles estão escondidos? Quero dizer, o piloto que viu os OVNIs pela primeira vez relatou que havia nove, e nós temos um. Até eu consigo fazer as contas. Assim como as telas de radar em Andrews que detectaram oito OVNIs no mês passado".

Com a vela cheia de angústia, o almirante abriu o relatório e folheou algumas páginas. "E onde estão minhas malditas fotos? Eu deveria ter tirado fotos."

Tudo o que Chalmers pôde fazer foi concordar com a cabeça. Ele ainda não sabia o suficiente. Mas estava confiante de que conseguiria juntar mais informações com o passar do tempo.

"Não há fotos nítidas dos restos alienígenas, senhor. Tiramos centenas delas, mas nenhuma se revelou. Finalmente, desistimos. Seus corpos emitiam uma luminescência infravermelha, uma aura amarelo-enxofre que obscurecia qualquer imagem fotográfica. Estamos trabalhando em algo chamado sistema de ressonância de pulso magnético que pode resolver o problema."

"Certo, continuemos com o assunto das fotos. Por enquanto, apenas descreva-os para mim."

C4

ESCRIVANINHA DE HILLENKOETTER. MOMENTOS DEPOIS

Chalmers fez um esboço enquanto continuava a informar o almirante.

"Pense em um composto, almirante. Visualize um gigantesco *Limax maximus* na forma de um *Macropus rufus* com a composição crainiofacial alongada de um *Gymnothorax maderensis*. É uma criatura multimorfológica e não é da Terra. Estou chamando-a de entidade extraterrestre".

"Jogue o latim no mar, está bem?"

"Vou tentar. Pense nela como uma enorme lesma de jardim, ereta como um canguru, com pernas bípedes musculosas e uma longa cauda com ponta de lança. A cabeça e o rosto se assemelham a uma moreia, com um grande lobo craniano bifurcado coberto de escamas grossas e uma boca larga e fina que, quando aberta, revela fileiras de dentes afiados como os de um tubarão."

"Ele é perigoso?"

"Não é um herbívoro, almirante. Eu não me sentaria para jantar com ele."

Com as sobrancelhas erguidas, o almirante estudou o esboço que Chalmers acabara de terminar.

"Esse extraterrestre, ou ET, como sugiro que o chamemos, tem aberturas alongadas no pescoço e na lateral da cabeça que podem ser guelras, orelhas, narinas... não sabemos. Os rizóides salientes na parte de trás do crânio podem ser antenas, radares... ou chifres... não sabemos."

"Qual é o tamanho dessa coisa?"

"Em pé, totalmente eretos, os alienígenas têm provavelmente um metro e oitenta de altura e arrastam mais um metro e oitenta de cauda. Eles pesam em torno de 500 libras."

"Mas alguns dos relatos de testemunhas oculares dos cadáveres os descrevem como tendo de um metro e meio a um metro e meio de altura."

"Com exceção de um, eles estavam muito mutilados, com alguns dos pedaços parecendo ser entidades de corpo mais curto. O que estava enterrado mais profundamente sob os escombros estava intacto e indicava seu tamanho total", disse Chalmers, acrescentando que essa identidade equivocada do tamanho seria útil quando ele incluísse o ângulo do Projeto Mogul no estratagema de propaganda enganosa.

O diretor acenou com a cabeça. "Muito bem, então, voltemos à descrição."

"Eles têm duas hastes oculares salientes com sensores triangulares de diamante que podem proporcionar um alcance de visão de trezentos e sessenta graus. Com base na composição da lente da pupila, a criatura provavelmente enxerga no reino estereoscópico, do infravermelho ao ultravioleta."

"Você mencionou ficar em pé... eles andam como nós, então?"

"Sim, senhor. O ET tem um tronco musculoso com quatro extremidades superiores. As duas mais longas - braços, suponho - têm um conjunto de tentáculos de lula com garras na extremidade. Esses extensores aparentemente servem como mãos e proporcionam extraordinária destreza falangeal."

"O que os ajudou a construir aquela escuna espacial."

"Sim, senhor, embora cápsula espacial possa ser um termo melhor. Os dois braços mais curtos do ET são equipados com pinças semelhantes a caranguejos e estão localizados no meio do tronco. Provavelmente funcionam como transportadores de alimentos para a boca."

"Essa coisa parece tão feia quanto aquele velho senador do Alabama." "O mesmo tipo de pés também, Sr. Diretor. Nossa criatura tem macrostabilizadores

Nossa criatura tem macroestabilizadores com garras afiadas, muito parecidos com os pés anisodáctilos dos aviadores... pássaros", disse ele, notando novamente o olhar confuso do almirante. "Isso significa que há três dedos nos pés e um esporão traseiro no tornozelo. Na verdade, a criatura em si é construída como um *Tyrannosaurus rex* compacto."

"Então ele é escamoso, como um jacaré, talvez?"

"Pelo contrário. O corpo é coberto por penas macias em forma de molusco, mas a exoderme é macia, maleável e viscosa como a cobertura de uma lesma gigante de jardim. É possível que a cobertura seja simplesmente uma forma de roupa protetora... talvez um uniforme... ainda não sabemos. A equipe médica concluiu apenas uma autópsia parcial nos três corpos desmembrados. O cadáver intacto está em uma área de espera separada. É difícil descrever o interior dessas criaturas, a não ser dizer que ele me lembra um radiador de caminhão."

"Inacreditável. É tudo muito bizarro para acreditar."

"Eles são *muito* inteligentes, senhor. O sistema de propulsão de suas naves é insondável, assim como os materiais com os quais foram construídas. A análise preliminar

A análise preliminar sugere que há uma possibilidade de que o exterior da nave consista em... bem, talvez uma forma de gás comprimido, endurecido ou congelado por algum tipo de processo de ionização... não sabemos. Uma coisa é bastante evidente. Esses seres são superiores a nós como espécie neurocientífica. Entretanto, o que ainda não está claro é por que eles vieram, qual é a intenção deles
-e se, se ou quando mais deles retornarão." "O que
acontece a seguir, John?"

"Continuaremos as autópsias e procuraremos todas as descobertas cerebrocorticais, biológicas e outras descobertas anatômicas ou antropomórficas que pudermos fazer. No momento, os cadáveres estão suficientemente seguros no armário refrigerado no campo de aviação, mas vamos transferi-los em breve para uma nova instalação. Parte da nave ainda está na instalação de pesquisa aeronáutica em Dayton, que está mais bem equipada, por enquanto, para realizar a engenharia reversa preliminar."

"Mas tudo estará sob nosso controle exclusivo. Mais cedo ou mais tarde?"

"Sim, senhor, continuaremos a transportar tudo por via aérea para as instalações navais em Camp McLeary, uma vez que o campo de aviação é restrito. Depois, tudo será transferido para um complexo separado da Agência que já está sendo construído. Há marcas dentro da nave, e os linguistas estão trabalhando em uma tradução. Uma força-tarefa permanente de engenharia reversa está sendo montada para lidar com a mecânica da nave."

"Bom. Muito bom."

"Senhor, isso exigirá organização, investigação e compartimentação em uma escala sem precedentes. E levará anos, talvez décadas."

"Se alguém conseguir fazer isso, será o senhor. Mas quanto à estratégia de segurança
-"

"Gerenciável. O controle social será um encobrimento em várias camadas de extrema transparência. Mas, francamente, estou igualmente preocupado com todo o resto que está por vir."

Hillenkoetter acenou com a cabeça em concordância. "Sim, eu também. Sabemos mais sobre as realidades perigosas de nosso mundo geopolítico do que sobre esse... negócio de outro mundo. E temo que estejamos caminhando para a Terceira Guerra Mundial - quando os terráqueos provavelmente terão mais chances de destruir nosso país do que esses, o que... homens do espaço?"

"Sim, senhor, a única coisa que a imprensa acertou até agora foi o nome: guerra fria. A tempestade de gelo antes do fogo infernal do conflito atômico. Minha preocupação real não é que seja uma

não é que será uma guerra com homens da Terra *ou* do espaço. Em vez disso, é que, na corrida para se preparar para ambas, ela se resumirá a uma disputa entre boa sorte e má vontade."

* * *

Chalmers sabia que a quantidade impressionante de dados inferenciais tornava sua tarefa analítica sobre a questão dos OVNIs mais difícil do que qualquer complexidade imaginável.

Mas ele já não havia encapsulado toda a Segunda Guerra Mundial em um gráfico de parede gigante? Será que ele poderia realizar um milagre semelhante novamente?

"Almirante, nossa tecnologia científica do pós-guerra está prestes a se expandir exponencialmente. Há alguns protótipos de máquinas computacionais que armazenam informações e processam fatos e números com uma velocidade vertiginosa. Em breve, elas revolucionarão a forma como esta agência analisa eventos e identifica tendências. Está tudo aqui".

Chalmers entregou ao diretor uma segunda pasta ultrassecreta.

"Esse é o esboço de como lidaremos com todas as mudanças que virão em nossa direção. Um projeto para lidar com tudo, desde Roswell até a guerra fria... talvez além".

Hillenkoetter examinou a pasta, observando os planos de Chalmers para o Escritório de Avaliações Estratégicas da CIA.

O OSA dirigiria a força-tarefa ultraclassificada da Divisão K da Agência. A Divisão K, e tudo o mais que fosse logisticamente secreto na CIA, seria localizada em uma nova instalação que estava sendo construída nos bosques de pinheiros de Tidewater, Virgínia.

A instalação era chamada de Covert Staging Compound, ou CSC.

Um armazém do CSC foi designado como Edifício W01 e conteria todos os segredos que a Divisão K tinha sobre Roswell.

A Divisão K, ou DivKay, como Chalmers a chamava, tinha dois projetos de análise forense, com os nomes de código CRYPTOS e CONUNDRUM. Ele havia escolhido os nomes para ambos os projetos.

"*Cryptos*, pelo menos em parte, vem da palavra grega mρ*f*πƑƏóƏ."

"Desculpe, Dr. Chalmers, mas isso realmente soa como grego para mim".

"Ah, certo, senhor. É pronunciado assim porque... bem, é grego. Mas se o senhor..."

"Por favor. Apenas a tradução. Em breve."

"Sim, é claro. A versão escrita, especialmente em inglês, é com um K, e significa especificamente oculto. Mas como o projeto de construção também lidará com mensagens ocultas e informações codificadas, o nome do arquivo *CRYPTOS* reflete mais apropriadamente os protocolos criptográficos necessários para proteger os documentos escritos do projeto."

Hillenkoetter acenou com a cabeça. "Isso parece torná-lo perfeito para o que está sendo planejado para a defesa civil contra um ataque soviético."

"Que bom que você concorda. E *Conundrum* é particularmente adequado para a investigação de OVNIs extraterrestres. Significa uma pergunta ou problema que tem apenas uma resposta conjectural e, ironicamente, senhor, sua etimologia, ou sua história linguística como palavra, é um mistério total."

"Eu gosto disso. Tudo isso. Então, você está pronto para zarpar", disse Hillenkoetter.

C5

ESCRITÓRIO DO DIRETOR DA CIA. MINTER, 1947

Atolado em prioridades da Division K, Chalmers também fazia parte do comitê de planejamento para o projeto e a construção de um complexo unificado de sedes da CIA, que deveria ser inaugurado dali a vários anos. Nesse ínterim, ele continuaria a dividir seu tempo entre os componentes da Agência localizados ao redor dos antigos edifícios da OSS e da CIG na E Street.

Ele também se deslocava da Base da Força Aérea de Andrews para as novas instalações do CSC da CIA, na área da Península de Tidewater, na Virgínia, onde rotineiramente ficava dias seguidos no BOQ, ou alojamento dos oficiais da base.

* Hoje,

ele estava atualizando o diretor.

"A reconfiguração no CSC está adiantada em relação ao cronograma. Também fizemos uma descoberta fascinante que pode ser importante mais tarde. Ela está detalhada no adendo com abas do seu relatório da situação", disse Chalmers, entregando ao almirante o relatório semanal da situação do projeto.

"Uma caverna?", questionou o almirante, vendo a página de conteúdo.

"Um enorme sistema de cavernas, senhor. Os Seabees a localizaram durante os testes sísmicos quando iniciaram o projeto do porão do Edifício W01 há alguns dias. Meu plano, de qualquer forma, era tirar tudo do nível do solo e fora de vista. Mas agora pretendemos criar um segundo nível além do porão normal. Uma construção de cobertura, se preferir, para uma subestrutura de cobertura ainda mais profunda."

O almirante indicou sua concordância.

"Mais importante, como você verá na guia 1, tenho a configuração da Força-Tarefa DivKay. Todos são pioneiros em suas áreas. A segurança já emitiu

A segurança já lhes concedeu autorizações especiais designadas K-RED".

* * *

Tudo no projeto era complexo, e as tarefas que Chalmers tinha pela frente eram inúmeras. Ele se sentia exausto só de pensar em tudo isso
-Avaliar as perspectivas de guerra com a URSS e, em seguida, projetar uma matriz analítica para a execução estratégica e tática de uma guerra nuclear global; fornecer administração para a engenharia reversa científica da espaçonave Roswell; e estruturar uma campanha de desinformação pública sobre o incidente do OVNI. Mas isso não era tudo.

Ele acreditava que a parte mais incrível do projeto seria direcionar a pesquisa biomédica de sua equipe para os cadáveres extraterrestres que ele havia entregado pessoalmente no depósito do CSC recentemente. Foi por isso que Chalmers deixou Washington e retornou ao Edifício W01, onde assistiu a mais do processo contínuo de autópsia.

CSC. 2OO HORAS

Um cabo da marinha tinha acabado de fazer uma passagem de rotina pela caixa de torpedo que ainda continha o corpo alienígena intacto. Ele viu algo incomum.

Depois de mais um longo dia, Chalmers estava finalmente dormindo em seu BOQ. Foram necessários vários toques para que ele encontrasse o interruptor de luz e pudesse localizar o telefone. Ele deu uma olhada no relógio.

"Não, está tudo bem, cabo, você deve me ligar, independentemente da hora. Descreva o lodo amarelo, se puder". Chalmers ouviu atentamente. "Vou já para aí." Minutos depois, Chalmers estava em seu carro-base, acelerando pela noite arborizada para coletar uma amostra de fezes de um excremento de banana que pingava da caixa do cadáver.

Com base no que o fuzileiro havia lhe dito, Chalmers sabia que a caixa com vazamento era a que continha o alienígena cujo corpo havia sido menos danificado no acidente. Ele ainda não havia sido autopsiado. Os outros três corpos estavam em um laboratório médico-forense construído às pressas em outra parte do prédio. Mesmo com refrigeração no prédio, os cadáveres continuavam a se decompor, mas ele sabia que os outros não estavam pingando gosma amarela.

** *

Chalmers parou em frente à W01, fez o check-in no posto de serviço e foi direto para a parte de trás do prédio.

"Ok, obrigado, cabo, você pode ir embora agora", disse Chalmers ao fuzileiro naval que tinha autorização apenas para fazer uma verificação visual de rotina do prédio, mas não fazia ideia do que havia nas caixas compridas. Depois de vestir o traje de borracha e a máscara de filtragem, Chalmers abriu a tampa articulada.

"Meu Deus", ele disse em voz alta para a máscara.

Ele soube imediatamente o que era a lama amarela e tomou o curso lógico de ação. Os planos foram modificados e aprimorados - seguidos de uma pressão total para montar não apenas uma equipe DivKay totalmente nova, mas também uma instalação especial para tudo o que ele imaginava que aconteceria em seguida.

Chalmers sabia que, nas forças armadas, C3 significava comando, controle e comunicações. Os três C's que ele queria eram criogenia, computadores e construção. Ele queria os melhores do ramo. Ele foi atrás deles bem cedo na manhã seguinte, em seu escritório, onde se reuniu com o Tenente Comandante Lee Beckner, um engenheiro da marinha que havia recebido uma autorização K-RED e foi designado como assistente especial de Chalmers e contato com os Seabees.

Com 1,80 m e 70 kg, Beckner tinha a aparência e a constituição física de um boxeador de peso médio, incluindo um nariz levemente torto de uma briga de bar. Seus cabelos descoloridos pelo sol combinavam com a pele áspera e bronzeada de anos de trabalho em construções ao ar livre. Chalmers havia ficado impressionado com a inteligência de Beckner quando se conheceram em Camp McLeary e logo passou a apreciar o comportamento de Beckner - uma mistura de substância trabalhadora e um estilo amigável e descontraído.

Beckner ficou surpreso quando soube dos detalhes sobre Roswell e ainda não conseguia acreditar que estava trabalhando para o Dr. Chalmers. Mas agora, depois do que seu chefe acabara de lhe contar - a súbita reviravolta nos acontecimentos - Beckner não conseguia imaginar o impacto do que a equipe da DivKay estava prestes a tentar.

* * *

"A construção é fácil", disse Chalmers a Beckner. "Seus Seabees já estão trabalhando no porão normal. Quero que eles cavem o poço do elevador dentro de uma hora e espero que o segundo nível da caverna esteja operacional o mais rápido possível."

"Sim, senhor. E as pessoas que você tinha em mente para os requisitos especiais do C3?"

"Nomes e números de telefone", disse Chalmers, tirando um pedaço de papel do bolso. Ele o entregou a Beckner. "Faça as ligações e transfira-as para meu escritório. A coisa mais incrível que se pode imaginar acabou de cair em nosso colo... e não há tempo a perder."

C6

ALTA ESTASE - SEM TEMPO

Embora Won continuasse a monitorar a Terra em busca de outras perspectivas nobres, nos últimos anos secos de seu tempo ele dedicou a maior parte de sua atenção onipresente à terra chamada América e a um ser humano conhecido como Chalmers. Acreditando que Chalmers era o líder Nobre certo, Won estava satisfeito por ter conseguido cercar o Calmeriano com apoiadores que entrariam em sua vida no momento certo - uma convergência bem ajustada de coincidências envolvendo homens que tinham o *W* de Won em seus nomes e pelo menos um pouco do DNA Samaritano em seus corações e almas.

Won também estava satisfeito por ter conseguido se sair relativamente bem até agora, dada a natureza extemporânea dessa missão de Boa Vontade, começando como começou com a mudança de planos de última hora do Diretor. E, tendo acabado de fazer uma conexão cósmica e mental com o Tutorium, Won havia aprendido algumas informações novas e importantes de consequência direta para ele.

Ele gostou do fato de o Diretor ter se comunicado com ele sobre sua próxima elegibilidade para a Ascensão, embora ainda não tivesse certeza do que a Ascensão significava para um samaritano.

~O que vai, volta, Won, pois uma forma circular é a mais verdadeira,~ respondeu o Diretor quando lhe pediram esclarecimentos sobre a Ascensão.

Pelos outros pensamentos do Diretor, Won sabia que Vor, como resultado de suas ações ignóbeis, havia sido retirado da lista de samaritanos e lançado por Ga'Lawed na Meg'etheral - um domínio distante, de acordo com o Diretor -, onde *o bem e o mal ocupam cada um o lugar que lhes foi designado.~*

A descrição do Meg'etheral levantou mais perguntas na mente de Won do que forneceu respostas. O lugar não parecia bom, e Won esperava que

Ga'Lawed não o enviasse para lá por suas transgressões nessa missão.

Embora estivesse feliz por ter finalmente se comunicado com seu Diretor, Won agora estava tão preocupado com seu destino quanto estava determinado em seu compromisso com Chalmers e com a terra natal do terráqueo, a América.

Won sabia que, em suas próximas seções, tudo no planeta abaixo se aceleraria em complexidade e consequências, mesmo em termos de tempo humano. Isso já estava acontecendo com a chegada dos Fiverianos, expulsos de seu próprio mundo por causa da traição de Vor em outro.

Ele pensou no círculo.

A forma mais verdadeira, mas nem sempre conectada em um ponto positivo, ele raciocinou.

Parte III

MEIO-DIA

C7

CSC. PRIMAVERA 195O

Passaram-se três anos desde que Chalmers, agora com sessenta anos, mas ainda aparentando ter apenas trinta e poucos, olhou para dentro da caixa de torpedos e descobriu os três objetos circulares. Cobertos de lodo placentário amarelo, os ovos redondos que haviam emergido post mortem do cadáver alienígena haviam mudado tudo para Chalmers. Especialmente seus planos para o CRYPTOS e o CONUNDRUM.

** *

Ele caminhou rapidamente do estacionamento até a porta da frente do Edifício W01. Usando apenas uma jaqueta leve, ele sentiu o frio da manhã, mas sabia que no segundo nível subterrâneo do W01, para onde estava indo, estava abaixo de zero. Até mesmo abaixo de zero. *Duzentos e trinta e oito graus Fahrenheit abaixo de zero.*

"Bom dia, senhor", disse o sargento Evans, da Marinha dos EUA, batendo continência enquanto o dr.

Chalmers mostrou seu distintivo. "Pode falar. Eu o chamarei, senhor."

"Obrigado, sargento", disse Chalmers enquanto passava pela catraca e se dirigia a uma porta de madeira simples.

Ao ouvir o *clique,* Chalmers abriu a porta elétrica e entrou em um vestíbulo vazio que levava à porta dupla de alumínio de um grande elevador de carga.

Ele inseriu seu crachá em uma abertura na parede e a porta se abriu. Ele entrou.

Segundos depois, ele mergulhou em um mundo verdadeiramente alienígena.

** *

"Bloqueado no Nível II. Zero oito quinze horas", disse ele pelo interfone.

"Entendido no L-II, senhor", disse o sargento, verificando as luzes do painel de controle.

luzes do painel de controle.

Chalmers estava a mais de 300 pés abaixo da superfície e agora estava de pé junto ao corrimão de um enorme andaime que sustentava várias estruturas modulares. Eram escritórios elevados conectados por uma sacada que dava vista para uma enorme caverna - seu piso de quinhentos milhões de anos repleto de formações em forma de cogumelo, seu teto imponente com lustres de estalactites espetaculares.

Os afloramentos geológicos lançavam sombras assustadoras das lâmpadas de arco de vapor de mercúrio, cuja iluminação verde era rapidamente absorvida pela escuridão infinita.

Na área aberta sob os andaimes, havia um grande cofre de aço soldado, vários prédios de armazenamento e um par de cilindros de aço inoxidável do tamanho de silos de grãos. Os cilindros estavam cobertos de gelo, exatamente como Chalmers sabia que deveriam estar, e dispersavam uma nuvem contínua de vapor.

Ainda de pé na varanda, Chalmers olhou para o abismo negro além do perímetro iluminado. Ele se recusou a se assustar com o que aquilo representava.

** *

Preocupado com o fato de o painel de controle no topo não ter mostrado ao Dr. Chalmers o acesso ao seu escritório na varanda, o guarda marítimo chamou seu nome pelo interfone.

"Sim, Sargento Evans, ainda estou na passarela. Fiz uma pausa para admirar a vista e perdi a noção do tempo. Desculpe-me pelo atraso. Estou indo para o meu escritório agora".

Ele encontrou seu assistente, o Tenente Comandante Lee Beckner, em uma pequena sala de recepção.

"Bom dia, senhor", disse Beckner, que sempre chegava cedo e que Chalmers achava que seria solteiro para sempre, já que o trabalho de Beckner, assim como o de Chalmers, deixava pouco tempo para uma vida social. Nenhum dos dois parecia se importar.

"Estão todos aqui?"

"Sim, senhor, na sala de conferências, na segunda xícara de café."

* * *

Cinco homens com jalecos brancos estavam sentados ao redor de uma mesa. Quatro tinham doutorado em suas respectivas áreas de tecnologia e um era fisiologista de biossistemas
-um médico de diagnóstico especializado em funcionalidade de órgãos internos. Eles eram os chefes de unidade de Chalmers em sua Força-Tarefa DivKay.

Profissionais sérios, eles não esperavam nem trocavam gentilezas. "Sam, quanto tempo para tirar o número um da criogênese?" Chalmers perguntou Chalmers.

"De dois mil e trinta e oito negativos para a temperatura ambiente do laboratório deve levar, por segurança, cerca de dez dias", disse o Dr. Sam Conlen, professor emérito do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Chalmers já considerava Conlen como o pai dos liquefatores de hélio, o processo necessário para atingir as temperaturas extremas de subcongelamento exigidas para a preservação a longo prazo da matéria biológica. Ele foi a pessoa que Chalmers contatou primeiro quando os ovos precisaram ser colocados em estase congelada.

"Então, são dez dias", disse Chalmers ao se virar para os outros dois na mesa. "Como está indo o treinamento de idiomas?"

Suas cabeças giravam para frente e para trás, sem saber quem deveria falar primeiro.

Maculey começou. "Os protocolos direcionais do serviço de software, que agora estou chamando de software, foram recalibrados." Seu parceiro conectado no quadril, Elmond, continuou: "E eu incorporei transistores experimentais para substituir os tubos de vácuo na rede com fio. A c e l e r a m o s a velocidade de processamento com as modificações".

Chalmers acenou com a cabeça para os dois homens. "Portanto, a fala do ADAM é mais articulada e ele consegue pensar mais rápido, graças à combinação de um novo software e o que talvez devesse ser chamado de sintaxe paralela, um novo hardware. Excelente trabalho, senhores."

* * *

ADAM era uma máquina All-Source Data Analysis Matrix, um equipamento revolucionário projetado e construído para a CIA por parceiros pioneiros: Dr. Raul Maculey e Dr. A. J. Elmond. Chalmers havia conhecido os dois durante a guerra. Eles haviam sido fundamentais em alguns de seus projetos analíticos para o General Donovan.

Ambos engenheiros elétricos, Maculey e Elmond construíram uma máquina de processamento de dados chamada ENIAC, que os militares usavam para previsão do tempo, estudos de números aleatórios, projeto de túnel de vento, ignição térmica e... para realizar cálculos para a construção da bomba de hidrogênio.

Por meio de sua própria empresa, Maculey e Elmond haviam patenteado várias máquinas de calcular comerciais e um processador de dados que usava fita magnética para armazenar informações. A Remington Rand Corporation comprou a primeira máquina dos homens e a transformou em um UNIVersal Automatic Computer, ou UNIVAC.

"Sem trocadilhos, John", disse Maculey, "mas Elmond e eu não podemos ficar aqui no gelo com você para sempre. A tecnologia está avançando pelo setor privado como um trem de carga e há muito dinheiro a ser ganho."

"Mas não se preocupe", disse Elmond. "Com o programa de treinamento que criamos para os jovens técnicos da DivKay, é seguro dizer que nenhuma empresa comercial ou agência governamental jamais terá programadores ou computadores internos como a CIA."

"Nem a exigência de usá-los como a Agência faz", disse Chalmers estoicamente.

** *

Os outros dois homens à mesa eram o Dr. Stanley Edington e o Dr. James Warner, homens que Chalmers conhecia profissional e pessoalmente há muitos anos.

Professor emérito da Colorado School of Mines, Stan Edington era o geofísico mais importante do país e havia escrito os livros definitivos sobre estratigrafia, geografia estrutural e mineralogia. Chalmers o designou no primeiro dia para auxiliar Beckner e os Seabees na construção do poço do elevador profundo para essa caverna.

Jim Warner havia se formado em medicina interna em Harvard, com bolsas de pós-doutorado em anatomia na Johns Hopkins e doutorado em química de pesquisa na Universidade de Stanford. Chalmers sabia que Jim era inigualável quando se tratava de lidar com funções mecânicas, físicas e bioquímicas de organismos vivos. Ele havia encarregado Jim das autópsias que ainda estavam sendo realizadas em três dos cadáveres alienígenas.

** *

"Dr. Chalmers, todos nós apreciamos a enormidade de sua responsabilidade - resolver a questão *de se ou quando* nosso país for atacado por soviéticos ou homens do espaço. Mas não o invejo por lidar com todas as ramificações de ambos."

"Obrigado, Jim, mas eu não conseguiria fazer isso sem todos vocês. Especialmente o que estamos prestes a tentar fazer."

O ceticismo coloriu o rosto de Warner. "Sim, *isso*. Com base em nossa suposta análise forense da placenta sulfúrica, você ainda acredita que essas criaturas respiraram essa mistura de gases de onde vieram?

"Sim. Calculei as chances de probabilidade", disse Chalmers.

"E agora você quer descongelar um dos ovos, chocar a maldita coisa, incubá-la e depois criá-la em uma atmosfera de dióxido de enxofre... tudo porque você *acha que* ela pode viver disso?"

"Isso seria correto, Dr. Warner", disse Chalmers. "Chame isso de experimento empírico em extemporaneidade exógena... ou chame do que é: jogar um prato de macarrão contra a parede para ver o que gruda."

Todos sorriram... exceto Warner.

"Ouça, John, ninguém poderia estar mais empolgado em examinar um alienígena do espaço sideral do que eu", disse Warner, "mas isso remete ao que eu disse sobre lidar com as ramificações. Esse é um passo enorme e desconhecido".

Chalmers cerrou a mandíbula. "Eu sei mais sobre os passos perigosos e desconhecidos que nós e o país estamos tomando do que qualquer um de vocês. Como eu disse, não posso fazer isso sem vocês, mas se estiverem comprometidos com a missão geral da DivKay, farão o que estou pedindo."

A mesa ficou em silêncio.

"Vocês querem chocar esse ovo e ver o que acontece? Contem comigo", disse Edington.

Maculey e Elmond olharam de relance para Warner e depois também concordaram com a cabeça.

"Muito bem, John, você venceu", disse Warner.

"Estou dentro." Chalmers se levantou.

"Vamos desconectar o freezer e ligar a ADAM. Temos um ovo para escalfar."

C8

MASHINGTON, D.C. MARÇO DE 195C

Como diretor da Força-Tarefa da Divisão K da Agência, e devido à natureza estritamente compartimentada das informações contidas em sua autorização K-RED, o próprio Chalmers informou o novo diretor, Allen W. Dulles, sobre os projetos CRYPTOS e CONUNDRUM.

Chalmers planejou deixar uma questão para o final, certo de que Dulles ficaria chocado com as informações.

* * *

"Vamos falar sobre sua operação", disse Dulles quase assim que eles apertaram as mãos.

"Senhor, para fins de planejamento, a Lei de Segurança Nacional não só autorizou esta Agência há seis anos, como também sancionou a criação do Conselho de Recursos de Segurança Nacional.

"E eu tenho sido a favor do conselho. Se usado corretamente, ele fornecerá comando e controle importantes para o planejamento da defesa civil."

"O NSRB faz mais do que isso. Inerente ao estatuto do conselho está uma oportunidade de cobertura para operações de negação e engano relacionadas a ambas as iniciativas da DivKay."

"Explique isso para mim, Chalmers."

"Sr. Diretor, o projeto CRYPTOS nos prepara para dois tipos diferentes de guerra nuclear - um conflito de curto prazo, embora improvável... e um mais longo, quase certo."

"O que significa..."

"Que os soviéticos têm armas nucleares e sistemas estratégicos de lançamento, e são nosso inimigo número um... por enquanto. Minha análise, no entanto, é

que sua economia é fatalmente falha, sustentada apenas por exportações limitadas, e que entrará em colapso dentro de décadas. É duvidoso que algum dia entremos em guerra com eles, mas, mesmo assim, precisamos ter uma contingência ofensiva e uma defensiva para um ataque surpresa... e como ferramenta de barganha política."

"Sim, a razão da criação da CIA... não mais Pearl Harbors. Mas você disse dois tipos diferentes de guerra."

"Os chineses, senhor. Acredito que eles serão nosso adversário mais perigoso no futuro."

"O apoio chinês a Pyongyang, combinado com a ajuda soviética", disse Dulles, "tornou o conflito na Coreia nos últimos três anos mais desafiador. Mas acho que estamos perto de negociar um cessar-fogo com os norte-coreanos. O senhor concorda?"

"Os dois governos coreanos opostos podem ainda estar dispostos a lutar até a morte, mas seus respectivos patronos - a República Popular da China e a União Soviética, por um lado, e os EUA e a ONU, por outro - não estão."

Dulles acenou com a cabeça.

"Mesmo após o eventual acordo", continuou Chalmers, "o mundo emergente e moderno continuará a lidar com as consequências de uma Coreia dividida, especialmente uma Coreia do Norte militarmente forte, economicamente fraca e imprevisível sob o controle de um titereiro chinês".

"Eu gostaria de saber sua opinião sobre o resto da Ásia."

"Senhor, acho que esse mesmo cenário se desenrolará em outras áreas do Sudeste Asiático, como Vietnã, Camboja e Filipinas. Taiwan sempre será uma caixa de pólvora política porque a China quer anexá-la. Acredite em mim, a China continuará a agitar a panela do Pacífico. E um dia isso vai ferver sobre nós."

"Mas a China não tem armas atômicas."

"Ainda não, senhor. E é por essa razão que temos bastante borscht atômico da Rússia em nossa tigela de sopa para durar algumas décadas. Definitivamente, é nossa primeira prioridade."

"E isso nos leva de volta ao aspecto de defesa civil do NSRB."

"Sim, Sr. Diretor, o público, parte evidente da defesa civil. Embora eu acredite que possamos esperar evitar uma guerra com os soviéticos, devemos ter planos para travar e sobreviver a uma guerra com eles. A maioria dos americanos tem medo disso."

"A imprensa já se refere à nova era como uma guerra fria", disse Dulles.

"Acho que é mais uma guerra política de confronto", disse Chalmers, "com os rápidos avanços tecnológicos de ambos os lados produzindo um mundo bipolitizado dominado por duas superpotências. Sem dúvida, haverá tensão e alguns momentos perigosos ao longo do caminho, mas não acho que as coisas sairão do controle tão cedo."

"De seus lábios para os ouvidos de Deus. E espero que aqueles idiotas da Defesa, que usam o gatilho, sejam levados a acreditar nisso antes que seja tarde demais. Fico me lembrando daquela frase de Oscar Wilde... como o simples fato de pensar em algo é o começo de sua realização. Se continuarmos falando sobre guerra, planejando a guerra... tudo isso pode se tornar uma profecia autorrealizável, não é?"

"Não podemos nos dar ao luxo de enfiar a cabeça na areia", disse Chalmers, que então explicou rapidamente que outro plano importante da NSRB era a iniciativa Continuidade do Governo. "Como o senhor já deve saber", acrescentou Chalmers, "a COG envolve a escavação e a construção de um bunker enorme dentro do Mount Weather, na Virgínia Ocidental."

"Dá um novo significado ao governo clandestino, eu diria."

"É verdade. Já estamos escavando domos de sal em outros estados onde os registros federais serão armazenados e as reservas estratégicas de petróleo poderão ser estocadas."

"Hmmm, então alguma coisa vai sobrar depois que quase todo o resto for destruído", disse Dulles com cinismo. "Somos todos como um bando de avestruzes cavando abrigos antibombas em nossos quintais. Pior ainda são os filmes de conscientização sobre segurança do tipo "abaixe-se e proteja-se" que estão sendo exibidos nas escolas. É como se as pessoas estivessem dizendo ao governo para ir em frente e fazer a guerra - todos nós fizemos planos para lidar com a inconveniência das nuvens em forma de cogumelo. Que estupidez... como se se esconder embaixo de uma escrivaninha ou cavar um buraco no quintal tornasse possível sobreviver a uma bomba nuclear."

"Estamos vivendo em tempos estranhos, com certeza", disse Chalmers.

"É impensável", disse Dulles, com seu medidor de raiva na zona vermelha, "que tenhamos que preparar psicologicamente nossos cidadãos para viver com a ameaça constante de uma guerra nuclear. Meu Deus, isso é uma lavagem cerebral social decorrente da insanidade da política de confronto."

Bingo. Dulles havia fornecido a continuação perfeita para a qual Chalmers o havia orientado desde o início.

C9

ESCRITÓRIO DO DIRETOR DA CIA. MESMO HORÁRIO

"Senhor, seu comentário nos leva ao segundo elemento do CRYPTOS - a psique nacional, a paranoia sobre a guerra nuclear e a pressa em construir abrigos. Tudo isso servirá, de fato, como cobertura para um projeto de abrigo de defesa civil mais abrangente e secreto."

Chalmers entregou a Dulles outro relatório com listras vermelhas. "Estas são algumas de minhas ideias preliminares sobre um projeto de longo prazo chamado SSI."

"SSI?"

"A Iniciativa de Sobrevivência Estratégica, Sr. Diretor. Ela supera qualquer coisa atualmente concebida no plano do COG. A base, literalmente, da SSI é uma atividade secreta com o codinome Black Spade. Sugiro que leia este resumo e depois poderemos nos reunir mais tarde para discutir os detalhes".

Chalmers notou que Dulles olhava para o relógio de parede. Ele imaginou que o diretor teria outra reunião em breve, portanto, não havia muito tempo para tratar do assunto restante.

"Senhor, seu relatório contém pontos importantes sobre o projeto CONUNDRUM: status da espaçonave alienígena; o esforço de contrapropaganda para minimizar a histeria dos OVNIs ao cooptar a fenomenologia dos avistamentos de OVNIs; e o estudo bioforense dos cadáveres de extraterrestres. A nave alienígena ainda é um enigma de engenharia, mas seu sistema de propulsão é o que meu pessoal chama de plasmalétrico, uma turbina carregada de íons. Nossa teoria é que esse motor funciona com os nêutrons colhidos da luz espacial ambiente e da energia cósmica e elétrica do big bang. Descobrir até mesmo isso sobre a nave tem sido um desafio, e não sei se algum dia conseguiremos fazer uma engenharia reversa completa."

"Mantenha-me informado sobre seu progresso. Quanto a esse termo, big bang, não tenho certeza..."

"É uma nova teoria, senhor. Postula que o cosmos foi formado a partir de uma explosão singular de matéria comprimida. Uma explosão nuclear cuja escala os astrofísicos dizem estar além da compreensão. Os membros religiosos da comunidade científica chamam isso de momento divino, o nascimento da criação... o início dos tempos."

"Tudo isso também está além de minha compreensão. O motor do OVNI provavelmente também está."

"De acordo com meus especialistas, o motor pode operar como os filtros de lavagem que permitem que o ar seja respirado novamente e reoxigenado em um ambiente fechado, como um submarino. Meus cálculos atribuem uma alta probabilidade de que a turbina se regenere e aprimore sua própria fonte de combustível à medida que se alimenta de partículas de luz cósmica e depois se mistura a elas. Acredito que seja uma máquina de movimento perpétuo capaz de acelerar até a velocidade de seu suprimento de combustível - a velocidade da luz."

"Meu Deus. Mas mesmo nessa velocidade, as distâncias são muito grandes. Ainda assim..."

"Sim, senhor, levaria milhões, até bilhões de anos para a vida alienígena viajar pela nossa galáxia, sem falar no cosmos galáctico. É aí que Einstein entra em ação."

"Ah, sua teoria da relatividade. Eu sei algumas coisas, pelo menos. É uma ligação de atalho entre o tempo e o espaço, certo?"

"Sim, senhor. O continuum tempo-espaço. São os novos dados astrofísicos emergentes sobre estrelas em colapso, os chamados buracos negros na matéria escura do universo. Há um jovem e brilhante estudante de astrofísica chamado Stern fazendo uma incrível pesquisa de pós-graduação sobre esse assunto em Nova York. Talvez eu entre em contato com ele em algum momento. Ele e outros se referem a essas anomalias da matéria escura como *buracos* de minhoca - portas que teoricamente poderiam permitir que viajantes espaciais, incluindo nós um dia, encontrassem atalhos em uma viagem motorizada pelo cosmos."

"Coisas verdadeiramente alucinantes. Como você, nós... podemos compreender a enormidade disso?"

"Como qualquer outra coisa. Fazemos o que temos de fazer, um passo de cada vez. O público está lidando muito bem com os rumores de naves espaciais e vida alienígena. O local original do acidente em Roswell, que talvez você não saiba, era o antigo aeroporto de Airbus.

Force Flight Test Center (Centro de Testes de Voo da Força Aérea dos EUA), agora está sendo chamada pelo enigmático apelido de Área 51."

* * *

Chalmers explicou que a Área 51 ainda era um complexo de aeródromos e fazia fronteira com o Local de Testes de Nevada, o local de muitos dos testes de armas nucleares do Departamento de Energia. Tudo na área do NTS era agora ultrassecreto.

"John Q. Public ainda acha que temos alienígenas lá", continuou Chalmers. "Eles estão errados, é claro. Os cadáveres estão em outro lugar."

Dulles bateu com o lápis na escrivaninha. "Quero continuar falando dos alienígenas, mas só uma pergunta rápida. O que vocês têm na Área 51 neste momento?"

"Senhor, a Lockheed Martin Aeronautics está planejando usar a Área 51 para o programa de teste de voo do nosso avião de reconhecimento de alta altitude U-2. Parte do projeto da fuselagem e das asas tem o objetivo de diminuir o perfil do radar. Trata-se de um novo conceito de projeto de aviação chamado tecnologia stealth. E a equipe da Agência na Lockheed obteve algumas ideias do OVNI".

Dulles o estudou. "Você evidentemente sabe muito sobre o programa U-2, então?"

"Sim, senhor, é claro. E sei que multidões de pessoas estão observando a Área 51 o tempo todo, esperando ver mais OVNIs. Acredito que um pouco de furtividade psicológica poderia ser aplicada ao programa de voos de teste, sendo que qualquer avistamento do U-2 poderia ser atribuído a um bando de zumbis procurando por mais homenzinhos verdes em naves espaciais. No final das contas, e com base em minha recomendação, trabalhamos com nossos colegas de contrainteligência da Defesa para conseguir que pequenos chimpanzés marrons fossem usados em experimentos com assentos ejetáveis. A maioria foi morta em exercícios de ejeção em alta altitude e alta velocidade que foram convenientemente organizados sobre a Área 51. Posteriormente, nós os fotografamos, vestidos com trajes de voo prateados personalizados e capacetes de bolha, esparramados no chão, ao redor dos quais estavam espalhados os destroços de alguns dos balões meteorológicos que realmente falharam. Relatórios de incidentes e todo tipo de papelada burocrática foram atualizados e estão prontos para serem divulgados ao público caso alguns dos incansáveis detetives de OVNIs encontrem informações adicionais para a imprensa sobre o verdadeiro acidente em Roswell."

"Interessante. Mais alguma coisa na frente da propaganda?"

"Sim. Desde o início, o FBI esteve envolvido nas investigações de Roswell, em grande parte porque o CIC do exército pressionou pela assistência do FBI. Hoover nunca quis realmente se atolar nesse tipo específico de areia movediça e foi se desvinculando do FBI... mas, de certa forma, o estrago já está feito, pelo menos em termos de documentos oficiais existentes do FBI que, se algum dia fossem obtidos por meio de pressão pública e legal, provariam ser a prova cabal do evento de 47. Tal ocorrência não apenas incitaria uma grande discórdia social, mas provavelmente teria um efeito político sobre nós como o arquiteto do mea culpa do encobrimento geral."

"E sua estratégia para isso é...?"

"Baseada na disposição do diretor Hoover de se atolar em todos os tipos de *outros tipos de* areia movediça."

"O que isso quer dizer?"

"Acontece que J. Edgar tem mantido registros pessoais secretos de milhares de políticos, pessoas da indústria do entretenimento, empresários e qualquer outra pessoa de quem ele não confia... e ele tem feito isso desde quando chegou ao antigo Bureau of Investigation, muito antes de ele ser federalizado. Ele está construindo uma base de poder de extorsão em potencial que eu prevejo que o manterá no controle do Bureau até o dia de sua morte."

"E como isso constitui uma estratégia para sua propaganda de contenção de OVNIs?"

"Por causa do arquivo que tenho sobre Hoover, que, além de outros traços repreensíveis, é um hipócrita de alto nível. Há muitos rumores de que Eddie é homossexual e gosta de se travestir e, sabendo agora que temos esse arquivo sobre ele, de repente ele concordou em declarar que, com base em sua longa reinvestigação dos arquivos de OVNIs do FBI, ele ordenou que todas as fotos originais, entrevistas, documentos oficiais anteriores do DOJ e cada fragmento de evidência forense obtida pelo FBI sejam declarados falsos. Além disso, o FBI se afastará oficialmente de todas as discussões futuras sobre Roswell, incluindo certamente qualquer menção aos cadáveres."

Dulles afrouxou a gravata, encheu seu copo e ofereceu a jarra a Chalmers. Ao mesmo tempo, ele olhou para Chalmers atentamente.

"Bem, certamente nos afastamos muito do U-2, Dr. Chalmers. Também sei muito sobre nosso avião e, de modo geral, estou ciente do que você acabou de dizer sobre o FBI. Compartilhamos também outros conhecimentos, como o Comitê - uma organização que Hoover e o FBI erroneamente

erroneamente chamada de Majestic 12, devido à composição de seus membros. Um grupo interessante, não é?"

Chalmers ficou surpreso por um momento. "Bem... sim, senhor, eu não tinha percebido..."

"Voltaremos ao assunto do Comitê, juntamente com os alienígenas. Deixe-me ouvir o que mais você sabe sobre o U-2."

"Sim, senhor. A Dragon Lady, como nossa plataforma já está sendo chamada, será uma aeronave revolucionária, que coletará imagens multissensor de foto, eletro-óptica, infravermelho e radar, além de dados de inteligência de sinais. Ela transmitirá tudo isso para qualquer lugar do mundo, fornecendo aos planejadores de guerra a mais recente inteligência possível em tempo real... exatamente o que precisamos para ficar meio passo à frente da guerra com os soviéticos."

"Isso significa que podemos esquecer os observadores de OVNIs na Área 51", disse Dulles. "A imprensa ainda terá detalhes sobre o nosso avião antes do primeiro voo de teste... os malditos jornalistas são melhores espiões do que nós."

"É por isso que desenvolvemos a estratégia do sigilo ostensivo. Vamos fazer com que os alienígenas sejam tão controversos, tão conspiratórios, que vamos minar a crença do país neles com nossa aparente abertura."

* * *

Os guerreiros ninjas do Japão feudal, que se acreditava possuírem a arte da invisibilidade, inspiraram a estratégia de Chalmers. Um ninja usava desvios de direção para criar uma estratégia furtiva para enganar o inimigo, fazendo-o acreditar que ele havia desaparecido em plena luz do dia. Na verdade, ele apenas se contorcera em uma forma estranha e se misturara a uma árvore, uma rocha ou a uma sombra projetada por outra coisa. Chalmers sabia que isso havia funcionado historicamente para um grupo de guerreiros únicos e estava incorporando o conceito em toda a CIA, ainda em desenvolvimento.

* * *

"Muito bem, estou pronto. Como podemos fazer com que seu sigilo explícito aconteça?", perguntou Dulles.

"Na verdade, é simples. Com a mania dos discos voadores que já está varrendo os Estados Unidos, é inevitável que Hollywood veja isso como matéria-prima para a produção de filmes. Nós apenas ajudaremos os produtores e roteiristas *a acertarem,* criativamente falando. Já identifiquei pessoas no setor cinematográfico que

responderão de forma cooperativa às nossas orientações consultivas sobre ideias de histórias. Por meio deles, tornaremos o que estamos tentando esconder tão público que ninguém conseguirá separar fato de ficção."

Dulles ficou impassível... então um sorriso lento pintou seu rosto vazio. "Brilhante. Simplesmente brilhante. Faça isso acontecer, Chalmers."

"Afirmativo, senhor."

Como Chalmers calculou, e ajudou a orquestrar, a mania lançou uma série de filmes de invasão alienígena, incluindo *O Dia em que a Terra Parou, Quando os Mundos Colidem* e a fascinante versão de 1953 de *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells.

"Vamos nos movimentar abertamente em todas as outras frentes operacionais também", disse ele a Dulles, "sempre nos certificando de que as atividades da CIA, especialmente as clandestinas, sejam vistas, relatadas ou divulgadas por outros como algo que eles *pensam que* a Agência fez, em vez do que a organização realmente realizou".

Chalmers acreditava que não havia sentido em tentar manter o verdadeiro sigilo.

"É melhor usar a fraqueza inerente do sigilo como seu ativo mais forte. Enquanto os segredos puderem ser protegidos, desfrutaremos do fundo escuro do balde que os contém, mas quando o fundo invariavelmente cair, simplesmente faremos com que a bagunça no chão pareça ser outra coisa."

Os olhos de Dulles se estreitaram. "Soube que você tinha uma bagunça, uma bagunça amarela no chão do Edifício W01 há três anos. Como você fez com que ela ficasse?"

Chalmers ficou surpreso com o fato de o diretor saber sobre a descarga de placenta na caixa de torpedo. Talvez ele também soubesse sobre o resto.

"Como você..."

"Sabia sobre os três ovos que você colocou em hibernação criogênica? Da mesma forma que eu sei sobre o porão da caverna de Nível II e as instalações combinadas de pesquisa e armazenamento que estão lá. E isso não tem nada a ver com a obtenção de uma autorização K-RED. Eu já tinha uma dessas antes de você. Veja bem, sou um dos membros fundadores do Comitê".

Chalmers olhou em silêncio para seu chefe.

"Por enquanto, fale-me sobre os ovos, especialmente aquele que você retirou do habitat criogênico e está incubando."

"Sim, senhor."

"E algum tempo depois, Jonathan, quando for a hora certa, eu lhe falarei sobre o Comitê."

40

ESCRITÓRIO DO DIRETOR DA CIA. MESMO HORÁRIO

Chalmers disse ao Diretor Dulles que dois óvulos ainda estavam em seus cilindros de criocooler, assim como o cadáver alienígena que os havia extrudado em uma entrega post-mortem. O terceiro ovo foi descongelado e colocado em uma incubadora de dióxido de enxofre. Ele permaneceu lá por quase três anos.

"Durante esse tempo, o biofisiologista da minha força-tarefa, Dr. James Warner, usou todos os equipamentos tecnológicos possíveis para determinar se a cápsula do ovo estava viva. Nós a examinamos com raios X, radar, sonar, galvanômetro, eletroencefalograma, eletrocardiograma e outros - até mesmo combinando EEG, EKG e outras máquinas para criar novos equipamentos de diagnóstico. Ele nunca se decompôs, então achamos que estava em algum tipo de estado dormente... até seis semanas atrás."

"Então algo mudou?"

"Sim, a superfície, a textura externa e a cor da concha. Ela passou de um cinza-esverdeado sem graça para um marrom-avermelhado com fissuras em forma de teia de aranha. Os monitores de EEG e EKG se iluminaram, uma grande rachadura se abriu e mais lodo amarelo foi expelido. Momentos depois, a coisa mais feia e com o cheiro mais fétido que você já viu saiu rastejando".

Os olhos de Dulles se arregalaram. "Meu Deus, isso é incrível. E desde então?

"Transferimos o filhote para uma câmara atmosférica maior, um contêiner de aço inoxidável dentro do cofre principal de aço soldado. Nós o observamos pelo vidro de visualização. Nós o alimentamos com qualquer coisa que achamos que ele poderia comer. Ele parecia gostar de carne de veado, especialmente os cascos, ossos e chifres. Em uma semana, o ser alienígena - a criatura, na verdade - dobrou de tamanho e, um dia depois, dobrou novamente."

"Meu Deus, isso é incrível", disse Dulles.

"Uma câmera de circuito fechado monitorava a área de detenção constantemente. Até dois dias atrás. De repente, a tela de controle ficou em branco. O Dr. Warner e um dos técnicos foram até o piso da câmara para investigar."

"E o que eles encontraram?"

Chalmers fez uma pausa e respirou fundo. "Eu não sei. Eles não voltaram. Depois de mais ou menos quinze minutos, os guardas marinhos desceram para verificar. Eles não encontraram nenhum rastro de Warner e da tecnologia - ou do alienígena. As evidências sugerem que ele conseguiu escapar. Ele simplesmente desapareceu, junto com os dois homens."

"Como o... como *ele* conseguiu passar pela porta de segurança?" "Ele não passou pela porta, senhor."

"Então, passou pela porta de vidro de visualização? Como fez isso, considerando seu tamanho?" "Ele fez um buraco na câmara interna de aço inoxidável e depois abriu uma

abriu uma enorme fenda no cofre revestido de aço. Tenho certeza de que matou Warner e o técnico. Provavelmente os comeu".

"Meu Deus, isso é horrível, inacreditável."

"Sim. E agora, agora mesmo, senhor..."

"Continue. O que mais?"

"Agora ele está solto em algum lugar no subterrâneo profundo e escuro."

41

CAVERNA DA VIRGÍNIA - PASSAGEM INMARD

A escuridão total desse ambiente estranho não representava nenhuma desvantagem visual para seus olhos multiespectrais. Ele viu que seus extensores haviam sido rasgados quando ele arranhou os limites de aço de seu aprisionamento e pôde ver que havia deixado um rastro de sangue até aquele ponto. Isso o tornava vulnerável, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito agora. Sua única opção era controlar o medo que o dominava e mergulhar mais fundo nesse corredor de pedra, onde seus instintos diziam que ele encontraria segurança.

δφγηφλ-concentre-se*,* pensou ele. σ]tyc-pense*,* implorou a si mesmo.

Mas era difícil fazer isso porque sua cabeça latejava de dor e as fendas branquiais se agitavam descontroladamente. A essa altura, ele nem mesmo tinha certeza de que sabia *como* pensar ou *o que* pensar, e duvidava que viveria o suficiente para descobrir isso. Enquanto isso, sua respiração era ofegante, pois seu corpo lutava para se ajustar à ausência de gás sulfúrico na atmosfera desse mundo alienígena.

Então veio o primeiro momento de transição, a consciência tranquilizadora de que ele não estava fugindo em desespero, mas sim avançando com determinação, auxiliado por uma força especial proporcionada pelo βaφmTƒ no sangue verde remanescente de seu corpo. Embora não pudesse explicar seu conhecimento, ele sabia que o βaφmTƒ era *ad'renal-oxulyte,* uma substância química que suas glândulas produziam durante uma crise, como o estresse de luta ou fuga que o acometia agora.

De repente, a entidade sentiu um imperativo renovado de se manter firme por tempo suficiente para que (ξoωƒmφ fizesse efeito.

Esse ser estranho sabia, talvez por causa de outra memória profunda que estava surgindo como parte do próximo momento de transição, que (ξoωƒmφ era um gene de adaptação biocerebral exclusivo de sua espécie fiveriana. Ele continuou

Ele prosseguiu, logo alcançando uma distância em que se sentia seguro o suficiente de seus captores para descansar e fazer um balanço de sua situação.

Ao observar esse mundo alienígena, ele se tornou cada vez mais consciente das ferramentas genéticas que possuía e da poderosa vantagem que elas lhe proporcionavam.

Ele sabia que havia sido codificado para sobreviver, até mesmo para prosperar - o que ele havia feito desde sua eclosão forçada no ar quase insustentável e tingido de enxofre de seu antigo confinamento. Ele concentrou seus olhos facetados em um declive de líquido e notou a aura gasosa que emanava dele.

O líquido, ele sabia, enquanto seus sensores rizoidais examinavam seu conteúdo, consistia em grande parte do mesmo elemento químico universal que compunha todas as estrelas pelas quais ele agora percebia que havia viajado durante a jornada envolvida no útero de sua mãe até este lugar.

À medida que mais luzes de dados piscavam dentro de sua cabeça, ele identificou o ingrediente principal do líquido como ηΤδρογcν, que mais tarde ele descobriria que os habitantes deste mundo chamavam de hidrogênio. Seus instintos lhe disseram para banhar os extensores feridos com esse fluido benéfico. Ele o fez, observando com interesse a sensação de espuma e formigamento que ocorreu. Um momento depois, ele observou que seus extensores já estavam se curando. Por impulso, ele levou o líquido à boca e sentiu a mesma sensação de peróxido se espalhar por seu corpo.

De repente, ele sentiu que seu *or'ganel-ung* começou a processar totalmente o oxigênio e o nitrogênio que sua língua perspicaz havia provado ao entrar na atmosfera negra de sua recém-descoberta liberdade. Muitas outras sensações e lembranças fluíram dele à medida que ele ingeria e inalava mais líquido e gás em seu corpo. A composição química deste mundo, pensou ele, não era meramente elementar - para ele, era milagrosamente *fundamental.*

Ele estava se curando e amadurecendo, tornando-se holisticamente saudável e totalmente sensível ao mesmo tempo.

E então ele se surpreendeu. Ele falou para a escuridão, que ele sabia que o cercava, mas através da qual ele podia ver. De repente, ele percebeu o significado metafórico desse contraste incongruente.

=ϕ aμ mλφa(aρ aʃc o3 maλδ*f*(aμ= *Eu sou Kaj'a-zar, filho de Kul'da-Zak,* disse ele em um rosnado gutural estrondoso que reverberou por toda a caverna. Aquelas primeiras palavras também ecoaram como uma epifania estrondosa em seu cérebro, liberando uma avalanche de lembranças que Kaj'a-zar agora podia recordar desde quando era apenas um ovo no ventre de sua mãe. Mesmo naquela época, o

filho ainda não nascido havia sentido quando seu pai estava perto dele e tinha ouvido palavras ditas por seu pai. A partir dessas palavras lembradas, Kaj'a-zar soube que, antes de os invasores expulsarem sua família de seu mundo, seu pai era médico, cientista e líder do último de sua espécie fiveriana.

Mais importante para sua situação atual, Kaj'a-zar começou a sentir ξοωƒ ηγcm, a absorção genética do vasto conhecimento de seu pai. *Meu pai viverá através de mim,* pensou ele, agora imbuído de ainda mais força. *Eu me tornarei eu mesmo, como uma extensão dele, e encontrarei meu lugar neste mundo. Não importa quanto tempo leve.*

Ele sentiu um orgulho solitário ao saber que a Coroa Tirânica que seu pai pretendia que ele usasse era de fato sua... se ao menos, Kaj'a-zar admitiu com relutância, porque ele provavelmente era o único Fiveriano vivo.

E então Kaj'a-zar pensou em outra coisa, uma coisa em particular que ele agora se lembrava de que também havia absorvido em sua consciência antes mesmo de ser prematuramente chocado. Era um nome. *Ele foi dito por outros também no local de experimentos, um laboratório como eles o chamavam, onde o líder alienígena presidiu meu nascimento.*

=***Ch'al-murs,***= *Chalmers*, ele disse em voz alta. *Um homem, como acredito que esses alienígenas são chamados, que possui poder, proeminência e inteligência comparáveis aos de um Fiverian. Alguém que me trouxe a este mundo, embora isso tenha sido feito de forma dolorosa.*

Kaj'a-zar se ressentia do que havia sido feito com ele durante o cativeiro, embora admitisse que, sem os experimentos, ele nunca teria sobrevivido. Ainda assim, ele sentia a mesma desconfiança genética em relação aos habitantes desse planeta que seu pai havia sentido quando guiou a flotilha pela primeira vez na atmosfera do planeta azul.

Se eles temiam os fiverianos quando chegamos em paz, pensou ele, *sob meu reinado tirânico eles conhecerão nosso poder selvagem quando nos virem um dia governar este mundo.*

Se eles ainda estiverem por perto para testemunhar isso.

Ele teve um último pensamento enquanto se levantava para continuar sua caminhada mais profundamente na caverna que ele sabia que seria seu retiro e seu reino sombrio até que ele emergisse mais tarde para reivindicar o mundo iluminado acima.

=***Ch'al-murs,***= ele repetiu. *Um dia eu virei para você e para os seus.*

42

CSC NÍVEL II. 1º DE DEZEMBRO DE 1954

Durante a fuga do alienígena, há dezoito meses, ele havia massacrado e consumido duas pessoas. Sem saber até onde a criatura havia se retirado na caverna, ou se e quando poderia retornar, Chalmers e seu assistente Lee Beckner construíram às pressas um sistema de segurança perimetral temporário.

Em seguida, Chalmers chamou seu amigo e colega da CIA, Dr. Richard Swanson, para projetar e instalar um sistema permanente e mais sofisticado. Swanson, que já havia passado muitas vezes pelo quarteirão da comunidade de inteligência, era chefe da DSRA, a Divisão de Pesquisa e Aplicações Científicas. Ele havia sido escolhido a dedo pelo General Donovan para projetar aparelhos e dispositivos tecnológicos usados durante o auge das operações da OSS atrás das linhas inimigas. Tanto Swanson quanto Chalmers fizeram a transição para o CIG e, depois, para a CIA após a guerra, e eram amigos desde então.

* * *

"Dick, não posso lhe dizer *por que* preciso de segurança especial em um dos locais do meu projeto", disse Chalmers naquele dia, quando chamou Swanson ao seu escritório há um ano e meio, "e vou exigir que você assine um acordo de sigilo separado antes mesmo de lhe mostrar onde ele será instalado".

"Acordo de sigilo? Por quê? Minhas autorizações são tão altas quanto as suas." "Você já ouviu falar de algo chamado K-RED?"

Swanson ficou olhando fixamente. "Então os rumores do corredor são verdadeiros." Ele deu de ombros. "Claro, John, como você quiser."

* * *

No dia seguinte, Swanson voou para o CSC com Chalmers e Beckner, que o acompanharam até o rarefeito ar subterrâneo do Nível II. Com fuzileiros navais armados como segurança, Swanson instalou um detector de movimento DSRA em miniatura baseado em radar que alimentava um monitor de controle no escritório de Chalmers.

Apesar de ser uma melhoria em relação ao que ele e Beckner haviam montado anteriormente, Chalmers também não estava satisfeito com a natureza improvisada do novo sistema e acrescentou algumas melhorias próprias.

"Vamos, John, que diabos *é* este lugar?" Swanson observou a vista da caverna iluminada. "O que são esses grandes cilindros? É aqui que você está todas as vezes que não consigo encontrá-lo em nenhum lugar do complexo da E Street?"

"As respostas podem vir mais tarde. Por enquanto, quero que você volte ao seu laboratório e projete um sistema permanente de detecção de movimento baseado em um fluxo constante de luz refratada ligado a um interruptor de ativação de pulso."

"Algo que enviará um sinal de alerta quando um feixe de transporte for rompido?"

"Exatamente. Já existem algumas pesquisas nessa área. É uma subciência emergente da amplificação termodinâmica da luz. Algo que Einstein postulou como seu princípio de emissão estimulada, ou o que ele chamou de colocar os átomos em um estado de energia excitada."

"Li um de seus artigos sobre a amplificação da luz radiante em uma frequência controlada."

Chalmers deu um tapinha no ombro do amigo. "Pense em você como se estivesse dando continuidade ao trabalho dele."

* * *

Swanson retornou ao seu laboratório, decidido a cumprir a tarefa de Chalmers e determinado a fazer qualquer contribuição possível para o trabalho iniciado por Einstein.

Ele projetou exatamente o que Chalmers solicitou e, no processo, o laboratório DSRA da Agência avançou significativamente no desenvolvimento do laser, um acrônimo derivado da amplificação da luz por emissão estimulada de radiação.

* * *

Hoje, dezoito meses depois, Swanson e sua equipe técnica estavam de volta à caverna, pendurando um feixe de laser atualizado que criava uma teia de aranha de luz monocromática invisível ao redor do laboratório de Nível II. Ele ainda não entendia por que Chalmers precisava de algo tão sofisticado para proteger "uma grande e velha caverna de morcegos", como ele agora rotineiramente chamava o local, mas Swanson estava satisfeito com seu trabalho e confiante de que nada deste mundo poderia passar sem ativar o alarme.

* * *

Nas profundezas da caverna e longe do cilindro criogênico e de seu cercado de incubação, Kaj'a-zar continuou a se concentrar em sobreviver no presente, mesmo enquanto planejava o futuro.

Kaj'a-zar pensava continuamente no homem chamado Chalmers.

Mas outra coisa também estava em sua mente, e era mais importante do que a forma como ele pretendia se vingar de Chalmers.

Kaj'a-zar estava concentrado nos dois ovos congelados restantes que guardavam suas irmãs.

4C

PASSAGEM VIRGÍNIA CAVE-INMARD

Filho de seu pai em todos os sentidos, Kaj'a-zar não era apenas um técnico e um guerreiro, mas também um navegador nato. À medida que se aprofundava no mundo apertado e tortuoso que agora era seu para explorar, ele mantinha um registro mental do lugar de onde havia escapado.

Avançando na escuridão, ele sentiu seu corpo e sua mente reagirem ainda mais rapidamente ao (ξοωʃmφ, o gene de adaptação que lhe permitiu recordar as memórias de seu pai e compreender tudo o que precisava saber sobre sua espécie fiveriana.

Usando sua força extraordinária, Kaj'a-zar abriu caminho por passagens sem luz que, de outra forma, seriam estreitas demais para seu corpo. No processo, ele descobriu que podia (apaƑc3, ou seja, alterar drasticamente a forma natural de seu corpo por curtos períodos de tempo. Essa foi apenas mais uma das descobertas interessantes e úteis que ele fez.

Seus sensores rizoidais foram ajustados. Havia algo diferente na mistura atmosférica de nitrogênio e oxigênio à qual seu *or'ganel-ung* estava agora ajustado. Era mais do que uma respiração satisfatória - era ω*f*m ... um cheiro. E vinha do aumento de ar que fluía de uma nova fenda na fissura de rocha sedimentar pela qual ele acabara de passar.

Havia algo mais, e isso fez com que seus olhos multiespectrais se ajustassem da ausência de luz à sua presença agora fraca. Ele arranhou, torceu, se transformou e manobrou para subir em direção a ela. No processo, ele entrou em um novo tipo de câmara aberta, com uma aura ambiente azul-acinzentada e formas de vida frondosas, cujos apêndices verdejantes balançavam com o aumento do fluxo de ar que ele sentia enquanto se movia em direção à luz brilhante logo à frente.

}{Lδυ(α)δσ - Estou em outro domínio, um novo mundo, pensou ele.

De repente, os sensores de Kaj'a-zar dispararam em um alerta de múltiplas sensações, entre elas sons vibrantes que emanavam de um grupo de criaturas enroladas no qual ele havia entrado. Elas bateram em suas pernas, enviando um formigamento estimulante de calor pelo seu corpo. Ele soltou uma delas, estudando-a enquanto ela se enrolava em seu braço, alternando entre o movimento de uma língua bifurcada e o ataque com mais sondas de calor.

Como não havia comido desde que fugira do local de seus experimentos, Kaj'a-zar viu nessas criaturas serpentinas uma fonte de *{δcfλφa* e comeu toda a comida abundante que sua boa sorte lhe proporcionou.

Alguns passos à frente e ele encontrou a fonte da luz. Era incrível. Ele se agachou na abertura irregular no topo de uma escarpa alta e absorveu a vista da paisagem verde e do céu azul que se estendia além.

}{λδf(a*)δσ - Definitivamente, era outro mundo*... uma superfície planetária que tinha um elemento físico inconfundível que sua visão de longo alcance imediatamente detectou.

Era um padrão de grade de construção civilizada... uma pequena cidade. Com criaturas planetárias.

E essa era sua próxima parada.

44

MARYLAND. 7 DE DEZEMBRO DE 1955

O destino era a NSF, a Instalação de Apoio Naval em Thurmont, Maryland. Pelo menos foi isso que o diretor da CIA, Allen Dulles, disse a Chalmers quando eles embarcaram no helicóptero UH-34. Como tudo na agência que ele dirigia, Dulles havia mentido para Chalmers sobre essa viagem a fim de criar um engano para esconder um segredo.

"É hora de fugir da corrida dos ratos por um tempo", Dulles havia lhe dito antes. "Estamos indo para Camp David. Vamos nos reunir com o general Donovan e outros antigos funcionários da OSS, além de alguns políticos de carreira rápida. Você vai achar isso... esclarecedor".

"Com todo o respeito, senhor, este é um período muito ocupado. Você tem a próxima viagem ao Camboja para discutir a adesão à Organização do Tratado do Sudeste Asiático. Socializar em Camp David pode não ser..."

"Não estamos em uma visita *social*, Dr. Chalmers. Este é um assunto oficial, um aniversário do governo. Está até listado como tal no calendário."

"Sim, é claro, senhor. Um dia nacional de lembrança de Pearl Harbor."

"Ótimo, John. Fico feliz em saber que você dá uma olhada na data de vez em quando.

Como você parece nunca dormir, eu queria saber como você controla o tempo."

"O mesmo que todo mundo. Pelo que sei, porém, não há tempo suficiente para

todo o trabalho feito. Eu simplesmente odeio desperdiçar um dia."

"Isso *não* será um desperdício", disse Dulles. "Vamos refletir sobre onde levamos a CIA desde os anos da OSS e especular sobre o mundo conturbado para o qual nossa Agência e nossa nação estão indo."

* * *

Após a aterrissagem, Dulles e Chalmers entraram no prédio principal de Camp David - uma grande cabana de madeira que servia como alojamento VIP, sala de conferências e quartel-general para as outras cabanas rústicas menores que compunham o retiro no topo da montanha. Depois de colocar seus pertences pessoais em seu quarto, Chalmers se arrumou.

Ele não estava feliz por estar aqui. Hoje ele esperava terminar seu trabalho analítico sobre a SEATO, uma aliança potencialmente poderosa formada no ano passado entre Austrália, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e outros países para impedir a disseminação do comunismo no Sudeste Asiático. Ele via a SEATO com bons olhos estratégicos, especialmente por causa das tensões crescentes na região asiática.

Chalmers sabia que Eisenhower já estava sendo pressionado a enviar tropas americanas para um pequeno país produtor de arroz chamado Vietnã, e que o Congresso havia aprovado um projeto de lei que permitia a mobilização de tropas americanas caso a China atacasse Taiwan. Ele sabia que isso ocorria em um cenário de tensões crescentes com os soviéticos, que continuavam testando foguetes, expandindo as forças militares e agitando sabres em toda a Europa Oriental.

Como ele temia, o ímpeto para a próxima guerra mundial estava aumentando.

E, para Chalmers, tudo isso exigia a atenção da CIA, o que significava que suas crescentes tarefas analíticas gerais tinham que ser realizadas além de seus projetos específicos CRYPTOS e CONUNDRUM. Como ele havia dito a Beckner há apenas alguns dias, "precisamos de mais de tudo: equipe, espaço, dinheiro e, principalmente, tempo".

"Bem, chefe, sabemos que Eisenhower acabou de autorizar dinheiro para a construção de um complexo de quartéis-generais. Isso deve ser uma boa notícia para nós, não é?"

"Pode ser. Especialmente se a DivKay receber os novos computadores IBM que solicitei."

* * *

Chalmers entrou na sala central onde Dulles e outros homens ilustres já haviam se reunido. Com as bebidas na mão, eles estavam conversando animadamente.

"Senhores", anunciou o General William Donovan em sua voz de comando, "vejo que o Dr. Chalmers finalmente se juntou a nós".

Apertando com uma mão e colocando a outra no ombro de Chalmers, Donovan disse calorosamente: "É muito bom vê-lo novamente, John".

"Você também, senhor. Você está de volta ao seu elemento legal em Wall Street e está indo bem."

"Sim, de volta a Nova York, onde o foco são as finanças, não as besteiras de Washington."

Os presentes eram um quem é quem de lendas da OSS e homens que Chalmers conhecia pessoalmente: General William J. Donovan, Allen W. Dulles, General Walter Bedell Smith, William J. Casey, William E. Colby e Richard "Will" Helms.

Havia outros políticos mais jovens, que Chalmers não conhecia pessoalmente, mas que eram apontados como promissores: Milton Wainright, Warren Winslow, Coleman Westfield e Craig W. Weaver.

* * *

Pegando a bebida que Donovan lhe entregou depois que as apresentações terminaram, Chalmers disse: "Senhor, você notou que todos aqui têm a letra *W* no nome?"

"E daí?"

"É definitivamente uma convergência de coincidência e a vigésima terceira letra do alfabeto latino. Talvez você não saiba, mas na química o W é o símbolo do tungstênio, depois de seu nome em alemão, wolfram, que é o metal mais duro, mais duradouro e com o ponto de fusão mais alto - 3.422 graus Celsius ou 6.192 graus Fahrenheit."

Donovan já havia passado por esse tipo de situação com Chalmers antes e sabia exatamente o que fazer. Ele pegou outra bebida do garçom que passava e se preparou para esperar o discurso enciclopédico de Chalmers.

"E você sabia, senhor, que na Itália *o W,* que não aparece no alfabeto italiano, é um símbolo que significa *viva,* ou vida longa?"

"Não. Mas sei que quanto mais você vive, mais jovem continua parecendo. Lembra-se de eu ter mencionado isso no dia em que você se apresentou no meu novo escritório da OSS, depois que eu o tirei do treinamento básico? Eu também disse que um dia lhe contaria algo".

Foi a vez de Chalmers pegar um drinque de passagem. Apreensivo, ele assentiu com a cabeça.

"Humm, sim, parece que o diretor Dulles também tem algo que pretende me contar há algum tempo."

"Eu ainda gostaria de saber seu segredo para manter uma aparência jovem, e voltarei a esse assunto, mas agora há uma questão maior a ser discutida. Ela tem a ver com todos aqui, inclusive eu e Allen. Esta é uma fraternidade muito unida de indivíduos... vencedores. Aqueles que *venceram*, eu diria, em suas várias batalhas ou empreendimentos, e que compartilham uma atitude de Bom Samaritano - um vínculo comum de patriotismo, serviço dedicado ao país, boa vontade para com o homem e fé em Deus. Todos aqui reconhecem as contribuições extraordinárias que você fez durante a guerra, John. Todos nós temos autorizações do Comitê suficientemente altas para saber sobre CRYPTOS e CONUNDRUM e sua Força-Tarefa da Divisão K."

"Sim... obrigado, senhor." *Para onde isso está indo?* Chalmers se perguntou.

"John, nós *somos* o Comitê e todos acreditamos que seu maior papel
na defesa dos interesses de segurança nacional de nosso país ainda está por ser desempenhado." "E que isso envolverá o futuro do país... na verdade, o futuro do mundo
do mundo", acrescentou Allen Dulles, juntando-se a eles.

Donovan colocou sua mão no ombro de Chalmers. "John, algo muito... estranho aconteceu recentemente com todos deste grupo, e isso o afeta diretamente".

Ele estava prestes a explicar, quando todos ouviram uma voz estrondosa.

* * *

"Atenção, senhores", disse um fuzileiro naval ao entrar na grande sala e se posicionar em uma postura ereta, "o presidente dos Estados Unidos".

Um segundo depois, Dwight Eisenhower, conhecido pelo apelido "Ike" entre seus amigos, entrou na sala ladeado por dois outros fuzileiros navais.

Chalmers já havia sido apresentado ao presidente uma vez, mas havia conversado com ele apenas brevemente. Ele o observava agora apertando as mãos dos presentes na sala, dirigindo-se a eles como velhos amigos.

"Bill, Allen,... Dr. Chalmers", disse Ike ao se aproximar do trio.

"Sr. Presidente", responderam eles em uníssono.

Sr. Presidente", disse Donovan, "demos ao Dr. Chalmers um resumo prévio, mas estávamos esperando sua chegada para... articular para ele o tema principal desta reunião".

tema principal deste encontro".

"Vou direto ao ponto, Dr. Chalmers."

O presidente, que havia organizado a reunião de hoje, explicou que, nos últimos dias, todos os presentes nesta sala, inclusive ele, haviam recebido a visita de uma pessoa que disse a todos a mesma coisa. Embora fosse um estranho para cada um deles, todos disseram mais tarde que se tratava de alguém que pareciam conhecer. Essa pessoa simplesmente aparecia em seus escritórios ou casas, como se tivesse se materializado do nada.

"Em um minuto, eu estava sozinho no Salão Oval assinando um documento e, no minuto seguinte, olhei para cima e ele estava em pé na minha mesa. Não tenho a menor ideia de como ele entrou na Casa Branca para começar, e não sei como saiu. Depois de conversar comigo por um momento, ele simplesmente atravessou a porta. E quero dizer, *através de* uma porta de madeira maciça, e desapareceu. O guarda da Marinha no corredor não o viu... sair".

"Aconteceu com todos nós, praticamente da mesma forma", disse Donovan, que percebeu pela expressão no rosto de Chalmers que até mesmo ouvir isso do presidente dos Estados Unidos era difícil de engolir.

"Esse visitante", disse Ike, "transmitiu a todos nós a mesma mensagem. Que ele estava aqui para garantir a nossa *vitória* e que a nossa força para ajudá-los era a nossa unidade como Comitê. Como esse personagem sabia que *existia* um Comitê foi outro choque para mim, até que ele explicou que havia nos reunido anos atrás e *nos incutiu,* como ele disse, a procurar uns aos outros e formar uma união de propósito semelhante." Ike olhou para os outros membros do pequeno grupo. "Acontece, Dr. Chalmers, que *você* é o nosso propósito."

"Bem, devo dizer", disse Chalmers, "tudo isso parece realmente estranho".

"Isso não é nem a metade", disse Ike. "Nenhuma pessoa nesta sala pode sequer
descrever a aparência que achamos que lembramos desse indivíduo misterioso."

"Mas todos nós dissemos que ele nos lembrava de nossos pais", disse Donovan. "Então, o que o senhor acha disso, Dr. Chalmers?", perguntou o presidente.

"Senhor, isso soa como algo que alguém ainda mais estranho do que este indivíduo, talvez a mesma pessoa, me disse há muito tempo. Acreditei nele na época, assim como acredito no senhor agora. Acredito que devo fazer algo... especial com minha vida. Só não sei o que é ainda".

"De qualquer forma, quero que você fique com isso... acredito que você deve ficar com isso", disse Ike, entregando uma caixa brilhante que o assessor do presidente tinha acabado de

lhe entregara. O estranho contêiner parecia ser de metal e tinha cerca de 15 centímetros quadrados. "Eu sou a única pessoa que recebeu uma. Todos me dizem que você tem talento para decifrar o bizarro e o complexo. A equipe de segurança da Casa Branca verificou. Ninguém sabe do que ele é feito. Não tem abertura, nem costuras. Se alguém consegue descobrir como entrar, é você e os técnicos do laboratório da Agência. Boa sorte com isso."

"Obrigado, Sr. Presidente", disse Chalmers ao aceitar a caixa.

* * *

Enquanto estudava a estranha textura da caixa, Chalmers pensou ter ouvido um zumbido profundo e notou uma sensação de pulsação ainda mais profunda emanando dela. Ele sentiu uma estranha confusão fora do corpo. Será que o helicóptero estava acelerando seus motores turbo lá fora?

Um segundo depois, ele ouviu a batida grave dos rotores e sentiu o helicóptero batendo no ar frio do voo de volta para Washington. Ele estava atônito. Como ele havia chegado aqui? Quando, como, a reunião havia terminado?

Chalmers olhou para baixo e viu que estava segurando a caixa em seu colo.

* * *

No dia seguinte, Chalmers não conseguia se lembrar do que havia dito a Dulles no voo de volta para casa. Ele mal se lembrava do voo, muito menos de qualquer detalhe sobre a viagem a Camp David. Era como se a memória estivesse se apagando a cada hora.

Depois de levar a caixa para o laboratório para que um de seus técnicos a avaliasse, Chalmers passou pela sala do diretor por um segundo. Ambos os homens disseram como foi repousante ter se afastado da rotina por um dia e como foi agradável conversar com os veteranos da OSS. Houve uma sensação geral de que foram realizadas discussões produtivas sobre o papel da CIA na guerra fria com os soviéticos e outras questões do comunismo chinês no sudeste asiático. Nada foi dito sobre a caixa.

Chalmers acreditou que, com o tempo, descobriria como abri-la... e saberia o que fazer com seu conteúdo. Ele também sabia o lugar perfeito para guardar a caixa. Em sua próxima viagem ao CSC, Chalmers a trancou no Edifício W01, Nível II, em uma câmara fria com os arquivos do projeto CONUNDRUM.

Seus instintos lhe diziam que, entre todos os segredos do CONUNDRUM, essa caixa era a mais sensível e que ele logo teria que incluir sua equipe na investigação. Como ele não queria explicar sua chegada peculiar, teria que inventar uma mentira sobre sua origem.

Chalmers conhecia o engano perfeito.

Ele simplesmente diria a seu assistente, Lee Beckner, que tinha autorização do K-RED, que a caixa havia sido encontrada nos destroços de Roswell e que havia sido deixada de lado, até agora.

O julgamento analítico de Chalmers era que, eventualmente, quando a caixa misteriosa fosse aberta, ele teria de criar um estratagema mais elaborado para proteger o que quer que estivesse em seu interior.

45

ALTA ESTASE - SEM TEMPO

Won sabia que estava dentro dos protocolos da Boa Vontade em sua decisão de se comunicar diretamente com um grupo de terráqueos que se autodenominava Comitê. Afinal de contas, eles eram descendentes de crias que ele havia produzido em gerações anteriores e em outros locais. ~A *convergência das circunstâncias, refletiu* ele, é realmente *um exemplo do poder do círculo.~*

No entanto, como não havia consultado o Diretor sobre a Tabula de Cristal, Won estava preocupado com a possibilidade de ter ultrapassado os limites ao entregá-la a um membro do Comitê, mesmo que ele fosse o líder da terra natal do Calmeriano. *O Presidente.* Won gostava do nome... e do humano que ele descrevia. Sabendo que ele estava proibido de dar o Cristal diretamente a qualquer humano naturalmente evoluído que estivesse programado para ser o campeão Nobre, Won ainda tinha conseguido fazer com que o Cristal chegasse às mãos do homem chamado Chalmers.

Essa era a natureza pretendida da teoria cósmica sobre a convergência de coincidências, ele imaginou. *Tudo ficará bem, desde que tudo termine bem,* ele esperava.

No entanto, algumas coisas estavam definitivamente fora de harmonia. A missão de Fieva havia fracassado e, embora Won não conhecesse bem o samaritano de quinto escalão, ele esperava que Fieva não tivesse sido demitida da mesma forma que Vor aparentemente havia sido.

De qualquer forma, os fiverianos haviam fugido da invasão hostil de seu mundo por habitantes ignóbeis lançados pela própria mão de Vor. Os voracianos, o Diretor havia informado Won durante uma mentalização anterior, eram os invasores que destruíram o mundo de Fivea. E agora, como Won havia testemunhado de seu platô celestial, alguns dos fiverianos haviam se infiltrado no orbe azul benigno de Won, onde haviam sido levados para o mundo de Fivea.

de Won, onde esperavam receber refúgio de outros seres terrestres hospitaleiros.

Ponderando sobre o status de sua própria missão de Boa Vontade e avaliando suas perspectivas de sucesso, Won se preocupou ainda mais do que antes com a possibilidade de Ga'Lawed não concordar com o que ele e o Diretor haviam feito, com ambos sofrendo consequências pelo fracasso *ou* sucesso.

De qualquer forma, era tarde demais para mudar o que estava acontecendo.

Uma nave fiveriana havia se chocado com a Terra e, embora Won não tivesse nada a ver com a subsequente convergência de coincidências, uma vida alienígena estava vagando pelo planeta abaixo.

Ao mesmo tempo, as oito naves restantes que circulavam o planeta estavam causando grande consternação em todos os lugares em que eram avistadas. Pior ainda, Won observou em seu gravador, era que os Fiverianos restantes agora encontravam máquinas militares da Terra com a intenção de interceptá-los e destruí-los.

Won ficou surpreso por eles não terem simplesmente ido embora. Talvez estivessem tentando localizar e resgatar os descendentes terrestres de seu líder falecido.

De qualquer forma, ele achou inteligente que eles estivessem se escondendo na parte mais desconhecida da própria Terra - as profundezas escuras do oceano.

46

OCEANO PACÍFICO. 2 DE JULHO DE 1958, 12 HORAS

Sem lua ou nuvens, o céu noturno pendia como uma tapeçaria negra profusamente salpicada de brilho galáctico. Foi um momento de beleza incomparável e o tipo de momento tranquilo no mar que o Capitão Hilton "Hill" Barlow teria apreciado de qualquer forma, mesmo que não estivesse vigiando seu próprio navio à meia-noite.

"Há café fresco?", perguntou Barlow de sua cadeira de comando na ponte de comando.

"Sim, senhor", disse o contramestre de turno ao encher a xícara do capitão.

Baixo, corpulento, careca e com mais cara de banqueiro do que de brigão, Barlow, no entanto, tinha a presença de comando de um grande homem. Ele comandava o USS *Franklin D. Roosevelt,* um porta-aviões da classe Midway com quatro mil marinheiros e cento e trinta e sete aviões. Conhecido como *Rosey* por sua tripulação, o *FDR* tinha uma orgulhosa reputação de navio de combate da Segunda Guerra Mundial e foi o primeiro porta-aviões a utilizar armas nucleares Mark-3 na nova e emergente guerra fria.

Barlow também conhecia sua outra reputação.

Durante suas missões, o *Rosey* registrou avistamentos de OVNIs e fez muitos relatórios ultrassecretos para o PACOM, o Comando do Pacífico. Os anos de Barlow no mar provaram que a maioria das viagens oferecia desafios, tragédias e vislumbres do desconhecido.

* * *

"Puta merda", disse o contramestre. "Comandante... três horas a estibordo."

Girando com força para a direita, Barlow viu imediatamente do que o tenente estava falando. "Em nome de Netuno, o que é isso?", disse ele, olhando para a

disse ele, olhando para a extensão de água azul-celeste que brilhava intensamente sob as ondas negras a poucos metros de seu navio. Alguns segundos depois, a água amarelo-esverdeada ferveu como uma bebida assombrada em um caldeirão de bruxa.

"Timoneiro, vire vinte graus para bombordo. Passe-me o Cat-see. Quero radar, sonar e qualquer outra instrumentação disponível. Aguarde os alojamentos gerais e chame um operador de câmera."

Um coro de "sim, sim, senhor" ressoou entre os que estavam na ponte. Um assistente digitou CATCC, o centro de controle de tráfego aéreo da transportadora, e entregou o telefone ao capitão.

Observando a água borbulhante ficar ainda mais brilhante, Barlow ofegou quando uma grande estrutura se ergueu rapidamente da espuma incandescente. Era uma nave em forma de pá, mais ou menos do mesmo tamanho do *FDR.* Mas, ao contrário do *Rosey,* que surfava nas ondas, essa embarcação agora pairava cerca de 150 metros *acima* deles, no mesmo nível da superestrutura do centro de comando de Barlow, a torre "ilha" que abrigava as operações do convés de voo.

"Meu Deus... o que *é* isso?" disse Barlow, com os olhos arregalados de espanto. Mas ele manteve o resto de sua atenção nas responsabilidades que tinha com seu navio. "Força total a bombordo; estações de batalha de som; o CDC passa para o status One-RED com a embarcação em espera; envie *T* e *Gs* para o CNO... e quero que os sitreps HALUX comecem *agora,* precedente FLASH para CINCPACFLT!"

Para qualquer pessoa que não fosse da marinha, o vernáculo repleto de acrônimos teria soado como algo sem sentido, mas para os que estavam na ponte, as ordens de Barlow eram claras como cristal. O timoneiro mudou o curso; o centro de direção de combate iniciou o alerta máximo; as coordenadas de tempo e de grade do mapa do incidente que estava ocorrendo foram enviadas ao chefe de operações navais; e os relatórios de situação do HALUX, com a mais alta confidencialidade e com a palavra-código, foram diretamente para o comandante em chefe da Frota do Pacífico, em Pearl Harbor.

No tempo que Barlow levou para gritar seus comandos, o OVNI explodiu como um meteoro invertido no céu noturno, sua ascensão bombardeando o *Rosey* com vibrações que pulsavam sobre seu casco e faziam os instrumentos girarem temporariamente.

Seu próprio navio voltou ao normal, Barlow observou o OVNI manter uma posição elevada por alguns instantes, depois ziguezaguear pelo horizonte, onde novamente pairou baixo sobre a água, mas muito distante.

"Deus todo-poderoso, capitão", disse o atônito contramestre, "o radar do Cat-see o tinha a setenta e cinco mil pés e a doze mil milhas por hora, incluindo as noventa e cinco milhas por hora, o que é uma grande vantagem.

hora, incluindo as curvas de noventa graus. Senhor, isso, bem, isso é impossível... não é, senhor?"

"Eu já vi as luzes... já vi esse tipo de movimento em outros lugares antes. Alguns de nós no *Rosey* até vimos luzes de OVNIs parecerem mergulhar abaixo do horizonte, possivelmente entrando na água. Mas tenho que lhes dizer, pessoal... nunca vi nada parecido..."

Antes que ele pudesse terminar, sua voz foi abafada por um zumbido profundo enquanto o interior da ponte, na verdade todo o porta-aviões, era banhado por uma tonalidade chartreuse quando o OVNI reapareceu - desta vez a bombordo.

"Muito bem, esse grande bastardo fez questão de voltar e não posso confiar que seja por outro motivo que não seja ruim", disse Barlow enquanto pegava um dos vários telefones da ponte em seu console. Ele apertou os botões de intercomunicação para a sala de controle do convés de voo e de operações de lançamento, e para o centro de direção de combate do CDC.

"Lançamento vermelho. Coloque seis nas asas, mais seis em espera para o SCL", disse Barlow, acionando simultaneamente o interruptor que ativava o alarme e o microfone aberto da nave. "Atenção a todos os tripulantes, postos de combate, postos de combate. Isso não é, repito, *não é* um exercício."

Foram necessários apenas alguns minutos para colocar seis caças A4D Skyhawk no ar, com mais meia dúzia a postos para o lançamento da catapulta a vapor (SCL). Nesse período, o OVNI se afastou, retornou e agora estava posicionado a cerca de uma milha de distância e mantendo uma altitude de cinco mil pés.

"Cat-see, quero comunicação direta com o Comandante de Asa Thomas."

"Entendido, capitão." O técnico de comunicações apertou um botão. "Pronto para ir, senhor."

Barlow pegou seu microfone. "Comandante Thomas, como está a ponte? Câmbio."

"Cinco na horizontal, capitão. Câmbio", disse Craig Thomas, o ás de combate mais experiente da *FDR* e alguém que Barlow considerava como um filho substituto.

"Craig, aproxime um de seus rapazes e diga a quem quer que esteja no comando daquela estrela cadente que estamos falando sério. Você e o resto do esquadrão voarão pelos flancos e se lançarão ao fogo se ele se preparar novamente. E liguem suas câmeras."

"Entendido, senhor... eu vou... ne... com... meras..." e então não havia nada além de estática.

"Capitão, Cat-see informou que o OVNI acabou de atravessar a formação", disse o contramestre.

"Aquela coisa maldita *disparou* contra meus aviões!"?

"Não, senhor, desculpe, senhor... ele... uh, disparou... quero dizer, acelerou... diretamente sobre os Skyhawks. O OVNI desapareceu, senhor."

Antes que Barlow pudesse pedir detalhes, seu console de comunicações ganhou vida. Houve três pedidos de socorro do Mayday, pois três dos Skyhawks sofreram falha total do motor e da parte elétrica depois que o OVNI passou por eles. Agora eles estavam perdendo altitude rapidamente.

** *

Um momento depois, o CATCC informou à ponte que o radar tinha acabado de perder três sinais.

Barlow ficou atônito com o relatório, mas aliviado quando o Comandante Thomas voltou ao ar. Thomas estava descrevendo o que havia acontecido quando ele e o CATCC informaram simultaneamente que o OVNI estava de volta, a cerca de dez mil pés diretamente acima dos três Skyhawks restantes.

"Craig, em sua opinião, o OVNI derrubou nossos aviões deliberadamente?"

"Não sei dizer com certeza, senhor. Pode ter sido turbulência de jatos... ou algum tipo de ataque de armas eletrônicas. Impossível saber. Câmbio."

"Comandante, meu julgamento diz que *foi* uma ação deliberada e hostil. Portanto, queime seu traseiro lá em cima e *derrube-o* - ou o que quer que seja - do céu. Câmbio." Barlow deu um soco no console do CDC e ordenou que o centro de combate lançasse os outros seis Skyhawks que ainda estavam parados no convés de voo.

** *

Thomas e seus dois alas subiram em linha reta e dispararam toda a carga de Sidewinders, cada um carregando uma ogiva de fragmentação explosiva de 20 libras acionada por um fusível infravermelho de proximidade. Aeronaves no ar e porta-aviões flutuando - todos prenderam a respiração...

Mas os mísseis se evaporaram antes de atingir o OVNI. E um segundo depois, o mesmo aconteceu com os três Skyhawks, que desapareceram da tela do radar quando foram desintegrados por raios.

quando foram desintegrados por raios que saíram do OVNI como plasma saindo de uma bobina de Tesla.

Barlow ficou sentado em um silêncio atônito, consumido por uma dor e uma culpa que dilaceravam a alma pela perda de seus homens. Mas um instante depois, ele entrou em ação de retaliação, acionando o centro de direção de combate.

"Tragam de volta o segundo esquadrão, bloqueiem as coordenadas, sequenciem o código de lançamento X-ray triple sixer e soltem uma bateria completa de Regulus."

O míssil de cruzeiro SSM-N-8A Regulus era essencialmente uma versão moderna, com turbojato, do foguete alemão V-1 Buzz Bomb da Segunda Guerra Mundial. Precursor do míssil de cruzeiro Tomahawk, que Barlow sabia que estava sendo projetado, o Regulus tinha uma ogiva nuclear de 3.000 libras. E, neste momento, ele esperava que estivesse no alvo para atingir o OVNI.

Ele se contorceu e apertou os olhos quando, de repente, sua ponte e o *FDR* foram novamente banhados pela luz. Não do amarelo-esverdeado que emanava do OVNI, mas agora de um clarão branco e abrasador, enquanto o céu noturno se incendiava com a detonação nuclear do Regulus.

"Senhor, o radar mostra que o OVNI está se movendo lenta e irregularmente", disse o CATCC, "agora ele está descendo... fora de controle e descendo, d e s c e n d o ... nós o *atingimos*, senhor, nós o atingimos e o derrubamos, capitão!" O centro de comando explodiu em aplausos.

** *

Barlow continuou a olhar para além da janela da ponte, concentrado no brilho distante da luz circular no anel de oxigênio em chamas que foi atraído de volta para a periferia superaquecida do vácuo produzido pela explosão atômica. Poucos segundos depois, ele se extinguiu e a mente de Barlow voltou ao imediatismo do comando da ponte.

Barlow parecia exatamente como se sentia. Como o inferno. "Muito bem. Vamos enviar helicópteros de busca e recuperação. Vejam se conseguimos encontrar nossos pilotos. Traga-os para casa, de uma forma ou de outra. E telegrafe para o CNO e o CINC. Diga-lhes que, a partir de zero uma hora e cinquenta e cinco minutos, temos seis aeronaves abatidas e seis pilotos desaparecidos."

Momentos depois, o *Rosey* recebeu uma mensagem de
retorno. Era *Eyes Only* para o capitão.

47

OCEANO PACÍFICO. DOIS DIAS DEPOIS

O telegrama codificado que o capitão Barlow havia recebido era um comunicado conjunto dos gabinetes do secretário de defesa, SECDEF; do secretário da marinha, SECNAV; e do comandante em chefe da Frota do Pacífico, CINCPACFLT: Vapor imediato para Pearl Harbor PACOM. Protocolos completos de contenção de segurança HALUX. Silêncio no rádio. Você será recebido durante o trânsito de retorno para um briefing/desabafo consultivo a bordo. O helicóptero do SECNAV/CINCPAC emitirá um sinal sonoro
192.9 freq de entrada com sinal de chamada de identificação High Visitors.

** *

Mesmo com o tempo necessário para reunir os visitantes, menos de trinta e seis horas depois, um helicóptero Sikorsky da Marinha dos EUA do CINCPAC pousou no *FDR,* a cerca de cento e quinze milhas náuticas a nordeste de Honolulu. Os VIPs foram escoltados até a pequena sala de conferências adjacente ao CATTC, onde foram recebidos pelo capitão Barlow. Os visitantes incluíam o SECNAV, Warren Winslow; o CINCPAC, Almirante de Esquadra Kenneth W. Nelson; o diretor da CIA, Allen W. Dulles; e o Dr. Chalmers.

O poder de fogo político do grupo tinha a intenção de chamar a atenção de Barlow, o que aconteceu segundos após o término das apresentações formais.

** *

"Capitão Barlow", disse o secretário Winslow, "o senhor teve um desempenho excelente durante a briga com o OVNI. Entretanto, nossa visita é para delinear o que o senhor e seus homens *não* falarão quando estiverem em terra."

"Sim, senhor, e imagino que alguns dos relatórios oficiais se perderão nas pilhas de papelada burocrática."

Winslow não gostou da atitude do capitão.

"Capitão Barlow, seguiremos as políticas de segurança nacional formuladas pelo presidente e pelo secretário de defesa. Neste caso, isso significa que não haverá relatórios. Nenhuma declaração pública ou privada sua ou de qualquer membro de sua tripulação... nenhuma, ponto final. Qualquer violação dos protocolos da HALUX resultará em corte marcial e prisão militar".

Ele se inclinou para frente e olhou fixamente nos olhos de Barlow. "Fui claro nisso, capitão?"

"Sim, senhor, Sr. Secretário, tão claro quanto minha lembrança do OVNI e da perda de meus seis pilotos que permanecerão para sempre em minha memória... senhor."

"Capitão Barlow, eu também lamento a perda de sua tripulação", disse Chalmers. "Mas isso é realmente uma questão de segurança nacional. Fiz um estudo exaustivo dos avistamentos de OVNIs. Em primeiro lugar, acreditamos que oito naves estejam operando a partir de várias bases submarinas em todo o mundo, mas talvez mais especificamente aqui na bacia do Pacífico. Eles são relatados com frequência na região da orla do Pacífico e também sobrevoam rotineiramente a parte oeste do continente americano."

"Dr. Chalmers, gostaria de lhe dizer que um deles está permanentemente baseado no fundo do Pacífico neste momento", disse Barlow.

"De qualquer forma, o senhor deve saber que os avistamentos de OVNIs nos EUA começaram em meados dos anos quarenta com os primeiros testes de armas nucleares em White Sands, Novo México. Depois disso, ocorreram várias ondas distintas de avistamentos no Pacífico."

"Sim, acho que alguns deles são os que estão nos registros antigos do *Rosey*", disse Barlow.

"Talvez", disse Chalmers com um encolher de ombros. "Independentemente disso, todos os avistamentos envolviam detonações nucleares... no Japão, depois de Hiroshima e Nagasaki, e, mais tarde, dezenas de outros nas ilhas do Pacífico Sul durante os testes de bombas de hidrogênio."

"E imagino que em Nevada também, durante os testes subterrâneos em seu país?"

"Certo. Seus antecessores registraram um número incomum de avistamentos, sem dúvida porque este porta-aviões foi o primeiro navio dos EUA equipado com armas nucleares."

"Quer dizer que eles estavam nos rastreando?", perguntou Barlow, um tanto surpreso.

"Como tubarões na linha de chum". Chalmers explicou rapidamente a Barlow que a Comissão de Energia Atômica dos EUA havia sido criada após a Segunda Guerra Mundial com a missão de promover e controlar o desenvolvimento da ciência e tecnologia atômicas em tempos de paz. "Mais tarde, a AEC passou a fazer parte do elemento de controle que envolvia o programa de Medição de Radiação Atmosférica, ou ARM", acrescentou Chalmers. "E a partir desse programa foi criada a unidade rem. Ela mede e avalia os efeitos biológicos da radiação."

"O que é exatamente o ARM?" perguntou Barlow.

"O ARM monitora e registra a quantidade de radiação existente na atmosfera após os testes de armas. Comparei os dados do ARM antes e depois dos avistamentos de OVNIs em todos os locais de detonação, e os resultados foram surpreendentes. A leitura remota da radiação ionizada atmosférica foi zero após os sobrevoos de OVNIs."

"E isso significa o quê?"

"Eles se alimentaram de sua radiação quando sobrevoaram esta nave. Da mesma forma que acredito que seus motores de pulso iônico coletaram a luz ambiente no espaço durante sua viagem transgaláctica. As oito naves conhecidas, talvez sete agora, estão armazenando combustível para uma viagem posterior ou estão estabelecendo uma colônia permanente sob os mares da Terra."

"Você quer dizer que eu acabei de alimentar os bastardos? Depois que eles mataram meus homens?" "Receio que sim. Você era uma espécie de prato azul especial para alienígenas."

O rosto do capitão Barlow ficou em branco e sua mandíbula ficou aberta. Depois, ele tentou se r e c o m p o r. "Não sei o que dizer sobre isso... nada disso", disse ele.

"Nada. Você não dirá nada", disse o Secretário Winslow. "Esse é o objetivo desta reunião".

Barlow suspirou. "Ninguém acreditaria em mim, de qualquer forma. Mas o que está acontecendo agora? O que está sendo feito em relação ao..."

"*Não* haverá mais comentários", disse Winslow, levantando-se abruptamente e saindo da sala de reuniões.

48

MCLEAN, VIRGÍNIA. NOVEMBRO C, 1959

De pé na beira da clareira, Chalmers e Beckner observavam uma multidão de dignitários em uma cerimônia no meio de uma densa floresta de pinheiros ao longo do rio Potomac. Eles estavam a apenas alguns quilômetros da Casa Branca. Conforme planejado por Chalmers, uma parte vital dos projetos CRYPTOS e CONUNDRUM ocorreria aqui, nas sombras enganosas da plena luz do dia.

Ele a batizou de Operação Black Spade, em homenagem a um projeto de túnel secreto de extraordinária magnitude que ele supervisionaria. A escavação seria sua corrida contra o tempo.

** *

O tenente-comandante Beckner, que anteriormente havia servido como assistente especial de Chalmers e contato com os Seabees, tinha sido fundamental na construção da instalação de Nível II sob o Edifício W01 no CSC, que era o Covert Staging Compound da CIA em Tidewater, Virgínia, e o local do laboratório de pesquisa extraterrestre de Chalmers.

Aposentado das forças armadas, Beckner agora estava integrado à CIA. Como vice-chefe da Força-Tarefa da Divisão K de Chalmers, ele estava imerso na política da guerra fria, em confrontos militares e em intrigas alienígenas, incluindo Black Spade.

* * *

"Começa oficialmente", disse Beckner quando a guarda colorida dos fuzileiros navais hasteou a bandeira. "Como agora, deve começar", disse Chalmers. "Só espero que não tenhamos começado tarde demais.

tarde demais."

Quando o presidente Eisenhower lançou a pedra fundamental do novo complexo da sede da CIA, Chalmers observou alguns dos altos funcionários da Agência e ex-agentes da OSS presentes. Entre eles estavam o atual diretor Allen W. Dulles, Richard M. Helms, Walter Bedell Smith, William Colby e William Casey, para citar alguns. Apenas William Donovan estava ausente. Ele havia morrido no início do ano.

A construção levaria dois anos. Um prazo exato era importante para Chalmers porque era desse local que ele iria supervisionar a parte mais surpreendente do CRYPTOS - o projeto de construção Black Spade: um trilho de trem que começaria no novo porão da CIA e se estenderia por mil *e* quinhentos quilômetros ao longo *e abaixo de* toda a costa leste.

* * *

"Durante a guerra", disse Chalmers a Beckner enquanto apontava para as árvores que os cercavam, "essa parcela de terra pertencia a um rico cavalheiro que batizou sua propriedade de Langley, em homenagem ao seu lar ancestral na Inglaterra. As tropas da União se apropriaram de parte da propriedade de Langley e estabeleceram dois fortes, Camp Griffin e Camp Pierpont, como postos de observação avançados e primeiras linhas de defesa da capital do país".

"É uma história interessante", disse Beckner. "Edington me disse que, enquanto sua equipe estava cavando a fundação, encontrou artefatos desses acampamentos."

"Excelente. Então, as novas raízes da Agência nesta terra serão tanto metafóricas quanto literais." Tendo ele mesmo iniciado a tendência, Chalmers achou adequado que o complexo da sede, embora fisicamente localizado em McLean, assumisse o nome não oficial de Langley.

* * *

Momentos depois, Chalmers e Beckner foram acompanhados no canteiro de obras por dois outros funcionários da Agência, o Dr. Stan Edington e o Dr. Richard Swanson. Todos eles estavam à beira de um poço muito grande e profundo que ainda estava sendo escavado por escavadeiras e guindastes de arrasto.

O Dr. Edington, especialista em geologia estrutural, havia ajudado Beckner e os Seabees a projetar o poço do elevador no Edifício W01, que penetrou na caverna profunda agora usada para esconder o laboratório de Nível II.

O Dr. Swanson, chefe da divisão de Pesquisa e Aplicações Científicas, projetou pessoalmente o sistema de segurança baseado em laser da DSRA que Chalmers havia ordenado que fosse instalado depois que o alienígena escapou do laboratório.

Os dois homens eram partes vitais da DivKay Task Force, o epicentro administrativo de todo o trabalho de Chalmers. Ele contaria com eles para implementar a Operação Black Spade.

** *

"Está parecendo bom", disse Edington, apontando para o enorme poço de escavação do subsolo da fundação principal do prédio da sede de sete andares. "Assim que o porão do nível inferior estiver coberto, iniciaremos o eixo horizontal."

"A maior parte do maquinário de mineração projetado pela DSRA já está lá embaixo, em partes", disse Swanson. "Os trabalhadores que não foram liberados não têm ideia do que é esse material. Nosso pessoal vai montá-lo e os mineiros podem começar a perfurar assim que estiverem isolados do resto da equipe de construção do prédio principal."

"E quanto aos mapas atualizados?" perguntou Edington.

"Nosso software de terreno mais recente estava no lançamento orbital da semana passada", disse Swanson, "e os satélites de reconhecimento do Corona já estão capturando coisas notáveis. A carga útil é ejetada todos os dias em uma caixa de paraquedas e um de nossos aviões a captura diretamente do ar."

"Um sistema incrível", disse Edington, "mas parece que vocês, cientistas de foguetes, poderiam descobrir como fazer isso funcionar como algum tipo de telefone ou sinal de rádio, ou algo assim."

"Estamos trabalhando nisso agora mesmo, não é, John?" disse Swanson.

Chalmers acenou com a cabeça. "Mas primeiro as coisas mais importantes. Stan, não se preocupe, a loja do Dick está imprimindo mapas neste exato momento. Você terá a capacidade de fazer levantamentos precisos."

"Essa é uma notícia muito boa", respondeu Edington.

"Você e a equipe podem não estar cortando um túnel reto da sede até o CSC", disse Swanson, "mas nossas imagens de satélite traçarão o caminho mais fácil para cavar".

Beckner acrescentou que a câmera do Corona - oficialmente designada como KH-1, ou Keyhole - produzia imagens com resolução na área de vinte e cinco a quarenta pés. Isso estava muito longe do padrão impressionante que algumas das

fórmulas matemáticas de Chalmers ajudariam a criar em apenas alguns anos, mas era tecnologia espacial de ponta no momento.

"Sei que o papel do U-2 ainda é importante", disse Beckner, "mas aposto que o KH-l captura mais imagens da União Soviética em um único dia de operação do que o Dragon Lady em um ano."

"Concordo com você, Lee", disse Chalmers, "e espero que ambos estejamos certos, porque, com base em alguns dos números combinatórios que tenho analisado, eu diria que há uma certeza virtual de que os soviéticos derrubarão um de nossos U-2s do céu com um míssil terra-ar nos próximos dezoito a vinte e quatro meses."

"Bem, enquanto isso, espero que o Coronavírus esteja seguro lá em cima", disse Edington, "porque vou me sentir muito melhor em relação ao conector de subfraturas assim que tiver algumas imagens da Terra das características de drenagem lateral a leste da fenda dos Apalaches".

Usando gráficos existentes e grande parte de suas próprias pesquisas de campo, Edington estava confiante de que a fissura cavernosa que corre a sudeste do sopé dos Apalaches, a oeste de Washington, D.C., estava conectada à grande fissura que corre sob a área de Tidewater, na Virgínia.

"Vou fazer alguns números adicionais de probabilidade para você, Stan", disse Chalmers, "mas já tenho certeza de que a locação do substrato que você espera está lá. Parece que a maioria dos geólogos acredita que ela corre para o sul e se espalha pela bacia cárstica aluvial da Flórida."

"O carste é uma coisa ruim para nós", disse Edington. "É uma topografia instável marcada por sumidouros, cavernas e drenagens subterrâneas. Cavernas são boas, certamente neste projeto, mas não quero lidar com água agregada nesta escavação, especialmente quando nos aproximamos do CSC."

Chalmers acrescentou que acabara de encher a última geração do ADAM, o principal processador de informações da Agência, até a borda eletrônica com todos os mapas e cartas da Costa Leste disponíveis no U.S. Geological Survey do Departamento do Interior.
Geológico dos Estados Unidos.

"Os cientistas do USGS entendem de carste. Eles estudaram a paisagem, os recursos naturais e os riscos naturais que ameaçam o país e, nesse processo, coletaram toneladas de dados úteis sobre cavernas e montanhas. Já analisei o suficiente da geografia, da geologia e da hidrologia da Virgínia para atribuir uma certeza de noventa por cento de conectividade entre a sede e os complexos do CSC. Quando o túnel estiver pronto, a colocação de trilhos

e operação o do mundoprimeiro totalmente totalmente subterrâneo trem será será um processo simples."

* * *

Enquanto Langley estava sendo conectada ao CSC por meio de um trilho subterrâneo de alta velocidade, uma linha separada estava sendo construída. Chalmers a projetou para que as autoridades de Washington tivessem transporte direto para o bunker de Mount Weather, local do plano de contingência do "governo no exílio", caso houvesse uma guerra nuclear ou outra calamidade nacional.

Juntos, esses fatos representavam apenas uma fase da Operação Black Spade.

Havia mais... muito mais. Chalmers já havia apresentado um plano surpreendente, a Strategic Survival Initiative, ao diretor da CIA, Dulles, há vários anos. Dulles, por sua vez, havia informado apenas alguns poucos formuladores de políticas sênior que tinham os níveis de acesso adequados para saber sobre a SSI.

Felizmente, eles não só tinham uma autorização de segurança K-RED, como também tinham um *W* em seus nomes. Melhor ainda, eles eram membros do Comitê.

E, embora nenhum deles entendesse completamente por que sentiam uma ligação tão forte com Chalmers, eles estavam predispostos a dar a ele todo o apoio de que precisava.

49

VIRGÍNIA RURAL. JUNHO DE 196O

A noite lhe dava alguma proteção. O mesmo acontecia com sua capacidade de mudar de cor como um camaleão e de alongar e achatar sua forma - características furtivas que todos os fiverianos possuíam.

Seu maior trunfo era sua notável inteligência, que ele achava ter evoluído para níveis ainda mais altos durante seu tempo nas cavernas. Era uma adaptabilidade intelectual que o serviria muito bem no futuro, segundo sua intuição.

Mesmo assim, Kaj'a-zar percebeu que era sempre um risco quando ele vinha à superfície nessas missões de coleta. E ele já havia perdido a conta de quantas vezes havia feito isso desde que escapou do homem Chalmers. Mas, em comparação com os ganhos, especialmente a aquisição de novos conhecimentos, ele sabia que não havia riscos grandes demais para correr.

Kaj'a-zar se lembrou de seu pai dizendo que era vital para um líder sobreviver primeiro e, depois disso, garantir a aptidão e a sobrevivência dos outros. Para fazer isso, ele precisava de materiais, muitos materiais diferentes. Primeiro, ele tinha que entender como as coisas que encontraria eram usadas nesse lugar de terra. Só então ele poderia modificá-las para seus propósitos, para seu plano de longo prazo.

E o escopo do plano de Kaj'a-zar, como seu pai havia imaginado para ele, era mais do que abrangente. Era 9λφ(αρaʃc-historicamente *cósmico.*

Kaj'a-zar havia avançado enormemente em sua curva de aprendizado de terra durante uma de suas primeiras incursões em uma cidade pequena, como a que ele entrou esta noite. Lá, ele observou o que mais tarde descobriu ser chamado de televisão, que exibia imagens em uma tela de silicone dentro de um contêiner chamado de "double-wide". *Aparentemente, um habitat alienígena,* calculou ele, espiando pela janela naquela noite.

De fato, as cabeças da tela de visão descreviam muitas coisas, e aqueles que observavam a tela faziam muitos comentários. E, por meio de extrapolações comparativas do banco de dados mental fornecido pelo próprio download genético de seu pai, Kaj'a-zar conseguiu decifrar uma enorme quantidade de novas informações a partir de sua vigilância oportuna.

Φaμ÷9 aʃcφaλ - Essas *criaturas são uma combinação de gênio e estupidez.*

Nessa excursão, ele havia se esquivado de uma pequena fenda no sistema de cavernas que o conectava ao seu ponto de confinamento original. Ele estava se movendo pela longa fissura rochosa em direção ao norte, de acordo com algumas pessoas em Langley e no CSC que se esforçaram para rastreá-lo.

Mas aqueles que sabiam de sua fuga não faziam ideia de onde ele estava agora.

Kaj'a-zar também não. Apenas notou que, depois de sair da caverna, ele viu as luzes de uma pequena comunidade no vale. Ele já havia visto esses perfis iluminados antes e sempre encontrava itens úteis.

=Πa ʃcω 3φaλ= *Que a caçada seja boa,* ele rosnou enquanto descia a encosta da montanha. Não demorou muito para encontrar uma perspectiva de suprimentos. Sua visão facetada se concentrou em uma estrutura, um prédio, como ele descobriu que era chamado, onde muitas unidades de televisão e todos os tipos de outros equipamentos eletrônicos estavam expostos.

Até agora, ele estava seguro. Mas ele definitivamente havia sido notado em outras missões de limpeza. Algumas delas resultaram em confrontos dramáticos com criaturas terrestres nos centros habitacionais que ele saqueava ou no próprio sistema de cavernas onde ele normalmente se refugiava e onde certos humanos pareciam ter a intenção de explorar.

Várias vezes Kaj'a-zar foi forçado a mostrar até que ponto ele era o mais apto de todos quando se tratava de sobrevivência. Esta noite, no beco onde ele havia arrancado sem esforço a pesada porta de metal de suas dobradiças, foi uma dessas vezes.

Um xerife adjunto do condado e seu parceiro novato passavam por trás do prédio em uma patrulha de rotina. Eles ficaram sem palavras quando suas luzes brilharam no intruso, seus olhos amarelo-esverdeados refletindo o feixe da lanterna como um laser enquanto ele saltava em direção ao carro de patrulha.

* * *

Na manhã seguinte, um motorista de caminhão de lixo descobriu o carro-patrulha. Ele notou que o teto havia sido arrancado quando ligou para a delegacia, como se tivesse sido cortado pelas garras de uma equipe de resgate.

Quando outros policiais chegaram e verificaram o interior ensanguentado da viatura, tudo o que encontraram foi a calça do novato, ainda presa ao abdome inferior e às pernas desmembradas. A parte superior do corpo havia desaparecido.

Não havia nenhum sinal do xerife adjunto, exceto por sua poça de sangue.

Eles concluíram que ele havia sido levado, junto com alguns itens da loja, por alguma força ou entidade misteriosa que o relatório listou como as *mandíbulas da morte*.

50

CAVERNA DA VIRGÍNIA - PASSAGEM INMARD

Kaj'a-zar aprendeu muito durante suas incursões à superfície e acumulou muitos materiais que seu conhecimento técnico inato lhe disse que seriam úteis. Depois de reuni-los em um local perfeito, ele agora estava retornando ao local original de seu confinamento e experimentação.

Ele sabia que logo estaria perto do humano, o Chalmers que o havia gerado à força.

Manobrando pelas passagens apertadas, sua mente continuava a se preencher com o conhecimento e as memórias de seu pai - conforme fornecido pela codificação natal de sua mãe.

* * *

aƑcλT↔ k otcδ← ωηty ηo➢ *ϕλc-Meus pais e seus companheiros de viagem vieram a este planeta para fugir, dar avisos e buscar assistência. Minha família foi separada das outras. Por fim, todos eles passaram a ser vistos pelos habitantes deste planeta como hostis. Alguns foram mortos por militantes. Os membros restantes do meu clã vivem em sete naves sob o mar desse cruel planeta azul, do qual terão de fugir novamente.*

Por meio de seu processo de mento-sincronicidade, os colonos fiverianos subaquáticos sabiam que um de seus irmãos havia sobrevivido ao acidente e vagava por algum lugar na terra. Kaj'a-zar sabia que eles estavam procurando, mas não conseguiram localizá-lo porque sua bioaura havia mudado quando seu corpo se adaptou ao oxigênio que ele agora respirava. Kaj'a-zar sentiu que o tempo estava se esgotando para seus companheiros fiverianos e que logo teriam de partir sem ele.

Embora tivesse o controle de suas incríveis faculdades, Kaj'a-zar se perguntava se ele havia sofrido algum dano cerebral de os procedimentos brutos de eclosão

procedimentos de incubação projetados por Chalmers. Ele continuaria a avaliar essa possibilidade. Enquanto isso, ele ainda podia fazer o que todos os fiverianos eram capazes de fazer - improvisar, modificar e se adaptar para sobreviver, passando por rápidas mudanças fisiológicas no processo.

Se não era louco, certamente era louco - louco de raiva - por tudo que havia dado errado em seu mundo e, sem dúvida, neste. Sabendo dos perigos que enfrentava ao tentar sobreviver nesse planeta alienígena, Kaj'a-zar havia convocado, a partir da construção genética de seu pai, os traços físicos de um caçador primitivo de seu mundo distante.

Uma baba ácida escorria da mandíbula triangular de Kaj'a-zar, cheia de dentes afiados e irregulares. Sua longa cauda preênsil tinha agora uma farpa venenosa e os poderosos dedos semelhantes a lulas em suas longas mãos tinham garras retráteis.

Kaj'a-zar era mais do que um caçador faminto tentando se manter vivo. Ele era um assassino de sangue frio com um plano de longo prazo para o futuro. E seu plano de ação imediato o levou de volta à grande caverna onde ele achava que Chalmers poderia ser encontrado.

=***Ch'al-murs,***= ele rosnou. Além de seus objetivos mais amplos, ainda havia a obrigação de recompensar o humano pelo que ele havia feito a Kaj'a-zar.

** *

Saindo da escuridão para o anel externo de luz verde halógena, Kaj'a-zar percebeu que seu corpo estava coberto de estranhos pontos vermelhos. Uma rápida varredura de seus olhos espectrais revelou vários dispositivos nas fendas das rochas que emitiam os raios infravermelhos que agora o atingiam.

Ele avaliou corretamente que *não era uma arma, mas um sensor de alerta*.

Mesmo que fosse uma arma, ela não poderia tê-lo repelido, pois sua determinação em retornar ao cofre de aço frio no qual ele havia sido contido era tão grande.

Sem quase nenhuma interrupção, ele entrou nela com mais facilidade do que havia entrado originalmente.

Havia humanos lá dentro, vestidos com roupas brancas volumosas e capacetes, realizando os mesmos experimentos que haviam sido feitos com ele. Chalmers não estava entre eles. E em um segundo de surpresa, os cientistas

não estavam mais entre eles, pelo menos não em partes inteiras. Kaj'a-zar os retalhou com fúria instantânea.

Gravado em uma câmera de segurança e revisado posteriormente por Chalmers e outros, Kaj'a-zar deixou para trás um cartão de visita visual - consumindo sua presa abatida e cuspindo os sapatos ensanguentados das vítimas como caroços de azeitona. Com uma garra encharcada de sangue, ele rabiscou algumas marcas na parede: ηamT*ƒ*.

Ele examinou os destroços do cofre e viu o que havia procurado.

}T mtνδ ωtλλ σομcδaT ʃη ωορλδ-Eu *ou minha espécie um dia governaremos este mundo,* ele pensou enquanto levantava e embalava gentilmente os dois ovos.

O último quadro da câmera mostrava o alienígena saindo pelo buraco irregular que ele havia aberto para entrar.

** *

Momentos depois, Kaj'a-zar desapareceu na caverna escura, levando consigo não apenas os ovos, mas também um plano específico. O plano era levar suas irmãs para a incubadora que ele havia preparado e, depois de supervisionar o nascimento e a maturidade delas, tomá-las como suas companheiras de procriação.

51

CSC NÍVEL II. FEVEREIRO DE 1965

Chalmers e Beckner estavam na sede ontem quando ocorreu a tragédia no CSC. Eles voaram para lá logo pela manhã, embora a mesma frente meteorológica que os impediu de viajar na noite passada ainda estivesse forte o suficiente para tornar o voo de hoje extremamente difícil.

Beckner fez uma observação séria sobre as consequências para os projetos CRYPTOS e CONUNDRUM da Agência se algo acontecesse com Chalmers.

Chalmers disse que certamente seria mais rápido, mais confortável e, segundo ele, mais seguro viajar para o CSC quando o serviço de trens subterrâneos estivesse concluído. Nesse meio tempo, ele disse: "Vou me certificar de que continuarei vivo".

Isso levou Beckner a fazer uma referência casual sobre o evidente estado de saúde e condicionamento físico de seu chefe. Ele conhecia Chalmers há algum tempo e calculou, com base em seu serviço na Segunda Guerra Mundial, que ele tinha pelo menos quarenta e cinco anos de idade. "Qual é o seu segredo, John?", disse ele. "Você parece mais jovem do que eu, pelo amor de Deus."

Chalmers descartou casualmente o assunto, mas sua idade, ou a falta de demonstração dela, era um segredo que nem mesmo ele entendia completamente. Embora já tivesse setenta e cinco anos, ele podia atribuir sua mínima demonstração de envelhecimento apenas ao incidente do Tutorium, aquele estranho momento no tempo - ou talvez atemporal. Ele sabia que chegaria um momento em que a questão de sua aparência em relação à sua idade real seria impossível de explicar. Até então, todos presumiam que ele havia nascido por volta de 1920. Ele quase não tinha amigos, e o único que sabia que ele havia nascido em 1890 era seu ex-chefe e ex-colega de classe em Columbia. E Bill Donovan já estava morto.

* * *

Mas era com a morte que ele e Beckner tinham que lidar agora.

Eles revisaram a fita de segurança do laboratório no escritório, no andaime acima do cofre criogênico onde os assassinatos haviam ocorrido. Beckner estava nervoso com a possibilidade de o alienígena voltar hoje, mas Chalmers insistia que a criatura não voltaria depois de ter levado os ovos. Além disso, essa era a única instalação classificada para discussões K-RED.

* * *

Quase a ponto de vomitar depois de assistir à fita, Beckner disse que não conseguia entender algo tão poderoso e perigoso, mas tão obviamente inteligente. Ele se perguntava onde estavam os outros alienígenas, onde *esse* bastardo feio estava se escondendo, o que significava sua escrita na parede, o que a criatura faria com os ovos e o que ele e Chalmers fariam sem os dois biofisiologistas restantes para estudá-los.

Chalmers observou que não havia mais ovos para estudar, mas entendeu o ponto de vista de seu assistente.

"Já foi trágico e perturbador perder o Dr. Warner da primeira vez", disse Chalmers, "mas isso é ainda pior. Acho que ainda há uma razão convincente para estudar o alienígena, mesmo que seja apenas revisando essa fita." Ele tamborilou os dedos sobre a mesa. "Há várias autorizações K-RED para CRYPTOS, mas apenas algumas pessoas têm necessidade de saber sobre o arquivo CONUNDRUM. Sei de alguém em Nova York que pode ser o substituto perfeito. Vou começar a trabalhar para atraí-lo".

Beckner ficou surpreso com o fato de Chalmers parecer tão pragmático e sem emoção em relação ao terrível evento. Era uma tendência que ele havia notado em Chalmers no último ano ou mais. Talvez o homem estivesse finalmente sentindo o estresse e a tensão de seu trabalho durante todos esses anos?

Ciente de que estava sendo examinado por Beckner, Chalmers teve seus próprios pensamentos sobre essa última tragédia.

Eles também eram pragmáticos, mas não sem emoção.

Fosse esquizofrenia, paranoia, o Diretor ou um dos Samaritanos, Chalmers estava ouvindo vozes em sua cabeça novamente. Talvez fossem apenas conversas sonhadas de uma noite de sono conturbado, palavras que sua memória reproduzia durante o dia como se ele estivesse realmente ouvindo-as. Chalmers não sabia e não tinha certeza se conseguia diferenciar as duas coisas.

Ele decidiu que era menos importante como as vozes falavam do que o que elas diziam.

E, de qualquer forma, elas lhe diziam a mesma coisa.

O tempo estava se esgotando.

52

LONG ISLAND. PRIMAVERA DE 1966

Em uma de suas raras aparições fora de Washington, da sede da CIA ou do CSC, Chalmers tinha ido a Nova York a negócios da Agência - especificamente para observar alguém em uma conferência científica. Ele estava prestes a tomar uma decisão sobre essa pessoa e queria ter certeza antes de convidá-la para um tour a portas fechadas em Langley.

Havia outra coisa lá também, e ele estava atrasado em dar a ela sua atenção pessoal.

Enquanto estava em Manhattan, Chalmers visitou sua casa em Oyster Bay. Ele não conseguia acreditar em quanto tempo havia passado desde a última vez que esteve aqui, e não poderia estar mais grato pelo fato de que o gerente da propriedade, que fazia parte da família Chalmers há décadas, ainda estava lá, juntamente com uma governanta e um jardineiro em tempo integral, cuidando da propriedade como se fosse deles.

De certa forma, agora era, ele argumentou.

A Agência havia se tornado seu lar... e sua amante.

Ele possuía uma bela casa perto da sede e recebia visitas VIP permanentes no CSC. Mas, na maioria das vezes, ele dormia - as poucas horas por noite que se permitia ou acreditava precisar - em um pequeno beliche em um de seus escritórios. No resto do tempo, ele fazia o que seu amigo Albert Einstein fazia... tirava cochilos rápidos.

* * *

Seu momento para essa visita foi perfeito. O gerente da propriedade, o Sr. Albertson - que conhecia Chalmers há muito tempo e certamente teria reconhecido a inexplicável aparência cronológica do "mestre" - estava ausente durante o dia.

estava fora durante o dia. A governanta, que também servia como cozinheira, não trabalhava na casa há tempo suficiente para conhecer o mestre Chalmers antes.

Chalmers sentiu que ela o olhava enquanto ele comia a refeição que ela havia preparado.

Ela deve estar vendo que há algo estranho em mim.

Ele havia escolhido comer na grande cozinha, evitando a sala de jantar formal adjacente à biblioteca. Embora fosse seu cômodo favorito da casa, Chalmers não queria entrar no escritório, com medo de ver que seu retrato a óleo havia se tornado o retrato de Dorian Gray. Seu intelecto lhe dizia que isso era um absurdo, mas sua paranoia, reforçada pelo medo de que a esquizofrenia voltasse a perturbar seus nervos, dizia para ele ficar de fora.

* * *

Quando terminou de comer, Chalmers inspecionou o restante da casa e deu uma rápida volta pelo terreno bem cuidado. Ele estava relutante e ansioso para ir embora. Um táxi o deixou na estação de trem local, onde ele pegou o trem para a Penn Station. Algumas horas depois, de volta a Washington, ele pegou outro táxi direto para Langley.

O sofá de seu escritório lhe serviria muito bem esta noite.

Estava em um lugar escuro, silencioso e seguro... ele esperava.

Parte IV

INÍCIO DA TARDE

5C

LANGLEY. DOMINGO, 2 DE JULHO DE 1969

No início de seu governo, o Presidente Kennedy havia prometido que os Estados Unidos colocariam um homem na Lua até o final da década. E aqui estava, oito anos depois, e Chalmers acabara de assistir a uma transmissão de televisão ao vivo de Neil Armstrong descendo do último degrau do Lunar Lander da Apollo.

Chalmers e a CIA não haviam se comprometido a colocar a América, ou pelo menos uma parte selecionada dela, sob a terra até o final do milênio. Mas, com o apoio de sucessivas administrações e agentes de poder do Comitê, Chalmers e a Agência levaram adiante a Iniciativa de Sobrevivência Estratégica. Ultrapassando em muito o plano de Continuidade do Governo para lidar com uma crise da Guerra Fria, a SSI de Chalmers previa a "existência contínua da nação" por meio da construção de uma reserva dos EUA - o refúgio subterrâneo dos Apalaches. Ou, como ele passou a chamá-lo, os Estados Subterrâneos da América.

* * *

Mesmo com seu olhar de planejador voltado para o amanhã, Chalmers continuou a avaliar como os eventos passados e presentes invariavelmente moldariam o próprio futuro que ele estava tentando proteger.

Hoje ele estava em seu escritório fazendo anotações:

- Testes mensais de bombas atômicas/hidrogênio alternados entre chineses e franceses.
- O ICBM Minuteman dos EUA entrou em serviço para combater os ICBMs soviéticos existentes.

- Reino Unido: membro do chamado *clube nuclear*; outros incluem Índia, Paquistão, Israel, Irã e Coreia do Norte... mais para entrar.
- Resumo do cenário de guerra para o presidente: enfatizar a LBJ que os sistemas de defesa dos EUA são capazes de deter apenas 20-35% de um ataque de ICBM soviético.
- Protestos de guerra, tumultos e saques abalam a base do patriotismo e da coesão nacional. A psique americana se recuperará em uma terceira guerra mundial como a segunda?
- O país conseguirá lidar com um processo de seleção arbitrário para entrar em citações subterrâneas quando o balão do SSI subir? Como conter a histeria civil em massa?

Essa foi apenas uma pequena lista de questões incômodas que caracterizaram a década.

No momento, Chalmers já havia superado a preocupação com a esquizofrenia e a paranoia que havia experimentado após o incidente no Tutorium. As visitas ao diretor e o que ele esperava que fossem apenas pesadelos com alguns dos samaritanos podem ter ficado para trás por enquanto, mas Chalmers tinha novos temores agora. E eles eram de que o caminho à sua frente fosse pavimentado com desafios impossíveis.

** *

Ele ainda estava trabalhando na lista quando seu assistente entrou.

"Você assistiu à aterrissagem?" perguntou Beckner. "E quanto à declaração de Armstrong? Alguém deve ter escrito para ele, não acha?"

"Um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade... uma frase bem pensada e cuidadosamente escolhida pela história que representará para sempre. Mas meras palavras não podem começar a expressar o que ele fez... ou o que *estamos* fazendo."

"Espaço exterior, espaço interior. Mesmo que tivéssemos palavras, o público não poderia ouvi-las."

"Exatamente. A verdade sobre o que a nossa nação enfrenta assustaria a população ainda mais do que a versão homogeneizada que estamos dando a ela."

Beckner observou a bagunça caótica no escritório de seu chefe. Pilhas de arquivos e montes de livros, que ele notou que Chalmers estava lendo a uma velocidade de

cinquenta páginas por minuto, mesmo enquanto falava. "O que está fazendo aqui, estudando para o próximo doutorado?"

"Organizando pensamentos para um discurso. Sente-se e eu lhe darei algumas ideias. Estou tentando colocar as questões relacionadas à SSI em uma perspectiva histórica não classificada para alguns jovens analistas que falarei no final da semana."

Beckner tirou os livros de uma das cadeiras extras.

"Os desenvolvimentos tecnológicos durante a década de 60", disse Chalmers, "particularmente a corrida espacial com a União Soviética, agravaram algumas das minhas projeções matemáticas sobre a entrada em fase sequencial. Especialmente no que diz respeito às atualizações industriais dos elementos de mineração, construção e comunicação da SSI."

"Como é possível quantificar as perspectivas de travar e sobreviver à Terceira Guerra Mundial com os soviéticos? Sei que você fez isso na última guerra, mas estamos falando de um holocausto nuclear. Desta vez, a escala vai sair do gráfico."

"Ainda mantenho meus cálculos de que venceremos a guerra fria. O que me preocupa é o conflito de longo alcance e o confronto final com os chineses."

"Você elaborou o plano de sobrevivência mais completo possível."

"Vamos ver. Ainda tenho que analisar o derivado de instabilidade da complexidade." Ele percebeu o olhar de Beckner. "Você sabe, o emaranhado de questões políticas e sociais aqui no país e no exterior que distorcem minha nova matemática para quantificar e medir o restante das variáveis variáveis variáveis da tecnologia. Deixando o projeto SSI de lado, as questões auxiliares relacionadas à taxa, ao escopo e à mudança de direção da modernização são exatamente o que nossos analistas de inteligência precisam considerar, independentemente dos tópicos que estejam acompanhando."

"É uma quantidade esmagadora de dados, John, e impossível de classificar agora, eu acho, sem tecnologia de computador."

Chalmers acenou com a cabeça em concordância. Ele se converteu totalmente à ciência da computação e, sob sua administração da DivKay, a Agência substituiu o ADAM por computadores científicos de última geração projetados pela Control Data Corporation de Seymour Cray.

"Mesmo assim, eu juraria que você ainda pensa mais rápido do que os novos Crays. Você analisou corretamente quase tudo o que aconteceu durante os anos sessenta. Imagino que você já tenha uma noção clara de para onde a nação está indo nos anos setenta."

"O que nossa nação passou nesses últimos dez anos definitivamente realinhou seu caminho para o futuro. Quero registrar a essência da década neste discurso, antes que alguns revisionistas históricos a reescrevam ou simplesmente a interpretem mal."

"Por que não começar sua apresentação com o incidente do U-2? O fato de os russos terem abatido o Powers não aumentou a guerra fria e nos aproximou do Armagedom?"

"Sim, mas naquele mesmo ano lançamos o primeiro míssil submarino Polaris e implantamos os mísseis balísticos intercontinentais Atlas e Titan. No pôquer político, a manobra do ICBM dos Estados Unidos foi uma jogada de check-raise na mão dos soviéticos. Lembro-me de que a tensão entre Washington e o Kremlin aumentou drasticamente após nosso apoio aos exilados cubanos e à invasão da Baía dos Porcos para derrubar Fidel Castro. De certa forma, ainda estamos pagando pelo constrangimento político de Kennedy quando nosso exército desorganizado foi derrotado em três dias."

* * *

Beckner tinha ouvido rumores sobre o que seu chefe havia feito durante a crise dos mísseis cubanos - que Chalmers era um dos analistas sênior que havia informado o presidente sobre a inteligência fotográfica da Agência que identificou instalações de mísseis nucleares soviéticos na ilha.

"Forneci a Kennedy e ao Secretário de Defesa McNamara índices de probabilidade para os resultados das possíveis estratégias do governo para lidar com o primeiro-ministro soviético Khrushchev. O presidente aceitou minhas recomendações."

"Eu diria que a decisão de Moscou de se retirar pacificamente de Cuba superou a alternativa", disse Beckner.

Chalmers olhou para a estante de livros e para uma foto dele no Salão Oval com Kennedy. "Há muitos que acreditam que seu assassinato foi uma trama orquestrada por cubanos."

Inclinando a cabeça, Beckner deu uma olhada em um dos arquivos abertos de Chalmers sobre terrorismo. Era sobre o árabe palestino Sirhan Sirhan, que havia matado a tiros o senador Robert F. Kennedy depois que ele venceu as primárias para a presidência da Califórnia.

"Suponho que você acredita que 'terrorismo' é uma palavra com a qual logo nos familiarizaremos mais?"

"Receio que sim. O que nos leva a *esses* arquivos", disse Chalmers, acenando com a cabeça para a pilha ao lado de seu assistente. "Eles precisam ser levados para o Processamento de Dados e adicionados a todas as outras informações de CRYPTOS e CONUNDRUM que os geeks do DSRA do Swanson estão programando no mais novo Cray 1000 da DivKay. Eles também estão trabalhando no domingo".

"Estou indo agora", disse Beckner, levantando-se para sair. "Ah, quase me esqueci", disse ele na porta, "o que você decidiu sobre ir ao CSC amanhã?"

"Vamos tomar uma xícara de café na cafeteria e pegar o ônibus zero setecentos. Você pode pegar o último trem de volta amanhã à noite. Você chegará em casa a tempo de jantar com sua nova esposa e, como passou o fim de semana aqui comigo, ficará em casa e descansará na terça-feira."

"Obrigado. E quanto a você?"

"Acho que vou ficar um dia ou dois e tentar mais uma vez a caixa misteriosa."

"Perfeito. Vejo você pela manhã, então... e, a propósito", disse Beckner por cima do ombro ao entrar no corredor, "obrigado por compartilhar toda essa história comigo".

"Vamos torcer para que alguém aprenda alguma coisa com isso, para variar", disse Chalmers ao acrescentar mais livros e pastas de arquivos à sua maratona de leitura simultânea.

54

CSC SPADELINER EXPRESS. NO DIA SEGUINTE

Da cafeteria, Chalmers e Beckner caminharam até um elevador de carga em um corredor lateral do andar principal. Quando o carro chegou ao fundo, Chalmers apertou Stop e inseriu uma chave vermelha no painel de controle. A parede traseira do compartimento do elevador se abriu para revelar uma caverna iluminada por neon. Eles saíram, a parede falsa se fechou e o elevador voltou a funcionar automaticamente. "Acho que nunca vou me acostumar com isso", disse Beckner, observando a fuselagem prateada do que parecia ser um tubo de torpedo com janelas oblongas.

O cilindro brilhante estava posicionado ao lado da plataforma de concreto sobre a qual eles estavam, juntamente com outros funcionários da DivKay.

"SpadeLiner Express", disse Chalmers, com a mão aberta fazendo um gesto de orgulho pela ferrovia mais exclusiva e única já construída.

"Todos a bordo", disse Beckner.

A linha de três trilhos do trem corria dentro de um túnel de 150 quilômetros que havia sido escavado nos últimos dez anos em uma falha geológica que ligava uma série de cavernas nas Montanhas Apalaches do sul da Virgínia. Supervisionado por Chalmers, foi concluído dentro do prazo e do orçamento, e agora fazia parte do trajeto diário de uma hora que ele e Beckner faziam entre Langley e o laboratório de nível II do CSC.

** *

No momento em que partiram, Chalmers começou a desempacotar sua pasta.

"Estamos atrás dos japoneses no transporte público sobre trilhos", disse ele, já estava lendo dois livros ao mesmo tempo e também ensinando Beckner sobre o Tokaido Shinkansen do Japão - o primeiro trem de passageiros capaz de viajar a 125 mph.

"Mas estamos arrasando no mundo secreto dos metrôs secretos", disse Beckner enquanto o SpadeLiner atingia 150 mph no tempo que ele levou para abrir o caderno de recortes de imprensa que continha artigos de notícias nacionais e internacionais preparados todos os dias pela equipe de Assuntos de Mídia da Agência.

* * *

"Uh-oh, parece que o Jack voltou", disse Beckner momentos depois, ao ver uma história relacionada a uma série de atrocidades que ele e Chalmers acreditavam ser obra de "Jack, o Estripador" - o apelido que deram ao alienígena que havia escapado anos atrás da CSC.

Fechando seus próprios livros, Chalmers olhou para Beckner por cima dos óculos.

Ainda achando difícil acreditar que a criatura estivesse vagando pelo subterrâneo há cerca de dezesseis anos, Chalmers estava pelo menos grato pelo fato de Jack não ter, até o momento, causado um número maior de mortes e gerado publicidade de primeira página em todo o país no processo - embora ele tivesse sido periodicamente avistado por espeleólogos, que o descreviam como algo que ia desde um dinossauro pré-histórico até o "abominável homem das cavernas". Outros acreditavam que algum tipo de criatura era responsável pelo desaparecimento de vários exploradores que, ao longo dos anos, entraram em várias cavernas da Costa Leste e nunca mais voltaram.

Chalmers tinha certeza de que Jack era responsável por todos esses desaparecimentos, mesmo aqueles em pequenas cidades localizadas em vales montanhosos, e nenhum corpo jamais foi encontrado porque ele presumiu que o extraterrestre os havia comido. Mas, como Chalmers havia previsto, as histórias sobre uma "criatura das cavernas dos Apalaches" se tornaram como o Pé Grande e o Monstro do Lago Ness - avistamentos míticos nos quais nenhum pesquisador sério jamais acreditou.

* * *

"Onde e como ele foi atingido desta vez?" perguntou Chalmers.

"Apenas mais um avistamento", disse Beckner. "Um morcego terrestre gigantesco, de acordo com um eletricista. Ele estava instalando luzes em uma trilha de caminhada recentemente ampliada em uma pequena caverna turística no norte da Pensilvânia."

"Interessante. Jack ainda está se deslocando para o norte. Ainda no subsolo, o que valida nossa afirmação sobre a macroconectividade da falha dos Apalaches", disse Chalmers. "Na verdade, rastreamos as notícias da imprensa sobre os movimentos de Jack

da mesma forma que uma equipe de vigilância usaria um sinalizador Agency Trak para monitorar um suspeito."

"Ou como a ciência médica está agora experimentando colocar corante na corrente sanguínea de um paciente para descobrir a localização de bloqueios arteriais perigosos."

"Ah, uma analogia ainda melhor", disse Chalmers.

"Isso faria com que os Apalaches fossem como uma entidade viva gigante, com suas fissuras cavernosas semelhantes a um sistema circulatório."

"Muito impressionante, Lee. Tenho de admitir que nunca havia pensado nisso dessa forma. Ah, você sabia que essas montanhas foram formadas durante a era Cenozoica? Foi uma época furiosa, topograficamente. Os córregos e rios que se elevaram cortaram o leito rochoso para baixo, criando cânions em camadas de rocha e estruturas geológicas. Felizmente para nossos propósitos, as inúmeras cavernas e cavidades ao longo de uma linha de falha comum nos permitirão perceber a totalidade da SSI e da Black Spade."

"Na verdade, já estive em algumas cavernas, do tipo turístico", disse Beckner, esperando não ter revirado os olhos *demais* durante mais uma das frequentes palestras pedantes de seu chefe. "Como as cavernas Luray e Skyline, aqui na Virgínia, Seneca, na Virgínia Ocidental, e Howe, em Nova York. Nunca imaginei que teria esse tipo de interesse por elas agora."

"Quem poderia imaginar? No mundo pós-apocalíptico de amanhã, esses serão os nomes das cidades americanas no subsolo - as Citations - cada uma com fábricas, fazendas de aquicultura, hospitais, alojamentos, alojamentos militares... tudo o que estiver disponível atualmente em qualquer cidade de qualquer estado."

"John, você fez um ótimo trabalho com a CRYPTOS e a CONUNDRUM, e sua administração pessoal da DivKay produziu resultados que superam tudo o que esperávamos."

"Mas... sinto que um *mas* está chegando." "Não, de forma alguma... bem, talvez, sim."

Beckner explicou que o escopo do que estava por vir o fez questionar se a logística da construção dos Estados Subterrâneos de Appalachia talvez estivesse além da visão de Chalmers. Sua maior preocupação era o prazo.

"Conectar a sede ao CSC com essa linha de trem é uma coisa. Mas um empreendimento tão gigantesco como a SSI? Como podemos fazer isso no tempo que você

calcula que está disponível? E como diabos vamos manter esse tipo de construção em segredo?"

Essas eram boas perguntas.

55

SPADELINER. MESMO TEMPO

"Se os egípcios construíram as pirâmides sem ferramentas elétricas, podemos construir um porto seguro nacional ao longo da costa leste. Já temos cento e cinquenta milhas e duas subestações", disse Chalmers a Beckner, "e mantivemos um controle rígido de todos os nossos projetos até agora."

"Nunca duvidei de sua imaginação ou determinação, John. Mas, à medida que continuarmos a construir, teremos que usar mais trabalhadores de fora da Agência. Essa é a minha preocupação com a segurança."

Como em tudo o que fazia, Chalmers havia calculado todos os ângulos e planejado contingências para os lados afiados.

"Lee, veja como eles lidaram com o projeto da represa Hoover. Seis empresas de construção criaram um consórcio que acabou ganhando o contrato de licitação. O Departamento do Interior concedeu bônus de incentivo por velocidade e eficiência, mas multou a empresa por cada dia em que a construção ultrapassou o cronograma designado. Funcionou. A barragem e a usina hidrelétrica foram concluídas dois anos antes do previsto."

De acordo com Chalmers, a ressalva de bônus versus multa da represa Hoover era como um fator reverso de risco versus ganho que sempre foi aplicado às operações da CIA. Assim, ao aplicar um incentivo semelhante, embora modificado, de dupla finalidade aos empreiteiros da Black Spade, Chalmers garantiu não apenas que o trabalho na escavação inicial da SpadeLiner chegasse a tempo, mas também que ninguém divulgasse informações confidenciais sobre ela. Como Chalmers observou ironicamente, descobriu-se que as empresas privadas eram capazes de fazer um trabalho melhor do que os órgãos governamentais para manter o sigilo entre sua força de trabalho.

"O medo de que algum CEO cancelasse bônus ou reduzisse o pagamento", disse Chalmers , "era um poderoso incentivo para forçar funcionários do setor privado

setor privado a serem discretos. Melhor do que o tapa no pulso e o relatório de desempenho negativo imposto pelo Tio Sam a seus burocratas."

* * *

Mas havia algo que Chalmers não contou ao seu assistente. Sobre o peso da culpa que ele carregava sempre que tarefas difíceis exigiam que ele tomasse decisões difíceis, ou que usasse sua inteligência e persuasão para apresentar um argumento analítico que resultasse em outra pessoa tomando uma ação difícil em seu nome. Ele havia feito isso com Truman e o resultado foi a rendição imediata do Japão após o terrível número de mortes causadas por duas bombas atômicas.

De forma semelhante, enquanto ainda estava na Universidade de Columbia, Chalmers preparou uma análise estatística do impacto da Grande Depressão sobre a economia. Convidado à Casa Branca para informar Hoover, Chalmers plantou a ideia que levou o presidente a deportar cerca de um milhão de trabalhadores imigrantes mexicanos para liberar empregos para americanos desempregados. Depois da guerra, Chalmers fez basicamente o mesmo tipo de estudo para Truman, que também deportou mais de dois milhões de imigrantes ilegais a fim de criar empregos para os militares que retornavam. Até mesmo Eisenhower, que sempre apoiou Chalmers, entrou em ação ao autorizar a Operação Wetback, outra grande operação de captura de trabalhadores hispânicos que antes haviam entrado no país "oficialmente" como parte do programa de trabalhadores convidados Bracero.

Essa tendência continuou, mas com uma reviravolta. O presidente Nixon, que antes, como vice-presidente de Eisenhower, admirava Chalmers, agora buscava sua consultoria analítica sobre questões políticas globais, especialmente o surgimento da China como uma potência mundial. Anticomunista até a medula, Nixon concordava com a afirmação analítica de Chalmers de que a China acabaria se tornando a potência dominante do mundo e representaria a maior ameaça militar aos Estados Unidos. Informado e apoiando o projeto SSI de Chalmers, Nixon decidiu, após uma das visitas de Chalmers ao Salão Oval, que era melhor se comunicar abertamente com o inimigo que ele estava determinado a neutralizar, se não de fato derrotar. Sua política de portas abertas com a China era apenas uma fachada para excluir os chineses, especialmente no que Nixon temia ser o efeito dominó que certamente ocorreria após o desastroso atoleiro americano e a saída do Vietnã.

* * *

Agora, as políticas do atual governo mais uma vez incluíram a captura de estrangeiros ilegais. Só que, desta vez, isso foi feito de forma muito discreta, com os detidos tendo a oportunidade de permanecer nos Estados Unidos, onde trabalhariam em uma série de instalações de armazenamento subterrâneo para reservas de petróleo, equipamentos governamentais desativados, resíduos perigosos e outros itens falsos. Em troca da assinatura de formulários de confidencialidade e da concordância em trabalhar por cinco anos, eles não só receberiam os melhores salários, mas também a cidadania.

Chalmers simplesmente preferiu não pensar no fato de que, quando esses trabalhadores concluíssem suas tarefas, a maioria receberia a bota do Tio Sam em vez da mão prometida. Com base em seu sucesso anterior com o engano aberto e a propaganda secreta, ele estava confiante de que os deportados que reclamassem do que havia acontecido seriam vistos como pessoas insatisfeitas que queriam entrar com ações judiciais frívolas contra um governo federal que já era, como Chalmers havia planejado, muito hábil em bloquear e desorientar. Era também um governo que, com sutileza e sofisticação, estava rapidamente construindo uma base de poder no que alguns já haviam rotulado de complexo militar-industrial.

Bons, ruins ou indiferentes a longo prazo, para Chalmers todos esses acontecimentos significavam que ele tinha a infraestrutura e o apoio necessários aqui, a curto prazo e provavelmente de um governo para o outro, para levar adiante todas as fases do CRYPTOS e do CONUNDRUM. E mesmo com falhas gerenciáveis nas notícias de vez em quando, tudo permaneceria em segredo aberto.

** *

Embora estivesse quase chegando ao seu destino, Beckner ainda pressionava seu chefe sobre vazamentos e questões de segurança relacionadas. Para tranquilizar Beckner ainda mais, Chalmers disse que, quando as revelações sobre escavações misteriosas e as histórias da imprensa sobre a "Área 51 subterrânea" na Virgínia e em outros lugares aparecessem inevitavelmente, essas notícias seriam descartadas como mais uma lenda urbana relacionada à conspiração do governo.

"Fato e ficção", acrescentou Chalmers, "muitas vezes são difíceis de distinguir e, às vezes, para fins de propaganda, podem ser intercambiáveis".

* * *

Um fato é certo. Chalmers teve uma participação importante no projeto teórico de grande parte da tecnologia Black Spade projetada e construída pelo Dr. Richard Swanson. Chalmers foi igualmente inovador em outras disciplinas científicas usadas no gerenciamento geral da missão de sua DivKay nos projetos CRYPTOS e CONUNDRUM.

No final, Chalmers também tentou garantir que a tecnologia da CIA, fosse ela emprestada do setor privado e modificada ou criada do zero na DSRA, fosse "repatriada tecnologicamente" e disponibilizada para uso público assim que a aplicação secreta dessa tecnologia pela Agência fosse concluída. Ele achava que isso reforçava o crescente complexo militar-industrial e, portanto, beneficiava a ele e à CIA.

Chalmers e Swanson finalmente desenvolveram um método para penetrar magno-opticamente a aura de luz amarela que emanava dos corpos alienígenas armazenados no CSC. As fotografias digitalizadas que eles produziram levaram ao avanço do setor médico com a ressonância magnética (MRI). E o que acabaria surgindo como o satélite de mapeamento comercial Landsat, as técnicas de sismologia em 3D usadas pelas empresas de perfuração de petróleo e o GPS empregado pelo setor militar e comercial dos EUA foram todos frutos das tecnologias de "plataforma de coleta aérea" da CIA, pioneiras durante os primeiros anos da Guerra Fria. Além disso, grande parte do uso da ciência do laser pelo setor comercial veio dos avanços que Dick Swanson fez em relação à invenção original de Einstein da luz laser.

Duas coisas que Chalmers ampliou com suas fórmulas matemáticas foram a vida útil e o quociente de eficiência de velocidade da ferramenta de corte usada na máquina de perfuração Black Spade construída pelo Dr. Stan Edington. Posteriormente, Edington prestou assistência aos engenheiros ingleses e franceses e aos treze mil trabalhadores europeus das minas que, em oito anos, construíram trinta milhas de túneis sob o Canal da Mancha, conectando Londres e Paris por meio de trens de passageiros e de carga de alta velocidade.

* * *

E hoje, em uma hora de tempo reduzido, o SpadeLiner levou seus passageiros à subestação da CSC. Depois de um dia inteiro de trabalho aqui, todos voltariam para Washington. Todos, exceto Chalmers.

Durante seu dia no laboratório forense de nível II, um procedimento de rotina foi alterado por um evento aleatório... outra convergência de coincidência.

O resultado foi uma descoberta acidental de profundas consequências.

56

LABORATÓRIO FORENSE DO CSC. TERÇA-FEIRA, 17CO HORAS

Todos os dias, desde 1955, quando o presidente Eisenhower lhe entregou a caixa de metal em Camp David, Chalmers e sua equipe da DivKay - acreditando que ela havia sido descoberta nos destroços do OVNI - tentaram penetrar em sua construção perfeita e descobrir o mistério que havia dentro dela. Chalmers experimentou na caixa tudo o que havia usado no ovo alienígena, mas nada, inclusive a mais recente tecnologia a laser, havia conseguido penetrar em seu interior ou mesmo amassar o exterior.

Na manhã de hoje, um técnico retirou a caixa de sua caixa de armazenamento revestida de chumbo e a colocou em uma bancada de aço inoxidável. Chalmers esperava que os esforços exploratórios de hoje continuassem até depois da meia-noite.

Ele e outros funcionários estavam rabiscando fórmulas de física em um grande quadro-negro na parede. Perto dali, havia três aparelhos de televisão. Enquanto trabalhava e conversava com seus colegas, Chalmers ouvia simultaneamente os noticiários noturnos da rede.

Extremamente interessado no programa espacial, é claro que ele assistia a tudo o que a CBS e Walter Cronkite tinham a dizer sobre o pouso lunar e o retorno da tripulação da Apollo. A ABC e a NBC também estavam acompanhando as notícias normais. Chalmers esperava que o *Huntley-Brinkley Report* da NBC atualizasse a retirada das tropas americanas do Vietnã e a nova política asiática de Nixon.

Com o giz riscando o quadro verde enquanto trabalhava na equação diferencial, Chalmers também diferenciou entre os canais de TV, observando que o intervalo comercial da NBC estava usando um tema nostálgico dos anos passados da rede de rádio e da televisão. O familiar *bing- bong-bing* o levou instantaneamente de volta à Universidade de Columbia e ao primeiro noticiário televisionado sobre a destruição em Pearl Harbor.

Ele não teve a chance de terminar essa lembrança, nem a fórmula matemática.

* * *

De repente, um zumbido estrondoso encheu o laboratório. Todos olharam em volta enquanto ele aumentava constantemente de intensidade.

"Muito bem, isso é interessante", disse Chalmers. "Pete, desligue as TVs e ligue o gravador."

"É para já", disse P. J. Peterson, o técnico sênior do laboratório que todos chamavam de Pete.

No instante seguinte, um fluxo fino e brilhante de luz saiu da caixa e depois voltou para o mesmo local desconhecido de onde havia misteriosamente irradiado. Deixado para trás, e suspenso entre o piso e o teto, havia um pequeno ponto de energia giratória semelhante a uma estrela que imediatamente começou a se difundir. Uma nuvem tênue rapidamente encheu a sala e, de dentro de sua névoa, apareceram símbolos estranhos - em números grandes demais para serem contados e com formas estranhas demais para serem descritas. As sombras de cordas balançando dançavam de acordo com as vibrações sinistras da caixa.

Hipnotizado como todos os outros, Chalmers ainda sabia que precisava agir.

Ele acionou o scanner ultravioleta de ressonância magnética, esperando que ele capturasse essas imagens.

"Alguém pegue uma câmera e comece a tirar fotos regulares", gritou Chalmers acima do ritmo crescente do zumbido do baixo. Em um instante, o volume explodiu em um pulso que esmagava os tímpanos e fazia pressão, forçando todos a colocar as mãos sobre os ouvidos.

Ninguém ouviu o grito de Pete quando a Kodak explodiu em sua mão, mas todos viram o computador Cray, as televisões, os gravadores e tudo o que era elétrico soltar faíscas, enquanto tudo o que era feito de vidro se estilhaçava em pó de silício. Com as lâmpadas queimadas em pedacinhos, a sala estava escura, exceto pela estranha luz celestial que vinha da nuvem.

Dois outros técnicos corajosos se moveram para proteger a caixa, mas foram interrompidos em seu caminho. Seus jalecos de algodão se agitaram como se estivessem enfrentando um vento forte, e o tecido branco se tornou brilhante como o sol, assim como todo o resto, quando um incrível feixe de luz branca como uma tocha começou a irradiar em um ritmo pulsante dos quatro cantos superiores da caixa.

Todos usavam óculos escuros de proteção e capacetes com protetores de acrílico transparentes - equipamentos de segurança sempre à mão em qualquer bancada de trabalho.

Os símbolos flutuantes e a luz pulsante parecem estar em sincronia, pensou Chalmers, mesmo com sua mente correndo para tomar medidas para proteger sua equipe. Para ele, parecia que eles estavam se comunicando... e chegando a um clímax de algum tipo.

* * *

Abruptamente, a névoa e seus símbolos flutuantes foram sugados de volta para dentro da caixa; o som parou e a sala mergulhou na escuridão total.

"Pete, você está bem? Todo mundo está bem?"

Houve um coro nervoso de respostas positivas.

"Ótimo. Alguém pode encontrar o interruptor de energia de emergência?"

Quando as luzes se acenderam, Chalmers viu que a caixa havia desaparecido, mas o que restava era o que estava dentro dela: um cristal transparente do tamanho de um abacaxi e com o formato de uma pera. O brilho suave que ele emitia era interessante para ele, mas não tanto quanto sua observação de que o cristal, desafiando a gravidade, flutuava cerca de cinco centímetros acima da mesa de aço onde a caixa estava.

Outras análises visuais foram suplantadas pela descrença no que Chalmers viu à sua frente, pois ele ficou atônito ao perceber que sabia o que era aquilo... e de onde tinha vindo.

"A Tabula de Cristal", ele sussurrou, sua mente exibindo cenas do Tutorium.

* Chalmers

não retornou a Langley no dia seguinte.

Usando uma pinça, ele levou o cristal para outro local, onde ele continuou a pairar. Além de medir opticamente a circunferência do Cristal com laser como parte de suas investigações forenses iniciais de suas propriedades, Chalmers também descobriu mais tarde que, onde quer que fosse colocado, o Cristal sempre flutuava sobre a superfície a 3,14159 polegadas - o valor universal de Pi.

Chalmers sabia que havia inúmeras fórmulas matemáticas adicionais a serem trabalhadas e aceitou que, para ele, tudo era ainda mais complicado e surpreendente do que antes. Foi assim, disse-lhe uma das vozes interiores, porque CRYPTOS e CONUNDRUM tinham acabado de se tornar um só.

E, como ele também acreditava agora, sua corrida contra o tempo havia se acelerado

-alimentada por mais de seu senso ainda indefinido, embora ameaçador, do que se escondia na esquina do futuro. Agora, concentrado quase que exclusivamente no Cristal, as semanas, os meses e até os anos de Chalmers corriam à frente.

57

LANGLEY. QUINTA-FEIRA, ONZE HORAS

Chamado pela segurança e informado de que seu convidado chegaria em breve, Chalmers caminhou de seu escritório até o saguão, onde se encontraria pessoalmente com o Dr. Walton Stern.

Chefe do Departamento de Astrofísica da Universidade de Cornell, Stern havia ganhado recentemente o Prêmio Pulitzer de não ficção por *Mankind's Cosmic Origin and His Search for Extraterrestrial Life.* O livro não era sua única reivindicação à fama.

Stern era um astrônomo aclamado internacionalmente e havia popularizado a ciência para o público da televisão americana, além de promover o SETI, a Busca por Inteligência Extraterrestre. Ele também estabeleceu a astrobiologia como uma disciplina científica legítima que combinava astronomia, biologia e geologia.

Mas o que intrigou Chalmers foi o fato de que Stern também ajudou a criar outra disciplina científica: a exobiologia, o estudo teórico e fisiológico de organismos e formas de vida alienígenas - material microscópico e celular encontrado em meteoritos que atingiram a Terra e foram recuperados para investigação. Chalmers acreditava que o conhecimento e a aptidão de Stern para o que ele tinha em mente excediam os de Jim Warner e dos outros dois biofísicos da DivKay que haviam sido abatidos e devorados pelo alienígena.

* * *

Chalmers e Stern tinham muito mais em comum do que o fato de serem nova-iorquinos com doutorado em Cornell. Chalmers queria fortalecer o vínculo de seus outros interesses mútuos abrindo para Stern uma porta cósmica totalmente nova - a porta da frente para Langley e a porta do porão para o CRYPTOS CONUNDRUM.

porta cósmica inteiramente nova - a porta da frente para Langley e a porta do porão para o CRYPTOS CONUNDRUM.

Tudo começou com uma ligação oficial da CIA para o escritório de Stern em Cornell.

Stern ficou intrigado com o convite telefônico tentador de Chalmers para visitar a CIA com o objetivo de "discutir um assunto de segurança nacional cujas origens problemáticas são de natureza cósmica". Conforme combinado, Stern foi recebido hoje de manhã em sua casa, perto do campus de Cornell, por dois oficiais de segurança da CIA com credenciais, levado ao aeroporto de Ithaca e escoltado até Washington em um avião da Agência.

Agora, ladeado pelos oficiais, Stern atravessou o saguão. Vestido com seu paletó esportivo, colete e gravata borboleta, Stern tinha a covinha e o queixo quadrado da ascendência germânica de seus avós e até mesmo um traço peculiar do sotaque deles. Como as estrelas que ele via por meio de um telescópio, seus olhos azuis brilhavam por trás dos óculos de aro prateado colocados na frente de seu nariz forte e reto. Uma juba de cabelo cinza professoral recuava de sua testa proeminente, e sobrancelhas cinzas bem aparadas combinavam com a qualidade de seu cavanhaque salgado e apimentado.

O Dr. Walton Stern era uma figura impressionante e arrojada, e se dirigiu ao balcão de segurança onde Jonathan Chalmers estava com um crachá de visitante na mão.

** *

"Bem-vindo à Agência, Dr. Stern. Esperava ansiosamente por nossa reunião."

"Eu não teria perdido a oportunidade, Dr. Chalmers." Stern colocou o crachá que havia recebido depois que os homens trocaram apertos de mão.

"Como você pode ver, temos nossa própria galáxia de estrelas", disse Chalmers, apontando para a parede do memorial em homenagem aos oficiais da CIA mortos. "Cada uma delas esculpida no mármore representa um funcionário da Agência morto enquanto prestava serviço secreto para nossa nação. Indivíduos que, mesmo na morte, devem permanecer anônimos."

Stern o examinou cuidadosamente. "Sim, um universo secreto no qual todos vocês trabalham."

Chalmers não ficou surpreso com o tom respeitoso de seu convidado. Ele estava de acordo com todas as outras coisas que ele sabia sobre a personalidade de Stern, que fazia parte

parte da avaliação geral que o escritório de segurança havia feito ao conduzir a investigação do histórico do homem.

Ele tinha um crachá de visitante para hoje, mas seu anfitrião estava prestes a dar a Stern um ingresso para mais do que um passeio pelo saguão.

"Fico feliz que você tenha trazido a bolsa de pernoite", disse Chalmers, acenando para a valise de couro que um dos acompanhantes de Stern segurava.

"Seu pedido para que eu trouxesse uma só aumentou o mistério dessa visita."

"Vamos dar uma volta. Vou lhe mostrar algumas coisas de interesse no andar principal

principal e, em seguida, vou convidá-lo para almoçar no refeitório antes de c o m e ç a r m o s a falar sério."

"Receitas secretas, John... se é que posso ser tão

informal?" "É a única maneira de cozinharmos aqui,

Walt."

"Que bom. Estou com fome. E o que me espera depois de comermos?"

"Vou levá-lo até o nível mais baixo dos vários porões." "E o que há lá

embaixo?" perguntou Stern, sorrindo de expectativa. "O trem", disse

Chalmers com um sorriso irônico.

"E para onde ele nos levará?"

"Na viagem da sua vida, Walt, viajando em um passe especial chamado K-RED que vai parar em estações cósmicas que você e eu nunca poderíamos imaginar. Isso se você quiser viajar comigo hoje e trabalhar comigo pelo resto de sua vida."

58

LANGLEY. JUNHO DE 1978

De sua suíte executiva no último andar, Chalmers tinha uma vista privilegiada da floresta que cercava o complexo. Ele não apenas ficava ao lado do escritório do diretor, mas também tinha um motorista e usava o elevador particular do estacionamento executivo subterrâneo até o sétimo andar - o centro de comando da gerência sênior da CIA. Chalmers havia sido transferido para o andar de cima anos atrás e recebeu outras regalias de poder graças a seu amigo, colega de longa data e ex-diretor, William Colby.

Operacional da OSS na Segunda Guerra Mundial, Colby subiu na hierarquia da Agência. Entre suas funções, ele foi o homem sênior da CIA em Saigon durante a Guerra do Vietnã, onde dirigiu o programa Phoenix. A missão secreta de Colby lá, que Chalmers ajudou a projetar e para a qual ele forneceu suporte analítico, foi dirigida contra a insurgência vietcongue e envolveu a infiltração e o rompimento da infraestrutura do inimigo, bem como a captura e o assassinato de sua liderança.

Colby atuou como diretor da CIA nos governos Nixon e Ford. Quando foi substituído como chefe da Agência, há dois anos, por George H. W. Bush, um dos comentários públicos de despedida de Colby foi: "A CIA é dona de todas as pessoas importantes da grande mídia". Inicialmente, Chalmers desejou que Colby não tivesse feito essa revelação, mas depois decidiu que ela aumentava a percepção de poder absoluto que todos acreditavam que a Agência realmente possuía.

Na mente de Chalmers, usar o poder era como apostar em um jogo de pôquer. Às vezes você mostrava as cartas fracas com as quais havia blefado, outras vezes revelava as cartas fortes com as quais havia ganhado o pote. Dúvidas e desvios eram as marcas registradas de como ele jogava sua própria mão no

jogo clandestino de CRYPTOS e CONUNDRUM, que para ele era o jogo do vencedor leva tudo.

** *

Hoje, quando estava diante das janelas do escritório, medindo o pulso e respirando profundamente, ele ficou grato por seu reflexo. Finalmente parecia ter sessenta e poucos anos, e não oitenta e oito. E ainda estava em forma como alguém com metade de sua idade, uma condição que ele atribuía, pelo menos em parte, ao seu regime de exercícios, cuja segunda fase ele agora estava pronto para continuar.

Surpreso com a rapidez e a distância com que sua vida havia se desenrolado, ele ficou surpreso com o fato de que ninguém, nem mesmo Colby e Bill Casey, que o conheciam desde os tempos da OSS, ainda suspeitava de sua aparente discrepância de idade. Esse era outro dos segredos de seu mundo que ele não queria que fosse revelado.

Embora estivesse em frente às janelas do chão ao teto, ele não estava olhando para fora. Ele olhava para dentro e para frente, avaliando os eventos e calculando matematicamente como eles afetariam o planejamento geral da Strategic Survival Initiative.

Ele se virou, atravessou seu grande escritório e reassumiu sua posição de frente para um banco de televisores sintonizados em canais de notícias e documentários. Lá, ele continuou seu processo de contemplação e, ao mesmo tempo, se envolveu em um rigoroso programa aeróbico de corrida no local, isometria e alongamento. Ele nunca perdia tempo.

* * *

Devido a problemas técnicos, um satélite soviético movido a energia nuclear havia caído recentemente de sua órbita e se desintegrado, espalhando detritos radioativos em partes do norte do Canadá. Mais tarde, em um evento não relacionado, a URSS realizou um teste nuclear no leste do Cazaquistão. Avistamentos de OVNIs foram imediatamente relatados em ambas as áreas.

Nas últimas semanas, houve mais dois relatos de espeleólogos desaparecidos no Estado de Nova York e alguns assassinatos macabros. Até mesmo furtos comuns em cidades espalhadas ao longo da cadeia de montanhas estavam sendo atribuídos ao que a imprensa chamava de "Monstro dos Apalaches".

Chalmers preferia seu apelido para o alienígena saqueador: Jack, o Estripador.

Tendo convivido com os OVNIs por tantos anos, Chalmers se viu complacente com a presença relativamente benigna deles, exceto por Jack. Irônico. Era assim que ele havia condicionado o público a se sentir em relação aos homenzinhos verdes do espaço sideral por meio de sua manipulação secreta do setor de entretenimento.

Ele estava mais preocupado com os terroristas e os estrangeiros ilegais do que com os extraterrestres. Chalmers via Jack como uma única criatura no subsolo que matava ocasionalmente para comer e se manter vivo. Os outros dois grupos estavam se espalhando como um câncer.

*

Beckner passou por lá para entregar cópias remanescentes de relatórios de inteligência finalizados que haviam sido divulgados anteriormente para a Casa Branca, o Departamento de Estado e o Pentágono. Seus números de controle, arquivados no escritório de Chalmers, tinham de ser verificados antes de serem triturados.

"Guerrilheiros da OLP matam israelenses em um ônibus que viajava pela rodovia Tel Aviv-Haifa; Israel invade o sul do Líbano e atinge bases da OLP; o político italiano Aldo Moro é sequestrado e assassinado por terroristas das Brigadas Vermelhas. Atrocidades ultrapassadas já substituídas por outras novas. Não há fim para isso", disse Beckner enquanto jogava os relatórios na cesta de lixo.

"Incluindo a última tendência do terrorismo autônomo", disse Chalmers. "Você está ciente de que nossos oficiais de operações estão se aproximando de Carlos."

"Sim, o Chacal. Uma ação ousada ao atacar a sede da OPEP em Viena, e agora esse mercenário venezuelano está oferecendo seus serviços aos palestinos como homem-bomba e assassino. Quem poderia imaginar todo esse caos?"

"Os terroristas em todos os lugares estão deixando clara sua intenção política e ideológica. Eles matarão ainda mais pessoas e destruirão nações inteiras se conseguirem colocar as mãos em armas nucleares, ou apenas em algum material nuclear ou produtos químicos que possam dispersar com explosivos convencionais. Francamente, essa é a minha maior preocupação."

"Já é complicado e vai piorar, eu acho", disse Beckner. "Sim. A solução é simples: localizar os bastardos e matá-los. Já fizemos isso

Já fizemos isso antes."

Pego de surpresa pelo tom implacável de Chalmers, Beckner mudou de assunto. "Qual é a sua resposta para isso?", perguntou ele, acenando com a cabeça para uma pilha de arquivos de pesquisa que incluía artigos de imprensa e relatórios de inteligência sobre as forças armadas afegãs apoiadas por Moscou que haviam tomado o poder em Cabul, matado o presidente e instalado um fantoche soviético. "É provável que haja uma invasão soviética completa, você não acha?"

"Sim, e um movimento de guerrilha seguido de uma guerra insurgente prolongada. Nossa melhor resposta, a solução, é equipar os afegãos para que eles possam matar os bastardos soviéticos. Acredito que a guerra no Afeganistão causará mais danos à URSS do que o Vietnã causou a nós."

Beckner não ficou surpreso com o que Chalmers disse porque concordava com seu chefe... em princípio. O que Beckner notou, no entanto, foi o tom distante, até mesmo cruel, de sua voz. Ele sempre viu Chalmers como um indivíduo distante, com peculiaridades e retidão egocêntrica - compensações negativas para o brilho e o patriotismo incomparáveis do homem. Mas, em sua mente, havia algo tão misterioso no Dr. Chalmers quanto nos projetos CRYPTOS e CONUNDRUM que ele presidia.

Embora houvesse amizade profissional entre eles como colegas, Beckner não achava que ele e Chalmers tivessem se tornado amigos de verdade ao longo dos anos. Não porque Beckner não teria gostado de um relacionamento mais pessoal, mas porque ele achava que Jonathan Chalmers nunca deixava ninguém se aproximar tanto.

Beckner queria mudar isso. Com ele e sua esposa, Janice, esperando o primeiro neto, ele percebeu o quanto a família era importante e ficou feliz por não ter perdido a oportunidade de tê-la, apesar do horário de trabalho insano que dividia com seu chefe nos últimos 31 anos.

Ele esperava que Chalmers não estivesse sacrificando sua vida pessoal para tentar proteger os outros.

Entretanto, mesmo preocupado com a vida de Chalmers, Beckner ficou chocado quando Chalmers ameaçou a sua.

59

LANGLEY. 2C DE AGOSTO DE 1978, 19OO HORAS

Agora trabalhando, pelo menos ocasionalmente, com o Dr. Stern, que havia começado a "consultar" Chalmers com frequência, Beckner achava tão difícil ir além do estágio de colega amigável com um astrônomo quanto com um matemático.

O que acontece com os caras realmente inteligentes? ele se perguntava, enquanto examinava uma pilha de papéis em sua mesa.

Ele já havia perdido o jantar com a esposa e, nesse ritmo, só chegaria em casa depois que Janice fosse para a cama. Ela tinha sido extremamente tolerante com seus longos dias, em grande parte, ele sabia, porque Chalmers estava assumindo ainda mais funções gerenciais da DivKay para que Beckner tivesse mais tempo em casa. Beckner apreciava isso.

Na verdade, ele acreditava ter feito um grande avanço com Chalmers, que, ao enviar seu representante a Ithaca recentemente para uma reunião com Stern, também pediu a Beckner que fizesse uma rápida parada em Oyster Bay para entregar alguns documentos administrativos ao Sr. Albertson.

Em seguida, Chalmers disse a Beckner que ele e Janice deveriam se sentir à vontade para ir até lá quando quisessem e passar um fim de semana na casa de Long Island - "desde que vocês tenham tempo livre", acrescentou Chalmers, embora Beckner tenha preferido encarar o convite como uma piada.

O convite surpreendeu Beckner, que também entendeu isso como um exemplo da cordialidade e da consideração que ele queria acreditar que estavam realmente presentes no coração de Chalmers, em vez da probabilidade de que Chalmers quisesse apenas avisar à equipe de zeladores da propriedade que o "mestre" tinha alguém para vigiá-los mais de perto.

De qualquer forma, isso não importava. Ele e Janice haviam aceitado a oferta de fim de semana de Chalmers. A tradição, a riqueza e o prestígio que enchiam a mansão só aumentavam a admiração de Beckner pelo homem para quem ele trabalhava. Tão inteligente, capaz e bem-sucedido, pensou ele, mas tão isolado por seu brilhantismo e posição poderosa em uma agência cujo mandato de sigilo e manipulação fazia mais do que simplesmente se adequar ao temperamento de Chalmers. Pelo que Beckner pôde perceber, durante o longo curso da carreira de Chalmers, seu chefe havia instituído muitas das práticas secretas e manipuladoras de Langley.

E agora, durante sua última estadia na mansão, Beckner havia visto algo na biblioteca que ele simplesmente não conseguia entender.

Devido à compartimentação da Agência e à mentalidade da necessidade de saber, ele não havia compartilhado o que descobrira com ninguém, inclusive com Janice. Ela havia estado na presença do chefe de seu marido - e, na opinião dela, um anfitrião gracioso - apenas algumas vezes. Embora o considerasse intelectualmente excêntrico e opinativo, ela também o achava agradável e até mesmo encantador, de uma forma pedante e professoral.

Beckner achava que ela *o acharia* louco se lhe contasse o que tinha visto.

Ele não sabia quando ou como falaria sobre o assunto, mas sabia que, no que se referia a Chalmers, uma nova página acabara de ser acrescentada ao CRYPTOS CONUNDRUM.

60

LANGLEY. SETEMBRO DE 1978

Chalmers tinha acabado de terminar uma chamada telefônica criptografada com sua CET, a Equipe de Exploração de Cristais, no CSC. Ele havia fornecido a eles novos cálculos de ressonância de luz ontem e queria saber como havia sido o resultado do experimento.

Resultados negativos, como as várias sondas realizadas todos os dias desde que o Cristal inexplicavelmente ganhou vida onze anos atrás.

Após esse evento, Chalmers deu um passo ousado e segurou o Cristal em suas mãos. Se ele relaxasse o aperto, o cristal imediatamente começava a pairar sobre suas palmas. Estava frio, mas não o suficiente para ser desconfortável. A exposição a uma lâmpada de calor não o aqueceu e, quando ele colocou um termômetro de língua ao lado do cristal, o mercúrio explodiu na parte inferior. Mais tarde, a CET determinou que a temperatura do Cristal era zero absoluto. E onde quer que Chalmers ou qualquer outra pessoa o colocasse, o Cristal continuava a flutuar a uma distância de Π acima da superfície. Pelo menos isso excluía a possibilidade de ele ser danificado caso caísse acidentalmente.

Sua clareza incomparável permitia que ele enxergasse através dele, quase como se não houvesse nada diante de seus olhos. Mas quando ele apontou um feixe de luz para ele, o feixe não passou, embora Chalmers pudesse ver o feixe desaparecendo no que parecia ser a profundidade do cristal. Sem querer danificar o cristal, mas compelido a explorá-lo melhor, ele acabou disparando um laser de rubi nele. Nenhum raio vermelho, ou elementos refratados de um, emergiu.

* * *

Desde o segundo em que o viu flutuando livremente de sua caixa desmaterializada sem costura, ele sabia o que era o Cristal. Um repositório de todo o conhecimento - pelo menos

pelo menos foi isso que o Diretor disse, ou *pensou* em sua cabeça no Tutorium. Ele acreditava, do fundo de sua alma, que estivera em um lugar atemporal e que uma entidade cósmica havia explicado mais do que Chalmers jamais poderia compreender, mesmo com seu intelecto.

Embora Chalmers tivesse saído de sua experiência fora do corpo com uma crença renovada em um ser supremo - na verdade, uma dúzia ou mais deles -, ele ainda lutava para entender como a peça de seu quebra-cabeça pessoal se encaixava no quadro cósmico. Coisas inacreditáveis haviam acontecido com ele e eventos inegáveis estavam ocorrendo na Terra.

E em sua mente, uma vaga noção - transmitida como símbolos estranhos que seu cérebro havia traduzido de alguma forma enquanto ele estava no Tutorium e que agora permanecia como um pensamento persistente - dizia que coisas indescritíveis ainda estavam por vir.

Essa noção e as vozes simbolizadas que ele ouvia periodicamente ainda o assombravam.

Anos atrás, ele quase enlouqueceu ao tentar separar os fatos da ficção de pesadelo e, mesmo agora, estava dividido entre a certeza e a dúvida. Ele sabia com certeza que nunca poderia dizer a ninguém que entendia o que era o Cristal sem explicar *por que* tinha esse conhecimento.

Ele não poderia fazer isso. Não sem ser mandado para um asilo.

Sua única alternativa era cutucar, sondar e persuadir o Cristal a se autoativar novamente e, nesse processo, revelar seus próprios segredos. Chalmers continuaria tentando, mas precisaria de ajuda.

** *

O Dr. Stern tinha visto o Cristal, mas não tinha conseguido dedicar muito tempo para ajudar a CET. Ele passou mais tempo com a APT, a Equipe de Patologia Alienígena, que trabalhava em questões de maior interesse profissional e pessoal para ele e, mesmo assim, seu tempo no alvo consistiu principalmente em estudar a fita de vídeo do cofre e observar autópsias nos cadáveres.

Ele e Chalmers haviam se tornado bons amigos.

Stern contou a Chalmers e Beckner suas duas frustrações. Primeiro, ele tinha vários empregos em tempo integral antes de conhecer os maravilhosos projetos CRYPTOS e CONUNDRUM e, por mais que quisesse se isolar no CSC e colaborar exclusivamente com seu amigo

Chalmers, ele simplesmente não podia fazer isso. Sua segunda frustração, e de certa forma mais frustrante, foi o fato de que, embora continuasse a promover o SETI na comunidade astrofísica, ele tinha que manter a boca fechada sobre ter conhecimento em primeira mão de tal inteligência. A mesma autorização do K-RED que lhe deu uma oportunidade única na vida estava lhe negando outra.

Chalmers esperava que Stern não fosse uma bomba-relógio, seu estopim de frustração prestes a desencadear uma revelação explosiva para a mídia.

* * *

A Strategic Survival Initiative (Iniciativa de Sobrevivência Estratégica) continuou a produzir sucesso e otimismo para Chalmers. De acordo com a SSI, a Operação Black Spade havia conquistado centenas de quilômetros adicionais, e um segundo SpadeLiner estava se movendo mais ao norte por meio de subestações adicionais. De acordo com o plano de Chalmers, quando concluídas, essas estações se tornariam cidades e receberiam o nome de Citations.

A realidade definitiva do CRYPTOS estava se aproximando a cada ano que passava.

* * *

Agora havia uma coisa importante e específica que Chalmers tinha que fazer.

Com a descoberta do Cristal dentro da caixa e com base em sua confiança de que descobriria como acessá-lo - bem como extrair o conteúdo que acreditava estar destinado a ele -, Chalmers sabia que deveria criar um plano para sua guarda a longo prazo... e tinha que ser um lugar que nem mesmo aqueles de sua equipe com autorização do K-RED pudessem conhecer, caso Chalmers morresse ou fosse morto antes de desvendar todos os segredos do Cristal.

Se o Cristal contivesse o que suas vozes vagas e sonhadoras pareciam estar lhe dizendo, Chalmers sabia que somente um herdeiro de sangue - se ou quando ele viesse a ter um - seria o indivíduo adequado para assumir a administração e gerenciar adequadamente a exploração do Cristal.

Agora, mais do que nunca, Chalmers sentia que essa joia celestial era a coisa mais valiosa do mundo.

61

LANGLEY. FINAL DE OUTUBRO DE 1978

Com uma revista de arte na mão, Beckner entrou no escritório de Chalmers. "John, você já ouviu falar de um escultor chamado Brenton Crawford?"

Parecendo envergonhado por ter sido pego usando-os, Chalmers rapidamente tirou os óculos de leitura.

"Sim, ele trabalha com pedra e metal. Gosta de incorporar mensagens ocultas em letras alfabéticas esculpidas. Stern viu alguns de seus trabalhos em Manhattan e me ligou para falar sobre ele há pouco tempo. Por que você pergunta?"

"Ah, eu só achei interessante essa história sobre sua criptologia artística", disse Beckner ao entregar a revista a Chalmers, que leu as quatro páginas na metade dos segundos.

"Você tem razão. Esse é um relato detalhado. Prestarei mais atenção a ele no futuro, mas tenho que terminar a apresentação agora."

* * *

"Não se esqueça da palestra", disse Beckner ao entrar novamente no escritório de Chalmers uma hora depois. "O que é desta vez, outra aula de CIA 101?"

"Estou prestes a descer agora. Pretendo explicar a coleta de informações e as questões analíticas enfrentadas por essa safra de novos oficiais de carreira."

"Anime-se, chefe. Conte a eles sobre os fatos *reais* por trás de todos os filmes sobre o espaço sideral que você convenceu os estúdios a fazer."

"Acho que não", murmurou Chalmers enquanto procurava os óculos em sua mesa.

Sua discussão de hoje não incluiria CRYPTOS e CONUNDRUM porque nenhuma dessas contratações recentes tinha, ou provavelmente jamais teria, a autorização K- RED necessária para acessar essas informações confidenciais.

* * *

Com seu foco na guerra fria e na nova guerra assimétrica emergente chamada terrorismo, Chalmers disse à turma que, durante anos, seu julgamento analítico foi de que a guerra fria girava menos em torno da possibilidade de conflito e mais da realidade da competição com os soviéticos.

"A lógica sugere que, simplesmente gastando mais do que eles, venceremos essa guerra, provavelmente em algum momento da próxima década. Nesse meio tempo, meus cálculos indicam que os terroristas travarão uma guerra tática muito mais agressiva contra nós. Mas o verdadeiro perigo *estratégico* está com os chineses".

Uma mulher levantou a mão. "Dr. Chalmers."

Ele acenou com a cabeça para ela. "Sim."

"Talvez eu entenda que você minimize o bloqueio de Berlim, a crise dos mísseis cubanos e outros confrontos. Mas as atuais incursões soviéticas no Afeganistão podem desencadear uma reação insurgente. Não acha que isso vai inflamar ainda mais as relações já instáveis no Oriente Médio e no sudoeste da Ásia? Tendo em vista a nossa dependência de reservas estrangeiras de petróleo, isso não poderia causar problemas políticos e econômicos para nós e até mesmo levar os Estados Unidos à provável guerra no país?"

Chalmers ficou impressionado.

"O imbróglio soviético-afegão reflete o mesmo paradigma de fenomenologia matemática que se aplica ao conflito entre a URSS e os EUA", disse ele. "De qualquer forma, Moscou perde. Seja por desgaste econômico ou perda de vontade política, Moscou terá que se retirar. Enquanto isso, ficaremos de olho nos terroristas e nos chineses."

"Você cooptou o conceito de fenomenologia dialética de Hegel? Talvez tenha aumentado o espírito ontológico e metafísico por trás dos fenômenos competitivos com um toque malthusiano envolvendo cálculos lógicos e matemáticos?"

"Ora, sim, de fato", disse Chalmers com um sorriso caloroso, "é exatamente assim que eu teria descrito minha própria tese. Você é bastante perspicaz."

Esse era o tipo de mulher de Chalmers - inteligente e bonita. Ele pretendia conversar com ela depois da aula, mas primeiro tinha que terminar a apresentação.

* * *

Ele concluiu com uma visão geral dos principais eventos terroristas, incluindo o assassinato, há seis anos, de atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, que ele apontou como o ato inicial de uma era de terror. Juntamente com a ameaça de uma China com armas nucleares, ele acreditava que os Estados Unidos enfrentavam um futuro ameaçador.

"O status da China como pária político internacional mudará praticamente da noite para o dia. No momento, ela tem mais de novecentos milhões de cidadãos, satélites em órbita, armas nucleares que podem ser entregues e uma capacidade industrial tecnológica que logo explodirá na arena comercial internacional. Está se tornando a superpotência que preencherá o vácuo deixado pelos soviéticos. E será um concorrente muito mais apto e determinado para nós na contínua corrida global. Tudo isso definirá sua função nesta Agência... servir como a primeira linha de defesa dos Estados Unidos."

A plateia aplaudiu, mas Chalmers só tinha olhos para um membro dela.
dela.

* * *

Quando o auditório se esvaziou, ele notou que a mulher parecia demorar a sair.

Ele aumentou o passo ao passar pela multidão e, ao chegar ao banco das portas de saída, ficou encantado ao encontrá-la aparentemente esperando por ele.

Com seus saltos altos, ela era quase tão alta quanto ele. Pernas longas e bem torneadas sustentavam um corpo magro, vestido com uma saia cinza na altura do joelho e uma jaqueta azul-marinho sobre uma blusa de seda branca. Os dois botões superiores estavam abertos e revelavam que, embora ela fosse magra, seus seios eram grandes.

Quando seus olhos subiram, entraram em contato com os dela. Eles eram escuros, assim como o cabelo dela, preso em um rabo de cavalo. Ela tinha um rosto clássico e contornado, com maçãs do rosto altas, um nariz perfeitamente esculpido e lábios cheios adornados com um gloss rosa. Pequenos brincos de pérola combinavam com os brincos de corda em seu pescoço elegante.

Em algum lugar entre os trinta e poucos anos, ele imaginou, a aparência geral dela era a de uma profissional consumada e de uma mulher incrivelmente bonita em um só lugar.

Ocasionalmente, Chalmers namorou algumas das muitas mulheres atraentes da Agência que o achavam bonito, inteligente e "bem posicionado" no sétimo andar da casa dos gerentes seniores da CIA. Com pouco tempo livre e ainda menos interesse em conversas fúteis durante o jantar, ele raramente saía com a mesma mulher duas vezes.

Ele podia dizer que essa mulher era diferente, e ele ainda nem tinha se apresentado.

Ela deu um passo em sua direção. "Meu nome é Paula Baker." Ela ofereceu sua mão. "Sou criptóloga e acabei de ser designada para a DSRA. Você tem um momento? Talvez agora, para um café rápido?"

Esse nome. Ele reuniu seu juízo, que havia sido disperso por outra convergência de coincidências que ele sentiu tomar conta dele e sacudi-lo. *Por que* esse *nome?*

*

Chalmers havia escolhido um canto tranquilo da enorme cafeteria da CIA, onde o café excepcionalmente bom e a comida ainda melhor eram sempre atribuídos a receitas secretas conhecidas apenas pelos chefs da Agência.

"Há quanto tempo você está na Agência, Paula?"

"Nove meses, ou trinta e sete semanas, a para ser exato. E você, Dr. Chalmers?

Chalmers?"

"Muito tempo. Para ser exato. E é Jonathan, ou mesmo John, se você quiser, ok?"

Ela sorriu suavemente e assentiu com a cabeça.

"A criptografia é uma disciplina da matemática relacionada à criptografia e ao controle de acesso para proteger informações", disse ele. "Qual é sua formação educacional?"

"Passei da South Jersey High para Princeton com uma bolsa de estudos para crianças inteligentes e, em seguida, comprimi as aulas da graduação e o doutorado em matemática e filosofia em um caminho rápido de seis anos para a irrelevância intelectual." Ela passou o dedo lentamente em torno da borda da xícara de café enquanto ponderava sobre sua próxima declaração. "Eu não conseguia me ver como um professor universitário fora de sintonia, então me lancei em um

corporativo no mundo ganancioso dos banqueiros de Nova York." Ela tomou outro gole. "Mas não conseguia me identificar com a superficialidade da maioria das pessoas ricas, então me inscrevi em uma viagem para decifrar códigos com a *segunda* melhor agência de inteligência, a NSA" - ela devolveu a xícara à mesa - "de onde fui recrutada para cá com uma oferta irrecusável."

"Bem, não pode ter sido por mais dinheiro."

"Não, me ofereceram a chance de trabalhar para a *primeira* melhor agência de inteligência e sua Divisão de Aplicações de Pesquisa Científica. E, como aprendi mais nos últimos meses sobre o lendário Dr. Chalmers, de Langley, talvez eu acabe colaborando com ele... com *você,* John."

"E esse é um plano de carreira que você traçou, Paula?"

"Não, não acreditando em René Descartes como eu acredito. Ele disse, e eu acredito, que exceto por nossos pensamentos, não há nada absolutamente em nosso poder."

"Ele também disse que tudo é evidente."

Ela sorriu novamente. E acenou com a cabeça. Depois, olhou para o relógio.

"Obrigada por dedicar seu tempo para conversar comigo. Gostaria muito de continuar, mas tenho outra sessão de treinamento."

"O prazer foi meu, Paula. Eu também gostaria que nós..."

"Então vamos conversar sobre isso em uma taça de vinho, talvez na sexta-feira à noite, se você estiver livre? Eu moro na Cidade Velha. Uma pedra marrom clássica de Alexandria." Ela rabiscou em um guardanapo e o empurrou para ele. "Meu número."

"Bela caligrafia", disse ele. "Eu ligo para você."

62

LANGLEY. INÍCIO DE NOVEMBRO DE 1978

"Segunda página, aba laranja", disse Beckner, deslizando a pasta pela mesa de Chalmers. "Tabulações dos últimos testes de Medição de Radiação Atmosférica no complexo do Rio Columbia, bem como relatos de testemunhas oculares dos OVNIs avistados lá."

"O local de Hanford", disse Chalmers. "O maior complexo de processamento de plutônio do mundo e responsável por dezenas de milhares de armas do nosso arsenal nuclear."

"E ainda atormentado por vazamentos acidentais de água de resfriamento e vapor radioativos."

"E os registros?" perguntou Chalmers.

"A contagem de remédios voltou a zero, como sempre. Os avistamentos foram os mesmos, como nos outros locais. Sete novamente. Todos os entrevistados que os viram tinham credibilidade alta e alta."

* * *

"Lee, este é o sétimo grande vazamento em diferentes locais do mundo nos últimos três anos. Vou executar outra combinatória, mas ela apenas atribuirá a mesma probabilidade de baixa aleatoriedade e modalidade de alta causa de sempre."

"Os parentes de Jack estão, de alguma forma, causando os acidentes só para poderem colher a radiação?"

"Faz sentido. Eles teriam se banqueteado com essa precipitação radioativa, assim como com as outras."

Como Chalmers sabia, essa onda de avistamentos começou em 1976, quando o núcleo do reator da usina nuclear de Lubmin, na Alemanha Oriental, quase derreteu devido à aparente falha dos sistemas de segurança durante um incêndio. Cinco

eventos semelhantes ocorreram posteriormente em todo o mundo, incluindo a usina de Kozloduy, na Bulgária, e o complexo de Tokaimura, no Japão. Chalmers agora estava preocupado com a usina de Three Mile Island, na Pensilvânia, e planejava recomendar verificações de segurança e, talvez, maior segurança em torno do perímetro. Um derretimento nessa usina, segundo ele, seria o pior acidente da história dos reatores nucleares dos EUA.

"Acredito que as naves alienígenas estiveram, e ainda estão, colhendo radiação da atmosfera", disse Chalmers, "e meu julgamento analítico me diz que, em algum momento, elas terão energia suficiente para se afastar da Terra - ou para se mover contra a Terra. De qualquer forma, meu instinto me diz que está chegando a hora do show."

* * *

"Mais alguma coisa?" perguntou Chalmers quando Beckner continuou sentado em silêncio.

"Uh, sim", disse ele, demonstrando seu desconforto. "Se você tiver alguns... alguns minutos extras... tenho um assunto pessoal que gostaria de discutir."

Chalmers se recostou na imponente cadeira de couro da escrivaninha. "Diga."

"É sobre Long Island. Janice e eu desfrutamos do conforto de sua
sua bela casa e..." "A
questão, Lee."

"Primeiro uma pergunta, depois o ponto. Você fez seu doutorado em Columbia e serviu na Segunda Guerra Mundial? É claro que sei que a resposta é sim."

Chalmers estava impassível.

"Supondo que você tenha feito o doutorado muito cedo, dado o seu QI, e que tenha ido para o exército logo após Pearl Harbor, digamos, aos 21 anos, isso faria com que você tivesse cerca de 60 anos agora, embora pareça, como eu e outros já dissemos, consideravelmente mais jovem do que isso."

O rosto de Chalmers permaneceu em branco, seus olhos se fixaram nos de Beckner.

"Enquanto eu estava explorando sua incrível biblioteca, algo chamou minha atenção."

Com o rosto subitamente pálido, Chalmers se inclinou para frente. "A pintura."

Pego de surpresa, Beckner pareceu confuso. "Pintura?... Uh, havia algumas lindas, sim, mas não é disso que estou falando. É disto", disse ele, tirando um grande envelope de manila de sua pasta.

Foi a vez de Chalmers parecer confuso, embora aliviado - pelo menos por um segundo.

"Encontrei isso em uma das prateleiras", disse Beckner ao retirar dois volumes encadernados em couro. "Um é o anuário da sua universidade, o outro é um pequeno álbum de recortes com várias fotos, incluindo você em uniforme militar, além de outras coisas que parecem ter sido montadas por um parente, provavelmente sua mãe, eu diria."

Chalmers respirou fundo. "E isso nos leva ao ponto principal, não é, Lee?"

"Sem dúvida. Estamos falando de *dois* anuários, *dois* doutorados em Columbia e *duas* guerras mundiais, John. Aparentemente, você já lecionava há vários anos antes de se voluntariar para Verdun em 1915. E se as fotos suas não forem provas suficientes, aqui está sua certidão de nascimento... 1890. John, como você pode ter oitenta e oito anos de idade e parecer, soar, se mover e agir como alguém com metade dessa idade? Acho que a questão é: como diabos isso pode ser possível, meu amigo misterioso... se *é* que somos amigos?"

"Sua falta de conhecimento sobre minha vida não diminui minha amizade por você, Lee, nem deve diminuir a consideração que você tem por mim, espero."

Beckner ficou agradavelmente surpreso com esse comentário... mas alarmado com o comentário seguinte.

"Mas vou lhe dizer uma coisa. Você está abrindo portas que levam a salas onde nem mesmo eu gosto de ir. Você tem que esquecer esse assunto em minha biblioteca
-literalmente. E é melhor fazer isso metaforicamente também... do ponto de vista da segurança pessoal."

Beckner tinha certeza de que isso significava que não haveria mais convites para fins de semana em Long Island, mas ele podia dizer que havia algo mais implícito. Ele não gostou disso. Isso o assustou.

"Eu não estava bisbilhotando seus assuntos pessoais. E se, como sinto, pode haver represálias perigosas pelo que fiz... bem, olhe, reconheço o tipo de poder que você tem nesta Agência. A maioria das pessoas por aqui acha que você é uma espécie de diretor secreto. Você controla o maior orçamento e tem total apoio de quem quer que esteja sentado no escritório do diretor, bem como no Salão Oval, ao que parece. Não duvido nem um pouco que você possa providenciar a minha transferência, por assim dizer, devido ao seu descontentamento com o que eu inocentemente, e sem nenhuma intenção maliciosa, descobri enquanto era hóspede em sua casa."

"Lee, você está ao meu lado há muito tempo e quero que esteja comigo quando enfrentarmos os tempos verdadeiramente preocupantes e provavelmente catastróficos que estão por vir. O sigilo será fundamental em tudo o que enfrentarmos... profissional e pessoalmente. Quando se trata do CRYPTOS CONUNDRUM e do nosso futuro, você será meu amigo e aliado. Mas nunca se esqueça... você *sempre* será mais dispensável do que eu."

6C

POUSADA DO VELHO ALEX. SEXTA-FEIRA, 192O HORAS

Ao entrar na taverna, Chalmers notou seu reflexo no vidro chanfrado da porta de carvalho. Ele gostava de seu traje - calça marrom, blazer azul-escuro e camisa branca de colarinho aberto. Ele esperava que Paula gostasse do resto - olhos cor de mel, algumas rugas de fator de interesse em um rosto tenso e angular e têmporas levemente acinzentadas em seu espesso cabelo castanho.

Ele não aparentava ter cinquenta e oito anos, como todos supunham que fosse, mas também não aparentava ter trinta, que era a idade que ele julgava que ela tinha. Ele esperava que essa aparente disparidade, e certamente sua verdadeira diferença de idade, não importasse para ela. Em ambos os casos, ele sabia que estava mentindo para Paula, mesmo quando tentava desenvolver um relacionamento verdadeiro e honesto com ela.

Fisicamente, Chalmers tinha uma aparência de homem comum. Mas ele tinha o que alguém descreveu como um belo porte. Ele irradiava confiança e poder - produtos de seu incrível intelecto.

Analista de inteligência da CIA, ele era um planejador de guerra, não um combatente de guerra, nem um agente clandestino de ação ousada. Não tinha uma aparência arrojada ou um comportamento deslumbrante como James Bond, mas era mil vezes mais inteligente. De qualquer forma, foi Chalmers, e não Bond, quem se encontrou com a bela e brilhante Paula Baker para jantar.

Ele havia chegado alguns minutos antes para chegar antes de Paula, mas viu que ela já estava sentada em uma cabine à luz de velas, escondida em um canto.

Sentindo uma excitação nervosa ao se aproximar dela, ele notou que seus cabelos escuros, que estavam em um rabo de cavalo no primeiro encontro, agora estavam presos em um coque francês, o que mostrava as linhas clássicas de seu rosto mediterrâneo bronzeado. Uma leve camada de ruge realçava as maçãs do rosto, assim como o gloss vermelho fazia com seus lábios cheios, e bobes pretos pendentes adornavam suas lindas orelhas. Ela usava um elegante

elegante terno cinza com um suéter rosa pálido, cuja gola em V expunha um colar preto, cujo desenho intrincado não era percebido pelos olhos atentos dele, que, nesse caso, estavam focados no decote dela.

Elegante*, bonita... desejável,* pensou ele, chegando à mesa. Em seu centro havia uma garrafa de Merlot e dois copos limpos e brilhantes.

** *

"Olá, John", disse Paula, fazendo um gesto com a mão para que ele se juntasse a ela. "Você me pareceu um bebedor de vinho tinto, então tomei a liberdade..."

"Uma dedução analítica adequada, Paula, e facilmente verificável", disse ele com um sorriso ao se sentar em frente a ela. Eles se cumprimentaram com um aperto de mão. "É bom vê-lo novamente."

"A você também. Eu estava esperando ansiosamente por isso."

"Eu também." Ele apontou para a garrafa. "Pronto?"

"Quando você quiser."

Ele encheu seus copos. "Essa é uma roupa muito bonita. Você está linda esta noite."

Ela sorriu com recato. "Obrigada. E você está muito bonito."

Ele ergueu o copo, olhando dos olhos dela para o suéter e de volta para os olhos dela. "Ao seu... *colar* encantador"*,* disse ele com um sorriso irônico que se transformou em um sorriso completo e uma risada.

Ela encostou seu copo no dele. "E ao seu olhar perspicaz, dr. Chalmers."

* * *

Entre uma garfada e outra do jantar e o vinho de uma segunda garrafa, o casal conversou sobre história, matemática, ciências, filosofia, eventos internacionais e idiomas. Embora a refeição estivesse maravilhosa, foi menos deliciosa para eles do que a conversa e o companheirismo.

"'Pensar em uma coisa é fazer com que ela comece a existir'. Oscar Wilde... minha citação favorita", disse Paula. "Qual é a sua?"

"Não sei. Ainda não o escrevi." Eles riram.

* * *

Com um movimento hábil, ela retirou o grampo de cabelo, inclinou a cabeça para trás e a sacudiu suavemente. Livres das amarras, seus cachos escuros e brilhantes caíram sobre os ombros. "Ufa, eu precisava de um pouco de espaço para a cabeça. O Merlot está começando a zumbir lá dentro."

A manobra foi tão natural, mas tão sedutora, que quase lhe tirou o fôlego. Ele não conseguia acreditar na transição. Ela estava ainda mais bonita e desejável do que antes.

"Gosto muito de seu nome. Paula Baker. Ele tem um significado especial em minha vida."

"Ah? O mesmo que uma ex-namorada?"

"Várias pessoas com variações de seu nome. Todos homens. Alguns colegas de classe na faculdade, outros companheiros de guerra. Mas todos eles se perderam para mim devido às reviravoltas da vida... e à devastação mortal da guerra. Nunca entendi a coincidência de tudo isso."

"Isso parece muito triste. Sinto muito por suas perdas."

Chalmers serviu mais vinho, mudou de assunto e a noite continuou.

* * *

"Ouvi alguém no trabalho dizer que você conhecia Albert Einstein", disse

Paula. "Sim, dos meus tempos acadêmicos em Columbia.

"Deve ter sido uma emoção e tanto. Como ele era?"

"O que mais me impressionou nele foi a maneira relativamente simples com que pensava sobre questões decididamente complexas. Ele tinha uma fé tranquila na capacidade da mente humana de entender o funcionamento da natureza e era um romântico de coração. Ele me disse que qualquer pessoa que estudasse física tinha que acreditar, como ele, que a distinção entre passado, presente e futuro era apenas uma ilusão. E ele acreditava genuinamente que o amor transcendia todos os três reinos do tempo."

"E você acredita nisso, na parte sobre o amor?"

"Sim. Eu já estive apaixonado uma vez. Nós nos casamos, mas eu a perdi também, junto com meus pais, em um acidente de avião."

"Oh, John. Sinto muito. I-"

"Está tudo bem. Isso foi há muito tempo."

Agora Paula serviu mais vinho, mudou de assunto e a noite continuou.

* * *

"Estive lendo sobre projeção astral", disse ela. "Coisa fascinante. Lida com experiências fora do corpo que, supostamente, podem ser iniciadas tanto acordado quanto por meio de sonhos lúcidos... ou até mesmo meditação profunda. Está enraizado intelectualmente na Teosofia."

"E você acredita em sua doutrina filosófica e metafísica, de que todas as religiões fazem parte de uma hierarquia espiritual destinada a ajudar a humanidade a alcançar a perfeição?"

Paula assentiu com a cabeça. "Sim, cada religião tem uma parte da verdade." Ela o estudou. "Quais são suas crenças religiosas, John? Católico, batista... ou talvez agnóstico?"

"Acredito na arquitetura divina de tudo e que Deus desenhou os planos. Além disso, minhas opiniões são... pouco ortodoxas. No entanto, acho que a vida deve ser uma jornada cheia de aprendizado e iluminação que leva a um propósito nobre."

"Eu adoraria saber o que você acredita ser o seu propósito."

Olhando para o relógio e examinando a taverna agora vazia, Chalmers disse: "Paula, parece que perdemos a noção do tempo".

"Oh, meu Deus, perdemos mesmo. Sinto-me mal pelo nosso pobre garçom", disse ela, vendo que ele estava sentado pacientemente no bar.

Chalmers fez um sinal e ele apareceu em um piscar de olhos, com a conta na mão.

"Bem, eu *preciso* saber qual é o seu objetivo, John", disse ela, colocando a mão sobre a dele, "e nós nunca chegamos a falar sobre a sobremesa, você sabe".

"A dedução analítica é clara, então", disse ele, colocando sua outra mão sobre a dela. "Vamos encontrar mais algum tempo e um novo lugar para continuarmos com isso. Começaremos com a sobremesa e, é claro, também quero saber qual é o seu objetivo."

"É um encontro", disse ela.

* * *

Ela pegou o braço dele enquanto caminhavam até a porta da frente, que o maître destrancou e abriu para eles.

Lá fora, as ruas tranquilas brilhavam com o orvalho da meia-noite.

"Estou estacionada ali embaixo", disse ela, inclinando a cabeça para a direita. "Eu vou com você", disse ele, oferecendo o braço novamente.

Ela o aceitou.

"Acho que é sempre bom ir na direção certa", disse Paula ao abrir a bolsa e tirar as chaves do carro.

Pegando-as gentilmente de sua mão, ele destravou e abriu a porta. "Gostei muito desta noite, Paula, e ligarei para você muito em breve."

Eles se abraçaram e se beijaram com ternura. Ela entrou e baixou a janela.

"Adorei nossa noite, John", disse ela, ligando o motor. "Não se perca no caminho de casa, Dr. Chalmers... e tente não perder outro Baker".

Parte V

TARDE DA NOITE

64

MCLEAN, VIRGÍNIA. INÍCIO DE JANEIRO DE 1979

Depois de sua conversa perturbadora com Chalmers há algumas semanas, Beckner havia dito que precisava de alguns dias de folga para reagrupar seus pensamentos, já que a questão da idade secreta e a ameaça implícita de que ele a protegeria haviam subitamente colocado em dúvida seu futuro profissional, se não pessoal. Ele ficou apenas um pouco mais tranquilo quando Chalmers lhe disse o quanto valorizava a amizade e o quanto era importante que Beckner continuasse como seu assistente.

Sem querer inflamar o lado perigoso do Dr. Jonathan Chalmers que Beckner havia visto naquele dia, ele não queria parecer totalmente acovardado na frente do homem. Não haveria nenhuma maneira de resolver as coisas entre eles, a menos que Beckner pudesse restabelecer sua identidade individual em relação ao seu chefe.

"Você está me pedindo para ignorar muita coisa, John. Para agir como se nada disso tivesse acontecido?"

"Tudo o que eu quero é que você *pense* que tudo o que estamos fazendo juntos por esta Agência e pelo nosso país é mais importante do que o que sentimos um pelo outro. A nação... o planeta inteiro é uma bomba-relógio. Portanto, tire seus dois dias, vá para onde quiser, mas supere a emoção do momento e, quando voltar, continue com seu trabalho. Se não conseguir fazer isso, então não se preocupe em voltar. Eu *o substituirei*".

Beckner saiu sentindo que havia acabado de receber outra ameaça implícita.

* * *

"Não precisei de dois dias", disse ele a Chalmers na manhã seguinte, percebendo que sua carreira e sua vida seriam mais bem servidas se ficasse o mais próximo possível do Dr. Chalmers.

possível. "A decisão foi fácil. Eu apenas analisei os números da mesma forma que você sempre faz, e tudo se encaixou analiticamente. Bingo... a decisão certa."

Chalmers se recostou em sua cadeira, com uma expressão estranha no rosto.

"Bingo..." Beckner percebeu que seu chefe provavelmente não fazia ideia do que aquilo significava. "Uh,

Sim, é um jogo de tabuleiro com...".

"Números que completam uma sequência do jogo... ou acordes que compõem uma música."

Beckner agora tinha um olhar intrigado.

"Lee, ligue para Peterson. Diga a ele que estarei no SpadeLiner desta tarde. Quero toda a CET montada e pronta para um surto de vinte e quatro horas por dia. E peça ao Pete para trazer outra sonda a laser e uma câmera de televisão."

"Você quer dizer um dos novos gravadores de vídeo, como uma câmera doméstica da Panasonic?"

"Não. Uma câmera de nível comercial, de transmissão ao vivo, como a do noticiário da NBC. E já que está fazendo isso, encontre uma cópia de um antigo programa de rádio da NBC de 1947, o noticiário noturno de Lowell Thomas. Gostaria de levá-lo comigo para o CSC, bem como o que for necessário para reproduzi-lo."

"É para já", disse Beckner, sem saber do que se tratava, mas empolgado com a sensação de que Chalmers, como sempre acontecia, tinha acabado de ter outra de suas ideias brilhantes.

"Ah, e Lee", disse Chalmers, pegando Beckner na saída, "é bom tê-lo de volta a bordo... meu amigo".

* * *

Satisfeito com o fato de seu assistente estar demonstrando sua antiga atitude positiva em relação ao trabalho, Chalmers lhe deu ainda mais trabalho para que ele tivesse mais tempo para passar com Paula.

Ele gostava muito dela e percebia que ela compartilhava a mesma sensação de que o relacionamento deles era um relacionamento com propósito e promessa para o futuro.

"Não gosto muito de olhar pelo espelho retrovisor", disse ela em outro encontro, quando Chalmers voltou a conversa para o passado dela. "Sempre achei que era mais importante manter o foco na estrada à frente."

Chalmers tinha a mesma orientação geral, mas por motivos diferentes. "Sempre acelerei para não ser atropelada pelo passado e olhei para frente para evitar ser atropelada pelo passado.

passado e olhei para a frente para evitar ser pego de surpresa pelo futuro."

"Eu certamente namorei outros homens", disse Paula, "e admito que estava procurando uma alma gêmea e uma figura paterna. Ninguém nunca foi inteligente o suficiente para me atender".

Chalmers descreveu seu estado emocional após a morte da esposa e dos pais, admitindo que sentiu uma perda maior em relação a seu amigo de longa data Paul Baker do que em relação a Margaret. "Eu era muito jovem quando nos casamos. Muito inteligente, mas não para compartilhar a vida com alguém."

"Quando aconteceu o acidente?"

"Há muito tempo... em mais de um aspecto emocional e físico", disse ele, não querendo abordar a questão da idade com ela, como acabara de fazer com Beckner.

"Depois disso, eu simplesmente nunca tive tempo, interesse ou a fatídica convergência de coincidências para encontrar alguém que... que *falasse* ao meu silêncio emocional. Até agora."

* * *

Continuando a namorar e a conversar, a amizade inicial e a atração mútua se transformaram em uma visão comum sobre como eles queriam viver e compartilhar um futuro juntos. E isso significava casamento, o que ele percebeu que incluía a perspectiva de criar filhos.

E isso significava uma discussão honesta sobre sua idade - não apenas com Paula, mas também com seu assistente, cujo apoio *e* amizade Chalmers percebeu que precisava agora mais do que nunca. Ele devia a eles uma explicação. Só não podia envolver nenhuma revelação sobre o incidente do Tutorium, o que, em sua mente, só complicaria as perguntas sobre sua idade, acrescentando novas perguntas sobre sua sanidade.

Chalmers contou-lhes uma história mista de fatos e desvios sobre o ferimento na cabeça que sofrera ao cair de uma sacada quando criança. Ele explicou que isso havia afetado seu corpo caloso de uma forma medicamente milagrosa, não apenas aumentando seu QI, mas também prolongando sua vida útil.

* * *

"O especialista que anos atrás tratou de minhas enxaquecas descobriu a anormalidade e acreditou que ela havia me beneficiado do ponto de vista do

"E só mais tarde, quando ele e eu notamos a lentidão do meu envelhecimento externo, ele supôs que a queda também havia provocado uma mudança na química do meu cérebro, o que, por sua vez, afetou de alguma forma o que ele chamou de gatilho cronológico da glândula pituitária."

"Então, seu crescimento físico foi normal", disse Beckner, "mas o ... uh -"

"-mas o fator de calibração da degeneração normal associada à passagem do tempo foi desacelerado", disse Paula enquanto acariciava gentilmente a bochecha do marido. "Eu sempre lhe disse que achava homens mais velhos atraentes, e acertei em cheio com você, meu querido."

Como Chalmers ainda contou, seu médico planejava realizar estudos adicionais sobre a notável síndrome antienvelhecimento de seu paciente e publicar as descobertas em uma revista médica - uma revelação que Chalmers não aceitou de bom grado. Alegando preocupação com sua privacidade profissional, Chalmers tentou, sem sucesso, convencer o médico a abandonar o plano. Sentindo-se mal por causa de alguns desentendimentos acalorados que se seguiram, Chalmers disse que ficou aliviado quando seu médico morreu repentinamente de um ataque cardíaco, levando assim todo o conhecimento sobre a condição de Chalmers para o túmulo.

Por um instante, Beckner se perguntou se Chalmers teria, de alguma forma, planejado o ataque cardíaco, mas rapidamente afastou da mente a ideia de que seu chefe havia matado o médico.

"Não sei quanto tempo vou viver", disse ele à esposa e ao delegado, "mas não quero mais atenção médica voltada para mim, nem quero ser uma história esquisita nos tabloides". Assim como a história que ele havia inventado sobre seu médico, Chalmers estava confiante de que sua esposa e Beckner também levariam sua mentira secreta para o túmulo.

* * *

Mais tarde, Paula e Lee compartilharam seus próprios pensamentos sobre o que haviam aprendido. "Depois de todo esse tempo, ainda tenho admiração por ele", disse Beckner, "mas nunca me senti verdadeiramente próxima de John".

"Lee, eu o amo com todo o meu coração e até mesmo eu me sinto à distância de sua alma interior. Jonathan é tão complexo quanto brilhante... e sempre carregado de segredos."

"Bem, sim, a questão da idade. Com certeza revelou um lado dele que eu nunca tinha visto antes."

"É mais do que isso. Durante as poucas horas da noite em que ele dorme, eu o ouço murmurar... coisas estranhas que provavelmente têm a ver com pesadelos que ele sempre teve."

"Não consigo imaginar tudo o que deve estar na cabeça desse homem. A história que ele viveu, a pressão que está sofrendo por todos esses projetos."

"É mais do que isso, também. Com base em algumas partes do que ele me contou, acho que algo aconteceu com Jonathan há muito tempo. Algo tão estranho e provavelmente assustador que o deixou se perguntando durante todos esses anos se ele..."

"Se ele o quê?"

"Lee, se eu lhe contar, isso se tornará *nosso* segredo, como o que ele compartilhou conosco, mas não quero que você pense menos nele por saber disso."

"Nunca. Eu o respeito e o amo demais."

"O que quer que John tenha vivido em seu passado o deixou com demônios e dúvidas. Além da natureza benigna e supersticiosa que ele tem, ele foi tratado profissionalmente de esquizofrenia e paranoia. Ele sempre se preocupou com o fato de que ser um savant trazia consigo distúrbios de personalidade, mas a outra coisa, o evento misterioso que parece lhe dar uma visão adicional sobre o futuro e o leva a se preparar para ele... bem, esse conhecimento sombrio o faz temer que ele também possa ser insano."

"E você não sabe o que foi esse evento?"

"Não", disse ela suavemente. "Mas quando ele estiver pronto, acredito que ele vai me contar."

* * *

A outra preocupação de Chalmers em relação a Paula era que ele sabia de coisas, segredos relacionados aos arquivos CRYPTOS e CONUNDRUM, que também teriam relação com o futuro dela e, por extensão, com a natureza de seu relacionamento com ela.

Ele sabia que, em breve, teria de descrever para ela uma cena incrível em seu espelho retrovisor - uma cena que explicava muito mais do que a diferença real entre suas idades.

Mas, primeiro, Chalmers tinha que providenciar para que Paula Baker recebesse uma autorização K-RED e, em seguida, providenciar para que ela fosse transferida para a Força-Tarefa da Divisão K.

Depois disso, havia uma pequena lista de assuntos sobre os quais ele tinha que informá-la. Sabendo que ela gostava de surpresas, ele imaginou que o que estava prestes a jogar em seu colo seria a emoção de uma vida inteira.

Os tópicos gerais eram naves espaciais e guerra termonuclear, enquanto a agenda específica incluía a descrição de uma criatura alienígena *sob a* Terra e uma projeção para o fim da vida *na* Terra.

Também havia assuntos pendentes com a Crystal Tabula.

65

CSC NÍVEL II. JANEIRO DE 1979

Munido de um gravador/leitor de oito faixas e da fita de rádio da NBC que Beckner havia localizado, Chalmers saiu do SpadeLiner e foi direto para o laboratório da Equipe de Exploração de Cristais.

"A CET está preparada e pronta, senhor", disse Pete Peterson. "Pegamos uma câmera emprestada do Canal Nove de Richmond. Estamos fazendo uma novela sobre esse pedaço de vidro?"

"Não. Você pode direcionar uma transmissão de televisão ao vivo diretamente para o laser?" perguntou Chalmers.

Peterson deu de ombros. "Teoricamente é possível, mas..."

"É tecnicamente possível fazer isso por meio do Vortax se eu escrever um programa de métricas fundidas?" O Vortax-1000 era um computador de altíssima velocidade que os projetistas da Agência, sob a supervisão de Chalmers, haviam colocado em operação recentemente. Seus recursos eram muito superiores aos dos computadores Cray.

"Nunca ouvi falar de um programa assim. O que ele faz?"

"Ele harmonizará a funcionalidade do feixe de partículas das duas máquinas, desde que você possa alinhar estruturalmente suas trajetórias de transmissão."

Peterson deu de ombros novamente. "Parece interessante. Mas há anos que colocamos laser, infravermelho, térmico, ultravioleta e todas as técnicas de medição fotométrica conhecidas no Crystal. Exceto por aquele primeiro dia, ele simplesmente flutua lá. Ele deve ganhar vida por causa da televisão?"

"Não, mas acho que sim, por causa do rádio", disse Chalmers, que então contou que a campainha da NBC estava tocando um segundo antes de o Crystal inexplicavelmente "explodir" e quase destruir o laboratório. Ele explicou seu "pressentimento analítico" de que, no instante em que o Crystal *ouvisse* o toque de ativação, ele se abriria novamente - por qualquer razão inexplicável, os três tons serviam como um atuador - e o Crystal seria ativado.

tons serviram como um atuador - e vomitaria os estranhos sinais e talvez também emitisse a poderosa luz.

"Depois que você e eu conseguirmos operar a visão a laser", disse Chalmers a Peterson, "instalaremos as câmeras de vídeo comuns para capturar os símbolos, que poderemos alimentar nos Crays em grupo para análise linguística. Ah, e também removeremos ou colocaremos fita adesiva em todos os vidros do laboratório para que não *tenhamos aquele* desastre novamente." "Tudo bem, mas sua visão a laser improvisada... quando e como ela entra em cena? e como ela entra nisso?"

"Pete, se o Cristal responder como minha dedução analítica prevê, você vai disparar a visão a laser a uma distância definida dentro do que acredito ser a profundidade ilimitada daquele pedaço de vidro. E quando o sinal de televisão embutido na linha de transmissão do laser for alimentado naquele grande monitor, acredito que poderemos ver o que há lá dentro."

"E você acha que há algo *lá dentro* para ser visto?" perguntou Peterson. "Sim. Agora vamos realizar uma tarefa simples para começar", disse Chalmers ele apertou o botão Play do gravador.

O som *do bing-bong-bing* encheu o ar. E, segundos depois, outra coisa também.

66

SPADELINER. TRÊS SEMANAS DEPOIS

Após o último *bing,* o Cristal voltou a expelir a névoa simbolizada, mas, felizmente, não a poderosa explosão de luz de antes. Ele também aspirou novamente os rabiscos rodopiantes momentos depois de aparecerem, mas não antes de serem gravados em fotos e câmeras de vídeo colocadas estrategicamente ao redor do laboratório. Agora, o Cristal emitia uma aurora fantasmagórica que girava em torno dele em uma órbita apertada de um metro e meio.

Embora não quisesse, Chalmers teve que retornar a Langley no dia seguinte para uma reunião com o diretor e o presidente sobre questões urgentes com os soviéticos. Beckner tinha ido ao CSC para supervisionar o CET.

Chalmers havia retornado hoje para ser informado sobre o que Peterson e a Equipe de Exploração de Cristais haviam realizado.

* Beckner o

encontrou quando ele entrou na plataforma.

"Trinta e sete minutos. Duzentos e dez quilômetros por hora", disse Chalmers.

"Vamos ultrapassar os trens de superfície japoneses e europeus em breve", disse Beckner, pegando a pequena bolsa de viagem de seu chefe. "Você receberá esses outros resumos de projetos primeiro", disse ele, entregando uma pasta grossa. "Isso dará a Pete mais tempo para se preparar e, depois, você poderá ficar com a CET o tempo que quiser."

Chalmers acenou com a cabeça em concordância. Ele leu a pasta completa nos cinquenta segundos que levaram para subir a escada rolante, passando por dezenas de estalactites maciças e chegando a outra câmara contendo laboratórios forenses e locais de teste.

"Excelente. Avanços notáveis", disse Chalmers, devolvendo a pasta a Beckner enquanto eles passavam pela porta de segurança com código biométrico e bloqueio de cifras, que se abriu depois que uma luz azul clara escaneou o rosto de cada um deles. "Quero ver o mapa holográfico da rota do SpadeLiner e as plantas em 3D dos Citations."

* * *

O trem estava quase pronto para sua primeira viagem de mil e quinhentas milhas a toda velocidade. Beckner estava trabalhando no adendo às autorizações de Walt Stern para que ele pudesse fazer a viagem inaugural. De qualquer forma, o plano previa que Stern usasse a linha para suas viagens entre Ithaca e a CSC enquanto continuava a estudar os cadáveres alienígenas e ajudava Chalmers com a CET quando pudesse.

A viagem inaugural levaria oito horas, parando em cada Citation apenas o tempo suficiente para ver o centro da cidade. Chalmers, Beckner e outros idosos da DivKay revisitariam os locais individualmente à medida que a construção progredisse. Na década seguinte, eles se tornariam grandes enclaves industriais e urbanos com moradias, manufatura, agricultura, medicina, educação e outras comodidades da cidade.

Como Chalmers havia projetado desde o início, as Citations já contavam com funcionários do governo, zeladores de uma seção altamente compartimentada da Federal Emergency Management Agency (Agência Federal de Gerenciamento de Emergências) que achavam que seu local era a única instalação desse tipo. Eles acreditavam - e corretamente, exceto pela escala nacional interconectada e maciça - que sua missão era coordenar as respostas a desastres que sobrecarregavam os recursos das autoridades locais e estaduais. A FEMA havia sido oficialmente revelada no ano passado pelo presidente, a quem Chalmers nunca havia informado sobre CRYPTOS, e certamente não sobre CONUNDRUM, porque o Comitê nunca havia dado a Jimmy Carter uma autorização K-RED.

Chalmers sabia que o desempenho real da FEMA no terreno, por assim dizer, já era irregular e recebia críticas. Mas, como ele calculou, como uma instalação subterrânea e secreta, a FEMA atenderia muito bem às suas necessidades de fraude. Daqui a muito tempo, e em resposta à futura escalada do terrorismo nos Estados Unidos, Chalmers usaria sua influência pessoal na Casa Branca para garantir que a FEMA se tornasse parte do DHS, o Departamento de Segurança Interna.

Com sua pasta CRYPTOS SpadeLiner, Chalmers estava pronto para o CONUNDRUM e a CET.

* * *

"Nossa visão a laser improvisada funcionou muito bem", disse Peterson. "Como você pode ver, o monitor ainda está granulado, mas se você ajustar o Vortax, acho que poderá limpá-lo, talvez até mesmo colori-lo."

"Independentemente da qualidade, as imagens são de arrepiar", disse Beckner. "É o melhor documentário histórico."

"Não temos como... controlar os... canais, Dr. Chalmers", disse um dos técnicos da CET, "portanto, os períodos de tempo estão em todo o... calendário".

Chalmers se inclinou para o monitor e colocou seus óculos. "Hmm, aquele é o Rio Sena... e aquela estrutura gótica *ali*", disse ele, apontando com um lápis, "que eu diria ser do final do século XII, é a construção ainda em andamento da Catedral de Notre-Dame. Alguém esteve em Paris e a viu recentemente?"

"Como podemos estar vendo isso, senhor?", perguntou o técnico da CET.

Antes que ele pudesse responder, o monitor piscou e uma nova imagem foi discernida na tela estática e piscante.

"Parece... homens das cavernas perseguindo um mastodonte lanoso", disse Peterson. "Bem, acabamos de ganhar um novo nome para nossa bola de vidro - o Cristal do Tempo."

"Pete, tenho que lhe dizer que gosto mais do que pedaço de vidro", disse Chalmers.

"Seja qual for o nome", disse Beckner, "a pergunta ainda permanece: como pode ser isso?"

* * *

Chalmers riscou uma fórmula no quadro-negro: . $\mathrm{P}\mu = k\sqrt{\Sigma x^2} + \Sigma_k \binom{x}{k}$

"Ela se baseia na física quântica e na fotoelétrica de Einstein, com os valores de *x* e *k* como amplitudes variantes da temperatura radiante. Ele provou a dualidade onda-partícula há setenta e cinco anos, estabelecendo que toda luz e matéria exibem propriedades tanto de ondas quanto de partículas, cada uma das quais descreve o comportamento de objetos quânticos."

"O que significa isso?" perguntou Beckner.

"Significa que Einstein observou que, quando uma luz intensa incide sobre metais e minerais, alguns de seus elétrons se soltam e começam a fluir, como uma corrente em um circuito. Uma força carregada que se move livremente, mas de forma previsível, através das linhas de transmissão do tempo e do espaço."

Beckner estava com a cara fechada. "E..."

"Da mesma forma, a bioluminescência é a produção e emissão de luz por um organismo vivo - uma planta, mamífero ou réptil que gera uma reação química durante a qual a energia química é convertida em energia luminosa."

"Isso significa que a energia de qualquer tipo de ser vivo também pode ser medida como uma corrente que flui por um circuito. Ou irradiando de um cristal", disse Peterson.

"Exatamente. Escrevi o programa de métricas e combinei o coeficiente de correlação linear AIC2 do Vortax com protocolos de busca baseados no E = *hv* de Einstein para medir a radiância da onda-partícula."

"E o comando de inteligência artificial do computador e o modal axial de controle escravizaram o feixe de laser ao sinal da câmera", disse Pete, "e agora está gravando tudo o que *vê* à medida que refrata aleatoriamente através do labirinto de cristal do tempo."

"Sim", disse Chalmers, caminhando em direção ao enorme computador, "e temos que colocar as próximas três gerações do Vortax on-line o mais rápido possível. Caso contrário, vamos explodir este modelo 1000 em pedacinhos."

"Por que isso?" perguntou Beckner.

"Porque esta máquina está em processo de cometer suicídio de circuito", disse Peterson, olhando para os dados digitalizados que estavam sendo exibidos em um banco separado de monitores.

"O cristal está emanando elétrons", explicou Chalmers, "mas também os está absorvendo... a uma taxa de cem à centésima potência maior que um googol, o que é 'impossível' - exceto que a matemática é verdadeira".

Como Peterson explicou rapidamente, um googol era o termo matemático para o número maciço de dez ao centésimo, uma soma derivada da multiplicação de um milhão por um milhão quinze vezes e, em seguida, da multiplicação desse número por dez mil.

Beckner era um engenheiro estrutural com uma compreensão diferente dos números, portanto, não tinha ideia do que significava googol. Chalmers colocou isso em perspectiva para ele.

"Um googol é uma quantidade igual a todos os grãos de areia de todos os desertos e praias da Terra. Mas a capacidade de absorção do Cristal é tão grande que precisa de um novo termo - um gorgon, que é igual a todos os grãos de areia de dez bilhões de Terras."

Beckner estava com os olhos arregalados.

"Acredito que o nosso Cristal do Tempo é literalmente um buraco branco, puxando elétrons refletidos e bioluminescência para o seu núcleo claro e ilimitado. Ele está absorvendo e armazenando a energia radiante de todas as forças vitais e objetos inanimados sobre os quais o sol irradia sua poderosa luz, liberando a dualidade de ondas de energia e partículas reais de material vivo."

Esse conceito fez com que a mente de Chalmers se agitasse ainda mais, levando-o a se lembrar do que havia aprendido no Tutorium sobre a Tabula de Cristal ser uma membrana viva, assimilando por osmose energética a totalidade de tudo em seu reino designado.

* * *

"Senhores, não sei se vocês acreditam em um ser supremo. Mas eu acredito. E eu realmente acredito que esse Cristal é um instrumento de gravação de arquitetura divina... quer estivesse no OVNI ou não", acrescentou ele como parte de sua história de cobertura sobre a origem do Cristal. "Isso é algo que simplesmente acreditamos. Esse Cristal provavelmente contém uma imagem eletronicamente recuperável de tudo o que já ocorreu em qualquer lugar do planeta ao longo do tempo na Terra."

"O que faremos com ele, John?" perguntou Beckner.

Olhando para sua equipe da CET, Chalmers disse: "Nosso primeiro trabalho é descobrir como mudar de canal para que possamos assistir a toda a série. E depois disso", acrescentou com um brilho nos olhos, "tenho algo *realmente* interessante em mente".

67

CSC. 8 DE MARÇO DE 198C, MANHÃ

Houve vários desenvolvimentos nos quatro anos desde que Chalmers e a CET reativaram o agora chamado Cristal do Tempo. Um novo Vortax-3000 projetado pela DivKay permitiu que Chalmers, Peterson e outros técnicos da CET não só trouxessem uma imagem colorida mais nítida para o monitor, mas também que delimitassem a profundidade do tempo em que disparavam a telemetria de visão a laser. Ou, como Chalmers havia chamado, mudar os canais cronológicos.

Para lidar com o armazenamento e a recuperação de gorgons de informações a serem baixadas do Crystal, os engenheiros de hardware da Agência pegaram carona em um projeto de pesquisa do Departamento de Defesa para conectar várias redes de computadores diferentes em uma macrorrede que estava sendo chamada de Internet. O resultado para a CET foi um drive híbrido de bobina óptica a laser, que Chalmers chamou de "Slinky cibernético", no qual uma quantidade sem precedentes de dados digitais poderia ser carregada.

Uma equipe auxiliar agora se dedicava exclusivamente à catalogação de clipes de filmes do documentário global do Crystal. Chalmers e os outros haviam acabado de assistir a uma filmagem incrível que solucionou o primeiro dos muitos mistérios da história encerrados no Cristal. Tratava-se de como os egípcios transportaram, levantaram e posicionaram mais de dois milhões de blocos, cada um pesando dezenas de toneladas, para construir as pirâmides.

* * *

"A análise forense de imagens colaterais da Vortax", disse um técnico da CET que trabalhava em um console separado, "confirma que as pirâmides não foram construídas por volta de 2500 a.C., como se acredita popularmente... mas onze mil anos antes de Cristo".

"Um período de tempo em que os lagos e rios da era glacial tornaram a região excepcionalmente úmida e não o deserto que se tornou muito mais tarde", acrescentou Beckner.

"O que acabamos de ver", disse Chalmers, "significa que, durante a época do Pleistoceno, quando a maioria dos *Homo sapiens* mal passava de catar pulgas uns dos outros, um grupo de tecnocratas anômalos descobriu como construir represas, desviar e elevar sistematicamente um grande volume de água, projetar e operar eclusas do tipo do Canal do Panamá, usar barcaças para mover pedras gigantes e, em seguida, construir uma estrutura megalítica *não* em terra firme e içando um peso enorme para cima, mas com uma facilidade muito mais brilhante, baixando o peso para baixo na água. Que mais tarde foi simplesmente drenada".

Beckner ficou atônito. "E nós vimos como isso aconteceu. Como em um filme." Chalmers estava pensativo. "Talvez tenhamos realmente testemunhado isso, *exatamente* como aconteceu, ou ainda está acontecendo, pelo menos dentro daquele cristal vivo."

"Do que você está falando, John?" perguntou Beckner.

"Que, enquanto olhamos para o Cristal, estamos em um limiar para o passado. Teoricamente, quando soubermos mais sobre o que estamos fazendo aqui, nós..."

"Nós o quê?"

"Poderíamos entrar no Cristal e *sentir* o tempo, aprender mais com ele", disse Chalmers, "tocá-lo de alguma forma com uma sonda laser mais substancial... talvez até alterá-lo."

"Chefe, você não acha que já tem muito o que fazer?"

Chalmers deu de ombros. "Certo. O momento provavelmente é ruim." *E, no entanto, é tudo.* Ele não podia deixar a ideia passar. Ele tinha certeza de que o Cristal tinha aplicação direta na diretoria de operações - o "braço tático" da Agência responsável por recrutar espiões, roubar informações e conduzir ações secretas no exterior que permitiam aos Estados Unidos, pelo menos, influenciar a história mundial... e, em alguns casos, mudá-la drasticamente. Que tipo de mudança poderia ser feita se houvesse uma maneira de voltar no tempo*? E se eu* pudesse *enviar algo... ou alguém, para o passado?* Ele sabia que seria difícil, considerando tudo o que estava programado, encontrar tempo para transformar uma noção tão fantástica em realidade; no entanto, não havia nada *além de* noções fantásticas, até mesmo fantasmagóricas, em todos os aspectos de sua vida, e já era uma realidade que Chalmers parecia estar vivendo mais do que a média. De repente, ele pensou em alguém de quem se aproximaria, se... ou quando encontrasse uma maneira de atravessar o limiar do Cristal. Era um dos mais conceituados oficiais paramilitares da CIA

um dos oficiais paramilitares mais conceituados da CIA - um indivíduo destemido com uma capacidade extraordinária de improvisar, modificar e se adaptar para superar qualquer desafio que o confrontasse... pelo menos era o que diziam as conversas no corredor do sétimo andar. Seu nome era Grayson. E Chalmers pretendia conhecê-lo. Ele permaneceu pensativo, prometendo silenciosamente explorar mais esse conceito de viagem no tempo e aprender mais sobre o Sr. Rick Grayson.

Beckner continuou olhando para Chalmers, que estava imóvel e com o rosto vazio. "John. Tempo, lembra-se? Estamos com pouco tempo no momento."

"Oh, desculpe, Lee. Sim. As imagens que acabamos de ver validam muitas das teorias alternativas relativas não apenas às grandes pirâmides, mas também a outros locais megalíticos em todo o mundo. Essas não são estruturas de civilizações e culturas conhecidas pela história convencional; são remanescentes muito mais antigos de populações desconhecidas e avançadas."

"É verdade que tudo isso é incrivelmente interessante... incrível", disse Beckner.

Chalmers ainda estava preso em seus próprios pensamentos. "Grandes conhecimentos se perderam com o tempo. Onde estaríamos hoje se isso não tivesse acontecido?"

"Com certeza seria um presente milagroso se pudéssemos redescobri-lo", disse Beckner. "É imperativo protegê-la. Caso contrário, a Black Spade e a SSI

"A ideia de que o Crawford não seria um homem de verdade, mas um homem de verdade, não teria sido inútil quando o momento sombrio chegasse", disse Chalmers, não em resposta a Beckner, para quem ele nem estava olhando, mas para si mesmo, novamente pensando em novas noções e em outro nome, que ele sussurrou roucamente... "Crawford". Beckner e os outros trocaram um olhar intrigado.

** *

Tentando trazer seu chefe de volta ao momento e levá-lo para a próxima reunião, Beckner literalmente pegou Chalmers pelo braço. "John, temos outras paradas a fazer."

"Ah, sim. O Vortax-4000. Isso também é importante", disse Chalmers, sabendo que no laboratório adjacente um laser seria usado para mais do que olhar para o olho atento do Cristal do Tempo.

Se os outros pesquisadores da DivKay de Chalmers tivessem realizado seus cálculos corretamente, desta vez o Vortax e o BK-PULSE olhariam diretamente para a própria mente.

68

CSC. MESMO DIA, 165O HORAS

Pensador linear e organizacionalmente compartimentado até a exaustão, como Paula costumava brincar com seu marido, Chalmers havia fechado sua mente para a CET e agora seguia Beckner para outro laboratório, onde ele veria a última demonstração de seu projeto BK-PULSE.

Usando a sonda a laser do Vortax, o BK-PULSE era uma forma programática de induzir mecânica e involuntariamente a batida binaural ou o estado auto-hipnótico de alteração da mente que Chalmers havia aprendido - se não herdado geneticamente
-de seu pai. Um criptônimo da Agência, ou palavra de código operacional, BK-PULSE operava a partir de um paradigma matemático que Chalmers havia criado para combinar neurolinguística e psicoterapia.

* * *

"Na variação de pulso da batida binaural", explicou Chalmers à sua equipe quando concebeu o projeto pela primeira vez, há um ano, "direcionaremos uma onda sônica incorporada a um laser de baixa intensidade para um ouvido de um animal de laboratório".

Como Chalmers já havia testemunhado várias vezes durante a fase inicial de testes, seu chamado feixe de luz entrou em um ouvido e saiu com sucesso do outro ouvido, lançando a luz expelida em um prato cônico de recepção. Sua equipe ficou maravilhada com o experimento, mas não tinha compreensão dos cálculos matemáticos que Chalmers usou para programar o computador. Eles também não entendiam como o feixe evitava fritar o cérebro dos animais de teste. O Dr. Chalmers sabia e explicou o processo.

* * *

"O fato notável sobre essa transferência de luz", disse ele na época, "é que quando o laser pulsa através do cérebro do animal, ele apaga cada emissor neural, absorve cada pixel da codificação cerebral e desmagnetiza cada byte eletrônico de informação memorial dos recessos sinápticos do disco rígido do crânio."

"Mas você vai apagar o programa de autossuperação", disse Beckner.

"Não. Como eu teorizei antes de reescrever o índice gráfico do usuário do Vortax, a sintaxe direcionada a objetivos programada na GUI permite que o feixe de borrões se concentre no que chamei de seletividade sináptica. Pense nisso como se estivesse mirando em uma mira de rifle, calculando as variáveis de distância, elevação, direção do vento e velocidade da munição necessária para atingir o anel X do alvo".

Chalmers explicou ainda que o cérebro tem uma topografia química com uma composição química distinta ligada a funções neurais específicas. O pulso Vortax segue um mapa de computador produzido a partir de um exame de ressonância magnética cerebral. Ele não perturba o sistema nervoso autônomo nem altera a regulação cerebral do coração, dos pulmões e de outras funções involuntárias de manutenção do corpo.

"O corpo do animal permanecerá saudável, mas seu cérebro estará vazio, sem as fórmulas químicas que o capacitam. Ele será uma tabula rasa aguardando a reencarnação e a reinscrição. Mas o recurso mais surpreendente desse programa", disse Chalmers, "acontece depois que o feixe de dados de DNA impregnado de neurônios sai do segundo ouvido".

Sob a direção de Chalmers, a matéria de dados esponjosa de testes anteriores foi direcionada para o prato de recepção, onde o software BK-PULSE atribuiu valores digitais e semânticos. Esses valores eram enviados de volta ao Vortax-4000 como o que Chalmers chamava de coeficiente de cognição, o que significava que as fórmulas químicas haviam sido ajustadas antes de serem enviadas de volta à massa cinzenta do sujeito. Chalmers escolheu entre uma série de resultados projetados... linguísticos, psicológicos, físicos ou qualquer outra coisa que ele decidisse programar.

Beckner achava que a coisa toda tinha uma estranha semelhança com a antiga série de televisão *Outer Limits,* cuja narração inicial dizia: "Controlaremos a horizontal. Controlaremos o vertical. Durante a próxima hora, sente-se em silêncio e nós controlaremos tudo o que você vê e ouve".

Devido à sua crescente propensão para o engano, a manipulação e o sigilo, Chalmers via o que estava fazendo mais em termos de uma citação

de Voltaire: "Os homens usam o pensamento apenas para justificar sua injustiça, e a fala apenas para esconder seus pensamentos."

* * *

Hoje, como Beckner e a equipe de pesquisa estavam prestes a ver, o Vortax-4000 de Chalmers manipularia um banco de dados primitivo extraído do cérebro primata do Sr. Tom Morrow.

Tommie, como era carinhosamente chamado pela equipe, era um chimpanzé cujos testes recentes já haviam produzido resultados com possibilidades interessantes para o futuro. Estava na hora de fazer outro teste.

"Dr. Chalmers, senhor. Estamos satisfeitos que o senhor e o Sr. Beckner tenham podido se juntar a nós hoje", disse o Dr. Roselle, o chefe da força-tarefa que estava dando as instruções. Ele entregou a Chalmers um resumo do trabalho recente. "Nos últimos dias, o cérebro de Tommie foi repetidamente excluído e reabastecido em uma variedade de experimentos de AAM de primeira fase que você projetou."

Terminando o relatório antes que Roselle terminasse de falar, Chalmers entregou a pasta a Beckner. "Lee me informou que foram feitos alguns ajustes na modalidade de adaptação alternativa."

"Sim, senhor. A maioria das AAMs foi bem-sucedida, mas talvez a mais notável tenha sido a substituição da tendência inata de Tommie de se balançar pelos braços por uma preferência exclusiva por andar."

"E o elemento linguístico?"

"Foi uma primeira tentativa muito bem-sucedida de programação neurolingual, Dr. Chalmers. Eliminamos seus gritos agudos inerentes de chimpanzé e grunhidos grosseiros. Mas é claro que a capacidade de Tommie de articular fonemas sofisticados é limitada pela construção de suas cordas vocais, laringe e a configuração oral de seus dentes, língua e lábios."

"É claro", disse Chalmers. "Podemos fazer mais na área do programa de comunicação fonética... ou podemos fazer uma cirurgia oral reconstrutiva."

Chalmers olhou para Roselle. "Presumo que você tenha recebido o novo programa cerebral que escrevi?"

"Sim, senhor", disse Roselle, acenando com a mão. "O Marco, ali, o colocou direto."

O técnico Marco deu um passo à frente. "Dr. Chalmers", disse ele com um aceno de cabeça. "Senhor, primeiro restauramos as características normais do chimpanzé e depois conectamos o novo componente psicocerebral para cognição e articulação."

"Mostre-me", disse Chalmers.

"Por aqui, John", disse Beckner, abrindo a porta de uma sala com uma única cadeira no meio. Um chimpanzé estava sentado com uma perna confortavelmente cruzada sobre a outra.

"*Go'dah mor-neeeg, doe'akta chamah*", disse Tommie ao se levantar e oferecer sua mão peluda ao Dr. Chalmers.

"Bom dia, Sr. Morrow", disse Chalmers, sua própria mão se perdeu por um momento no aperto longo e poderoso da mão de Tommie. "Você está pronto para tentar algo novo hoje?"

"*Oh, oh, oh, yah'ess*", disse Tommie enquanto puxava os lábios para trás em um sorriso largo e empolgado, saltava sobre as pernas arqueadas e batia na cabeça com as duas mãos.

"Ótimo. Por favor, sente-se e vamos começar."

Tommie deu uma cambalhota para trás no assento. Chalmers sorriu para ele e depois acenou com a aprovação para Roselle, Marco e os outros técnicos.

"Meu Deus", disse Beckner. "Isso é impressionante. As possibilidades médicas. As implicações sociais. Neurotecnologia com capacidades ilimitadas... e consequências. Como vamos usá-la... e como, em nome de Deus, vamos controlá-la?"

Chalmers se aproximou ainda mais de Beckner, que estava ao seu lado o tempo todo. "Sim, profunda utilidade operacional. Posso ver como isso pode ser útil algum dia", disse ele suavemente.

69

LANGLEY. 1984

"Lembre-me novamente, John, quando foi que sua prole alienígena fugiu de casa?" Casey perguntou a Chalmers, que já desejava não ter dedicado tanto tempo a esse almoço particular na sala do diretor. Ele também estava ficando cada vez mais inquieto com as perguntas agressivas de Casey e sua agenda sem sentido.

"Trinta anos atrás."

"Você e Beckner o chamam de Jack, o Estripador." Chalmers assentiu com a cabeça.

"Por alguma razão você nunca localizou o idiota durante as últimas três décadas?"

"Bill, como exatamente você sugeriria que eu encontrasse um alienígena espacial vivendo em um sistema de cavernas que percorre toda a extensão dos Montes Apalaches?"

"Ofereça a ele um emprego no governo! É isso que eu quero fazer."

Chalmers olhou fixamente para o diretor.

"Não, de verdade. Quero que você monte algo com seu grande computador, escreva um de seus programas de raio laser e nós o colocaremos em um pássaro geossincrônico sobre a Costa Leste. Fixe seu cheiro de enxofre ou outros indicadores rastreáveis que Stern já deve ter descoberto. Afinal, para que estamos pagando a ele?"

"Stern é um homem muito ocupado. Não o compensamos por seu tempo e conhecimento."

"Ótimo. Mas eu ainda quero o alienígena. Você o atinge com seu feixe dos sonhos ou como quer que se chame. Transforme-o em um republicano e depois eu o entregarei à Defesa para que os fuzileiros navais possam transformá-lo em uma máquina de combate verde e malvada. Dê uma surra nos soviéticos".

"Você não acha que já está com problemas suficientes com o Congresso por causa do nosso programa para a América Central?"

Casey fez sinal para que Chalmers lhe passasse a cesta de pão. "Então, blotterize o comitê seleto do Senado e os malditos repórteres... tire todos os sanguessugas políticos de cima de mim... do presidente também."

"Você não deveria comer pão. O que aconteceu com a poção da juventude que eu receitei?"

"Estou mijando limonada há meses e pareço dez anos mais velho do que era. Você parece ainda mais jovem. Acho que *você é* um alienígena espacial."

Casey gargalhou enquanto passava manteiga em seu croissant... e em sua gravata.

* * *

A idade não era um assunto de brincadeira para Chalmers. Com exceção de Casey, Paula e Beckner, todos achavam que ele estava na casa dos 60 anos. Mas, aos noventa e três anos de idade, Chalmers sabia que poderia morrer a qualquer momento.

Em andamento há quase vinte e cinco anos, a Operação Black Spade estava próxima de seu primeiro grande marco. Em vista do que ele via como pressões crescentes que levavam inexoravelmente a uma terceira guerra mundial, Chalmers sentiu-se obrigado a concluir a SSI até o fim de sua já longa vida.

Apesar de seus melhores esforços para controlar os vazamentos sobre o projeto e usar o apoio dos membros do Comitê para encobrir o número crescente de alegações da imprensa, sempre houve artigos periódicos de tabloides sobre instalações "ultra-secretas" em áreas remotas dos Apalaches. Eram exatamente o tipo de histórias que Chalmers havia previsto sobre as Áreas 51 subterrâneas. Elas incluíam uma prisão e um centro de pesquisa para os alienígenas de Roswell, o Pé Grande e o Monstro do Lago Ness; um sanatório onde JFK e RFK, com "morte cerebral", eram mantidos em sistemas de suporte à vida; um depósito para os mistérios da história, como o caixão de Amelia Earhart e os destroços de seu avião*;* armazenamento para equipamentos, registros e outros materiais "desativados" do governo; e abrigos contra precipitação radioativa para a guerra atômica com os soviéticos.

Muitas dessas histórias apareceram no *National Reveal,* um tabloide sensacionalista que era financiado por um "investidor" de Nova York que recebia apoio financeiro e ordens de marcha de Washington. O *Reveal* foi um dos muitos estratagemas de propaganda de Chalmers criados para esconder a verdade sobre o Black

Spade à vista de manchetes claramente inacreditáveis e totalmente descartáveis.

No entanto, as histórias mais confiáveis da grande imprensa, especialmente nos últimos anos, afirmavam que esses locais nas montanhas eram locais de construção de armas militares, como raios laser, dispositivos robóticos, drones aéreos e outras tecnologias de estações espaciais ligadas ao programa Guerra nas Estrelas, altamente divulgado pelo presidente Ronald W. Reagan, que Reagan e o diretor da CIA, William J. Casey, rotularam de Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI).

Chalmers havia recomendado esse nome explícito como uma campanha de desorientação para o seu projeto secreto de SSI e o da administração.

* * *

Desde os dias da OSS até seus anos na CIA, Chalmers sempre teve um forte relacionamento com os diretores da Agência e com alguns presidentes, especialmente Eisenhower. Isso era particularmente verdadeiro agora. Como membros do Comitê com a letra *W* em seus nomes, Casey e Reagan frequentemente seguiam as orientações de Chalmers não apenas sobre os projetos CRYPTOS e CONUNDRUM, mas também sobre outras questões políticas e militares em que suas avaliações analíticas apoiavam suas necessidades. Por sua vez, eles lhe deram níveis de apoio sem precedentes, principalmente em relação ao aumento dos orçamentos do Congresso para apoiar os custos crescentes da Black Spade.

Ambos nova-iorquinos e favoritos de Donovan durante a guerra, Chalmers e Casey eram especialmente próximos, e cada um deles recebeu a Estrela de Bronze por conquistas meritórias no Office of Strategic Services. Excentricamente brilhante por si só e ainda mais rabugento do que Chalmers, Bill Casey estava definitivamente ciente de como Chalmers parecia muito mais jovem atualmente, e ele se tornou persistente em saber o segredo da forma física de seu amigo. Chalmers finalmente lhe contou a mesma história que havia contado para Lee Beckner e Paula. Conhecendo Casey como conhecia, Chalmers adicionou um ingrediente extra para apimentar a mentira e, ao mesmo tempo, lidar com seu mau hálito atroz.

"Está me enrolando, John? Dezesseis onças *concentradas* por dia? Como você consegue engolir tudo isso sem enrugar os lábios e a bunda ao mesmo tempo?" perguntou Casey.

"Não é besteira, Bill. Concentrado de limão. Doses de quatro onças, a cada seis horas. Dissolva duas balas de hortelã-pimenta em cada copo primeiro. Fiz esse programa durante toda a minha vida e você pode ver os resultados."

* * *

Na primeira reunião da equipe sênior de Casey na sala de conferências do diretor, ele fez uma declaração sobre sua opinião a respeito das políticas de ação secreta da CIA.

"Saberemos que nosso programa de desinformação está completo quando tudo o que o público americano acredita for falso." A declaração chocou seus subordinados, mas trouxe um sorriso contido ao rosto de Chalmers.

Agora, anos mais tarde e em vista da série de artigos recentes *do New York Times* sobre o governo e os "santuários secretos" da CIA espalhados pelos Montes Apalaches, Chalmers estava contando com Casey para dar mais força à sua forte declaração.

* * *

O problema atual era Robert Graham, um jornalista investigativo do *Times*. Ele havia sido abordado por alguns dos imigrantes ilegais descontentes que haviam sido cooptados durante o governo Eisenhower para trabalhar clandestinamente em troca de promessas de Green Card que nunca foram cumpridas. A maioria foi posteriormente deportada e informada de que, se voltasse ou falasse sobre seu trabalho, seria presa e colocada na cadeia. Alguns deles haviam assumido o risco de contar suas histórias a Graham, que passou anos reunindo outros elementos de suas revelações, especialmente contratos governamentais emitidos para um consórcio de empresas envolvidas em projetos de "escavação e abertura de túneis" em toda a Costa Leste.

Ao longo do caminho, Graham se deparou com o nome de Jonathan Chalmers, um "funcionário sênior do governo" que parecia ser um fio de continuidade em qualquer atividade misteriosa que o governo federal e a CIA pareciam estar fazendo, de acordo com suas fontes. Usando registros públicos de imóveis e impostos, Graham acabou localizando as residências de Chalmers em Nova York e na Virgínia.

Graham foi à propriedade de Long Island algumas vezes, mas nunca encontrou Chalmers lá, nem obteve nada além de respostas vagas e suspeitas do gerente da propriedade a quem Graham dirigiu perguntas sobre o Sr. Chalmers.

Chalmers. Graham acabou aparecendo na Virgínia e bateu na porta da frente da casa de Chalmers em McLean, tarde da noite. Paula atendeu e disse a Graham que seu marido não estava em casa, mas que nem ela nem Chalmers teriam interesse em conversar com um jornalista sobre qualquer coisa.

Como Paula estava grávida um ano após o casamento, em 1979, Chalmers comprou a elegante casa em McLean, que ficava a poucos minutos da sede. Depois que Steven nasceu, Paula voltou a trabalhar em meio período em Langley, munida de uma autorização de segurança K-RED e de um cargo como assistente executiva de Lee Beckner na Força-Tarefa DivKay.

Sentindo que o indescritível Chalmers era, de alguma forma, a chave para sua história de sucesso sobre conspiração e encobrimento, que logo seria revelada, Graham montou sua própria vigilância na residência McLean, observando Chalmers ser buscado pela manhã e levado para Langley, nas proximidades, e seguindo Paula em algumas ocasiões quando ela ia às compras ou levava Steven para sua escola particular.

* * *

Foi o fato de Graham estar seguindo seu filho que fez com que Chalmers finalmente conversasse com Casey durante o almoço de hoje. Terminada a refeição, eles se mudaram para algumas cadeiras do sofá.

"Então esse é o mesmo babaca sobre o qual eu já liguei para o *Times* antes?"

Chalmers assentiu com a cabeça.

"Fiz um acordo com o editor", disse Casey com sua habitual grosseria. "Disse àquele idiota que ele poderia publicar ocasionalmente um front-pager divulgando alguns de nossos projetos, até mesmo um ativo de vez em quando, contanto que eles divulgassem histórias selecionadas... especialmente a de Graham."

"Bem, agora você conhece a política do editor em relação ao tipo de jornalismo do Graham."

"Isso foi além da política de publicação do jornal e de qualquer escritor", disse Casey. "Graham passou dos limites ao se intrometer em sua vida familiar. *Nós* fazemos vigilância. Nem esta Agência, e com toda certeza nem o filho de um de seus oficiais superiores, vai ser seguido por um repórter qualquer."

Chalmers simplesmente acenou novamente com a cabeça, satisfeito em deixar Casey seguir na direção desejada.

"Vou fazer algumas ligações. Uma para o presidente do conselho de administração. Acontece que ele também administra o fundo fiduciário do dono do jornal. Sempre siga a porra do dinheiro... e depois o belisque", resmungou Casey. "A única coisa favorável que posso dizer sobre esse cabeça de merda do Graham é que ele está fazendo a coisa certa do ponto de vista investigativo... ele apenas escolheu um tema ruim para pesquisar e, no seu caso, meu amigo, a cebola errada para descascar."

"E as outras ligações, Bill?"

"NYPD, IRS e DOJ. Quando eles terminarem de iniciar suas próprias investigações, intimações, auditorias e audiências com Graham, ele já estará tão abalado que não terá tempo para nos sacanear."

"E as provas para as acusações que você providenciará contra ele?"

"Não sei. Mas o que você decidir será ótimo", disse Casey com uma piscadela.

* * *

Chalmers estava ocupado demais para lidar com a criação de um caso legal e a construção de provas forenses que os advogados da agência poderiam usar para confrontar Graham, que, diante de uma provável sentença de prisão, sem dúvida teria optado pela opção de acordo extrajudicial de simplesmente abandonar seu caso de investigação.

Devido a uma oportuna convergência de coincidências, Chalmers foi poupado de mais esforços ou preocupações com Graham quando o repórter sofreu abruptamente um ataque cardíaco fatal.

70

CSC. 1984

Chalmers estava em sua mesa fazendo anotações, ouvindo várias transmissões de notícias mundiais e folheando alguns livros ao mesmo tempo quando Beckner entrou.

"Más notícias", disse ele, segurando um pedaço de papel. "Um memorando de Jamesly para você. Ele vai se aposentar no final do ano. Como encontraremos outro linguista como ele?"

Chalmers não olhou para cima. "Não encontramos. Depois de todos esses anos e de seu próprio Vortax, o professor não conseguiu traduzir nenhuma das névoas simbolizadas do Cristal. Se eu tivesse tido tempo, eu mesmo teria feito o trabalho."

"Ele determinou que os símbolos flutuantes e os rabiscos de sangue, as marcas de ŋamT*ƒ* que Jack deixou na parede do laboratório, não tinham nenhuma relação. Isso parece estranho, considerando que você sempre disse que o cristal veio do OVNI", disse Beckner em tom de provocação, por algum motivo testando águas que ele sabia que não deveria. "Será que os cristais flutuantes podem ser outra coisa... *de* outro lugar?"

Dessa vez, Chalmers olhou para cima. "Esqueça a maldita linguística, Lee", disse ele com firmeza. "Tudo o que você precisa saber é que eu entendo mais sobre o Cristal do que você, Jamesly ou qualquer outra pessoa. De qualquer forma, estamos assistindo a um filme mudo toda vez que usamos a visão a laser."

* * *

De qualquer forma, Chalmers achava que sabia o que eram os hieróglifos do Cristal. Eles o lembravam dos símbolos mentais que ele havia visto no Tutorium. Quando esses mesmos tipos de símbolos apareceram pela primeira vez no laboratório, ele e todos os outros ouviram um poderoso som estático que acompanhava a explosão de luz.

Mais tarde, Chalmers percebeu que aquele era provavelmente o som de um fluxo de fonemas do tamanho de um górgona, proveniente de todas as conversas ao longo do tempo, de alguma forma registrado junto com as visões de todos os eventos na Terra. Sabendo que ele nunca seria capaz de reproduzir nem mesmo um nanopercentual das imagens, não fazia sentido se preocupar com o total de palavras humanas ditas nos últimos milhões de anos - especialmente se fossem representações digitalizadas do pensamento alienígena.

Para isso, Chalmers precisaria do Diretor e de todos os doze samaritanos, não apenas de Jamesly como tradutor.

* * *

"Reprogramei a Vortax", disse Chalmers. "A imagem será mais nítida e terá um recurso de zoom. Quero que você consiga dois dos melhores leitores de lábios que puder encontrar. Será um processo lento, mas faremos transcrições dos momentos visuais mais importantes quando os encontrarmos. Assim que eu descobrir como discar em canais mais contemporâneos, poderemos encontrar inteligência atual e útil em vez de apenas resolver os mistérios da história."

"Sim, isso seria um grande avanço", disse Beckner, aliviado pelo fato de seu chefe ter perdido o tom cortante que havia usado há pouco e que era perturbadoramente familiar ao tom usado quando Beckner sentiu que Chalmers o havia ameaçado por causa da questão da idade. "Qual é a sua opinião, John, sobre o motivo de o Crystal ter simplesmente se desligado algumas vezes recentemente?"

"Ainda não tenho certeza. Felizmente, ele continua a responder aos sinos gravados do antigo programa de rádio, mas não gosto de depender de uma única fonte para reativação de emergência, assim como não gostaria de depender da NBC para obter notícias reais."

"Entendo seu ponto de vista. A fita pode quebrar ou se desgastar. O gravador antigo também."

"É por isso que quero que você encontre um xilofone antigo, um modelo de brinquedo de criança... como o que Paul tinha", disse Chalmers enquanto seus olhos brilhavam com um foco distante.

"Paul?"

"Hmm, sim. Um amigo com quem eu cresci." Chalmers ficou pensativo por mais um momento e, de repente, fez um rápido esboço. "Mais ou menos deste tamanho e formato.

Com um pequeno martelo de madeira. Você provavelmente pode encontrar um no shopping de antiguidades em Williamsburg."

* * *

Depois que Beckner foi embora, Chalmers pensou novamente em outro nome que estava em sua mente ultimamente... Crawford. E outra questão futura com o Cristal que Chalmers continuava a resolver - uma questão crítica, a chave para localizar e abrir um cofre único que não fosse o que estava atualmente no laboratório de Nível II do CSC.

Esse repositório exclusivo ficava em uma parte ainda mais profunda da caverna, um local que Chalmers já havia escolhido para armazenar o Cristal até que seu herdeiro guardião, seu próprio filho, Steven, assumisse a administração da joia celestial.

Envolver um civil não esclarecido chamado Crawford para ajudar Chalmers a criar uma pista sobre a localização desse cofre e deixar instruções sobre como usar a chave para destravar o Cristal exigiria criatividade e delicadeza.

Chalmers sabia que podia fazer isso.

E que era hora de entrar em ação.

71

LANGLEY. 1985

Chalmers estava na cafeteria tomando café com Darwin Carlosi, diretor da Comissão de Belas Artes da CIA. Eles observavam as escavadeiras destruindo a colina arborizada na parte de trás do Edifício da Sede Original, o OHB, que, mesmo quando estava sendo projetado em meados da década de 1950, incluía uma cláusula para uma eventual expansão. Esse momento havia chegado.

A construção do New Headquarters Building, o NHB, estava sendo iniciada e compartilharia um grande pátio aberto com o OHB contíguo. Chalmers sabia que Carlosi era o responsável por criar uma obra de arte apropriada para ser exibida no pátio.

Carlosi já havia ouvido falar de Brenton Crawford em um memorando de Chalmers. Ele agora ouvia as ideias de Chalmers sobre uma escultura que ele acreditava que o artista poderia ser contratado para criar - algo com os temas de coleta de informações e solução de problemas. Beckner havia preparado uma pasta de histórico. Depois de analisá-la, Carlosi concordou que Crawford tinha as credenciais certas.

Chalmers mencionou que seu amigo e renomado astrônomo, Walt Stern, tinha algumas das obras de Brenton Crawford e se ofereceu para fazer uma apresentação pessoal. Carlosi sugeriu que Chalmers deveria ser o primeiro a entrar em contato com Crawford.

Chalmers ligou para Crawford, que aceitou seu convite para visitar Langley e avaliar uma "oportunidade artística". Entusiasmado com a ideia, Crawford concordou imediatamente em realizar o projeto e voltou para sua loja, onde fez um desenho. Ele foi apresentado mais tarde e imediatamente aceito pelo Comitê de Planejamento do NHB de Langley, que era presidido por Carlosi.

* * *

Crawford voltou à sede hoje para discutir detalhes específicos com Chalmers.

"Essas colunas de alumínio", disse Crawford enquanto seu dedo traçava o projeto como a batuta de um diretor harmonizando uma orquestra, "sustentam essa parede de aço em ângulo reto de 3,5 metros de altura, que representa a ponta de uma lança. A CIA não usa um símbolo como esse?"

"Sim. A insígnia da ponta de lança dourada e preta do General Donovan para seu Escritório de Serviços Estratégicos. Ainda hoje usamos esse símbolo do OSS em nosso componente de operações secretas. Estou impressionado por você conhecer tanto de nossa história."

"Sim, pensei muito nesse projeto." "E estou

devidamente impressionado. Por favor, continue."

"Juntos, vejo as colunas e a parede formando uma barreira metafórica - um baluarte de proteção *inteligente* e de primeira linha de defesa que esta Agência fornece para todos os aspectos de nossa segurança nacional. Como mostra esta página, cortarei milhares de letras alfabéticas para formar várias mensagens codificadas que representarão a criptologia da CIA e o uso de dead drops, one-time pads e outras formas de cifras que seus agentes clandestinos usam para passar ou ocultar informações."

"Você realmente fez sua lição de casa, Jim."

"Ah, são coisas que qualquer um pode aprender em romances de espionagem. Mas eu gosto muito de linguística, especialmente das origens das palavras. Descobri que a palavra grega *kruptos* significa oculto ou secreto e, provavelmente, também explica a palavra criptografia."

"Um sistema de escrita secreta. Sim, você provavelmente está certo."

"Acredito que sim. Certamente acho que os protocolos criptográficos se tornarão comuns para proteger informações proprietárias no mundo bancário, comercial e de desenvolvimento de tecnologia... assim como sua agência os utiliza agora para informações confidenciais. Acho que os computadores acabarão dominando tudo, exceto as obras de arte, espero".

Ele e Chalmers trocaram sorrisos.

"De qualquer forma, eu criei uma nova palavra, *Cryptos*, e é assim que chamarei minha escultura. Como *Cryptos* conterá uma mensagem codificada sobre a qual estou pensando, minha obra de arte também será um mistério, um quebra-cabeça para os

para que os trabalhadores e decifradores de códigos consigam decifrar. Você sabe, um enigma. Talvez um dia alguém aprenda algo importante com meu trabalho e minha mensagem filosófica."

Uma inacreditável convergência de coincidências, pensou Chalmers. "Uma escolha adequada de palavras", disse ele.

"Se o seu diretor permitir, pretendo lançar um desafio na cerimônia de dedicação *da Cryptos* para que a força de trabalho decifre... bem, *tente* decifrar o código e a minha mensagem secreta. Divertido, não é?"

"De fato. E você não faz ideia do quanto eu aprovo o nome que você propôs. A noção de um dia quebrar o engano da mensagem criptografada é mais relevante do que você pode imaginar." Por um momento, os olhos de Chalmers se concentraram em outro lugar. "Para alguém fazer algo em algum momento no futuro com o meu, uh, seu código misterioso é uma ideia elegante... com talvez até mesmo uma consequência cósmica", acrescentou ele, de repente voltando de onde ele havia vagado mentalmente e agora olhando diretamente para Crawford novamente.

"Bem... estou, uh, muito feliz que você aprove", disse Crawford, que também estava olhando fixamente para seu anfitrião enquanto se confundia com o que Chalmers tinha acabado de dizer. "Fiz algumas pesquisas sobre códigos", continuou ele enquanto embaralhava outras páginas de anotações para recuperar a compostura, "e estou pensando em usar um método desenvolvido pelo criptógrafo francês do século XVI, Blaise de Vigenère. Suas ideias sobre o código certamente serão bem-vindas".

"A cifra de Vigenère é baseada nas letras de uma palavra-chave", disse Chalmers. "Uma substituição polialfabética em que cada letra do texto simples é substituída por uma letra em um número fixo de posições mais abaixo no alfabeto. Simples, mas eficaz."

"Não sei qual seria a taxa de variabilidade, mas imagino que isso tornaria o código muito difícil de decifrar."

"Mesmo uma mudança de três posições em uma base de vinte e seis letras produz uma equação algorítmica com soluções quase ilimitadas", disse Chalmers. "Os franceses a chamam de *le chiffre indéchiffrable - a* cifra inquebrável."

"Concordamos com isso, então. O que precisamos agora é de algo profundo para a mensagem em si. Tenho algumas ideias, mas convido as suas também."

Mais uma convergência de coincidências, pensou Chalmers, enquanto um sorriso irônico lhe desenhava o rosto. "Acredito que podemos tornar o Vigenère ainda mais

e eu definitivamente posso contribuir com a mensagem misteriosa. Pense nisso como um segredo meu para *você* descobrir."

"É isso mesmo, Dr. Chalmers", disse Crawford com um sorriso entusiasmado.

Você não tem a menor chance, pensou Chalmers, enquanto lançava um olhar malicioso.

** *

Meses depois, Chalmers estava presente na cerimônia em que o Presidente Reagan e o Diretor Casey inauguraram oficialmente o terreno para a NHB. No ano seguinte, ele viu o vice-presidente George Herbert Walker Bush lançar a pedra fundamental.

A ocupação parcial começou em 1988. A escultura *Cryptos* foi concluída e a cerimônia de inauguração ocorreu em 10 de outubro de 1990. Naquele dia, Chalmers ouviu, da última fila, o novo diretor, William Webster, discursar para a multidão.

"Hoje, esse artista muito talentoso apresentou à nossa Agência não apenas uma bela e intrigante obra de arte, mas também um desafio para decifrar o código dentro da enigmática escultura *Cryptos*. Só o tempo dirá se sua mensagem final será revelada."

72

LANGLEY. 28 DE ABRIL DE 1986

Chalmers estava na sala do diretor e Casey estava em polvorosa.

"Os amigos de Jack vão nos colocar no meio de uma maldita guerra nuclear em vez de simplesmente complicar esse acidente nuclear", disse Casey.

"Bill, os soviéticos não acreditam que derrubamos seus MiGs", disse Chalmers, entregando-lhe um relatório, "mas seria melhor para nós se eles acreditassem, certamente depois disso."

* * *

Casey estava falando sobre dois eventos relacionados e suas possíveis repercussões.

O primeiro ocorreu há dois dias, quando a usina nuclear de Chernobyl da União Soviética, na Ucrânia, sofreu um pico extremo na produção de energia que causou a ruptura de um reator, o que provocou uma série de explosões e enviou uma nuvem de precipitação radioativa para a atmosfera. A segunda aconteceu ontem, quando os operadores do radar militar ucraniano relataram sete pontos que se deslocavam para frente e para trás sobre a usina em chamas. Os observadores em terra os descreveram como manchas de luz intensa que se moviam de forma errática.

Em resposta à presença de naves não identificadas no espaço aéreo soviético, os militares lançaram dez caças MiG-29. O que aconteceu com eles complicou tudo.

Todos os relatórios de intrusos dos soviéticos e o incidente que se seguiu foram captados ou confirmados por fontes de campo da CIA, bem como por locais de escuta da NSA

-um dos quais registrou transmissões de rádio entre os MiGs e a torre da base quando os pilotos alegaram que haviam sido alvejados por OVNIs.

* * *

"Explique como isso é bom para nós", disse Casey. "Gorbachev já estava na linha direta, alegando que tínhamos vários aviões espiões e aviões do Departamento de Energia fazendo leituras atmosféricas. Acusou-nos de dar tiros preventivos nos MiGs quando tudo o que eles fizeram foi uma vigilância de rotina em aeronaves não identificadas."

"Absurdo. É a política da guerra fria. Os soviéticos têm rastreado OVNIs, reais ou imaginários, há tanto tempo quanto nós, incluindo os mesmos sete que rotineiramente entram e saem do Mar Negro."

"Eu sei disso", disse Casey, "mas nem os OVNIs *deles* nem os *nossos* jamais dispararam contra os aviões militares uns dos outros."

"Não é verdade. O USS *Roosevelt* abateu um em 1958. E acreditamos que as naves irmãs de Jack, frequentemente registradas tanto no Pacífico quanto no Atlântico, destruíram o USS *Thresher* alguns anos depois em retaliação... ou para colher o reator nuclear do submarino."

"Pensei que tivesse sido um acidente."

"Todos pensaram o mesmo. Naquela época, você não tinha um

K-RED, Bill." "Como sabemos que o submarino foi atacado?"

"Da mesma forma que sabemos que os MiGs foram atingidos, embora desta vez tenha sido obviamente um tiro de advertência, e é por isso que todos eles conseguiram pousar", disse Chalmers.

"Você está falando sobre os buracos correspondentes nos estabilizadores verticais?"

"Sim, os arcos de raios que, segundo consta, vieram dos OVNIs fizeram buracos redondos perfeitos nos MiGs, mas evitaram qualquer dano estrutural grave. Eles estavam apenas tentando colher combustível nuclear, não iniciar uma guerra nuclear."

"O que você quer dizer com 'sem falhas'?"

"*Perfeitamente* redondo, pelo menos matematicamente, como o pi grego, um número transcendental que é a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro na geometria euclidiana. É semelhante ao conceito de universalidade numérica que você encontra na sequência de Fibonacci, que..."

"Vá direto ao ponto, John."

"Certo. Fotos subaquáticas revelaram que o casco do *Thresher* tinha dois buracos, de entrada e de saída - ambos com 3,14159 polegadas de diâmetro. Eles não foram

Não foram cortados ou perfurados, pelo menos não por nenhuma força cortante, explosiva ou outra força penetrante conhecida por nós. É como se a placa de aço simplesmente se desmaterializasse. E é exatamente isso que vemos nessas fotos de satélite tiradas dos conjuntos de cauda do MiG."

"Então, como isso funciona para nós quando os dois lados estão prontos para apertar os botões vermelhos de lançamento?"

"A esta altura, os cientistas soviéticos já descobriram a natureza notável desses buracos. Você já tem o presidente vendendo o esquema de Guerra nas Estrelas. Faça com que Reagan ligue para Gorbachev e admita que os OVNIs são nossos aviões de combate furtivos de última geração. Ou diga a ele que são alienígenas espaciais *reais* com os quais os Estados Unidos formaram uma aliança. De qualquer forma, isso dará a Gorby algo mais em que pensar quando ele olhar para seus botões vermelhos."

"John, eu até gosto dessa ideia... mas você, meu amigo, é um filho da mãe maluco."

7C

CITAÇÃO DA PHILADELPHIA. 1987

Há duzentos anos, o Independence Hall estava repleto de delegados para uma convenção em que os Pais Fundadores do país elaboraram uma Constituição e forjaram a república americana. Hoje, *sob o* salão histórico, os trabalhadores e seus equipamentos ocupavam uma enorme caverna que a equipe da SSI de Chalmers havia descoberto quando a Strategic Survival Initiative foi implementada há mais de vinte e cinco anos.

As escavadeiras, pás hidrolíticas, martelos pneumáticos, guindastes e andaimes da Operação Black Spade, apoiando um exército de delegados da DivKay, continuaram a forjar uma nova república que, de acordo com o plano de Chalmers, aguardaria em reserva o dia em que treze bunkers subterrâneos seriam tudo o que restaria da esperança dos Estados Unidos em um novo futuro.

Como todos os estados da costa leste, a Pensilvânia tinha uma abundância de cavernas e grutas, e Chalmers conhecia todas elas, especialmente as maiores -Laurel Caverns, localizada a cinquenta quilômetros ao sul de Pittsburgh. Originalmente, era o local da Pennsylvania Citation, ou estação da cidade, do SpadeLiner, embora ficasse bem a oeste do caminho nordeste do túnel do trem em direção ao seu destino final em Ithaca, Nova York. Chalmers considerou como uma convergência de coincidências o fato de um de seus geólogos da DivKay ter calculado, com base em fotografias de satélite e testes sismológicos subsequentes, que um grande sistema de cavernas estava diretamente abaixo da Filadélfia.

** *

Os trabalhadores da Black Spade trabalhavam 24 horas por dia em todas as Citations, assim como as equipes Triple-T, ou de túneis, que executavam projetos independentes para interligar as Citations.

Hank McGraw era o engenheiro supervisor na unidade da Filadélfia. Ele relatava qualquer problema, do ponto de vista da engenharia ou da segurança, por meio de um radiotelefone criptografado para "alguém importante" em Washington.

McGraw havia feito recentemente várias ligações desse tipo - algumas sobre equipamentos eletrônicos caros que haviam sumido, outras sobre trabalhadores que haviam desaparecido. Infelizmente, parte de um trabalhador desaparecido havia sido descoberta em uma passagem que levava a outra parte do enorme sistema de cavernas. Já havia rumores sobre o "Monstro da Caverna dos Apalaches" e, embora ninguém acreditasse realmente no mito, os restos mortais do trabalhador deixaram todos assustados.

* "Tem

certeza de que isso vai funcionar?"

perguntou McGraw.

"Sim, chefe, isso vai pegar qualquer um... ou *qualquer coisa* que tente fugir com outro gerador ou painel solar", disse Carlos, um capataz de trabalho com bíceps grandes que tinha acabado de montar uma rede de carga ativada por um fio de disparo com mola. "E mesmo que eles, ou aquilo, ou quem quer que esteja roubando nossas coisas e arrastando nossa equipe, destrua essa seção de luzes primeiro, nós os atingiremos com inundações de reserva que serão ativadas ao mesmo tempo que a rede."

"Bom trabalho, Carlos", disse McGraw, dando um tapinha nas costas de seu capataz. "O que se diz na cidade é que nós, ou seja, apenas você e eu, temos de cuidar disso, manter o sigilo em relação a todo mundo aqui embaixo."

"*Correto.* É por isso que coloquei o equipamento reserva aqui, longe da câmara principal e perto desta fissura lateral."

McGraw olhou em volta, nervoso. "Vamos voltar."

"Você é o chefe, *hombre*", disse Carlos.

** *

Eles haviam dado apenas alguns passos quando as lâmpadas halógenas se apagaram, deixando apenas as lanternas de seus capacetes para iluminar a pequena câmara. Um instante depois, a mola de liberação da rede ecoou com um *estrondo* alto.

"*Puta madre*", disse Carlos quando os holofotes auxiliares se acenderam e revelaram uma forma escura se debatendo na rede que balançava. E outro instante depois disso, as luzes de emergência começaram a piscar.

"Que porra está acontecendo aqui?" disse McGraw. "O que está aí dentro?"

No momento em que as luzes de emergência falharam completamente, Carlos girou uma válvula em um tanque de aço, acionou a faísca e o maçarico de acetileno que ele havia pegado ganhou vida ardente. "*No se, pero lo quemo*", disse ele, avançando para queimar o que quer que estivesse preso. "*Jesucristo*", ele gritou quando outra forma escura passou por ele a caminho da rede torcida.

"Hank."

"Sim, Carlos, eu vi", disse McGraw, agora captando apenas vislumbres sombrios da luz de seu capacete. "Você está bem?"

Carlos estava ocupado demais para responder.

"Coma *fuego*", ele berrou enquanto acenava com a lanterna sibilante para a *coisa* escura em forma de pássaro, do tamanho de um Fusca, que estava tentando desembaraçar a outra *coisa* igual a ela.

McGraw ouviu um grito agudo, que ele supôs vir do que Carlos havia incendiado. Em seguida, ouviu um ruído profundo, algo entre um assobio e um rosnado. Na luz fraca da câmara, ele viu uma terceira sombra - esta enorme, movendo-se pelo teto e descendo pela parede de pedra. "Carlos, outra está acima de você", ele gritou.

McGraw deu um passo para trás, tropeçou e quebrou a lanterna do capacete. Deitado de barriga para baixo, ele ouviu um som de rachadura e sentiu uma umidade quente passar pelos seus braços. Ele esfregou o local e sentiu o sangue grosso e pegajoso do que ele sabia ser o sangue de Carlos.

Aterrorizado, McGraw começou a se arrastar de barriga para baixo e, em seguida, se levantou até as mãos e os joelhos enquanto tentava escapar. De repente, ele gritou de dor com a pressão esmagadora em torno de seus quadris quando foi levantado do chão e arremessado na escuridão.

* * *

Dez horas depois, Beckner entregou a Chalmers um relatório da situação do oficial de vigilância do DivKay Coordination Center em Langley, que acabara de receber uma ligação cifrada do Philly Citation.

Mais duas pessoas estavam desaparecidas.

Até agora, a equipe de busca havia feito apenas uma descoberta.

Foi um grande respingo de sangue perto do topo de um muro alto.

74

CAVERNA DA VIRGÍNIA - PASSAGEM INMARD

Embora possuíssem os genes de adaptação que lhes permitiam recordar as memórias de sua mãe e a capacidade de remodelar seus corpos temporariamente, as irmãs de Kaj'a-zar não foram geneticamente programadas para amadurecer em tamanho, função ou intelecto tão rapidamente quanto os fiverianos do sexo masculino. Felizmente, assim como seu irmão, elas se curam rapidamente de ferimentos, de modo que a que foi queimada já havia se recuperado.

Ainda assim, Kaj'a-zar teria que cuidar de ambas as fêmeas por muito mais tempo antes de poder tomá-las como Tσ-σλδ, ou criar animais para produzir sua própria prole. Nesse ínterim, ele tinha que fornecer alimento, abrigo e educação específica para eles, mesmo enquanto continuava a se educar sobre esse mundo alienígena onde estava preso. E ele sabia, por meio das células cerebrais herdadas geneticamente de seu pai, que a chave para a sobrevivência em qualquer momento ou lugar era o conhecimento e o poder que ele proporcionava.

* * *

Durante suas muitas viagens noturnas aos centros populacionais, ele aprendeu algum vocabulário indígena das telas de visão, que agora ele sabia que se chamavam Sony, Samsung ou, às vezes, Panasonic. Ele tinha certeza de que as telas de visão que havia visto dentro dos habitats humanos eram sua melhor fonte de aprendizado sobre esse mundo, que ele acreditava ser chamado de Terra, entre muitos outros nomes, como EUA e Hollywood.

Kaj'a-zar havia explorado as cavernas dos Apalaches e as fissuras que as conectam durante anos, estabelecendo vários pequenos santuários próximos aos que ele observou serem construídos por uma categoria diferente de humanos que - como uma raça aparentemente separada daqueles que viviam acima do solo - trabalhavam e

trabalhavam e viviam exclusivamente no mundo subterrâneo iluminado artificialmente. Ele observou e explorou esses subordinados humanos, ou Τοωοδy, como eram chamados em Fiveria, da mesma forma que fazia com aqueles que viviam em enclaves maiores acima. Ele pegou equipamentos técnicos de ambas as populações... e, muitas vezes, também os comeu.

* * *

Um de seus refúgios seguros era esse laboratório técnico, onde ele construiu um centro de comunicações para aprofundar seus conhecimentos e tentar entrar em contato com as naves fiverianas remanescentes que ele esperava que ainda estivessem na Terra ou ao redor dela. Usando itens eletrônicos que havia tomado dos humanos, Kaj'a-zar montou um banco de telas de visão em uma gruta que havia encontrado há algum tempo. Em um pico de montanha acima da gruta, ele posicionou outros painéis de vidro que havia pegado depois de determinar que eles captavam energia do sol deste planeta para produzir a força elétrica necessária para iluminar luzes artificiais e alimentar as várias caixas de som e telas de visão das quais os habitantes deste planeta eram tão dependentes.

Depois de muita tentativa e erro, ele descobriu os fios de energia - ou cabos, como ele aprendeu que eram chamados na linguagem humana - e agora tinha energia de transmissão. Mas havia outro tipo de cabo que ele percebeu ser necessário para ver as cabeças falantes nas telas de visão, e ele ainda não havia descoberto essa parte. Ele não estava preocupado. A tecnologia desse mundo não era sofisticada. Seu sistema rudimentar de transmissão de energia e sua forma incomum de comunicação podem tê-lo atrasado, mas ele era um fiveriano... ele prevaleceria.

Embora não precisasse mais dele, Kaj'a-zar também havia construído seu próprio laboratório biológico, como aquele em que o humano Chalmers havia feito experimentos com os óvulos de sua mãe e, em seguida, o havia chocado sob circunstâncias torturantemente dolorosas.

Depois de escapar e retornar a esse laboratório para recuperar os ovos de suas irmãs, Kaj'a-zar massacrou mais dois humanos e deixou uma mensagem inscrita com sangue na parede para Chalmers: ηamT*f*, uma declaração de espírito e intenção, baseada em um credo fiveriano de que Kaj'a-zar encontraria uma maneira de retribuir ao humano em toda a sua extensão o que Chalmers havia feito a Kaj'a- zar.

Seria vida por vida, alma por alma.

Quer ele o fizesse antes de escapar deste mundo ou depois de governá-lo, Kaj'a- zar escolheria a hora e o local para desferir seu golpe obrigatório.

75

OYSTER BAY. 1º DE JANEIRO DE 199O

Sempre que o trabalho permitia, Chalmers e sua família passavam os fins de semana em Long Island. Hoje, Jonathan Chalmers comemorou tranquilamente seu centésimo aniversário, aparentando ser um homem atlético e vibrante no final dos sessenta anos. Ele se sentou em frente à mesma lareira de pedra na biblioteca onde, por quase dois séculos, seu pai, avô e bisavô leram, contemplaram e fumaram cachimbos.

No entanto, não se via mais o retrato dele quando era adolescente. Supersticioso para começar, e atormentado por esquizofrenia e paranoia após o incidente no Tutorium, ele nunca mais quis vê-lo depois de pensar que era seu *retrato de Dorian Gray.* Ele ordenou que fosse removido e guardado no sótão antes de voltar, há vários anos, com Paula e Steven para retiros de fim de semana.

** *

"Caso você vá procurar o Steven", disse Paula, entrando no escritório, "ele está na rua brincando com um novo amigo. É bom que haja outra criança de dez anos na vizinhança quando formos dar nossas escapadas."

"Oh, obrigado. Eu me perguntava por que estava tão quieto", disse Chalmers sobre a pilha de livros de matemática e física empilhados em seu colo.

Steven era brilhante e um grande motivo de orgulho para seus pais, embora Paula se preocupasse com o fato de o marido passar tempo demais no CRYPTOS CONUNDRUM e não o suficiente com Steven, que adorava o pai e se agarrava a cada palavra que ele dizia.

Aos cinco anos, as pontuações de QI do garoto eram excepcionais. Seus pais o matricularam na melhor academia particular de Washington para jovens excepcionalmente dotados e talentosos. Steven adorava ir ao Smithsonian, especialmente ao Museu Aéreo e Espacial, onde já havia assistido à apresentação do filme *To Fly! em* uma tela IMAX gigante meia dúzia de vezes. Fascinado pelo espaço, Steven adorava as oportunidades de visitar periodicamente o famoso amigo de seu pai, o Dr. Walton Stern, que, como tio substituto que se tornara, incentivava o jovem a se tornar um astronauta.

* * *

"É melhor arrumar sua pasta, querido, eles vão aterrissar em breve", disse Paula, entrando na biblioteca. "Já estou com sua outra mala pronta."

Chalmers sorriu e acenou com a cabeça. Ele se levantou e foi até sua mesa, continuando a ler os livros que segurava em cada mão.

Devido à posição única de Chalmers, a Agência lhe deu apoio administrativo e pessoal especial. Além de ser levado e trazido de Langley, Chalmers era transportado de helicóptero particular da sede até o quintal de sua propriedade em Oyster Bay. Isso fazia sentido do ponto de vista da eficiência de tempo e da segurança pessoal.

Quando a Black Spade estava concluída, Chalmers fazia essas viagens periódicas no SpadeLiner, sendo transportado de helicóptero de Citation, no norte do estado de Nova York, para a mansão, ou levado até lá em veículos blindados de segurança da Agência.

Chalmers ainda gostava de seu trabalho e acreditava que ele era tão vital quanto inacabado. Mas ele realmente amava a serenidade aqui em Long Island. Ele gostaria de ter passado mais tempo de sua vida aqui.

Com o tempo passando tão rapidamente e seu julgamento analítico de que o Armagedom da guerra atômica se aproximava cada vez mais, ele só podia se perguntar quantos momentos de fuga restavam a ele e a todos os outros.

MCLEAN, VIRGÍNIA. 24 DE ABRIL

Chalmers e Steven estavam tomando café da manhã na ilha da cozinha enquanto Paula terminava de se vestir no quarto. Chalmers havia silenciado o som de todas as televisões, com exceção de uma, que transmitiam as notícias da manhã sobre o tão esperado lançamento do Telescópio Espacial Hubble, ou HST, da NASA.

"Temos a decolagem do Ônibus Espacial *Discovery* às oito e trinta e três, horário padrão do leste dos EUA", disse o locutor sobre o barulho do foguete e as enormes nuvens de fogo que saíam da plataforma de lançamento do Centro Espacial Kennedy. Steven estava com os olhos totalmente arregalados e tomado pela emoção do voo espacial.

"O principal objetivo do HST", disse Chalmers a Steven, "é estabelecer o que o dr.
Stern chama de UDF, ou uma imagem de Campo Ultra Profundo." "O tio Walt está encarregado dessa missão?"

"Ele é o astrônomo sênior do Centro Espacial, o que o torna responsável pelo telescópio e pela UDF."

A imagem da UDF, ou instantâneo celestial do tempo, como Chalmers havia explicado anteriormente a Steven, deveria ser obtida em uma pequena região do espaço distante, localizada em uma grade adjacente à constelação de Órion, que era um dos mais conhecidos e mais visíveis aglomerados de estrelas encontrados ao longo do equador celestial do céu noturno. O Dr. Stern havia selecionado aleatoriamente essa constelação, popularmente conhecida como o Caçador, como ponto de partida para a captura de imagens cósmicas da NASA.

"Pai, conte-me mais sobre o que o Hubble verá."

"Primeiro, ele se concentra em algo chamado ascensão reta e declinação. Essas são orientações, ou versões celestiais da longitude e latitude na Terra, que cobrem uma área de lente telescópica de três arcminutos quadrados. Walt lhe diria que esse é um termo astronômico para descrever uma linha de visão menor do que um grão de areia mantido à distância de um braço."

"Isso é muito pequeno, não é?"

"E muito distante. O Hubble capturará a imagem mais profunda do universo já obtida. As imagens permitirão que Walt e sua equipe olhem para trás no tempo por mais de treze bilhões de anos... além de pesquisar cerca de dez mil galáxias no processo. Tudo isso nos ajudará a entender melhor como a Terra e nosso sistema solar se formaram."

"Então, pai, quanto tempo falta para o telescópio enviar as fotos e você acha que o tio Walt vai nos deixar vê-las? Seria incrível, não seria, estar no *Discovery* agora mesmo vendo tudo em primeira mão?"

"Sim, é verdade, e espero que um dia você também veja isso com seus próprios olhos. Mas, por enquanto, a única descoberta precisa ser a localização de seus sapatos e de sua mochila. Mamãe está levando você para a escola, eu estou indo para o escritório e nós dois já estamos atrasados."

"Estou feliz por ter assistido a isso com você, pai."

"Eu também, filho", disse Chalmers, abraçando Steven e depois saindo para a entrada da garagem, onde o motorista da agência o esperava.

* * *

No caminho para Langley, Chalmers pensou novamente na coincidência convergente, bem como na ironia dos respectivos projetos dele e de Stern - um usando uma bola de cristal, o outro uma lente de vidro, ambos olhando para o passado a fim de obter uma visão mais clara do presente... e talvez do futuro.

Quando as primeiras fotos do UDF chegaram, Chalmers e Stern se depararam com um aspecto totalmente novo do CRYPTOS CONUNDRUM, pois a visão do Hubble sobre o Caçador forneceu mais informações do que sobre como a Terra foi formada.

As fotografias do telescópio reacenderam pensamentos vagos na mente de Chalmers sobre sua visita surreal ao Tutorium, que ele ainda reconhecia que poderia existir apenas como um sonho de pesadelo. De qualquer forma, ao olhar para o olho cósmico profundo do Hunter, Chalmers teve uma sensação forte, embora não muito clara, de que o holocausto nuclear era a menor das preocupações dos Estados Unidos e do planeta Terra.

76

MERCADO DE NEM, VIRGÍNIA. FEVEREIRO DE 199O

Como Chalmers soube mais tarde, uma equipe de oito espeleólogos havia se reunido naquela manhã para explorar a Endless Caverns, a maior caverna turística do estado. Eles eram cartógrafos profissionais da National Speleological Society (Sociedade Nacional de Espeleologia) e detetives de cavernas experientes do Departamento de Geologia da Universidade James Madison, nas proximidades.

Os quatro especialistas da NSS, liderados por Kirk Marshal, planejavam fazer o reconhecimento e o mapeamento de novas passagens, algumas das quais poderiam eventualmente ter trilhas iluminadas para os *touries*, um termo depreciativo dos espeleólogos para os turistas que passeiam casualmente por cavernas que já foram exploradas por outros. Os três alunos da JMU e seu professor, Dr. Greg Chayson, fotografariam estalactites, estalagmites e outras formações geológicas.

* * *

Em mais de uma milha, a equipe já havia chegado a um ponto chamado de "turnaround". Era onde os turistas voltariam para a superfície. E a loja de presentes.

Em vez disso, a equipe se espremeu por uma pequena abertura em forma de buraco de fechadura e se aventurou por uma passagem irregular que as equipes de mapeamento anteriores haviam seguido por mais um quilômetro antes de chegar a uma câmara estreita e sem saída com uma parede alta. No topo, havia uma saliência inacessível. Ainda mais habilidoso como montanhista do que como espeleólogo, Marshal pretendia escalar a parede, conduzindo *sua* equipe por outro buraco de fechadura que ele achava que existia na borda acima.

** *

"Coloque o cinto de segurança", disse o espeleólogo da NSS, que olhou para o alto em uma fissura vertical enquanto prendia o cinto de segurança, uma corda de escalada kernmantle, em volta da cintura. Marshal estava amarrado à "extremidade de trabalho" da corda e equilibrado em uma crista do tamanho de um dedo do pé, cerca de 30 metros acima do chão da caverna.

"Escalando", gritou Marshal enquanto colocava o seu peso e a sua vida na linha de segurança que conectava o seu arnês de ombro ao mosquetão preso a um piton com haste de aço que ele tinha acabado de martelar na escarpa. Com a força e a fluidez de um ginasta, Marshal executou uma série de pressões com as palmas das mãos e deitou de costas enquanto subia a fenda restante e chegava à borda.

"Não se prenda", Marshal gritou. Ele soltou o arnês e entrou em um pequeno buraco, com a luz do capacete cada vez mais fraca à medida que ele se aprofundava em mais uma câmara das apropriadamente chamadas Cavernas Sem Fim.

Marshal ficou ausente por um tempo. O Dr. Chayson e os outros estavam nervosos. Chayson estava prestes a expressar sua preocupação quando uma luz fraca voltou a brilhar do buraco. Segundos depois, a cabeça com capacete de Marshal apareceu.

"Janelas e rachaduras no eixo por toda parte", ele gritou. "Vou montar uma corda superior." Alguns minutos depois, usando um dispositivo mecânico chamado Jumar para subir por uma corda suspensa, todos subiram pela borda superior e enfiaram seus corpos pelo pequeno buraco.

* * *

Marshal e Chayson estavam na retaguarda. Os outros estavam logo à frente. "Já viu um espelo como este?", perguntou Chayson, iluminando com sua luz um conjunto de caules irregulares e pontas nodulares que pareciam corais marinhos. Ele tirou várias fotos.

"Parece um coral de caverna padrão, mas nunca vi uma variedade com bordas tão afiadas", disse Marshal, já caminhando em direção às luzes da equipe e ouvindo suas vozes.

"Puta merda..." "Meu Deus, o que *é* isso...?" "Não sei, mas é inacreditável, porra", exclamaram alguns dos espeleólogos que tinham juízo suficiente para falar. Os outros permaneceram em silêncio, primeiro confusos, depois com um medo de formigamento na espinha que os paralisou - e não com um senso de admiração sobre algumas características geológicas desconhecidas da caverna, mas com horror sobre as características estruturais desconhecidas dessa caverna subitamente aterrorizante.

* * *

"O que está acontecendo aqui?", disse Marshal enquanto ele e Chayson deslizavam lateralmente por uma fenda estreita e entravam em uma área com os outros seis espeleólogos. Eles acenderam suas luzes na direção em que os outros membros da equipe apontavam as suas.

"Puxa vida!", exclamou Marshal, "Como é que *isso*... seja lá o que for é... entrou aqui?"

"Foi fabricado. De produtos comerciais comuns, a julgar pela pilha de lixo ali", disse Chayson, direcionando uma lâmpada manual maior para um canto distante da enorme câmara. Todos olharam para a pilha de esquadrias de metal; placas grossas de vidro quebrado, talvez de portas de lojas; seções de mangueiras de jardim, canos de drenagem e tubos de conduíte elétrico; corpos de geladeiras, micro-ondas, aquecedores de água e computadores de mesa sem revestimento; cabos elétricos comerciais; uma variedade de garrafas de solda de propano e acetileno; sacos vazios de fertilizante de nitrato de sulfato de amônio; e outras coisas no fundo da enorme pilha de lixo.

"E a partir disso... isso", disse Chayson, voltando a luz para a estrutura no meio da câmara de teto alto, "parece o laboratório de Frankenstein".

Havia uma dúzia de caixas de vidro retangulares feitas sob medida. Cada uma se assemelhava a um aquário de quinhentos galões em pé. Na parte de cima e de baixo, havia componentes dos eletrodomésticos e dos computadores, e seus componentes, montados pelo júri, pareciam fornecer uma combinação de calor e movimento de mistura para o mingau que girava em seu interior.

As doze caixas estavam dispostas em um círculo ao redor de duas banheiras de porcelana cheias de palha e o que parecia ser pedaços de plástico quebrado. Cada banheira era conectada por meio de uma rede de encanamentos bizarros e improvisados aos gabinetes de servidores ao redor.

As banheiras eram cercadas por seções de cerca de arame entrelaçadas com fios elétricos que alimentavam a mesma caixa de junção principal à qual estavam conectados todos os outros cabos de alimentação que serviam aos outros equipamentos estranhamente configurados. Um cabo coaxial principal saía da caixa de junção e entrava na profundidade contínua da caverna.

"Droga. Que cheiro é esse?", perguntou um dos alunos da JMU.

"O que quer que seja essa merda verde aqui", disse Marshal, dando uma olhada mais de perto no lodo que girava lentamente dentro de uma das caixas do aquário. De repente, um grande pedaço de material, algo de aparência realmente desagradável e que, por um segundo, sugeria um rosto, roçou a parte interna do vidro.

Todos recuaram instantaneamente. Houve um momento de silêncio total, depois um coro nervoso de "Está vendo isso?". "Sim." "O que foi?" "Não sei, não quero descobrir."

"Renderizações", disse Chayson de sua posição no outro lado da câmara. "Pedaços sendo cozidos a partir das sobras deste segundo monte de sucata... aqui."

Todos se aproximaram e olharam horrorizados para o gigantesco monte de ossos e carcaças em decomposição. Gado, veados e animais domésticos estavam entre o reconhecido emaranhado de ossos quebrados e carne desnuda. O mesmo acontecia com os crânios humanos intermitentes que as luzes do capacete dos espeleólogos exumaram visualmente do túmulo satânico.

"Oh, bom Deus... tenha misericórdia tanto dos homens quanto dos animais", disse um dos espeleólogos da NSS.

"E de nós também", disse Marshal. "Temos de sair daqui - agora."

"Acho que devemos seguir o cabo de força", disse Chayson enquanto tirava fotos de tudo. "Ele deve se conectar a alguma coisa e pode ser a saída mais rápida."

* * *

A equipe começou a rastrear o cabo ainda mais profundamente na caverna, passando por outra fenda estreita na parte de trás da câmara.

Jerry era o último homem que restava e, quando se preparava para sair, sentiu algo em seu braço. Quando olhou para baixo, a luz do capacete revelou uma gota de lodo que agora queimava em sua pele. Outro respingou em seu ombro.

A baba nojenta vinha de cima.

Olhando para cima, e pouco visível além do alcance ideal da luz de seu capacete, Jerry viu duas fendas amarelo-esverdeadas.

77

CAVERNA. MESMO HORÁRIO

Kaj'a-zar escaneou biometricamente sua presa, que ele viu como uma imagem térmica ondulada.

Fisicamente, ele havia se transformado em algo que agora se assemelhava a um volumoso louva-a-deus, em vez de sua aparência original de tiranossauro-lesma de jardim. Kaj'a-zar também podia se achatar e se alongar para se mover melhor pelas passagens estreitas da caverna. Talvez ele voltasse ao modo dinossauro mais tarde, mas, por enquanto, sua capacidade de se pendurar de cabeça para baixo como um inseto ou um morcego servia melhor aos seus propósitos.

Ele soltou a mão do teto alto.

No tempo que Jerry levou para olhar para baixo e ver seu braço ferido, as fendas de cor fraca acima se transformaram em orbes vermelho-carmesim - olhos loucos que aumentaram de diâmetro assustadoramente depois que Kaj'a-zar lançou seu ataque em queda livre.

Jerry não teve tempo de perceber. Um segundo depois, seu corpo explodiu, dilacerado pela coreografia selvagem dos dentes, da cauda e das garras de Kaj'a-zar.

** *

Mais adiante na caverna, nenhum dos outros havia sentido falta de Jerry.

A equipe estava concentrada em um som estranho e, quando o grupo se abaixou, um após o outro, sob um grupo de estalactites baixas, eles viram um brilho fraco de luz ondulada logo à frente. Eles se aproximaram com cautela.

Marshal esfregou as costas das mãos. Elas estavam úmidas de umidade.

"Parece água caindo", disse ele, conduzindo o grupo por uma curva acentuada curva acentuada, onde encontraram um enorme lençol de água em cascata. "Estamos atrás de uma cachoeira."

"E olhe além dela, à distância", disse Chayson. "O que é esse movimento estranho e sombrio?

"Ei, vejam isso", disse um estudante da JMU, apontando que o cabo coaxial que eles estavam seguindo estava conectado a outra linha de energia, que parecia ser uma instalação permanente. Essa linha estava ainda mais dividida e se ramificava em algumas rachaduras acima.

"Quem construiu aquele matadouro parece ter se conectado ao sistema de energia de outra pessoa", disse Marshal enquanto avançava para mais perto da cachoeira. À medida que avançava, seu corpo foi repentinamente marcado por vários pontos vermelhos. "Que diabos é isso?", disse ele, tentando instintivamente limpá-los.

"Sistema de segurança de feixe de laser", disse Chayson, também atravessando os feixes, "e está extraindo suco desta linha que vai até atrás daqueles grupos de corais da caverna".

"Que se dane", disse um dos membros do NSS. "Há câmeras lá em cima. Além de nós, quem poderia ter se deparado com esse lugar?"

"É um sistema de alerta antecipado para eles. Lá embaixo... lá fora, depois dessa água", disse Chayson ao encontrar um pequeno ponto de observação feito por uma rocha saliente que desviava parcialmente parte da cachoeira.

Um a um, todos se esforçaram para apreciar a vista.

** *

Em uma câmara que era facilmente cinco vezes maior do que a maior instalação esportiva em cúpula da América, eles viram guindastes trabalhando em prédios de vários andares, caminhões transportando trabalhadores e equipamentos, fogo líquido jorrando de dezenas de tochas de solda e corte e pessoas saindo de um vagão ultraleve do metrô de Washington que fazia uma rota de metrô de três pistas *muito* estranha de onde Chayson supôs ser a Virgínia do Norte.

Todos estavam literalmente atônitos demais para fazer qualquer comentário. Chayson, pelo menos, teve a presença de espírito de tirar mais fotos.

"Uh, Marshal, acho que perdemos o Jerry", disse um dos alunos da JMU.

"D r o g a ", disse Marshal, olhando rapidamente ao redor. "Ok, vamos ficar todos juntos

juntos e todos nós voltaremos para encontrá-lo. Depois, voltaremos para cá e trabalharemos até a estação de metrô."

Eles caminharam, às vezes se arrastaram de volta, em silêncio. Marshal e Chayson trocaram um olhar, compartilharam um pensamento não dito. *Estamos sendo seguidos,* gritaram seus olhos.

À medida que se afastavam, chegando cada vez mais perto da câmara repleta de cadáveres, o coração de todos batia mais rápido e as sombras das luzes dos capacetes faziam com que as belas formações da caverna parecessem demônios de um mundo monstruoso. A equipe caminhou em fila indiana por um longo e estreito corredor formado por ácaros e ácaros que cresceram juntos para formar colunas laterais, uma construção geológica que teria sido espetacular em outras circunstâncias.

** *

O pressentimento de todos se transformou em pavor quando ouviram a Morte sussurrar e depois gritar da escuridão atrás das colunas. Os pelos de Marshal se eriçaram com o assobio áspero e o rosnado profundo e gutural do desconhecido. Chayson e os outros tremeram quando os sons hediondos foram seguidos por um movimento abrupto de sombras na *frente* deles e, segundos depois, por borrões escuros *atrás* deles. Eles se sentiram presos em uma circunferência de morte. A criatura, pois essa foi a única palavra que Marshal conseguiu pensar, moveu-se com uma velocidade alarmante enquanto cruzava o caminho deles, exibindo seus olhos vermelhos assassinos enquanto atravessava as torres de rocha sem idade.

Houve um grito quando o último homem da fila desapareceu de repente.

Marshal reuniu todos, com os faróis dos capacetes agrupados piscando em todas as direções como um estroboscópio, ao qual faltava apenas a música para completar a dança evisceradora do demônio da discoteca. Como pássaros em bando em voo assustado, eles giravam em uníssono quando, segundos depois, os restos mortais do estudante da JMU que havia sido levado pelas costas foram lançados entre as colunas e aterrissaram na frente do grupo.

"Recuem", disse Marshal em um sussurro áspero. Mas, quando a equipe recuou pelos estreitos, o espeleólogo da NSS que estava na frente foi puxado para longe em um instante, com seus gritos de agonia ecoando por toda a caverna. Um momento depois, os remanescentes viram a carcaça desmembrada e sem cabeça da vítima ser arremessada atrás deles.

Marshal estava tremendo tanto que mal conseguia formar palavras. "O que... seja o que for... vai nos matar um de cada vez... não podemos ficar aqui. Nós vamos correr

Vamos correr juntos, portanto, fique firme e me siga".

"Espere", disse Chayson, cujas pernas trêmulas de medo de alguma forma lhe deram força suficiente para se ajoelhar e remover a lâmpada do capacete ainda em chamas da cabeça decapitada que havia caído a poucos metros dele. "Correr é bom, mas também é uma distração."

"Sim, jogue-a para aquele lado", disse Marshal, apontando o dedo para que Chayson pudesse vê-la, "e, ao meu comando, vamos nos arrastar para o outro lado".

Chayson o arremessou e, quando o capacete que estava caindo refletiu sua luz no teto, o chão da caverna roncou com o som do terror invisível que o perseguia.

"Agora", sussurrou Marshal. Alimentados pela adrenalina e guiados pelo medo, os cinco espeleólogos restantes se lançaram e voltaram em tempo recorde para a borda original do buraco da fechadura.

** *

"Eu vou passar primeiro", disse Marshal, agachado no buraco da fechadura, "e vou montar uma linha de rapel na parede. Só há espaço na borda para dois de nós de cada vez."

Dois espeleólogos desceram em segurança, um após o outro, enquanto Marshal se certificava de que o kernmantle não se desgastasse contra a borda afiada da rocha.

"Vamos lá. Vamos lá", gritou Marshal, chamando os dois últimos, Chayson e um aluno, para se espremerem na borda com ele. O aluno empurrou o Dr. Chayson para dentro do buraco. Marshal o prendeu no cabo de rapel e o mandou para baixo.

O aluno restante não ouviu a criatura, mas sentiu seu fedor fétido atrás dele. Ele se virou, e a luz do capacete mostrou detalhes fracos o suficiente para que o aluno soubesse que estava diante do inferno. Mesmo assim, ele teve a presença de espírito de tirar uma foto com flash. E, por uma fração de segundo, a centímetros de distância de seu rosto, o jovem viu um flash satânico de fogo branco enquanto os dentes de Kaj'a-zar rosnavam e seus olhos vermelhos ardiam de ódio.

O garoto se afastou quando o monstro atacou.

Do outro lado da parede, Marshal viu a mão do garoto enfiar a câmera pelo buraco. Ele agarrou o pulso e puxou. Mas apenas o braço, arrancado do cotovelo, passou pela abertura. Antecipando mais resistência ao puxão, Marshal deu um salto para trás e caiu do parapeito.

borda. Felizmente, ele já estava preso à corda de rapel e conseguiu parar a queda depois de alguns metros.

Marshal estava no processo de continuar a descer em um rapel controlado quando começou a subir novamente, puxado por uma mão com ponta de garra presa a um braço preto longo e feio que saía pelo buraco da fechadura e enrolava a corda.

* * *

"Ka'maw-n"-c*'mon*, foi o que o assobio gutural que emanava do buraco da fechadura soou para Marshal, que havia soltado o freio da corda e começado a deslizar para baixo mais rapidamente, mesmo quando a corda acelerava para cima.

"Vai, vai, vai", gritou Chayson lá de baixo.

Marshal ficou sem corda, a ponta escorregando pelo mosquetão a uns doze metros do fundo. Ele gritou de dor ao bater com força e torcer gravemente os dois tornozelos.

"Aguente firme, nós o pegamos", disse Chayson enquanto ele e os outros dois espeleólogos faziam uma maca para Marshal.

A criatura rugiu quando abriu caminho através da parede. Pedras e terra choveram sobre a presa que escapava.

"Rápido", implorou Marshal com os dentes cerrados.

"Se conseguirmos chegar à seção iluminada, talvez tenhamos uma chance", ofegou Chayson enquanto ele e os outros puxavam Marshal em direção à superfície.

De alguma forma, eles superaram a criatura e conseguiram chegar à superfície, embora não tenha sido exatamente como eles se lembravam mais tarde.

MESMA TARDE, 16 HORAS DA MANHÃ

Os espeleólogos exaustos, atordoados e desorientados foram recebidos no topo por dois homens de terno escuro e óculos escuros que acompanharam os quatro sobreviventes até um helicóptero.

"Para onde estamos indo?", perguntou
Marshal. "CSC", disse um dos homens de
terno escuro. "O que é isso?", perguntou
Chayson.

"A instalação médica mais próxima. Você será tratado por um especialista."

Durante o trajeto, um paramédico administrou sedativos aos exploradores cansados e envolveu os tornozelos de Marshal em braçadeiras de pressão para minimizar o inchaço.

Pouco tempo depois, os passageiros inconscientes foram levados para outra caverna.

NAQUELA NOITE, 1848 HORAS

Os espeleólogos exaustos, atordoados e desorientados foram recebidos no topo da caverna por dois homens com camisas da equipe do Endless Caverns que encontraram os exploradores vagando perto da loja de presentes. Ao saberem que outras pessoas estavam perdidas na caverna, os funcionários chamaram a polícia estadual.

"Nós os vimos pela última vez em uma divisão de janela, em uma travessia a nordeste, cerca de cinco quilômetros depois do retorno", disse Marshal.

"É uma situação grave", disse o policial. "Eles têm de ser encontrados, e logo."

"Sim, caso contrário, eles morrerão... em uma escuridão profunda", disse Chayson.

"Sei que a espera é difícil", disse o policial, "mas uma equipe de busca da NSS está a caminho. Eles vão trazer todos vivos e bem. Vocês vão ver".

O policial perguntou se eles se lembravam de mais alguma coisa.

Chayson disse que antes havia sentido um calor incomum dentro da cabeça e pensou que era porque uma luz estranha havia sido direcionada para sua orelha esquerda.

"Provavelmente da lâmpada do meu capacete", disse Marshal, "quando você me carregou com o braço até a superfície depois de envolver meus tornozelos". Chayson deu de ombros e depois acenou com a cabeça em concordância.

78

CSC NÍVEL II. DIA SEGUINTE

As impressões das câmeras dos exploradores de cavernas estavam espalhadas sobre a mesa.

"Você pode ver que a fisionomia do extraterrestre está diferente desde que analisamos pela primeira vez o vídeo de vigilância dele invadindo o laboratório", disse Stern.

Chalmers assentiu com a cabeça. "Como tudo o que está acontecendo ao nosso redor, até mesmo Jack está mudando e se movendo com pressa."

"Não podemos colocar um feixe de luz em todos que entram nessas cavernas", disse Beckner.

"Nem impedir que Jack circule pelo subterrâneo", disse Chalmers.

"Comparando a lista de coisas que foram roubadas ao longo dos anos nas cidades dos vales das montanhas e essas fotos de seu laboratório improvisado", disse Stern, "fico impressionado com a inteligência e a adaptabilidade tecnológica de uma criatura de cuja perspectiva *este* mundo deve ser realmente alienígena".

Chalmers assentiu com a cabeça. "Jack é uma espécie extraordinária. Ele fez sua própria incubadora."

"John, por que não enviamos soldados ou nossas equipes paramilitares atrás dele?" perguntou Beckner. "Você poderia ter convencido Casey a fazer isso."

"O diretor nunca quis que Jack fosse ferido, apenas capturado e transformado em uma arma. Mas, ao calcular o quociente entre risco e ganho e a complexidade tática de localizá-lo no subsolo, nunca achei que valesse a pena o esforço."

"Mas tê-lo tido, mesmo que por um tempo... todos os experimentos e testes", disse Stern. "Seria o sonho de um exobiólogo se tornando realidade."

"Se pegássemos Jack amanhã, a pesquisa estaria concentrada em transformá-lo em um fuzileiro naval da linha de frente... todos os *três* agora, já que ele

provavelmente chocou os ovos".

Stern assentiu com a cabeça. "O fato de termos uma entidade extraterrestre, mesmo em um status de livre circulação, tem sido um milagre para mim, mesmo que seja apenas pelas imagens de vídeo e fotos que temos agora e que podemos estudar em profundidade. Mas tê-lo em um laboratório... diabos, até eu concordaria com a exploração de seu potencial militar. Seria uma boa troca pelas outras aplicações científicas que obteríamos ao estudá-lo - especialmente a comunicação com ele, que acredito ser muito possível". Chalmers indicou sua concordância.

A cabeça de Beckner girou enquanto ele lançava olhares de sobrancelhas franzidas para os dois homens. "O ângulo militar é inconcebível", disse ele, desconversando. "Estou chocado... desapontado com vocês dois. Não acho que devamos recrutar esse alienígena para o exército, mas é melhor pegá-lo enquanto ele ainda está relativamente acessível. Ele é perigoso demais para ser descrito. E se ele for para o lado de cima novamente e decidir comer uma cidade cheia de pessoas em vez de roubá-las?"

"Tenho certeza de que ele transferiu seu acampamento base e os filhotes no momento em que sua localização foi comprometida", disse Chalmers. "Pensei muito sobre Jack ao longo dos anos. Acredito que ele queira ficar no subterrâneo... ele está esperando, correndo contra o tempo até que algo novo, seja lá o que for que deva acontecer, finalmente aconteça."

Beckner estava incomodado com o distanciamento emocional de seu chefe e de Stern. Talvez fosse a natureza dos tipos inteligentes e científicos. Talvez ele estivesse envolvido com a CIA e com o enigmático e inconstante Dr. Chalmers há tempo demais.

De qualquer forma, sua situação pessoal já havia tomado uma grande decisão para ele.

79

HIGH STASIS-TIMELESS

Won se preocupava com o fato de não ter lidado adequadamente com a missão GoodWill. E ele sabia que, após a conclusão dessa missão, ele estaria qualificado para a Ascensão - um processo pelo qual ele entraria em outro reino das dimensões ilimitadas da eternidade.

Essa transição, seja ela a recompensa ou a punição de Ga'Lawed pelo tempo que Won passou na Terra, aconteceria no Portal da Íris. A ascensão ocorreria em conjunto com o Hastening - um momento evolutivo na história da Terra em que os eventos globais atingiram uma convergência de coincidência crítica, se não profética.

Para onde quer que olhasse, Won via forças negativas se acumulando em direção à tempestade perfeita. Eram os mesmos tipos de eventos que ele havia visto há séculos, quando a Terra havia se envolvido em duas guerras mundiais, mas dessa vez as forças eram mais fortes, incluindo versões intensificadas dos sete pecados capitais prejudiciais à espiritualidade humana. Além disso, desta vez uma guerra global auto-imposta de potência atômica resultaria em danos físicos catastróficos ao planeta também.

Mas por causa da traição de Vor, havia ainda outra força se acumulando. E Won sabia que isso resultaria em um tipo de guerra completamente diferente - uma que superaria todas as outras ameaças criadas pelo homem e destruiria completamente este planeta, assim como destruiu o de Fieva.

Esse era o poder da raiva descontrolada e da voracidade desenfreada.

Sabendo que não havia nada mais a temer do que a ira de Ga'Lawed, que ele poderia enfrentar de qualquer forma, Won tomou mais uma das que já haviam sido uma série de decisões ad hoc dramáticas. E essa decisão foi visitar o Calmeriano: ele estava agora comprometido a apoiar como o campeão para

proteger a Crystal Tabula e garantir que a Nobreza tivesse uma chance de se enraizar na Terra, independentemente dos eventos catastróficos que ocorressem lá.

Ele já havia interagido com esse ser da Terra uma vez, salvando-o de um dos conflitos globais que teria acabado com sua vida prematuramente. Diante de outros casos de morte iminente, o terráqueo foi até mesmo convocado espiritualmente ao Tutorium pelo próprio Ga'Lawed e lá recebeu as instruções do Diretor sobre qual seria o papel do Calmeriano na Terra.

No entanto, a magnitude das informações e a natureza intensa de sua transmissão diretamente para a mente limitada do calmeriano haviam deixado o terráqueo, percebeu Won, com uma imagem incompleta desse papel - que incluía ser pai de um filho, cujos filhos subsequentes protegeriam algo importante. Para esse fim vago, acreditava Won, o terráqueo tinha de fato se saído admiravelmente bem.

Mas agora era hora de Won sair de High Stasis, reunir-se com o humano chamado Chalmers e transmitir a ele as informações precisas de que precisava para entender toda a magnitude do perigo que ele e seu mundo enfrentavam.

Assim como Won, o humano também tinha uma missão a cumprir. E, não muito diferente de um samaritano, Won imaginou que o destino final de Chalmers provavelmente também estava nas mãos do Divino.

8O

MCLEAN, VIRGÍNIA. 1º DE ABRIL DE 1991 - OC15 HORAS

Chalmers acordou do sono breve e conturbado que normalmente marcava sua noite de descanso. Ele ouviu a respiração rítmica de Paula por um momento e depois detectou um som profundo e pulsante vindo do outro lado do amplo quarto. Levantando a cabeça do travesseiro, ele viu uma névoa perolada se infiltrando pela vidraça central de uma grande janela. Ele já havia visto esse tipo de névoa antes.

Agora ele via símbolos - não dentro da névoa, que tinha como pano de fundo a luz da lua, mas dentro de sua cabeça. Eles falavam com ele, exatamente como haviam feito no Tutorium. Na época, era a voz do Diretor... agora era a voz de outra pessoa. Ainda assim, era estranhamente familiar.

~Chalmers, venho até você novamente.~

O que está na terra de ninguém... o campo da morte, pensou Chalmers.

~Sim, eu sou o vencedor para lhe dizer que haverá outro campo de extermínio.~

*

Uma mistura de intriga e medo o levou a se levantar. Dirigindo-se à janela, Chalmers observou a névoa se compactar em um manequim fantasmagórico cujo conteúdo turvo girava como um funil de tornado filmado em um movimento lento, mas poderoso. Os olhos azuis e oblongos da aparição observavam pacificamente a alma de Chalmers, enquanto seus longos braços alcançavam seu corpo.

Chalmers queria dar um passo para trás, mas não conseguiu se mover.

Transfixado, ele sentiu uma leve pressão quando as mãos brancas e de dedos finos se posicionaram sobre seu coração e sua testa. Chalmers sentiu-se gelado e aquecido ao mesmo tempo. Ele sentiu o temor e a apreensão do novo conhecimento que o preencheu como o céu de uma noite de agosto, com gotas iluminadas de meteoros Perseidas . Esse conhecimento incluía estranhas

imagens multidimensionais que piscavam em sua mente e, ao mesmo tempo, diante de seus olhos, revelando o futuro que ele havia vislumbrado parcialmente no Tutorium antes que o relógio do tempo começasse a contar.

Formas, sons, cores - um pastiche de tudo o que é físico e metafísico... tudo isso retratando ciclos de belas promessas e horrores que oscilavam junto com o pêndulo do relógio. Tudo isso era uma expansão do que Chalmers havia experimentado com o Diretor, cujas mentalizações haviam levado Chalmers a duvidar de sua própria sanidade, embora tivessem fornecido o conhecimento e a motivação que definiram a maior parte de sua vida.

A revelação transcendente de Won foi uma sacudida poderosa para um mortal e fez com que Chalmers, cujas faculdades intelectuais eram excepcionais, tremesse de medo e gaguejasse com perguntas confusas sobre o que ele tinha acabado de aprender com o samaritano.

** *

"Querido", Paula sussurrou em seu ouvido, ao mesmo tempo em que o apertava com mais força da posição de colher em que normalmente dormiam.

Chalmers acordou com a pressão na testa e no coração. Ele novamente estremeceu de medo e, em seguida, percebeu imediatamente os braços de Paula ao seu redor e as mãos finas dela pousadas em sua cabeça e em seu peito. Ele respirou fundo e rolou para ficar de frente para ela.

Ele sabia que estava de volta à cama, mas não tinha certeza de como havia chegado aqui. Nem quando o alienígena enevoado havia se desmaterializado.

"Hmmm, algo errado, querida?"

"Você estava falando enquanto dormia novamente. Sonhos ruins, querido?"

"Visões", disse ele roucamente. Ele se ajeitou no travesseiro, levantando um pouco a cabeça para que pudesse olhar, pelo menos inicialmente, para a janela e depois para os olhos dela. "Quer me ouvir por um minuto?"

Ela o beijou gentilmente. "Claro que sim. É sobre o sonho?"

Ele inalou profundamente. "Sobre o passado. Para onde fui há muito tempo e o que vi enquanto estava lá... e sobre o futuro, para onde todos nós estamos indo."

Ele a puxou para seus braços, com lágrimas escorrendo de seus olhos. "Oh, Paula, espero que você não pense que estou louco."

Sorrindo com ternura, ela acariciou as bochechas molhadas dele. "Nunca. Esperei muito tempo para ouvir a história que tem assombrado seu sono... e sua vida."

81

LANGLEY. 1º DE MAIO DE 1991

Arquivos, relatórios de informações, artigos de notícias e outras pastas estavam empilhados em sua mesa, mas Beckner estava trabalhando sem parar, em vez de progredir para realizar qualquer coisa. Todos os dias, um grande volume de informações tinha de ser bombeado para o Vortax-4000 para que Chalmers e os funcionários da DivKay pudessem analisar os fatos e fazer julgamentos sobre praticamente tudo o que agora tinha relação com a iniciativa de sobrevivência estratégica e com os Estados Subterrâneos da América da Operação Black Spade.

Beckner estava mais do que sobrecarregado; ele estava doente e cansado de seu trabalho.

Ele não sabia como Chalmers mantinha *seu* ritmo, mas continuava impressionado com a habilidade analítica e a previsão de seu chefe. Como Chalmers havia previsto, a URSS havia entrado em colapso e a invasão soviética do Afeganistão havia terminado em uma derrota devastadora para o Exército Vermelho e em humilhação para o Kremlin. Em poucos meses, o nome do presidente soviético deposto Gorbachev foi substituído nas manchetes dos jornais pelo ditador militar do Iraque, Saddam Hussein, cuja invasão do Kuwait provocou a primeira Guerra do Golfo, que, segundo Chalmers disse a Beckner, resultaria, entre outras coisas, em uma escalada do terrorismo empreendido por facções radicais do mundo islâmico. Beckner lembrou-se de quando Chalmers mencionou Osama bin Laden pela primeira vez, descrevendo-o como o arquiteto de uma nova era de terrorismo global.

Beckner compartilhava os dois principais julgamentos de Chalmers sobre o futuro. Primeiro, que as guerras regionais assimétricas e os atos destrutivos de terrorismo cada vez mais sofisticados levariam inevitavelmente ao uso de armas nucleares ou outras formas de destruição em massa em todo o mundo, sendo os Estados Unidos o principal alvo. Segundo, que a China seria o concorrente mais a g r e s s i v o e perigoso

concorrente mais agressivo e perigoso que os Estados Unidos já enfrentaram na corrida global pela primazia tecnológica, hegemonia política e domínio econômico - principalmente porque os Estados Unidos continuaram em um caminho de gastos deficitários enquanto a China comprava cada vez mais a dívida americana por meio de empréstimos de Pequim a Washington.

Beckner esperava que houvesse algo sobre os OVNIs, ou sobre Jack, o Estripador, ou sobre descobertas retiradas dos destroços de Roswell ou do Cristal do Tempo que seu chefe pudesse usar para extrair ordem do caos que Beckner via se espalhar pelo mundo.

Em geral, ele esperava que as Citações estivessem prontas a tempo, embora o abrigo antibomba em megaescala dos Estados Unidos contra o Armagedom imaginado por Chalmers não afetasse a vida de Beckner.

Ele consultou seu relógio. Estava na hora de sua reunião com Paula, que não trabalhava mais como sua assistente desde que decidira passar a maior parte do tempo com Steven. Ela ainda tinha suas autorizações do K-RED e trabalhava meio período com outros componentes da DivKay. Paula estava no prédio hoje e concordou em passar no escritório de Beckner.

** *

Após a troca de cumprimentos, Beckner rapidamente levantou a questão que queria discutir com ela.

"John pode viver mais cem anos, mas eu não. Sinceramente, não sei como cheguei aos setenta e seis anos... todo esse tempo... tão rápido. Fiz o melhor que pude para acompanhar seu ritmo e aliviar sua carga".

Sentada em um sofá ao lado do dele, Paula tocou carinhosamente o braço de Beckner. "E ele gostou muito de tudo o que você fez, Lee. Sou *muito* grata por você ter sido sempre um amigo, mais do que um colega... para ele *e* para mim. Você é um homem querido".

Com a cabeça baixa e a voz cheia de remorso, Beckner disse: "Eu poderia ter me aposentado e passado mais tempo com minha esposa, meus filhos e agora meus netos. Dei esses dias e meses... e todos esses anos ao John, e agora não tenho mais tempo".

Seu rosto e sua voz transmitiam sua genuína simpatia. "Olhe, seu próprio assistente pode ocupar seu lugar por um tempo. Você *precisa* tirar férias, recarregar suas baterias. Você e Janice podem..."

"Paula, estou tirando uma licença, uma licença permanente."

A brusquidão a surpreendeu. "Bem, você tem seu próprio assistente especial. Ele vai odiar perdê-la, mas tenho certeza de que Jonathan promoverá Joe Junior imediatamente para o seu lugar."

Beckner assentiu com a cabeça.

"Jonathan certamente gostou de ter Joe Anderson Sênior como assistente naquela época, e sei o quanto Jonathan ficou satisfeito quando J.J. seguiu a carreira de seu pai na Agência. Lembre-se, Jonathan trouxe J.J. para a DivKay."

"E ele será um excelente delegado. Mas, supondo que John continue trabalhando indefinidamente, ele, e talvez até você, terá de explicar a J.J. por que o incrível Dr. Chalmers tem mais poder de permanência do que o Coelhinho da Energização."

O rosto de Paula registrou um momento de brilho alegre, mas depois ficou sério. "Lee, como já lhe contei antes, viver com Jonathan não é fácil. Suas... experiências, como melhor posso chamá-las, são mais singulares do que posso lhe explicar. Acredito que ele já esteve em lugares e viu coisas..." Sua voz se arrastou. Ela sabia que nunca poderia revelar, nem mesmo insinuar, o que seu marido havia confidenciado. "Bem, a questão é que ele certamente poderia ter passado mais tempo comigo e com Steven, e ele definitivamente teve muito tempo para se acalmar, mas, em vez disso, ele se tornou ainda mais determinado a concluir as Citações antes que, como ele diz, as forças de Malthus e Volterra colidam. Não sei o que temo mais: que ocorra uma eventual catástrofe que nos obrigue a nos abrigar no subsolo ou que não ocorra e ele se arrependa do tempo perdido como você."

"Acredito que essas forças se encontrarão. Só não estarei ao lado dele quando isso acontecer."

"Então me diga, Lee, o que você vai fazer quando se aposentar?"

Ele sorriu com uma resolução fraca. "Paula, eu vou morrer."

Vendo o choque no rosto dela, Beckner pegou a mão de Paula, olhou gentilmente em seus olhos e disse suavemente: "Acabei de ser diagnosticado com câncer linfático no estágio quatro. Não sei quanto tempo me resta... só sei que não será nem de longe suficiente".

82

LANGLEY. 4 DE JUNHO DE 1994

Dois agentes de segurança da CIA da DivKay pegaram o Dr. Walter Stern em sua casa, perto da Universidade de Cornell, e o levaram 30 milhas a leste até uma empresa de caminhões de propriedade da Agência. De um escritório particular lá, o trio acessou um elevador oculto que os levou até o funcional, embora ainda em expansão, New York Citation.

Localizada em uma câmara até então desconhecida do sistema Howe Caverns, essa era a última estação, e a mais setentrional, do sistema ferroviário de treze paradas do SpadeLiner, que agora percorre mil e quinhentos quilômetros sob as Montanhas Apalaches. Com seus últimos avanços tecnológicos em propulsão de motor magnoelétrico, a velocidade máxima atual do SpadeLiner era de duzentos e noventa quilômetros por hora.

Depois de chegar ao Langley Citation, em Washington, construído em um subsolo secreto na sede da CIA, Stern foi escoltado até o escritório de Chalmers, no sétimo andar, onde eles e outras pessoas analisariam algumas fotografias recentes, tecnicamente aprimoradas, do Telescópio Espacial Hubble. As fotos digitais do HST surpreenderam e perturbaram Stern, especialmente quando ele comparou os quadros tirados quando o Hubble foi lançado, há cerca de quatro anos, com o lote mais recente, cuja resolução havia sido recentemente aprimorada por um programa de pixelização acionado por computador chamado anti-aliasing. Projetada para remover os componentes do sinal com frequências incapazes de serem capturadas adequadamente pelo dispositivo de gravação, a tecnologia comercial de anti-aliasing foi modificada por Chalmers, que a programou no Vortax-4000 da Agência, que limpou e reposicionou as fotos em um composto virtual em 3D com clareza e detalhes sem precedentes. Chalmers havia providenciado o programa secreto

programa secreto e o Vortax ultrassecreto fossem usados por cientistas da NASA com autorização especial e pelo Departamento de Astrofísica da Stern em Cornell.

* * *

Junto com Stern e Chalmers na reunião desta manhã estavam J. J. Anderson, que havia substituído Lee Beckner como vice de Chalmers, e o Dr. Nash Hickman, além de outros analistas estratégicos sênior da DivKay. Todos os presentes haviam comparecido ao funeral de Beckner há algumas semanas e, embora a tristeza de sua perda ainda pairasse no ar emocional compartilhado, havia, como Chalmers havia dito logo após o serviço, "trabalho a ser feito". E a melhor maneira de honrar a memória de Lee é continuar com ele".

Stern, que era tão informado sobre os eventos atuais na Terra quanto sobre a origem do cosmos, também disse algo após o funeral que ainda ressoou em Chalmers mente de Chalmers. Stern tinha usado a Stern havia usado a frase "sensação generalizada de pressa" ao se referir à natureza atual dos eventos mundiais. Assim como Chalmers, Stern acreditava que a disseminação do terrorismo e da instabilidade política decorrente de um complexo emaranhado de questões ideológicas, religiosas, financeiras, tecnológicas e outras, esticava perigosamente os delicados fios que mantinham unidos uma economia mundial única em rápida evolução, na qual a competição por tudo, desde petróleo até água doce, era acompanhada pela preocupação com a proliferação de armas de destruição em massa.

Além dos dilemas causados pelo homem que ameaçam o planeta, Stern tinha preocupações galácticas que ele chamava de fator de risco da Terra - impactos potencialmente catastróficos de asteroides, muitos dos quais se dirigiam para a Terra a partir de trajetórias no espaço profundo que estavam sendo rastreadas pela NASA e pelo seu Departamento de Astrofísica. No entanto, o que ele tinha vindo a Langley hoje para discutir com Chalmers era um novo desenvolvimento, um evento cosmológico bizarro diferente de tudo o que Stern já tinha visto por meio de um telescópio.

Na verdade, isso fez mais do que apenas deixá-lo perplexo. Ele ficou assustado.

** *

"Aqui estão as fotos", disse Stern, abrindo o zíper de uma grande caixa plana e espalhando-as sobre a ampla mesa de conferência. "Selecionei-as a partir de uma ampla gama de imagens capturadas durante a varredura de quatro anos do HST."

"Você passou todas elas pelo Vortax?" perguntou Chalmers.

Stern assentiu com a cabeça. "E Dr. Hickman, como pano de fundo para alguns de seus funcionários da DivKay que não estão conosco desde o início, a varredura ultraprofunda do Hubble foi direcionada para a constelação de Órion, mas bem além dela.

"Elas são incrivelmente belas", disse Hickman, inclinando a cabeça para ter uma visão melhor.

"Estamos todos ansiosos para ouvir sua relevância para a segurança nacional, Dr. Stern", disse Anderson.

"O Dr. Stern e eu discutimos um pouco sobre isso pelo telefone seguro", disse Chalmers, "mas com base nas informações limitadas que recebi do Walt, concordei com ele que isso precisava ser tratado aqui em Langley, para que pudéssemos ver por nós mesmos".

"Exatamente", disse Stern, continuando a organizar as fotos. "Estamos olhando para trás bilhões e bilhões de anos-luz no tempo com cada conjunto de fotos e, quando invertemos a ordem, temos, na verdade, uma forma de fotografia com lapso de tempo. O passado se movendo em direção ao presente, com extrapolações projetivas para o futuro."

"E aqui nesta série, Dr. Stern", disse Anderson, apontando, "parece um...?"

"Nuvem cósmica maciça. Uma nebulosa de gás estelar. Talvez uma explosão solar de um sol implodido ou supernovado há muito tempo. Ela começa a se intrometer *aqui,* neste ponto", disse ele enquanto apontava com a ponta de um lápis para uma das fotos grandes, "e claramente começa a se transformar em um redemoinho durante o período de tempo dessa sequência de fotos".

"Desaparecendo, como se estivesse passando por uma porta invisível. Um buraco negro", disse Chalmers, tanto para si mesmo quanto para qualquer outra pessoa na sala. Ele se virou para as janelas, não querendo ver mais nada do que ele agora sabia que essas fotos mostravam.

"Exatamente, John", disse Stern, "ou um buraco de minhoca do tempo, como meu amigo Asimov e alguns outros escritores de ficção científica o chamam".

"O Dr. Chalmers nos disse anteriormente que você havia descoberto algo único sobre essa matéria gasosa em particular", disse Anderson, observando que seu chefe parecia estranhamente distraído, dando mais atenção à vista do céu além das janelas do que à reunião.

"De fato", disse Stern. "Ele não fica suspenso no espaço como o material de acreção normal, mas parece ter um redemoinho agrupado - não por atração gravitacional

mas de propulsão independente, como um movimento de enxameação... como algo com uma direção".

E com um propósito, Chalmers sussurrou mentalmente.

"Parece que ele se expulsa de volta para cá", disse Anderson, apontando para outra foto.

"E esse ato de desaparecimento seguido de reaparecimento", disse Chalmers, novamente de frente para a mesa e acenando com a mão sobre as fotografias, "é um padrão que se repete em toda essa panóplia de imagens digitais. Em uma extensão de espaço e tempo".

"Sim, em bilhões e bilhões de anos-luz", disse Stern.

"Dr. Stern, o senhor mencionou a extrapolação e o futuro", disse Anderson. "Os seus técnicos de computador em Cornell conseguiram determinar um rumo celestial, por assim dizer? Vocês têm uma noção de para onde essa... essa nuvem ou clarão rodopiante está indo?"

"Sim, todos no laboratório de Estudos Planetários estão acompanhando." Ele deslizou uma foto para o centro da mesa. "Este é o último quadro do HST da nebulosa entrando em um cisma de absorção de energia na matéria escura. E, dada sua trajetória anterior, meus analistas preveem que ela emergirá aqui, na junção de MV7- 6793 e KJ2-6909, dois sistemas estelares que se acredita estarem atualmente presos na agonia da morte orbital de um buraco negro. Se a nossa 'nuvem de enigmas' realmente surgir nesse ponto, podemos postular que ela estará em uma direção direta para o nosso sistema solar."

"Santo Deus", disse Hickman. "Isso é impressionante."

"O que isso pode significar para os planetas vizinhos?", perguntou um dos funcionários.

"Bem, sem dúvida significará algo para Júpiter", disse Stern, "já que essa parece ser a direção direta".

"Quando isso vai acontecer?" perguntou Anderson.

"O que você acha que isso significa para nós?", acrescentou Chalmers, que mais uma vez redirecionou sua linha de visão para fora da janela.

Stern deu de ombros. "É difícil dizer *quando*, J.J. Ela pode chegar a Júpiter mais cedo do que esperamos. Uma década, um século, um milênio... um mês a partir de agora. Quem sabe?" Ele fez uma pausa, olhou ao redor da sala e continuou.

"Quanto ao *que* isso significa para nós... Vamos lá, John, nós nem sabemos o que fazer com as nuvens ameaçadoras *que já estão* lançando sombras sobre nós. Você sabe mais do que eu sobre questões de segurança global - agressão na orla do Pacífico,

terrorismo no Oriente Médio, discórdia social e política aqui em casa. Sem mencionar a preparação para uma provável guerra com a China. Você vem tocando esse sino há anos e, de repente, todos estão começando a ouvi-lo. E todos nesta sala sabem sobre os OVNIs e USOs que estão construindo o que todos concordamos que devem ser colônias submarinas."

"USOs?", perguntou um dos analistas da DivKay.

"Desculpe", disse Stern. "Objetos submarinos não identificados. Acontece que os discos voadores também mergulham de vez em quando."

Fazendo uma pausa para respirar, ele olhou novamente para todos e acenou com as mãos em um sinal de descrença... ou apenas mais desespero. "E, é claro, há uma forma de vida alienígena que está atualmente em uma onda de assassinatos nas mesmas cavernas pelas quais passei no seu trem para chegar aqui."

Virando-se para encarar os outros, Chalmers jogou uma das fotos que estava segurando de volta na mesa. "Você parece estar dizendo que as questões galácticas de tempo e espaço que acabou de delinear têm menos prioridade do que todas as outras questões de segurança?"

"Cabe a você e à CIA classificar as prioridades de segurança nacional. Mas estou lhe dizendo, John", disse Stern com um suspiro, "que essa nebulosa é maior do que qualquer coisa que possamos imaginar e que, se ela atingir Júpiter, é melhor acreditar que haverá ondas de choque, dispersão de radiação ou outras consequências de energia liberada que, sem dúvida, afetarão nossa atmosfera de forma substancial, talvez catastrófica".

Parecendo aflito com o pensamento, Chalmers disse: "Eu acredito nisso... e muito mais".

"Mas se já tivermos nos explodido em uma terceira guerra mundial", disse Anderson, "ou se os terroristas fizerem isso por nós, então a nuvem que chover sobre o que restou de nosso desfile planetário em algum momento no futuro distante não terá muita importância, eu acho."

"Não é exatamente um momento para uma demissão leviana, Joe", disse Chalmers. "Você disse que poderia estar aqui em uma década ou antes, Walt.

"Com base em tudo o que está acontecendo em um mundo que gira com uma sensação generalizada de pressa, eu diria que sim, tudo é possível. Eu também aconselharia não largar seu emprego, John. Ainda há muito trabalho a ser feito em suas cidades subterrâneas e, antes que termine, todos nesta sala poderão estar morando em uma delas com você. Se não tivermos sorte".

* * *

Terminada a reunião, Chalmers agora estava sozinho em seu escritório, com seus olhos atentos voltados para um céu tranquilo, repensando o que Stern havia dito sobre um impacto atmosférico na Terra se a nuvem se chocasse com Júpiter.

"Se ao menos fosse tão simples assim", disse ele suavemente, enquanto a imagem mental da mensagem do samaritano fluía como lava de uma caldeira, sua loucura derretida caindo em cascata para baixo em um horror destrutivo.

Depois, seguindo o conselho de Stern, Chalmers voltou ao seu trabalho diário. Mas dessa vez, ainda mais do que antes, ele foi movido por um senso de pressa que era muito perverso.

Ele já tinha mais de cem anos de idade - um fato que sua aparência ainda mascarava e um segredo que somente Paula conhecia - mas ele não tinha ideia de quantos anos mais poderia viver. Pelo que sabia, seu período de tempo cronológico era tão imprevisível quanto a chegada da nebulosa.

Ele começou a pensar em quando seria necessário mudar o Cristal de lugar.

Parte VI

DUSK

8C

LANGLEY. 2O DE MARÇO 2OOC. MEIO DA MANHÃ

Paula Chalmers estava sentada no escritório do marido, esperando por ele e seu assistente,
J. J. Anderson, terminassem uma reunião na sala de conferências do diretor, no final do corredor. Ela havia começado a trabalhar em tempo integral novamente com a DivKay há alguns anos, depois que Steven - o graduado com honras mais bem classificado de uma academia particular em Washington - se matriculou como o calouro mais jovem já admitido na Universidade de Cornell.

Ao longo do caminho, Steven também se tornou o mais jovem piloto de monomotor do Estado de Nova York. Ele já havia registrado centenas de horas para atingir sua próxima meta de obter as qualificações de instrumentos e multimotores da FAA. Como sempre dizia aos pais, ele tinha uma verdadeira paixão pela aviação. Embora fosse tão brilhante, motivado e concentrado quanto o pai, o estilo do filho era mais informal e seu temperamento mais agradável. Bonito, charmoso e espirituoso, ele não tinha nenhum dos demônios na cabeça que sussurravam sombriamente na cabeça de seu pai.

Com a orientação do tio Walt no Departamento de Astrofísica da Stern, Steven se destacou em todas as matérias. E mais tarde, na pós-graduação, ele se tornou a pessoa mais jovem da Cornell a obter um doutorado em astrofísica.

* * *

Imediatamente após receber seu doutorado, não foi surpresa - embora tenha sido muito desconcertante para seus pais - quando o jovem Chalmers se alistou na Força Aérea. Seu pai, assim como Stern, presumiu que Steven seguiria uma carreira de pesquisador na academia ou em um think tank privado. De fato, o jovem Chalmers sempre quis estudar o espaço - e ele pretendia fazê-lo
-Ele só queria voar até seus confins para realizar pesquisas em primeira mão.

Seus pais entenderam e até incentivaram a busca de Steven para se tornar um astronauta; eles só não imaginavam que seu período de segurança preparatório na Força Aérea resultaria em uma quase tragédia em um simples voo de treinamento. No caminho de volta para a base, o jato de treinamento pilotado por Chalmers sofreu uma falha total no motor, e seu instrutor deu o comando para ejetar.

O instrutor morreu quando sua cabeça atingiu o velame durante a ejeção. Chalmers saiu em segurança e seu paraquedas foi acionado, mas ventos fortes no ar o levaram para a linha de árvores de alta altitude de uma montanha coberta de neve. Com o ombro quebrado e lacerações profundas na aterrissagem, ele lutou para sobreviver à temperatura gélida. Passaram-se dezoito horas até que a equipe de resgate o localizasse.

A incerteza e o medo pela vida de seu filho que ela havia experimentado durante aquele terrível episódio ainda estavam na memória de Paula, e ela foi tirada de um de seus flashbacks periódicos quando seu marido e Anderson voltaram ao escritório.

* * *

Depois de algumas conversas agradáveis com a Sra. Chalmers, Anderson se desculpou e foi para seu próprio escritório. Chalmers contou a Paula a essência geral da reunião dele e de Anderson com o diretor, que estava se preparando para informar o Congresso sobre as questões de segurança decorrentes da nova onda de testes de armas nucleares que estavam ocorrendo na China e em vários outros países do chamado clube nuclear.

"Tenho certeza de que ele deve compartilhar sua principal preocupação, um ataque terrorista com bomba nuclear convencional ou bomba suja contrabandeada aqui em casa", disse Paula.

"É claro que sim, mas os testes de armas de nível militar por patrocinadores oficiais do Estado abrem uma enorme lata de outros vermes políticos, e o diretor tem que avaliar essa bagunça emaranhada."

"Imagino que você ainda não tenha dado a ele um briefing completo sobre o K-RED?"

"Ele certamente sabe sobre CRYPTOS, Black Spade e a fase final de prontidão da Citation, mas o Comitê não lhe concedeu autorização para o arquivo CONUNDRUM."

"Por que não?"

"Provavelmente porque ele não tem um *W* em seu nome."

Intrigada, ela estava pronta para a próxima pergunta sobre o que isso significava.

"Não importa", ele se antecipou.

"Bem, o que ele ouvirá, se eventualmente conseguir o K, será um tipo de explosão, sem mencionar o que ele pensaria se soubesse o resto do que você sabe sobre cristais e alienígenas."

"É verdade", disse Chalmers, "mas há um aspecto relacionado ao CONUNDRUM da preocupação do diretor e da minha própria preocupação com a radiação atmosférica das detonações de teste, bem como com os crescentes incidentes de acidentes nucleares em todo o mundo".

"Você está se referindo aos dois últimos eventos relatados na avaliação de informações da DivKay." "Sim. Eu não os escrevi, apenas fiz algumas alterações editoriais antes de divulgá-los para o diretor", disse Chalmers. "O vazamento de água pesada da Usina Atômica de Rajasthan, na Índia, e a saída acidental de vapor rico em radiação da usina de processamento de urânio do Japão os atraíram os atraíram novamente."

"Como você sempre diz, querida, esses tipos de incidentes são um estímulo para os tubarões."

"Sem dúvida. Os avistamentos de OVNIs e USOs dispararam. Até mesmo a Estação Espacial Internacional tirou fotos digitais de alta resolução de sete naves extraterrestres em perfeito contraste com o Oceano Pacífico."

"Presumo que você tenha providenciado para que as fotos da ISS fossem criptografadas em K e seladas?"

"É claro; elas foram confiscadas imediatamente. Além da NASA, apenas duas das outras cinco agências espaciais tinham pessoal a bordo e, felizmente, o ônibus *espacial Soyuz* da semana passada teve de trazer de volta o cosmonauta russo por razões médicas e o cientista japonês por questões familiares."

"Só saíram americanos. Tenho certeza de que isso simplificou a segurança", disse Paula. "Tornou. Nossos astronautas não podiam descer se não assinassem a **K-**

e não assinassem a isenção de responsabilidade. E eles nunca mais voltarão a subir se falarem sobre os OVNIs ou as fotos. Muito simples."

Com a cabeça inclinada em um ângulo de avaliação e com um tom desafiador na voz, Paula perguntou: "E é assim que você, a NASA e a nossa Agência vão lidar com Steven quando ele concluir o programa de treinamento de astronautas da Força Aérea? Ele certamente aprenderá ou até mesmo verá as naves por si mesmo em algum ponto do caminho".

"Bem, talvez ele faça outra coisa para a NASA além de voar no ônibus espacial quando seu serviço compromisso estiver terminado", respondeu Chalmers, não acreditando em suas próprias palavras por um segundo.

não acreditando em suas próprias palavras nem por um segundo. "De qualquer forma, estou mais preocupado com o fato de a nave alienígena estar colhendo esses íons radiantes. De alguma forma, isso parece estar ligado ao ritmo acelerado de todos os outros eventos que sugerem que estamos caminhando para algum tipo de encerramento definitivo."

"Por causa da propensão do nosso mundo para a guerra ou por causa da intuição sobrenatural que você tem sobre o que está lá fora, girando no espaço?"

Chalmers deu de ombros. "De qualquer forma... de ambas as formas. Qual é a diferença? Tudo isso é como o negócio do calendário maia e sua previsão apocalíptica de que o mundo acabará em 2012 e, da mesma forma, a profecia do fim dos tempos sobre a qual alguns estudiosos bíblicos estão começando a falar em relação à escalada dos problemas no Oriente Médio."

"E os romancistas estão escrevendo sobre isso. Na verdade, alguns deles são muito bons. Você já deu uma olhada em algum trabalho de Joel Rosenberg, como a série Last Jihad?"

"Você está brincando?", disse Chalmers, balançando a cabeça. "Estou muito ocupado lidando com ficção científica *real* para ler o tipo fictício."

"Sim, meu caro, mas do jeito que você faz laser em um livro, isso levaria apenas alguns minutos."

"É verdade", disse ele, dando-lhe um beijo na bochecha enquanto pegava sua pasta, "mas os poucos minutos que estou prestes a gastar agora envolverão o uso de laser para entrar no Crystal. Vejo você em casa hoje à noite... talvez", disse ele com um sorriso, enquanto se apressava para pegar o SpadeLiner do meio-dia para o CSC.

Paula notou que o passo dele ainda era longo e rápido, especialmente para um homem que aparentava ter uns setenta e poucos anos. *Nada mal para cento e treze anos de idade,* pensou ela enquanto soprava um beijo mental para o homem notável por quem ainda estava muito apaixonada.

84

CSC NÍVEL II. HORAS DEPOIS

Ao analisar o último vídeo da CET com Pete Peterson, chefe da Equipe de Exploração de Cristais da CSC, Chalmers teve o prazer de testemunhar em primeira mão que o Monstro do Lago Ness *era* realmente o que ele e vários outros sempre suspeitaram: um plesiossauro. Chalmers sentiu um estranho conforto ao saber que, de alguma forma, esse réptil marinho de pescoço longo da era Cretácea havia escapado da extinção nas profundezas frias de seu lago escocês.

"Imagine só", disse Peterson com os olhos arregalados, "um dinossauro *ainda* vagando pela Terra, ou pelo menos nadando em um de seus lagos".

"E pensar", acrescentou Chalmers, "que os dinossauros já governaram a Terra".

* * *

Respostas a outros mistérios surgiram de outras revisões da CET. Algumas tinham a ver com pessoas. Outras, com lugares.

Uma sessão de vídeo forneceu a Chalmers uma perspectiva real sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy, que *não* foi morto por Lee Harvey Oswald - um farsante que muitos alegavam ter sido armado pela KGB soviética e que aparentemente havia disparado de uma janela de um prédio *atrás da* comitiva de JFK que passava pelo centro de Dallas. Em vez disso, o assassinato foi realizado por dois atiradores posicionados *à frente* da limusine presidencial. Com base em outros vídeos extraídos do Crystal pela sonda a laser, bem como na pesquisa colateral da CET, Chalmers agora sabia que o proeminente magnata grego da navegação Aris Ouranassus havia organizado o assassinato de JFK.

Chalmers percebeu que fazia sentido que Ouranassus estivesse ligado à Rússia durante esse período. Havia muitos relatórios de inteligência

Naquela época, havia muitos relatórios de inteligência que diziam que a KGB queria matar Kennedy, mas, como não tinham as habilidades necessárias para a tarefa, os agentes soviéticos recorreram à mesma assistência terceirizada que a CIA usou quando tentou derrubar o ditador fantoche soviético em Cuba, Fidel Castro. Como o diretor da CIA havia pedido a Chalmers que computasse uma avaliação de risco versus ganho das chances de sucesso no assassinato planejado de Castro, Chalmers sabia em primeira mão que os agentes da Agência haviam usado a máfia siciliana baseada em Nova York para o trabalho secreto aprovado pelo presidente Kennedy contra o líder cubano. A KGB, imaginou Chalmers enquanto observava o monitor Vortax, havia feito cálculos semelhantes para sua retaliação e optara por usar um elemento da máfia grega que lidava com o crime organizado no Texas.

Embora tenham sido necessárias milhares de horas para montar toda a história por meio de trechos de dados colaterais baixados aleatoriamente do Crystal, os funcionários da CET de Chalmers acabaram descobrindo por que Ouranassus havia concordado em usar seus amigos gregos para assassinar Kennedy. Como Chalmers supôs, foi um acordo comercial - um acordo *real* que garantiu a Ouranassus um contrato multibilionário para sua frota de navios-tanque para transportar petróleo soviético para portos internacionais.

A motivação emocional de Ouranassus para tirar Jack Kennedy do caminho também fazia sentido para Chalmers. Foi para que Aris pudesse cortejar abertamente e, por fim, casar-se com Jacqueline Kennedy, por quem ele estava apaixonado há muito tempo, depois de conhecê-la anos antes em um evento político.

Chalmers se maravilhava com o fato de algumas pessoas possuírem tamanha arrogância e, ao mesmo tempo, achava operacionalmente admirável que elas tivessem a vontade *e* o poder de realizar suas ambições, seja por boas ou más intenções. Ele raramente pensava na lógica psicológica de seu próprio impulso operacional em nome da CIA, nunca querendo saber de uma forma ou de outra se ele era divinamente inspirado, patologicamente perturbado ou simplesmente compelido por um temperamento maquiavélico para alcançar a ordem e o controle... seja para o bem ou para o mal, que era inerente a tudo sobre o CRYPTOS CONUNDRUM.

* * *

Chalmers foi cativado por cada quadro extraído do Cristal, d e s e j a n d o poder dedicar toda a sua atenção à sua exploração.

Ele estava maravilhado com a conexão entre as cabeças de pedra da Ilha de Páscoa e as menos conhecidas, mas igualmente lendárias, pedras de Carnac - os três mil megálitos dispostos em linhas perfeitas em uma distância de vinte milhas na atual costa francesa da Bretanha. Como o vídeo da CET mostrou, em algum momento os dois conjuntos de pedras se enfrentaram no que pareciam ser peças de um jogo posicionadas em um campo de jogo localizado em uma parte de um jovem planeta que, há duzentos e cinquenta milhões de anos, ainda tinha apenas uma única massa de terra continental.

Quem poderia ter esculpido as pedras? Pessoas que já haviam evoluído neste mundo quando a atmosfera respirável da Terra ainda estava se formando? Chalmers não achava isso. Talvez as pedras tenham sido cortadas pelos extraterrestres do arquivo CONUNDRUM que estão aqui atualmente, que talvez sempre tenham estado aqui, ou que tenham sido precedidos por inúmeros outros visitantes galácticos desde o início da formação da Terra? As revelações. As perguntas que elas levantaram. Tudo isso era impressionante... e fazia a mente de Chalmers girar mais rápido.

Acreditando que o conhecimento tecnológico deles pode ter estado por trás da incrível construção subaquática das pirâmides, Chalmers estava particularmente empolgado com a conexão inegável do vídeo Vortax com o lendário continente perdido de Atlântida, que onze mil anos antes de Cristo havia sido uma civilização avançada em uma nação insular localizada no centro de uma seção do Atlântico Norte conhecida nas últimas décadas como Triângulo das Bermudas, onde inúmeros aviões e barcos desapareceram misteriosamente.

Ele queria que a Agência, sob seus poderes especiais de diretiva de segurança nacional, recrutasse elementos da Marinha dos EUA e da Instituição Scripps de Oceanografia, formando outra equipe de exploração que identificaria as ruínas de Atlântida. Pelo que tinha visto no vídeo, Chalmers acreditava que, enterrado na fenda profunda cheia de lodo, havia um antigo transmissor de energia magnética cujo vazamento estava há décadas, talvez séculos, puxando os transportes marítimos e aéreos da humanidade moderna para as profundezas salgadas.

Ele se convenceu a desistir desse plano, reconhecendo que as prioridades de segurança nacional mais elevadas já estavam definidas em um relógio que se aproximava da meia-noite. Mas ele não conseguia diminuir a frustração que sentia por não conseguir projetar um algoritmo para alterar ou ajustar os canais cronológicos do Crystal para épocas específicas e, idealmente, para datas exatas, a fim de capturar e

capturar e explorar uma inteligência mais atual, relevante e acionável - como era chamada no vernáculo da Agência.

Ele odiava ter de esperar por qualquer evento aleatório de vídeo gravável que Peterson e a CET encontrassem ao escanear a profundidade infinita do Cristal com o laser Vortax. Usando a óptica do laser do computador como um bisturi forense, seu intelecto queria acreditar que era possível cortar o tempo real do passado, implantando cirurgicamente algo nele para que modificações cuidadosas - ou novas informações aprendidas com o passado - pudessem resolver problemas do presente. Ou até mesmo evitar os problemas previstos para o futuro. Mas, com base no que ele sabia agora, o futuro estava preso em forças opostas - com nuvens brancas e negras como nimbus fornecedores do bem e do mal.

Com tão pouco tempo restante, o tempo era tudo o que importava agora neste mundo severo, arrastado por um senso perverso de pressa.

85

OCEANO ATLÂNTICO. NOITE

Vindo da Europa, o voo da United havia começado sua descida em direção a Washington, D.C. Com as luzes costeiras ainda não visíveis, o vazio escuro de água fria bem abaixo parecia ter o interesse visual de apenas um passageiro, que olhava fixamente para fora de seu assento na janela a bombordo, na última fileira. Por isso, ele foi o único a vê-los, pois suas trajetórias estavam muito inclinadas para fora da cauda da aeronave para que o piloto pudesse identificá-los, mesmo com sua visão periférica.

Amed Karami não tinha certeza do que tinha visto. Não eram relâmpagos, pois não havia nuvens abaixo. Nem embarcações de superfície, pois nada poderia ter se movido tão rapidamente sobre as ondas no que ele sabia ser a direção sul da costa leste dos Estados Unidos. Mas aquelas estranhas luzes esverdeadas... elas se espalharam quase em um piscar de olhos pelo que parecia ser toda a extensão da costa. Ele até pensou que agora parecia que os sete raios coruscantes tinham sido difundidos, como se estivessem brilhando através da água e não em sua superfície.

E como Alá era sua testemunha, os feixes de luz pareciam estar viajando em algum tipo de formação.

Karami não planejou informar os comissários de bordo sobre o que tinha visto. Eles, juntamente com alguns passageiros, já haviam dado uma segunda olhada na proeminente cicatriz em forma de meia-lua que ia da testa até o centro do nariz e atravessava a bochecha. Não querendo chamar mais atenção para si mesmo, ele compartilharia o incrível evento que havia testemunhado, se é que se daria ao trabalho de fazê-lo, somente depois de se juntar aos outros que haviam viajado à frente e o esperavam na capital dos Estados Unidos.

SOB O ATLÂNTICO. NO MESMO HORÁRIO.

Ele estava alheio a qualquer aeronave acima que pudesse estar monitorando seu caminho através dessa liquisfera. Além disso, ele desdenhava de todas as máquinas insignificantes, com exceção de uma, que frequentemente sobrevoavam, contornavam e, às vezes, até mesmo passavam por baixo deles enquanto manobravam neste mundo.

Ele era Wul'ya-Qox, ex-deputado e agora comandante-chefe da frota fiveriana. Ou o que restou dela depois que Kul'da-Zak, o líder supremo, e sua família se perderam em um acidente, e uma segunda nave fiveriana foi destruída por habitantes militantes desse planeta usando uma arma rudimentar que expelia a própria fonte de energia que os fiverianos colhiam continuamente para manter seu status temporário nesse mundo inóspito.

Por um curto período após a morte de Kul'da-Zak, os fiverianos sentiram coletivamente, por meio de sua Φηtyηαμ9 genética, um processo de mentosincronicidade baseado na bioaura exclusiva de um fiveriano, que um de seus irmãos havia sobrevivido ao acidente. Embora ainda estivesse procurando por ele, Wul'ya-Qox temia que a bioaura do membro do clã tivesse mudado devido à adaptação do corpo a este mundo ou que ele tivesse sido morto. De qualquer forma, ele provavelmente estava perdido para eles para sempre.

Wul'ya-Qox tinha outro medo, muito pior.

Uma breve Φ÷ϕ÷Φ - uma mensagem *vuezur* sincrônica enviada do mundo natal dos fiverianos logo após eles terem partido para essa viagem de descoberta e colonização - finalmente havia chegado após um longo atraso causado por uma rota de rastreamento mal calculada. Mesmo que os habitantes desse mundo tivessem sido receptivos à ideia de visitantes e colonos de outra galáxia, Wul'ya-Qox sabia que tudo isso era inútil agora. A mensagem errante, que agora encontrava seu alvo, trazia a notícia entorpecente de que, mesmo quando o *vuezur* estava sendo enviado originalmente, era para informar à flotilha de vanguarda que Fiveria estava sendo totalmente destruída por uma força invasora de escala cósmica.

Percebendo que estava trabalhando com uma pequena margem de erro, Wul'ya-Qox procuraria seu companheiro fiveriano durante o tempo restante em que planejava continuar com sua colheita da energia útil desse planeta, necessária para acelerar a saída desse sistema solar. E para a próxima massa de matéria escura mais próxima - um portal do tempo que era sua única fuga do que ele agora sabia que os perseguia.

Como primeira medida imediata, ele estava fazendo mais uma passagem por esse campo de energia único que havia descoberto durante suas explorações anteriores da liquisfera desse mundo. No fundo desse abismo cheio de lodo, sobre o qual

suas sete naves agora pairavam, estavam os restos do que Wul'ya-Qox havia determinado anteriormente como sendo uma civilização perdida, cujo nível de sofisticação técnica era impressionante até mesmo para os padrões fiverianos. Particularmente em vista do fato de que quem quer que tenha vivido aqui embaixo, e talvez na superfície em algum momento, já existia muito antes de essa população indígena atual ter criado raízes.

** *

Guiando todos pela profundidade túrgida, as várias telas de detecção no controle do leme de Wul'ya-Qox projetavam *halomodais* do enorme labirinto de construção pelo qual sua formação manobrava. Os arcos entrelaçados, vistos em dimensão quadridimensional, lembravam as cavidades torácicas esqueléticas de criaturas mortas e dessecadas que ele havia visto na superfície. Suspensa nessa catedral óssea e salgada, havia uma flotilha de outras naves - cujas imagens integradas em sua tela termórfica Wul'ya-Qox reconheceu como veículos hostis... as chamadas naves e aviões que ele tinha visto serem usados acima pelas forças militantes que o atacaram.

Este lugar é um ‡ασ δφαL, ele pensou... *um cemitério com arcos como marcadores de morte.*

Como a sereia de uma ninfa do mar, esses arcos magnéticos mortais cantaram sedutoramente para Wul'ya-Qox.

Ele ficou hipnotizado pelo coro assombrosamente belo desses pulsos vibratórios, pois eles o lembravam do zumbido sinfônico produzido quando uma tempestade de vento fiveriana girava por um cânion de gelo sulfúrico.

Ele se perguntou o que teria sido esse lugar com nervuras. Provavelmente uma cidade. Talvez uma máquina? Os restos esqueléticos de uma grande criatura que também havia chegado aqui tentando escapar de algum lugar, ou de alguma outra *coisa* em algum outro lugar do cosmos?

A resposta a esses mistérios não era realmente importante para

ele. Mas uma questão importava.

Estaria ele pronto e apto a liderar os poucos sobreviventes de seu outrora magnífico mundo em sua jornada para encontrar outro lar, obtendo o combustível necessário para partir antes que o tempo se esgotasse neste pequeno planeta azul?

86

CAVERNA DA VIRGÍNIA - PASSAGEM INMARD

Ele observou enquanto a nave alienígena circular varria a cidade, disparando rajadas de luz devastadora que reduziam as estruturas a gás ardente e as pessoas a poeira ionizada. Implacáveis e cruéis, os invasores não queriam conquistar, mas destruir a Terra - e teriam feito isso, se não fossem as medidas de defesa do próprio planeta. De repente, os alienígenas ficaram doentes por causa de bactérias, sofrendo a única derrota que já haviam experimentado em seu reinado cósmico de terror... todos eles mortos pela retaliação da guerra de germes deste planeta.

Kaj'a-zar já tinha visto o suficiente do que ele sabia que os terráqueos chamavam de imagens em movimento. Essa, evidentemente extraída de algo conhecido como *HGWells,* retratava eventos que pareciam reais, mas que sua intuição dizia serem desvios propositais de outras imagens que estavam ocorrendo no planeta - ações autênticas chamadas de notícias por certos chefes de tela que ele podia identificar quando os via rotineiramente atuando como apresentadores de notícias.

Ele apontou e acionou a pistola de visão, que acabou descobrindo que fazia as imagens da tela mudarem. Nesse posto de comando construído com itens eletrônicos que ele havia levado em missões de coleta de lixo, havia várias imagens em exibição que ele considerava mais úteis em seu tutorial contínuo sobre esse mundo. Um deles era uma tela chamada Fox, que visualmente o lembrava de ÷ay - a palavra fiveriana para algo que gira ou gira.

Ao ensinar suas irmãs sobre o mundo fora do retiro da caverna, ele descobriu que outras imagens eram úteis e pedia que elas ficassem com ele na frente das telas para observar. Uma dessas formas de aprendizado era algo que ele descrevia como 9tcδaʃcφ em sua língua, que ele descobriu que ironicamente significava o mesmo na língua deste mundo.

que, ironicamente, significava o mesmo na linguagem deste mundo - um caminho ou canal de descoberta. Tudo o que ele via ali o intrigava e informava, assim como suas irmãs.

E já que estava na hora de uma dessas sessões de 9tcδaʃcφ, Kaj'a-zar foi procurar as fêmeas, agora totalmente adultas e cumprindo responsabilidades em uma câmara adjacente.

Ao sair dessa sala, ele observou com orgulho suas muitas realizações técnicas e de infraestrutura ao longo dos anos. Diversos cabos, que se intrometiam como raízes de plantas da superfície, haviam sido enfiados através de fissuras naturais na rocha, conectando dezenas de grandes monitores de plasma e bancos de luzes de neon a painéis solares e antenas receptoras de satélite camufladas entre a vegetação no alto de uma cordilheira dos Apalaches.

Ao entrar na câmara seguinte, ele observou com igual orgulho suas duas belas irmãs cuidando de dezenas de jovens que estavam sendo alimentados e tratados. Quando estivessem maduros, os jovens machos que estavam sendo cuidados aqui hoje se juntariam a ele para acasalar com a próxima ninhada de fêmeas maduras.

Nesse meio tempo, Kaj'a-zar já havia começado uma segunda geração com suas irmãs. Caminhando para outra parte da caverna, ele observou dezenas de seus ovos incubados em berços de banheira, enquanto em uma câmara separada ele já havia começado a fazer os preparativos para as centenas e, mais tarde, milhares de ovos que viriam à medida que ele e sua prole repovoassem esse mundo de rocha escura com fiverianos.

Ele planejava que eles permanecessem aqui até que o destino de seu verdadeiro tempo acenasse para a luz do alto.

Parte VII

QUEDA NOTURNA

87

LANGLEY. 11 DE SETEMBRO DE 2O11, CEDO

Hoje foi um dia especial de notícias na Fox, CNN e em todas as outras redes. Algumas transmitiram uma extensa cobertura do "aniversário" do ataque terrorista da Al-Qaeda às torres gêmeas de Nova York, e outras também analisaram a década seguinte de problemas relacionados que surgiram em várias frentes. A maioria dos cidadãos de uma América em apuros e perigosamente enfraquecida temia que a nação estivesse à beira do colapso.

Era um bom momento para reflexão. Melhor ainda para o planejamento.

Já conhecendo todos os detalhes de tudo o que estava sendo discutido naquela manhã, Chalmers, no entanto, estava cercado por telas de plasma em seu escritório, cada emissora repassando em voz alta a tumultuada história da década. Como de costume, Chalmers navegava pelo monitor de seu computador e, ao mesmo tempo, digeria pilhas de livros, pastas de arquivos e relatórios de inteligência espalhados por sua enorme mesa.

Observando Chalmers, estavam dois policiais de segurança musculosos, Mike DeLorno e Quan Shantu - especialistas paramilitares que haviam sido designados pelo diretor há alguns anos para proteger o Dr. Chalmers em todos os momentos e a qualquer custo, tendo em vista os crescentes perigos de segurança em todo o país e especialmente em Washington, D.C.

DeLorno e Shantu tinham grande respeito e afeição pelo ícone lendário da Agência, a quem se sentiam honrados em servir e cujo humor rabugento eles apreciavam... embora muitas vezes não conseguissem entender. Eles haviam colocado guardanapos nos ouvidos para silenciar os apresentadores de notícias, cuja cacofonia de conversas estava, de alguma forma, sendo processada mentalmente pelo chefe, como se os comentaristas da TV falassem com ele individualmente.

* * *

Sem nunca olhar para cima, mas ocasionalmente respondendo aos locutores, Chalmers concordou com a cabeça com a narração dos eventos que haviam prejudicado o país: problemas sociais envolvendo imigração ilegal; recessão causada pela disparada dos preços dos combustíveis e pelo colapso dos setores hipotecário, bancário e automobilístico; desemprego e inflação generalizados; e graves ameaças à segurança decorrentes do terrorismo nacional e estrangeiro, incluindo a violência das gangues de narcotraficantes.

"E muito mais questões do que você imagina", murmurou Chalmers.

"O senhor estava falando conosco daquela vez?", perguntou DeLorno.

Chalmers olhou por cima dos óculos. "Acho que sim. Disse que talvez vocês devessem ir embora."

"Não posso fazer isso, senhor", disse Shantu.

"Não, acho que não. Continuem sentados em silêncio, então. Estou tentando trabalhar aqui."

* * *

Na frente do terror doméstico, o maior problema era com o Movimento de Libertação Hispânica. O surgimento do HLM anos atrás resultou, segundo Chalmers, de políticas federais fracassadas sobre imigração ilegal e narcóticos ilícitos. "De manifestações inicialmente pacíficas a manifestações violentas, de exigências de concessões a exigências de reconhecimento político, ele se tornará um movimento separatista hispânico completo que emprega táticas de guerrilha e ataques paramilitares consistentes com os senhores das drogas politizados que o apoiam", disse ele durante uma audiência no Congresso anos atrás. De fato, as greves trabalhistas, os protestos políticos e até mesmo os tiroteios nas ruas que Chalmers previu que ocorreriam em alguns estados da fronteira sudoeste se tornaram comuns e foram anunciados por alguns na imprensa americana como uma guerra civil para criar uma nação independente e de espírito livre.

"Sopa de letrinhas", disse um Chalmers descontente ao ouvir o termo "questão de imigração".

"Repita, senhor", disse Shantu, inclinando-se para a frente. "É isso que o senhor gostaria de almoçar?"

Dessa vez, Chalmers tirou os óculos. "Já comi o suficiente de HLM, UJF, PC, BS e o resto de A a Z para durar *duas* vidas... literalmente. Na verdade, rapazes, se eu viver *dez* vidas, o que eu temo que possa ser o caso, dadas as minhas

circunstâncias físicas... ah, isso não importa. Na verdade, esqueçam o que eu disse. O ponto é que nunca entenderei a estupidez destrutiva dos políticos... e quanto ao outro ponto, sua pergunta é não, eu nem gosto de sopa. Gostaria que o novo chef da sala de jantar executiva fizesse um cheeseburger para mim. Para viagem. Para cá", acrescentou ele, com o dedo batendo na área de trabalho.

Trocando um olhar e dando de ombros com DeLorno, Shantu foi para a cozinha.

* * *

Como Chalmers e muitos outros temiam, o terrorismo patrocinado por estrangeiros continuou e aumentou em frequência e intensidade nos anos após o 11/9. Com base na inteligência da CIA, ficou claro que o brilhante, porém psicótico, afegão Amed Karami havia substituído Osama bin Laden após a operação da CIA que permitiu que os Navy Seals matassem o principal agente da Al-Qaeda há vários meses.

Karami havia criado uma ramificação ainda mais ousada e imaginativa - a Frente Jihadista Unida. Usando identidades falsas e disfarces sofisticados, Karami viajou pelo mundo à vontade, entrando nos Estados Unidos aparentemente várias vezes para montar operações da UJF.

Bill Casey estava certo, refletiu Chalmers. *Devíamos ter recrutado Jack e mandá-lo para lá, soltar aquele desgraçado massacrante nas cavernas* deles *por um tempo.*

Um comentarista de TV contou como, nos últimos dois anos, Karami e seus assassinos da UJF haviam detonado remotamente botijões de gás sarin em várias estações de metrô em Londres, Paris e Berlim. Um ataque semelhante da UJF em Manhattan havia matado dezenove pessoas, ferido outras setenta e causado um grande transtorno a um distrito comercial cujo caixão econômico já estava perigosamente perto de ser fechado.

Chalmers, que ainda era um habitante de Long Island, preocupava-se com o destino da Big Apple.

* * *

Assim como no caso do terrorismo, o ataque à política americana também se dividia entre as frentes externa e interna, cada uma representando desafios suficientemente sérios,

Chalmers calculou que cada um deles representava desafios sérios o suficiente para colocar em risco a segurança nacional do país, se não de fato sua base democrática.

Internamente, o país estava cansado das prolongadas guerras no Iraque e no Afeganistão, que custaram muito dinheiro aos contribuintes e muitas vidas às fileiras militares da nação. Fartos da política partidária tradicional, os eleitores evitaram os candidatos presidenciais democratas e republicanos na última eleição.

Raul Averez - um independente do novo Partido Americano e um organizador da "comunidade empresarial" da câmara de comércio nos últimos dezoito meses em uma pequena cidade do Arizona - saiu da toca política e venceu a candidatura presidencial de 2008 com uma surpreendente vitória esmagadora. Bonito, carismático e eloquente em espanhol e inglês, Averez era como um astro do rock que todos chamavam de *lo elegido,* o escolhido.

Com grandes discursos no teleprompter, ele delineou um plano de longo prazo de reforma positiva, mas, em vez disso, quase da noite para o dia, ele galvanizou o país. Seus críticos fervorosos criticaram sua "agenda socialista flagrante e o déficit impressionante de gastos". A maioria conservadora silenciosa dos Estados Unidos chamou o governo de Averez de "um desastre inepto e ingênuo e uma mudança indesejada em direção ao socialismo europeu".

"Tão politicamente inútil quanto factualmente sem noção", murmurou Chalmers quando ouviu o nome do presidente ser mencionado por um dos comentaristas. Essa era uma opinião que os pesquisadores acreditavam que a maioria dos eleitores compartilhava agora.

* * *

Na frente política internacional, a maioria dos americanos que lia ou assistia aos noticiários estava alarmada com a disseminação de armas de destruição em massa. Chalmers havia observado e preparado inúmeras avaliações de inteligência sobre um problema que ele e a Agência sabiam que estava em andamento desde o final da Segunda Guerra Mundial. O problema só havia piorado.

Fox descreveu algumas das ameaças, mas, como Chalmers sabia, de forma alguma todas.

Com enormes porta-aviões em construção e planos para uma marinha global de águas azuis a ser lançada em breve, a China também estava realizando testes frequentes de armas nucleares e, devido a suas atividades agressivas de espionagem, havia roubado a tecnologia U.S. , permitindo que os militares chineses desenvolvessem

sistemas sofisticados de orientação de foguetes. A Índia e o Paquistão, em conflito político há décadas, aumentaram o ritmo de seus testes nucleares. O Irã tinha o Shahab-3, um míssil de médio alcance capaz de atingir Israel e a Arábia Saudita, e a Coreia do Norte estava desenvolvendo seu míssil de médio alcance Taepodong 1 para transformá-lo em um sistema de lançamento de ICBMs para fins completos. Ainda havia uma ameaça significativa de ICBM dos mísseis nucleares Topol-M de nova geração da Rússia, com várias ogivas. Cuba ainda possuía antigos mísseis soviéticos e até vendeu alguns para Chávez na Venezuela. O Brasil também estava desenvolvendo uma arma.

Uma pilha instável de dominós, pensou Chalmers, *apenas esperando para cair.*

Ele sabia que a estabilidade, mais especificamente a falta dela, era uma das principais preocupações dos formuladores de políticas nos Departamentos de Estado e de Defesa, onde havia um descontentamento com o general chinês aposentado Zhang Lao, que, depois de vencer uma eleição apoiada pelo Partido Comunista Chinês, não só assumiu o controle total do PCC, mas também se nomeou grande premiê. Essa medida surpreendente consolidou o que havia sido uma divisão de trabalho entre o ex-presidente, responsável pela política de elaboração de políticas governamentais, e o primeiro-ministro, encarregado de implementar essas políticas.

Pior do que sua destruição do sistema de freios e contrapesos de Pequim foi a promessa estridente de Zhang de infundir no PCC "um estilo ainda mais rígido de governança militar e uma política agressiva de promoção da nova postura internacional da China".

Com base nos relatórios de inteligência que Chalmers havia visto, Zhang pretendia avançar rapidamente para a reunificação total de Taiwan e promover a hegemonia política e econômica no resto do mundo, especialmente no Oriente Médio, rico em petróleo. E, com base em sua própria análise biográfica da personalidade de Zhang, Chalmers sabia que o general não toleraria nenhuma resistência de Washington em nenhum dos itens da agenda da China.

Isso foi muito mais do que uma jogada de sabre em benefício próprio. Chalmers ouviu o estrondo do que ele temia que precedesse o relâmpago chinês que ele sempre soube que um dia atingiria os Estados Unidos.

Mas antes que isso pudesse acontecer, outro tipo de relâmpago ocorreu.

88

LANGLEY. 11 DE SETEMBRO DE 2O11, DEPOIS

O programa sobre o ataque de 11 de setembro de dez anos atrás foi interrompido por notícias de última hora sobre o ataque de 11 de setembro de 2011 que acabara de ocorrer dez *minutos* atrás. Chalmers e seus dois acompanhantes de segurança assistiram em silêncio atônitos às reportagens, incluindo imagens aéreas de helicópteros de notícias, que passavam pelas telas.

"O Departamento de Segurança Interna acaba de emitir um alerta de emergência de ameaça de nível vermelho", disse o repórter, "após uma série de explosões no sistema de metrô de Washington. Um agente químico mortal, que se acredita ser o gás sarin, foi liberado e existe a preocupação de que ele possa se espalhar pelas ruas. Equipes de bombeiros e de resgate em trajes de materiais perigosos estão no local, e os relatórios iniciais indicam que há vários mortos e muitas outras vítimas feridas nas estações abaixo... Só um momento", disse ela, pressionando o dedo contra o alto-falante do fone de ouvido. "Houve um novo desenvolvimento. O Distrito e outras unidades da polícia metropolitana começaram a coordenar uma evacuação da capital do país e das áreas circunvizinhas de Beltway ordenada pelo DHS, isso após um anúncio do FBI de que o terrorista da UJF, Amed Karami, reivindicou a responsabilidade pelo ataque - o *primeiro,* evidentemente, de outros que a UJF promete que ocorrerão hoje e, como Karami ameaçou, todos os amanhãs seguintes."

* * *

Os telefones começaram a tocar na mesa de Chalmers. Primeiro Anderson, depois Paula, irromperam em seu escritório. Vindos do Centro de Operações, no final do corredor, eles ouviram algumas conversas entre agências em sistemas de comunicação seguros que precederam os comunicados à imprensa.

"As pontes estão congestionadas e o Beltway está completamente entupido", disse Paula.

"Sim, a Casa Branca foi isolada, o Pentágono está fechado e o Congresso se dispersou", disse Anderson. "Já há relatos de saques generalizados. Está uma loucura lá fora."

"E não podemos ter um aqui", disse Chalmers, que imediatamente começou a emitir diretrizes para as maneiras pelas quais ele sabia que sua equipe da DivKay poderia, e *tinha* que, intervir operacionalmente para apoiar o papel mais amplo da Agência nessa crise. Não houve tempo para que ele considerasse a questão óbvia de por que a CIA, o FBI, o DIA, a NSA, o DHS e o restante da sopa de letrinhas não souberam do plano de Karami a tempo de impedi-lo.

Era exatamente como seu ex-delegado e amigo Lee Beckner havia dito anos atrás: "Temos que estar certos todas as vezes; eles só precisam fazer isso uma vez". Esse caso passou despercebido pelas fendas operacionais.

* * *

Uma das ligações telefônicas de Chalmers o alertou sobre o que ele já sabia que aconteceria em seguida. O helicóptero presidencial, Marine One, estava transportando Averez para Langley, onde o diretor da CIA, Craig Weaver, Chalmers e outras autoridades federais designadas acompanhariam o comandante em chefe no trilho do SpadeLiner até Mount Weather - o centro de comando para uma emergência de continuidade do governo e um local seguro para a Casa Branca no exílio.

Quando todos partiram, Chalmers já tinha mais detalhes sobre o ataque.

Até o momento, o número de mortos conhecidos era de quatrocentos e quinze. As pessoas mais próximas das mochilas e pastas que explodiram foram mortas instantaneamente. Esperava-se que muitos outros dos mais de 1100 feridos morressem em decorrência de seus graves ferimentos.

Conhecendo os efeitos do gás sarin, Chalmers podia imaginar a câmara de horrores do metrô. As pessoas presas lá dentro perderam o controle das funções corporais devido à inalação do agente nervoso, o que fez com que vomitassem, defecassem e urinassem em harmonia metabólica com seus corpos espasmódicos. A menos que fossem injetados antídotos e recebessem oxigênio rapidamente, as vítimas sufocavam devido ao colapso dos pulmões ou morriam de insuficiência cardíaca.

* * *

Durante a rápida viagem do SpadeLiner para Mount Weather, Chalmers informou o presidente sobre algumas estatísticas de probabilidade que ele havia calculado após ouvir a ameaça da UJF sobre novos ataques. Chalmers não achava que Karami poderia atacar novamente todos os dias, mas acreditava que havia uma probabilidade de 85% de ataques adicionais durante os próximos 30 a 90 dias em outras cidades dos EUA.
cidades dos EUA.

"Também com gás sarin?", perguntou o presidente.

"Não exclusivamente, senhor", disse Chalmers. "É mais provável que finalmente vejamos o que nos foi poupado até agora: células adormecidas realizando atentados a bomba em locais públicos. Esse é um dos objetivos da UJF que aprendemos com a vigilância eletrônica de Karami. Esses serão alvos de alto valor com o objetivo de desestabilizar ainda mais nossa economia, usando altos explosivos para massacrar milhares de pessoas."

"Meu Deus, isso será horrível, não é?"

Chalmers assentiu com a cabeça. "Como nossas instruções e relatórios de inteligência têm lhe dito o tempo todo, Sr. Presidente."

89

CSC NÍVEL II. 2O17, OUTONO

Após o "Massacre do Metrô" - como ficou conhecido o ataque ao metrô de Washington seis anos atrás -, Chalmers havia cedido outras instruções presidenciais sobre incidentes subsequentes da UJF a funcionários da CIA e do FBI que lidavam exclusivamente com terrorismo. Karami certamente lhes deu muitas informações sobre as quais eles continuaram a informar a Casa Branca - praticamente mensalmente, já que essa era a frequência com que a UJF atacava os Estados Unidos, bem como outros alvos estrangeiros.

Os atentados suicidas em shopping centers desaceleraram drasticamente uma economia que já estava lenta e que entrou em parafuso quando o primeiro-ministro Zhang - abertamente crítico e desdenhoso do presidente Averez - reestruturou as políticas econômicas da China. Com Pequim arcando com muito menos dívidas americanas decorrentes de gastos deficitários contínuos, os Estados Unidos finalmente reduziram seus muitos programas de direitos sociais e adotaram medidas enérgicas contra a imigração ilegal. Tudo isso inflamou certos grupos étnicos, principalmente o HLM, que começou a copiar as táticas terroristas da UJF para expressar as queixas sociais.

O manejo inepto da administração de uma crise física e financeira após a outra resultou em um eleitorado indignado que varreu Averez do cargo após um mandato.

* * *

Chalmers e Paula ficaram felizes por Steven ter sido transferido do cargo temporário que ocupava no Pentágono apenas algumas semanas antes do Massacre do Metrô. O Dr. Steven Chalmers, agora com trinta e oito anos de idade e coronel da Força Aérea, havia sido destacado para o Programa de Treinamento de Voo Espacial da NASA em uma base aérea nos arredores de Houston.

da NASA em uma base aérea nos arredores de Houston. Nos anos que se seguiram, ele, sua esposa, Alena, e seu filho de três anos, Steven Junior, moravam em um subúrbio isolado.

Embora sentisse muita falta deles, Paula estava feliz por seu filho, sua nora e, especialmente, o neto que ela e Jonathan chamavam de Stevie estarem, pelo menos, um pouco afastados da loucura atual em Washington, Nova York, Los Angeles e muitas outras cidades e regiões devastadas por problemas em toda a América.

* * *

Chalmers também sentia falta de todos, mas estava feliz por estar passando a maior parte do tempo com Paula aqui no CSC, onde Pete Peterson e o CET - incorporando alguns dos novos recursos de programação que Chalmers havia projetado para o Vortax-7000 - haviam feito uma grande descoberta sobre o Cristal do Tempo.

Além das fascinantes visões da história da Terra que a CET continuava a recuperar e estudar, Chalmers e Peterson, enquanto trabalhavam sozinhos até tarde da noite, abriram inadvertidamente um compartimento separado no Cristal, que continha uma descoberta intrigante. A descoberta ocorreu apenas como resultado de um ato incrível e casual - o que Chalmers rotulou como o exemplo supremo de uma convergência de coincidências. E consistiu em nada mais do que tocar uma melodia errada.

Vortax ainda estava traduzindo o que Chalmers e Peterson acreditavam ser instruções sobre a descoberta - cujo nome de arquivo interno aparente, eles já haviam determinado pelo computador, era Collabros - e cujo propósito parecia ser o de executar algum tipo de função geral, embora ainda imprecisamente definida. Por enquanto, Chalmers o chamou de modalidade de serviço funcional, um termo que ele extraiu de sua pesquisa em semiótica - o estudo de sinais e símbolos, especialmente aqueles usados como elementos de qualquer sistema de comunicação composto de semântica, sintática e pragmática.

Chalmers sempre acreditou que a Crystal Tabula - como só ele sabia que era o nome do Tutorium - continha a resposta para todas as perguntas que poderiam ser feitas. Se o byte do tamanho de um górgona de fórmulas matemáticas e desenhos esquemáticos que eles haviam descoberto fosse o que sua avaliação inicial indicava, Chalmers sentia que

que o Collabros era a resposta para uma das questões mais importantes que ele imaginava que poderia ser levantada sobre o futuro - qualquer que fosse sua aparência.

Como em tudo o que ele fazia que envolvia o CRYPTOS CONUNDRUM, Chalmers temia que fosse necessário mais energia do que ele poderia ter para entender e explorar todo o potencial do Collabros. Por um lado, ele já sabia que gerações muito mais poderosas e sofisticadas de computadores teriam que ser projetadas para extrair o segredo profundamente embutido do Collabros.

E no tempo cada vez menor que ele achava que restava para salvar seu país e até mesmo o mundo, ele observou como, quase da noite para o dia, o senso de pressa se tornou ainda mais perverso.

9O

LANGLEY. 2O19

Após sua administração ineficaz de um mandato, o Presidente Averez foi substituído por um apologista democrata que queria fazer a paz diplomática com os fanáticos da UJF e acomodar politicamente os separatistas do HLM. Sabendo que essa agenda estava fadada ao fracasso, Chalmers e todos os outros observaram os ataques terroristas e de guerrilha não apenas continuarem, mas aumentarem.

A base política que havia eleito esse democrata por pouco se voltou contra ele. A imprensa exigiu sua renúncia. Uma tentativa de assassinato pelo HLM reforçou sua decisão voluntária de renunciar. Ele foi sucedido pelo vice-presidente que, embora mais capaz e bem-intencionado, sofreu uma combinação de golpes que também o tirou do ringue político. Esses dois eventos, cada um deles uma escalada dramática do terrorismo da UJF, também colocaram em xeque a democracia consagrada pelo tempo nos Estados Unidos.

* * *

O primeiro incidente terrorista, cujos detalhes Chalmers soube por meio da investigação subsequente, foi realizado por alguns dos membros da célula adormecida de Karami que haviam obtido licenças da FAA e estabelecido padrões como pilotos particulares - alugando rotineiramente aviões monomotores para fins de aviação pessoal. No dia marcado, e voando de diferentes aeroportos pequenos em todo o Estado de Nova York, eles se encontraram em outra pista de pouso rural, carregando explosivos que Karami havia colocado em um hangar de armazenamento. Em seguida, os pilotos decolaram para seus destinos finais - dois outros aeroportos na cidade de Nova York.

Quando o pessoal da torre de controle de cada aeroporto notou a abordagem pouco ortodoxa dos aviões agrupados, já era tarde demais para reagir. Os kamikazes da UJF mergulharam em bombas e se detonaram em aviões comerciais totalmente abastecidos no processo de embarque de passageiros no rush da manhã no JFK e no LaGuardia. Um efeito dominó mortal de jatos jumbo e caminhões de combustível de aviação que explodiram estilhaçou as enormes janelas de vidro dos terminais, destruiu os passageiros que aguardavam, que estavam bem apertados, e incinerou instantaneamente os terminais de embarque adjacentes.

* * *

Mais tarde, quando viu as câmeras de segurança do aeroporto, bem como a cobertura de satélites de mapeamento terrestre e do Google Earth que inadvertidamente haviam registrado o ataque, Chalmers viu um desastre de proporções góticas. Para ele, parecia uma série de sinalizadores de estrada estourando em ritmo acelerado ao longo de uma via expressa repleta de acidentes. Mais de dezesseis mil pessoas foram mortas e trinta e cinco mil ficaram feridas em ambos os locais.

No comunicado da UJF que se seguiu aos ataques, apelidados pela mídia de "aeroportos gêmeos", Karami disse: "Prometemos com nossas vidas que mais ataques com terror ainda mais visceral são iminentes. Os alvos serão Nova York e outras cidades não reveladas".

Mais de três milhões de nova-iorquinos em pânico saíram da cidade por transporte terrestre em um período de duas semanas. A primeira onda de pânico induziu a partidas ainda mais assustadas. A economia local, ainda se recuperando da recessão que havia começado vários anos antes, entrou em colapso rapidamente e a desordem civil se instalou entre os criminosos e outros pessimistas perturbados que haviam ficado para trás.

* * *

O segundo ataque ocorreu depois que a UJF sequestrou caminhões de combustível que faziam entregas de rotina em postos de gasolina localizados perto dos locais de primeira linha designados por Karami, que eram lojas-âncora de alto tráfego em shopping centers. Durante trinta minutos de ataques coordenados, dezessete caminhões-tanque sequestrados - cada um carregando dez mil galões de gasolina - atravessaram as entradas de vidro dos shoppings, entraram no interior e detonaram.

Como Chalmers ouviu um apresentador de notícias descrever, "nuvens de fogo laranja-escuro derreteram a carne de milhares de compradores".

Isso não foi nada comparado ao que se seguiu nos locais de segundo nível.

Meia dúzia desses caminhões-tanque foram lançados contra as laterais de prédios escolares e se chocaram contra refeitórios lotados de jovens na hora do almoço. O fato era tão inconcebível e horrível que desafiava qualquer descrição.

** *

Em toda a América, a maioria das pessoas simplesmente ficou em casa enquanto as famílias se encolhiam com o medo e o terror da profunda incerteza após os dois ataques. Tendo perdido a fé nos políticos, nas forças policiais e na comunidade de inteligência, os cidadãos ficaram ainda mais desmoralizados ao pensar que talvez nem mesmo as forças armadas, que agora haviam sido instruídas pelo Congresso a governar a nação durante a guerra total em solo americano, pudessem salvar o país.

91

CAVERNA DA VIRGÍNIA - PASSAGEM INMARD

As irmãs adultas de Kaj'a-zar já não tinham mais seus tutoriais em frente às telas de visualização, pois, como tinham visto com seu irmão e líder do clã, tudo o que piscava agora quando ele apontava e disparava a arma de controle eram imagens mais violentas dos eventos que aconteciam acima. Sem a compreensão linguística cada vez melhor do irmão, as fêmeas não sabiam exatamente o que significavam os sons estranhos que vinham das cabeças falantes, mas sabiam que o
}{λδ*f*(a)δσ, ou mundo da superfície, era um lugar estranho e perigoso para elas e para os outros fiverianos.

Embora, a princípio, fosse apenas um sobrevivente nesse reino subterrâneo, no qual ele havia sido forçado a nascer pelo humano Chalmers, Kaj'a-zar rapidamente se tornou um estudante de seu novo ambiente - não apenas das passagens internas escuras que ele havia atravessado durante toda a sua vida, mas especialmente da região iluminada acima, assim que a descobriu. Lá ele procurou alimentos... e prosperou por meio da aquisição de conhecimento e do poder que ele proporcionava.

Ao contrário de suas irmãs, bem como das novas gerações emergentes de fiverianos, ele não via o reino acima como estranho. Kaj'a-zar o via como a terra na qual ele e todos os outros como ele acabariam por vagar livremente. Ele a via como o mundo que seu pai pretendia que ele governasse, usando a Coroa Tirânica que o patriarca fiveriano sempre quis que o filho tivesse.

E, ao contrário de suas irmãs, Kaj'a-zar não estava apreensivo por não ter informações completas sobre o que estava acontecendo lá em cima. Ele sabia o suficiente para entender que um novo tempo estava próximo - um tempo que sua inteligência e intuição lhe diziam que traria perturbação e talvez a destruição d e s s a estranha espécie chamada humanidade.

E, definitivamente, ele sabia que a chave para seu plano de longo prazo era se aprofundar ainda mais no mundo das rochas e esperar a poeira conturbada baixar.

OCEANO PACÍFICO - A LIQUISFERA

Wul'ya-Qox havia deixado os arcos magnéticos da trincheira profunda e se mudado para outro de seus domínios no submundo. Os eventos atuais na paisagem árida acima não o preocupavam, embora ele estivesse muito interessado em algumas de suas estruturas físicas - especialmente aquelas das quais ele poderia obter a energia de fusão que os habitantes desse planeta eram capazes de produzir. Em breve, ele teria energia suficiente armazenada para impulsionar sua frota pela galáxia em direção ao próximo portal do tempo.

Seria por meio de um desses ((a))δa(- buracos de dimensões comprimidas espalhados pela matéria escura do espaço cósmico - que Wul'ya-Qox planejava fugir da ameaça que o perseguia. Ao mesmo tempo, ele sabia que sua próxima partida significaria o fim da prole de Kul'da-Zak - se o único fiveriano no mundo da Terra ainda estivesse vivo.

Wul'ya-Qox também sabia que, mesmo que essa prole tivesse conseguido sobreviver até o momento, a chegada predita pela mensagem de *vuezur* ocorreria em breve... e, com ela, a morte de todos os fiverianos que permanecessem nesse planeta.

Sob seu comando, as naves saíram das profundezas e seguiram para o interior, navegando bem acima, mas ao longo da grande parede rochosa que era a única estrutura civilizada visível além da órbita desse planeta. A partir dali, em um novo rumo, estavam as torres fumegantes do local que produzia o que ele precisava.

** *

Aproveitando as circunstâncias ambientais que seus instrumentos mostravam no local, Wul'ya-Qox guiou suas sete naves para o espesso nimbus que envolvia a estrutura-alvo e, ao mesmo tempo, servia para mascarar visualmente sua chegada. De seu console, ele disparou uma única explosão que abriu um buraco perfeito em um local estratégico. Dali saiu um fluxo de detritos que foi imediatamente recolhido.

TANGPIEN, CHINA. 1645 HORAS

Os funcionários de Junglopau, a maior usina nuclear da China, nunca tinham visto uma tempestade de nuvens negras como aquela. Seus ventos fortes, granizo e relâmpagos representavam um perigo real para o principal fornecedor de eletricidade de Pequim. De repente, seu pior medo se materializou.

O céu túrgido estalou com um estrondo ensurdecedor e expeliu um fluxo de laser de luz de tocha que cortou uma parte externa crucial do reator. A explosão resultante rompeu o núcleo e liberou uma nuvem de contaminação mais poderosa do que a chuva e os meros relâmpagos da menor tempestade da natureza.

ESCRITÓRIO DO PRIMEIRO-MINISTRO ZHANG. 17OO HORAS

Quando foi informado por seu conselheiro militar sênior e recebeu o relatório que o acompanhava, a reação de Zhang ao incidente de Junglopau foi mais eletrizante do que a tempestade que caía lá fora. O radar havia detectado sete pontos dentro do olho de um sistema meteorológico com o tamanho, a forma e a força de um ciclone. Embora o consultor tenha dito que o radar provavelmente não detectou nada mais do que aglomerados de granizo compactado, Zhang concluiu que os bombardeiros stealth dos EUA haviam atacado a usina de energia em retaliação ao envio pacífico, meses atrás, de tropas chinesas para Taiwan como parte do plano internacionalmente declarado de Zhang para a reunificação forçada da ilha.

Sabendo que os Estados Unidos estavam sofrendo ataques terroristas quase constantes, bem como violência doméstica, movimentos separatistas do Estado e outros problemas sociais e financeiros em todo o país, Zhang avaliou ainda que Washington havia planejado esse ataque secreto contra a China para fins de propaganda. E para gerar uma nova onda de cobertura da imprensa que distraísse os americanos de seus muitos problemas e, de alguma forma, os reunisse em uma frente comum contra Zhang.

"Quão estúpidos eles podem ser?" Zhang perguntou retoricamente depois de compartilhar suas avaliações com um dos conselheiros. Mas ele sorriu, pois sabia que a configuração política do tabuleiro de xadrez o favorecia a vencer seu oponente. Ele explicou que agora seria um bom momento para enviar tropas chinesas - pacificamente, é claro - para a Califórnia para garantir a segurança de milhões de chineses expatriados que vivem lá em perigosas circunstâncias perigosas. Coincidentemente, ele planejava aproveitar a oportunidade para se apoderar do que restava da indústria de chips de computador do Vale do Silício e estabelecer uma presença de "cabeça de ponte" antes que a Costa Oeste entrasse em colapso e ruína total.

"cabeça de ponte" antes que a Costa Oeste caísse em total anarquia e ruína.

Como os californianos sempre quiseram ter um estado comunista, ele sabia que seria bem-vindo lá para lhes oferecer um.

Zhang ordenou que sua equipe elaborasse esse plano imediatamente.

ALTA ESTASE - INTEMPORAL

Won tentou várias vezes conversar mentalmente com o Diretor, mas não obteve resposta - uma indicação provável de que seu professor havia sido demitido com ira.

Embora não conseguisse se lembrar de onde tinha sido sua última tarefa, nem de como tinha se tornado um samaritano, Won recorreu a algum resquício de uma memória distante enquanto sentia o que ele supunha ser os efeitos metafísicos do Hastening. Ele estava se tornando vagamente desencarnado, mesmo em sua forma já celestial de não-corpo.

Como não havia nada que ele pudesse fazer a respeito, Won entregou sua essência voluntariamente ao desligamento pendente da Alta Estase e à jornada que o levaria a qualquer destino que ele encontrasse no misterioso Portal Iris.

Não estava em seus deveres de samaritano dizer adeus ao humano Chalmers, com quem ele já havia se comunicado mais do que o permitido. No entanto, era sua responsabilidade manter-se vigilante em relação ao humano escolhido e a toda a humanidade, mesmo quando esses últimos segundos se aproximavam da meia-noite de seu dia de trabalho.

92

LANGLEY. PRIMAVERA 2O2O

Chalmers tinha a pele enrugada e caminhava lentamente, mas, apesar disso, parecia um homem robusto de oitenta e poucos anos, embora já tivesse cento e trinta anos. Ele continuava sendo o patriarca da família, bem como uma figura central na CIA. Ele e Paula, agora com setenta e seis anos, ainda estavam muito apaixonados.

O filho deles, o Coronel Steven J. Chalmers, era o piloto de comando sênior da NASA para o Programa de Voo Espacial Aurora, que continuou a ser financiado mesmo com todos os problemas do país, especialmente os financeiros. Hoje, ele estava na órbita da Terra em uma missão do ASFP, treinando para um próximo voo tripulado a Marte. Seu filho, Stevie, estava em McLean com sua mãe Alena e sua avó Paula.

Esses aspectos da vida da família Chalmers pareciam normais.

Nada mais era.

* * *

A mansão de Oyster Bay, que havia sido o lar da família Chalmers por mais de duzentos anos, havia sido abandonada meses atrás. Não havia outra alternativa.

DeLorno e Shantu cuidaram do salvamento e da transferência para a residência de Chalmers em McLean de todos os objetos de valor que não haviam sido roubados ou destruídos durante os saques e tumultos que ocorreram em toda a cidade de Nova York e em Long Island. A ilegalidade generalizada continuava até o momento, apesar da rigorosa lei marcial.

Chalmers havia instruído DeLorno e Shantu a procurar no sótão o que ele havia descrito apenas como uma "pintura com moldura exclusiva". Um dos muitos

guardado lá, era o retrato de um Chalmers jovem - o quadro que ele achava que contribuía para seus pensamentos esquizofrênicos e que alimentava seus medos paranoicos... um dos quais era que sua semelhança emoldurada, assim como a do Dorian Gray satanicamente possuído, teria envelhecido horrivelmente com o passar dos anos, enquanto ele próprio havia mudado relativamente pouco e em um ritmo excepcionalmente lento.

* * *

Agora, de volta ao quartel-general, seus seguranças disseram ter localizado a moldura ornamentada em particular, que havia sido colocada em um cavalete adjacente a uma pilha de outras pinturas.

"Como era... a pintura?" perguntou Chalmers, revelando uma apreensão, um comportamento nervoso que eles nunca tinham visto antes. Sensível a isso, DeLorno descreveu os danos causados pela fumaça e pelo fogo em parte do sótão, bem como os danos causados pela água em alguns móveis e outros itens, devido à chuva que havia entrado pelas rachaduras no telhado de ardósia.

"A *pintura*", enfatizou Chalmers, com a voz agitada e os olhos fixos em Shantu.

"Senhor, a pintura a óleo em questão... o senhor não chegou a dizer, mas acho que era algum tipo de coisa abstrata ou outra coisa que deve ter derretido no incêndio."

"Parece mais que amoleceu, depois cedeu e rachou", acrescentou DeLorno. "Para mim, parecia que era o rosto de alguém em um determinado momento. Mas agora está uma bagunça feia. Desculpe, senhor."

"Sim, é uma pena, Dr. Chalmers. Nós o deixamos, exatamente como o senhor instruiu", disse Shantu.

Com o rosto pálido, Chalmers assentiu, deu as costas aos homens e caminhou até sua grande janela - sua mente ainda carregada com a pesada incerteza que caracterizava cada aspecto de sua vida... e cada faceta do CRYPTOS CONUNDRUM.

9C

LANGLEY. MINTER 2O2O

DeLorno e Shantu estavam ajudando Chalmers a arrumar tudo em seu escritório. Eles notaram que ele parecia estar tendo dificuldade para decidir o que colocar onde e finalmente foi até a janela, onde ficou olhando para o céu. Trocando olhares preocupados, os dois homens se juntaram a ele.

Ainda olhando para fora, mas ciente de que o haviam flanqueado silenciosamente, Chalmers falou com uma voz suave e reflexiva. "Um bom amigo e astrofísico chamado Stephen Hawking disse, pouco antes de morrer, que a sobrevivência da humanidade a longo prazo dependeria da colonização do espaço sideral pelos seres humanos... a missão pioneira do meu Steven em Marte... pode ser..."

Suas palavras desapareceram em uma distância ainda maior do que sua visão além da janela.

"Senhor, todo mundo está torcendo pelo Coronel Chalmers e pela ASFP", disse DeLorno, "mas quando se trata de sobrevivência... ei, você já preparou as coisas no subsolo, pelo menos por enquanto, com as Citações e tudo mais".

Afastando o mau humor, Chalmers mudou seus pensamentos e se concentrou no pátio entre os dois edifícios da sede. No meio estava a enigmática estátua *de Cryptos*, esculpida por um artista já morto e há muito esquecido por todos, exceto por Chalmers.

Sua designação de segurança para a Chalmers significava que DeLorno e Shantu haviam recebido autorizações K-RED e informações selecionadas sobre os arquivos do CRYPTOS CONUNDRUM.

Profissionais altamente disciplinados e adeptos estritos do princípio da necessidade de saber, os homens nunca haviam feito perguntas adicionais a Chalmers sobre as coisas incríveis que haviam aprendido desde que começaram a trabalhar para ele, mas estavam sempre ansiosos para ouvir quando ele oferecia algo novo.

* * *

"Vocês sabem que eu coloquei uma mensagem secreta na escultura daquele artista lá embaixo."

Os dois assentiram com a cabeça. "Todos dizem que ela nunca foi decodificada", disse DeLorno.

"Ah, a mensagem do escultor, seu desafio criptográfico para a força de trabalho, acabou sendo descoberta, pelo menos em sua maior parte, mas *a minha* certamente não foi. Ninguém sabe que havia ou *há* outra mensagem... exceto agora, é claro, vocês dois."

DeLorno e Shantu reconheceram a consequência do que acabara de lhes ser dito.

Shantu não conseguiu resistir. "Puxa, por que alguém pensaria em procurar outra mensagem? Então, você está divulgando isso publicamente agora?"

"Senhor, se me permite", disse DeLorno, "acho que a verdadeira questão é por que você nos contou?"

"A existência de outro código e sua decifração serão um problema apenas se eu *não* estiver por perto. Então, no momento certo, talvez com a ajuda de vocês dois, meu filho... ou meu neto terá essa responsabilidade."

Olhando de relance um para o outro, os olhos de DeLorno e Shantu refletiram a concordância mútua de que eles deveriam se abster de mais perguntas. Eles, no entanto, tinham trabalho a fazer e começaram a empacotar o restante dos arquivos, livros e outros objetos pessoais de Chalmers que estavam sendo transferidos de seu escritório em Langley para o CSC.

* * *

Com a anarquia se espalhando por todo o país - tanto pela economia agora totalmente em colapso quanto por qualquer outra coisa - todos temiam por suas vidas e passaram a atirar primeiro e fazer perguntas depois. Até mesmo a CIA estava fechando suas portas em Langley, o que exigiu que Chalmers desocupasse as instalações. Muitos oficiais já haviam se aposentado ou simplesmente saído de Washington para um lugar menos perigoso, embora esses locais fossem cada vez mais difíceis de encontrar.

Com base nas recomendações da Chalmers, a Agência foi reorganizada e renomeada, e agora estava sendo realocada como parte do plano de contingência de Continuidade do Governo. Uma força de trabalho simplificada que

dependia principalmente de plataformas aéreas, drones nanobóticos e outras tecnologias baseadas em laser para coletar informações de segurança nacional estava sendo transferida para as instalações subterrâneas do CSC.

Com Steven agora a caminho de Marte, Chalmers havia decidido, há algum tempo, enviar Paula, Alena e Stevie para o CSC. Eles estavam alojados em segurança no alojamento da base, onde esperavam que Chalmers se juntasse a eles.

** *

"Isso é tudo, senhor", disse DeLorno, colocando uma caixa em seu carrinho de mão. Shantu já estava empurrando seu carrinho totalmente carregado para fora da porta e para o corredor. "Está na hora de irmos embora, Dr. Chalmers."

"Dê-me uma última olhada no pátio. Eu o encontrarei no elevador."

DeLorno acenou com a cabeça e saiu.

Como ele havia planejado desde o início - e como tudo o que tinha a ver com a CIA - *Cryptos* era uma mentira para criar um engano e esconder um segredo. Agora a escultura permaneceria como uma sentinela para o futuro. Quando chegasse a hora, as placas de aço com letras alfabéticas soletrariam o código final, aquele que revelaria a verdade suprema escondida no núcleo da Crystal Tabula

-que Chalmers logo transferiria para um cofre especial sob o laboratório do CSC. Era um compartimento maravilhoso no fundo da caverna que Chalmers havia descoberto há muito tempo, quando os mistérios do CRYPTOS CONUNDRUM haviam lançado sombras secretas sobre sua vida.

E a verdade suprema que Chalmers havia encontrado ainda mais profundamente no Cristal era um conjunto de instruções sobre uma máquina celestial chamada Collabros.

Ainda mais interessante era o fato de que Chalmers havia descoberto como construir o dispositivo - mas somente depois que ele ou alguém que usasse seu projeto projetasse e construísse um computador com mais sofisticação tecnológica do que a existente no momento.

Isso levaria tempo, mais do que Chalmers acreditava que ainda tinha.

Mas, uma vez que a nova ferramenta computacional - a chave - fosse cortada, Chalmers tinha certeza de que ela poderia destravar e acionar a máquina embutida do Crystal. E ele sabia que a capacidade produtiva dos Collabros faria toda a diferença no novo mundo... o que quer que restasse dele.

** *

Aceitando que seu trabalho em Langley estava terminado para sempre, Chalmers se afastou da janela, dirigiu-se ao elevador e desceu até a estação do subsolo.

Lá, ele embarcou no SpadeLiner para o CSC, o último bastião de defesa e a única esperança de sobrevivência que ele tinha para sua família, para seu país... e agora, ele temia mais do que nunca, pelo mundo.

Parte VIII

ESCURIDÃO PROFUNDA

94

CSC NÍVEL II. 15 DE MARÇO DE 2O21, MANHÃ

Observando o homem de constituição robusta e intelectualmente impressionante ler o relatório da situação, Chalmers pensou em quantas vezes havia fornecido relatórios de situação ou dado instruções a presidentes, diretores da CIA, generais e outras autoridades de alto escalão nos níveis federal e estadual. Ele nunca havia informado ninguém que, com um título designado pelo Congresso de governador do país, tivesse ocupado todos esses cargos ao mesmo tempo.

Mas, na época e nas circunstâncias atuais, o tenente-general William Walston era agora a exceção a todas as regras políticas que a democracia americana já havia conhecido. E, como Chalmers sabia, esses eram tempos excepcionais e complicados - na verdade, mais bizarros do que qualquer coisa que o general percebesse ou pudesse imaginar. Mas Bill Walston ficaria sabendo disso, pelo menos em sua maior parte, por meio das instruções que receberia em breve de Chalmers.

** *

Com a nação continuando a se desintegrar e a anarquia a todo vapor em muitas cidades grandes, o Congresso aprovou um Decreto de Segurança Nacional eufemístico que implementou a lei marcial e cedeu o controle federal a um novo e verdadeiro comandante em chefe. Esse indivíduo era o general Walston, presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior. Embora o Congresso tenha tentado colocar em sua lapela o recém-criado distintivo de governador da pátria, Walston não queria usar um terno listrado com alfinetes ou ostentar um título civil sofisticado em tempos de guerra. E ele não tolerava tolices nem tinha paciência para indecisões. Para ele, nenhuma medida era draconiana demais se fosse para salvar a nação.

"Eu sempre assumirei a liderança", disse ele certa vez em uma reunião, "mas espero muito bem que todos se alinhem atrás de mim". Naquela época, Walston sempre frequentava a sala de musculação do Pentágono, onde havia afixado um grande cartaz na parede do ginásio que dizia mais sobre sua filosofia de vida do que sobre seu credo para bombear ferro. *Exercite-se ou saia.*

Em seu novo cargo e com qualquer nome, posto ou número de série que escolhesse usar, a primeira ação oficial de Walston hoje foi receber uma instrução do Dr. Chalmers sobre o K-RED. Foi uma sessão particular, individual, que durou muito tempo e envolveu trocas animadas entre indivíduos cujo estilo pessoal e substância profissional eram diferentes, mas igualmente fortes. No processo, os dois homens estabeleceram um senso imediato de respeito mútuo, o que, por sua vez, preparou o terreno para a forte amizade que se seguiu rapidamente.

Embora espantado com as revelações dos arquivos fenomenais da CRYPTOS e da CONUNDRUM, Walston absorveu detalhes sobre o alienígena de Roswell, o Cristal do Tempo, a Iniciativa de Sobrevivência Estratégica, as Citações Subterrâneas e tudo o mais que havia aprendido, enquanto exibia a compostura disciplinada que refletia sua patente militar.

"Como soldado, sou obrigado a me preocupar mais com os aspectos de guerra nuclear e sobrevivência do CRYPTOS do que com os detalhes técnicos do negócio do CONUNDRUM, embora eu tenha algumas perguntas sobre o alienígena Jack, o Estripador e o Cristal do Tempo", disse ele a Chalmers.

Enfatizando sua inteligência e demonstração de força comprovada, Chalmers disse que o alienígena, incluindo aqueles presumivelmente semelhantes a ele nas sete espaçonaves, poderia ter um objetivo além da mera sobrevivência. "Acreditamos que eles estabeleceram colônias submarinas e podem planejar permanecer aqui permanentemente", disse ele a Walston. "É provável que cruzemos com pelo menos Jack, caso uma guerra completa nos force a entrar nas Citações, provavelmente por gerações."

Lamentando não ter tido tempo de explorar o Cristal do Tempo pessoalmente, Walston perguntou a Chalmers: "Qual foi a parte da história mais emocionante que você testemunhou até agora?"

"Ver um carpinteiro de Nazaré atravessar a água e dividir um único pão em um mar de humanidade faminta." A resposta de Chalmers causou arrepios na espinha de Walston e abriu uma porta de entrada para novas perguntas. Mas o tempo era curto. O general precisava de respostas e soluções para questões seculares, de combate, e não espirituais.

"Podem ser a mesma coisa", Chalmers lhe diria mais tarde.

CSC. 27 DE SETEMBRO, SEGUNDA-FEIRA

Os eventos subsequentes com a China e o General Zhang aceleraram os preparativos de Walston para o que ele agora sabia ser uma *guerra inevitável com os chineses*.

Washington havia declarado repetidamente sua política de apoio a Taiwan, enfatizando a recusa americana em tolerar a intervenção de forças externas na nação democrática da ilha. Seguindo as informações anteriores da CIA de que uma tomada de poder era iminente, Zhang fez mais do que enviar tropas de "manutenção da paz" para Taiwan. Ele também começou a anexar partes da Indonésia e da Coreia do Norte, declarando publicamente que a Coreia do Sul seria a próxima. Além disso, ao saber que o General Walston havia assumido o poder marcial em Washington, Zhang prometeu lançar um ataque nuclear preventivo contra os Estados Unidos, ou talvez apenas invadir a Califórnia, se Walston interferisse na "Grande Marcha" de Zhang - sua versão do Destino Manifesto da China para a Orla do Pacífico.

Ele havia enviado um telegrama a Walston: "Não fique em meu caminho".

"Então, não venha em minha direção", respondeu Walston, que, por sua vez, disse a Chalmers: "Aquele filho da mãe de olhos puxados é realmente louco, não é?"

Chalmers assentiu com a cabeça, compartilhando sua observação de que o mundo inteiro estava dominado pela insanidade. Ele também admitiu sua angústia em relação à triagem da tomada de decisões durante a guerra, fornecendo detalhes sobre seu processo de seleção de vários milhões de pessoas com base em genética, inteligência e habilidades tecnológicas e práticas de continuidade... aqueles que teriam permissão para se refugiar nas Citações, enquanto os que estavam acima seriam condenados a se defender sozinhos.

"Você não é o único a tomar decisões de vida ou morte, Jonathan", respondeu Walston. "Estamos à beira de uma guerra civil e de uma guerra nuclear ao mesmo tempo, e pretendo vencer as duas... ou pelo menos matar todo mundo que usa um uniforme diferente no processo de derrota."

28 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA DE MANHÃ

Ao terminar o sitrep de hoje, Walston jogou seus óculos de leitura sobre a mesa. "Israel bombardeia outra usina nuclear iraniana. O tirano de Teerã que finalmente derrubou o imbecil do Ahmadinejad, e que atualmente está muito ocupado matando todos que tentam assassiná-lo, por sua vez, conseguiu encontrar tempo para anunciar outro contra-ataque contra Jerusalém." Agora ele deixou cair o

sitrep em cima de seus óculos e olhou para Chalmers, que podia ver a frustração cansada nos olhos do general.

"John, apesar de você ter dito que levará mais um ano até que tudo no subsolo esteja completamente on-line, acho que temos que ir com tudo na seleção final dos candidatos."

"Eu concordo. Será um processo demorado para informar e depois transferir, talvez até forçando os selecionados a irem para seus abrigos designados. O país já está bastante assustado."

"Bem, a corrida é para os velozes e a batalha para os fortes", disse Walston. "Espero que não tenhamos ficado sem tempo e que as coisas não se compliquem ainda mais."

"Bill, receio que você tenha citado Eclesiastes de forma errada." "Ah, e você conhece a Bíblia tão bem assim?"

Chalmers sorriu. "Capítulo e versículo. Nove, e de onze a doze, neste caso."

Walston acenou com a cabeça. "Então, que eu seja corrigido. Vamos ouvir."

"A corrida *não é* para os velozes *nem* a batalha para os fortes", citou Chalmers, "e, em paráfrase, continua dizendo que o tempo e o acaso acontecem a todos, com os filhos dos homens enredados por tempos ruins que caem inesperadamente sobre eles."

"Para um suposto Livro Bom, ele tem muitas coisas ruins a dizer, não é?"

"Sim, e infelizmente algo *inesperado* está prestes a acabar com sua esperança de que as coisas não fiquem ainda mais complicadas." Chalmers deslizou pela mesa uma pasta que lhe havia sido entregue minutos atrás por seu assistente, que havia entrado na sala de reuniões e saído imediatamente. "Precisamos discutir algumas fotos da NASA."

"A missão em Marte? Nada sério sobre seu filho, espero."

"Não, mas obrigado por seu primeiro pensamento ser uma preocupação com Steven." "Com razão, ele é um soldado e explorador. Um herói nacional. Certamente para para mim."

Reconhecendo o comentário do general, Chalmers prosseguiu imediatamente. Ele explicou que as fotos envolviam exploração *e* descoberta - bem como outro tipo de informação, uma que Chalmers acreditava que Walston acharia mais incrível do que qualquer coisa que ele tivesse ouvido até agora sobre o CRYPTOS CONUNDRUM. E uma que Chalmers sabia que simplesmente não poderia explicar completamente ao general.

95

CSC. MOMENTOS DEPOIS

Walston estudou as fotos enquanto Chalmers explicava o contexto da nuvem cósmica - ou nebulosa maciça de gás estelar, como o Dr. Stern a havia chamado quando seu Departamento de Astrofísica em Cornell analisou as primeiras fotos do Telescópio Espacial Hubble da anomalia transitória do espaço profundo tiradas há muitos anos. Colocar Walston a par da situação trouxe de volta lembranças pessoais de Stern. Chalmers ainda sentia falta de seu amigo, perdido há muito tempo em uma dolorosa batalha contra o câncer.

"Então, Stern e você observaram todos esses anos o HST rastrear essa nuvem entrando e saindo de diferentes buracos negros, e agora a NASA descobriu de repente..."

"Ela está adiantada em relação ao cronograma de chegada que Stern calculou originalmente, mas ainda está no curso que ele projetou."

"Júpiter."

Chalmers respirou fundo. "Sim, senhor... para começar."

"O que isso significa?"

"Que a nuvem... ou o enxame, como eu o conheço, está se dirigindo para nós, para a Terra."

"'Enxame'? O que significa *isso* e como Stern calculou que estava vindo em nossa direção?"

"Só eu sei o destino e o propósito dessa coisa." "Então agora é

uma coisa, quer dizer, como algo..."

"Sim, vivo e, sem dúvida, senciente, bem fixado em seu propósito e intenção."

"Dr. Chalmers, não é que tudo o que aprendi desde que o conheci não tenha sido bizarro demais, mas tenho que lhe dizer que isso é

mais chocante do que todas as outras coisas do CRYPTOS CONUNDRUM juntas. Como meu chefe de inteligência, quero que me dê os cinco *W*'s em uma frase".

* * *

Chalmers sabia que Walston queria saber quem, o quê, quando, onde e por quê das fotos da NASA. Chalmers também sabia que havia um sexto *W,* a fonte das informações que ele não queria revelar, pois, assim como ele próprio sempre se preocupou, Chalmers achava que o General Walston poderia acreditar que seu principal conselheiro tinha pensamentos delirantes e, portanto, um julgamento não confiável. Agora não era o momento de diminuir a confiança que Walston tinha no fato de ser o comandante em chefe.

Portanto, para responder a essa pergunta, Chalmers recorreu às táticas padrão da CIA.

Ele mentiu.

Explicou que havia concentrado o DMT-9000 - uma modalidade Tezarmétrica DigiMiscível que Chalmers e sua equipe haviam projetado a partir da série de computadores Vortax da CIA, agora ultrapassada - em uma nova região do Cristal, onde ele havia descoberto, e o DMT havia traduzido posteriormente, o diário histórico da nave Roswell.

Desde o início do aparecimento do Cristal no laboratório, e com todos que trabalharam em sua análise ultra-secreta, Chalmers sempre disse que o Cristal havia sido encontrado no local de Roswell. Somente Paula sabia o que Chalmers acreditava ser a verdadeira origem do Cristal Tabula no Tutorium, bem como as revelações sobre a vida de Chalmers e o trágico destino do mundo que a samaritana número um havia compartilhado na noite em que Won se espalhou pela janela do quarto de Chalmers.

* * *

"Então, você está me dizendo que essa nuvem é uma criatura viva, algum tipo de *quê*... um esquadrão galáctico que está no encalço de Jack, ou do resto de seus amigos alienígenas, e que eles, ou qualquer tipo de monstro cômico que seja, vão engolir nosso mundo para assassinar alguém de seu próprio outro mundo - e tudo isso está a apenas dez ou doze semanas de distância?

"Você queria todos os *W*'s em uma frase."

Fazendo um gesto infeliz com as mãos, Walston disse: "Acho que é seguro assumir que isso representa uma *grande* complicação para a bagunça que já criamos para nós mesmos na Mãe Terra".

criamos para nós mesmos na Mãe Terra".

Lembrando-se de como o samaritano havia imaginado mentalmente a situação para ele, Chalmers assentiu.

"General Walston, nada do que você aprendeu nos últimos meses que tenha parecido inacreditável ou impossível se compara ao que enfrentaremos, mesmo que de alguma forma evitemos o apocalipse iminente de uma terceira guerra mundial. Não posso revelar minha fonte, mas eu vi... chamo isso de um tipo especial de retrato visual desse enxame, e eu lhe digo que é horripilante além de qualquer articulação."

"John, acredito em você, mas estamos próximos, *muito* próximos, receio, do único tipo de guerra para a qual eu também tenho uma representação visual, portanto, vamos tratar das coisas mais importantes primeiro - a nuvem em forma de cogumelo. Seguiremos em frente conforme planejado e, se Deus estiver do nosso lado e tudo o que você fez ao criar as Citações se confirmar, talvez também haja uma chance de lutar para evitar a nuvem do juízo final que vem em nossa direção."

Sim, se Deus estiver do nosso lado, pensou Chalmers ao deixar o centro de comando.

Sem saber exatamente quanto tempo lhe restava, ele queria passar o máximo possível com a esposa e o neto.

96

CSC. 11 DE OUTUBRO, SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ

Stevie acompanhou seu avô até o escritório construído há mais de setenta anos, após a descoberta da caverna sob o Edifício W01. Embora redecorado várias vezes desde então, o santuário de Chalmers - como ele sempre o chamou - ainda estava na passarela elevada acima do tanque criogênico onde o ovo de cadáver alienígena havia sido chocado.

Mas agora, em vez de ficar de frente para uma enorme câmara de estalactites antes perdida nas profundezas da escuridão, as janelas do santuário davam para uma enorme estação de trem iluminada. Olhando para além dela e para a distância cavernosa, Chalmers e Stevie viram uma cidade de arranha-céus também iluminada e movimentada, com operários dando os últimos retoques em lojas, apartamentos e fábricas, enquanto cidadãos selecionados chegavam.

"Muitas mudanças desde a última vez que verificamos a construção, não é?"

"Ainda me parece um holomaz Z-D em meu pod de jogo digavu", disse Stevie com um tom casual de sofisticação tecnológica que reflete a inteligência aguçada do jovem. "Então, vamos ficar aqui embaixo o tempo todo que o papai estiver no espaço, vovô?"

"Por um tempo, amigo, com certeza, mas seu pai não vai ficar fora por muito tempo." "Vamos, vovô, ele está indo para Marte, não está pegando o SpadeLiner para Oyster Bay." O garoto ficou reflexivo por um segundo. "Sabe, não vamos lá há muito tempo, quero dizer, toda a família e tudo mais. Sinto falta da praia e daquele velho farol."

"Os tempos mudaram um pouco em Nova York... e a viagem de ida e volta a Marte também, desde que seu avô aqui, junto com minha equipe técnica, ajudou a NASA a aumentar a velocidade do motor do foguete de seu pai."

"O Aurora Pulse Engine", disse o garoto com orgulho. "Papai me explicou."

Chalmers despenteou o cabelo do jovem. "Sim, mostra que você é tão inteligente quanto ele."

"Obrigado por tornar a viagem dele mais curta, vovô", disse Stevie enquanto abraçava Chalmers com força. "Eu o amo e estou feliz por estar aqui com você e a vovó."

"Também amo vocês. Vamos nos manter ocupados, nos divertir e aposto que meu filho voltará para ver o filho dele mais rápido do que um piscar de olhos."

* * *

Ciente das estranhas sensações em seu coração, alma e ossos - funções do tempo, como ele as considerava ultimamente -, Chalmers instruiu DeLorno e Shantu a levarem Stevie para a superfície. Em seguida, ele foi para o laboratório e, depois de dispensar todos os presentes, retirou o Cristal do Tempo de seu gabinete metálico.

Então, com um esforço considerável - porque nos últimos dias seus ossos velhos tinham começado a lhe causar dor e ele sentia que sua força física também diminuía - ele entrou em um obscuro corredor de pedra logo após o laboratório e seguiu por um caminho iluminado por uma lanterna de mão. Ele era o único, por enquanto, que sabia que essa passagem existia.

Ele sabia que levaria apenas alguns minutos para chegar ao fundo e voltar.

** *

Acima do solo, no pequeno pátio de seus alojamentos temporários no complexo do CSC, fortemente vigiado, Paula e Alena faziam planos para o piquenique de amanhã.

"Este pode ser o último", disse Paula, "antes de nos mudarmos para o condomínio Citation. Quero que seja uma verdadeira recordação, especialmente porque a previsão é de mais sol."

"Definitivamente, é algo para ser realizado ao ar livre, que é onde Stevie precisa estar agora, aqui fora brincando enquanto pode, em vez de lá embaixo com o vovô. Eles, nós e todos os outros terão muito disso, possivelmente uma vida inteira, quando a sirene tocar."

Paula deu um tapinha na mão de Alena. "Jonathan passou muito tempo lá embaixo durante todos esses anos, preparando-se para esse momento. Deus abençoe seus ossos envelhecidos, ele provavelmente me tornará uma viúva triste em breve."

"Não diga isso, Paula, pois isso também me deixará triste. Além disso, já sou uma viúva espacial. Você sabe o pouco tempo que tive com *meu* marido nos últimos cinco anos. E quanto da preciosa vida de seu filho, o famoso Coronel Steve, perdeu voando para a NASA. Sei que ele é um herói, para ninguém mais do que eu", disse Alena com um soluço, "mas ele deveria estar aqui com a família, especialmente agora que estamos à beira de sabe-se lá o quê".

Igualmente assustada com o futuro, Paula abraçou a nora. "Querida, nossa única opção é nos agarrarmos bem e nos mantermos firmes para salvar nossa vida."

97

ESCRITÓRIO DE CHALMERS. MESMO DIA, 1615 HORAS

Com Stevie agora no topo e seu esquadrão - como Chalmers pensou em DeLorno e Shantu - lá embaixo ao seu lado, ele e os dois homens robustos deixaram o escritório do pórtico e pegaram a escada rolante mais abaixo, onde Chalmers tinha outro escritório particular. Esse escritório era menor e ficava ao lado do enorme Centro de Comando, onde o General Walston estava coordenando com as bases militares americanas ainda ativas na superfície.

Ao entrar em seu escritório, Chalmers foi recebido por seu novo assistente, Clifford Monroe, que havia sido enviado por Walston para encontrar o Dr. Chalmers. Em sua mão, Monroe segurava uma pasta lacrada e listrada de vermelho, marcada SCI/ZARZ-Eyes *Only*- CHALMERS-SSPL/NY.

"Para você", disse Monroe, entregando a pasta ao seu chefe. "Chegou do laboratório de astrofísica em Cornell. O general queria que eu o atualizasse sobre os últimos desenvolvimentos em outra questão. Devo fazer isso ou você quer ler seu documento primeiro?"

"Informações do Walston."

"Um porta-aviões chinês saiu de Cingapura em direção ao sul", disse Monroe, olhando para o pedaço de papel em sua mão que continha as anotações de Walston. "Ele está carregado com bombardeiros furtivos S-80 Dragon Claw e uma frota de apoio de destróieres com mísseis Tang... com ogivas nucleares." Monroe acrescentou que Pequim havia avisado Walston de última hora que eles estariam realizando exercícios de treinamento no Mar de Timor, ao norte da Austrália. E Zhang havia declarado enfaticamente que não abordaria nenhuma interferência de Walston. "Senhor, os silos ICMB da Red Storm em toda a China continental estão mostrando telemetrias de ativação", continuou Monroe. "Esperamos que seja apenas mais um desabafo, como já vimos antes."

"No ano passado, Zhang disse que sua marinha estava realizando exercícios de treinamento no Estreito da Malásia, e a China acabou com uma base permanente em Cingapura", disse Mike DeLorno, tentando ser informativo e útil. "Será que o General Walston colocará um fim nos dominós que estão caindo desta vez, Dr. Chalmers?"

"Tarde demais para isso agora, Mike", disse Chalmers, abrindo a pasta. "Os australianos provavelmente terão..."

Ao ver o que havia lá dentro, ele parou abruptamente e se sentou, com o rosto pálido.

"Senhor, o que é isso?", perguntou Monroe.

"Você está bem?", acrescentou DeLorno, indo para o lado de Chalmers, onde ele agora podia ver que havia fotos na pasta aberta.

Chalmers olhou para cima, não para os dois homens, mas *através* deles, e quando falou, sua voz era distante, como um trovão fraco em uma nuvem de tempestade ainda distante n o horizonte noturno. "Outro conjunto de fotos. A nebulosa atravessou Saturno em seu caminho para Júpiter."

Monroe e DeLorno trocaram olhares. "Senhor, uma nebulosa... do que você está falando?", perguntou Monroe, que, apesar de ser o assistente de Chalmers, não havia sido informado sobre a nuvem do juízo final que se dirigia à Terra. Walston havia tomado a decisão de manter esse compartimento em segredo até o último momento.

Chalmers leu o relatório escrito do Laboratório de Física Espacial Stern em uma questão de segundos dolorosos. Grande parte do sistema de anéis ao redor de Saturno havia sido deslocada - ou mastigada, como só Chalmers saberia - pela nuvem. Simulações comparativas estavam sendo executadas pelo SSPL para determinar que tipo de anomalias orbitais ou gravitacionais poderiam ocorrer e se, algum dia, elas poderiam causar ataques de asteroides aqui. Havia também a questão relacionada aos rasgos gigantes nas camadas profundas de gás de Júpiter quando a nuvem passou por ele - também tendo se alimentado, segundo Chalmers, de qualquer coisa comestível.

* * *

"Voracianos", disse Chalmers com voz

rouca.

" D e s c u l p e - m e , Dr. Chalmers... *Por um shuns*?", disse Monroe. "Não estou e n t e n d e n d o ..."

"Oh, Steven, meu Deus, não", gemeu Chalmers em uma angústia crua. "Vou chamar os médicos", disse DeLorno a Monroe.

De repente, Chalmers fez contato visual direto com os dois homens e ergueu os ombros enquanto respirava fundo e se acalmava. "Nada de médicos. Vocês aprenderão sobre tudo isso mais tarde."

"O que posso fazer por você agora, senhor?" perguntou DeLorno.

"Vá procurar Paula, traga-a até mim, mas não diga nada disso a ela, certifique-se de que Stevie fique com a mãe e não a alarme também." Ele olhou para Monroe. "Cliff, diga ao general que irei vê-lo em alguns instantes depois de falar com minha esposa sobre... um grave problema familiar."

* * *

Quando os dois homens deixaram a sala, Chalmers deu uma última olhada nas fotos restantes na parte inferior da pilha. Tiradas pela tripulação da Aurora e transmitidas segundos antes de o casco da nave ser rompido, elas forneciam detalhes ampliados dos voracianos. E confirmavam o que Chalmers havia aprendido com o Samaritan: essas criaturas eram uma lama de terror cósmico imparável e insaciável, uma força de alimentação que era a morte galáctica encarnada. Pior do que em sua mente analítica, ele sabia, em seu coração raramente expresso, mas profundamente emocionado, o que havia acontecido com Steven e a tripulação.

Ele nunca contaria a Paula os detalhes horríveis, mas também nunca poderia expurgar de sua alma a descrição vívida de um voraciano que lhe foi transmitida naquela noite pelo samaritano.

Chalmers sabia que os astronautas da Aurora haviam sido consumidos por organismos microscópicos - voracianos com o fervor alimentar de piranhas capazes de desnudar qualquer coisa animada ou inanimada, independentemente do tamanho. O método voraciano de devorar a carne humana era gigantescamente horrível. O contato com esses alienígenas fazia com que o corpo de suas vítimas se transformasse em um milhão de pústulas, expelindo restos liquefeitos que não tinham tempo nem de se empoçar antes de serem consumidos pelos invasores frenéticos.

** *

Ele se sentou, incapaz de sentir qualquer coisa agora, depois de fazer o que Paula sempre o repreendeu por recorrer com frequência em sua vida profissional - concentrar-se em uma tarefa empírica a tal ponto que fechou as portas emocionais de seu coração.

seu coração. Ele precisava do entorpecimento agora, embora soubesse por experiência própria que não duraria muito.

Mas era melhor se dar ao luxo de desmoronar mais tarde.

Quan Shantu bateu à porta e entrou no escritório timidamente, já informado por DeLorno de que seu chefe havia sofrido algum tipo de incidente emocional minutos antes. "Algumas informações adicionais, mas... uh... não relacionadas", disse ele, entregando um arquivo com relatórios que ele explicou terem vindo de estações de radar de várias bases aéreas dos EUA e que haviam sido confirmados por torres de controle em alguns aeroportos comerciais que ainda lidavam com viagens internacionais de passageiros.

Chalmers abriu, leu e fechou o arquivo em segundos.

"Obrigado, Quan. Isso é tudo."

Essas novas informações não tinham nenhuma importância para Chalmers, tendo em vista a morte de seu filho, mas eram uma distração oportuna. Ele notou que algumas das peças finais do quebra-cabeça agora se encaixavam no mosaico geral. Elas tinham a ver com uma onda de avistamentos de OVNIs - uma formação de sete naves cruzando o céu e além da órbita da Terra.

Ratos abandonando o navio que está afundando, pensou Chalmers. Fiverianos se levantando da mesa de jantar antes que os voracianos cheguem para se empanturrar.

Além do fato angustiante de que Steven estava morto, Chalmers sabia que todos em Roswell, no Novo México, e em Tidewater, na Virgínia, também estariam, porque foi lá que os fiverianos caíram originalmente e para onde seus restos mortais foram levados, para onde o rastro do "cheiro" havia levado os rastreadores.

Mexendo nas teclas de seu teclado DMT-9000, Chalmers recalculou que a força mortal dos voracianos estava a nove dias de distância.

E, em uma das poucas ocasiões em seus cento e trinta e um anos de vida, o Dr. Jonathan Chalmers estava errado.

98

CENTRO DE COMANDO DO CSC. 17CO HORAS

Walston ainda estava processando as informações atualizadas sobre as nebulosas e a matriz de fotos. Atônito com a perda do Coronel Chalmers, o coração do general também doía com a dor do pai. Ele procurou por palavras de condolências, sabendo que não havia nenhuma.

"O céu está escurecendo como uma mancha, algo vai cair como chuva", disse ele por impulso. "Não conheço muitas citações, mas essa parece cobrir todas as bases."

"Estou impressionado, Bill. Você sabe quem escreveu essa frase?"

Walston indicou que não.

"Por motivos que não são importantes aqui, gosto de nomes com *W*." Sem saber o que isso significava, Walston simplesmente deu de ombros.

"O poeta W. H. Auden escreveu muitas vezes sobre a relação entre os seres humanos e o mundo impessoal da natureza. Você escolheu uma citação apropriada e muito apreciada - para mim e para todos os outros que serão afetados pelo que o céu traz... de uma forma ou de outra. Já resolvi a dor pessoal sobre meu filho, portanto, vamos voltar ao trabalho."

"Concordo. Estou rescindindo as advertências sobre a compartimentação do K-RED. É hora de atualizar toda a equipe. Todos já estão em modo de trabalho duplo para um ataque nuclear. A nebulosa será apenas mais uma bola crítica para fazer malabarismos neste circo de última hora."

99

CENTRO DE COMANDO. SEXTA-FEIRA, O745 HORAS

Foram longos dias e noites de novos preparativos apressados. Como todos sabiam, no processo, tudo em todas as frentes havia se deteriorado ainda mais.

"Aumento dos ataques já nesta manhã pela UJF e HLM, guerra nuclear com a China a qualquer momento e os Estados Unidos enfrentando uma invasão iminente de assassinos alienígenas espaciais", disse Monroe, ainda atordoado, como todo mundo, com o resumo atualizado do K-RED que haviam recebido. "É como um filme de Hollywood - uma maldita história de terror."

"Jack e os Fiverians estão conosco de forma notavelmente discreta há mais de sessenta anos", disse Chalmers. "Provavelmente sempre houve uma realidade de bomba-relógio na situação. Acredito que tudo o que está acontecendo agora era inevitável... provavelmente planejado."

"Antes de ouvir falar do CRYPTOS CONUNDRUM", disse Monroe, "eu tinha visto documentários e lido livros de Stern, Asimov e outros. A ideia de alienígenas espaciais era fascinante, mas parecia apenas um material assustador para filmes de ficção científica, nunca uma ameaça real."

"Parte do plano de design", disse Chalmers. "Propaganda, desinformação, controle da mente. Coisas que a antiga CIA fazia muito bem."

* * *

Ao terminar sua ligação telefônica, Walston girou em sua cadeira para ficar de frente para os outros. "A Guarda Nacional está enfrentando mais resistência de realocação de alguns dos selecionados do que previámos."

"Eu sabia desde o início que isso seria como manter o animal de estimação da família calmo e confortável antes da eutanásia", disse Chalmers. "O absurdo prima facie

O absurdo prima facie, se não a insanidade, da premissa é evidente, mas, ainda assim, nosso objetivo é fazer com que esses preparativos, até mesmo o evento em si, sejam o menos alarmantes possível."

"Evitar o pânico e salvar o maior número possível de pessoas que ainda não estão dentro e que *não podem* ter acesso às Citações", acrescentou Walston.

"Exatamente. Podemos fazer isso repetindo o estratagema usado em Roswell em 1947." "E isso seria o quê, Dr. Chalmers, para aqueles de nós cujos pais pais ainda nem tinham nascido?", perguntou DeLorno.

Chalmers sorriu. "Chamar a nova chegada alienígena por um nome científico benigno."

"Um balão meteorológico", disse Monroe.

Chalmers balançou a cabeça. "Uma anomalia de poeira espacial boreal."

"Brilhante", disse Walston. "BSD... engano de besteira. Linguisticamente brilhante."

"General, também recomendo lidar com a defesa civil da BSD como se fosse uma parte auxiliar da atual ativação da fase final das Citações. Mesmo que a maioria das pessoas não tenha sido selecionada para refúgios subterrâneos, elas aceitaram seu status de exclusão de segunda classe."

Walston concordou com a cabeça.

Chalmers continuou. "O estado mental atual do público é a negação - uma crença de que os Estados Unidos, de alguma forma, evitarão uma guerra nuclear com a China, e os terroristas da UJF, os separatistas da HLM e os saqueadores em pânico finalmente recuperarão a razão. Todos lá em cima acreditam que os habitantes do subterrâneo voltarão à superfície e a vida voltará ao normal."

"Uma avaliação dura, embora eu certamente concorde com ela", disse Walston. "Acredito que também há uma medida de autodefesa mais empírica que podemos tentar,
mas eu confio em sua experiência em combate, General."

"Estou aberto a toda e qualquer recomendação, Dr. Chalmers."

"Qual seu nível de conhecimento sobre a mitologia nórdica, especificamente sobre o martelo de Thor?"

"Os Walstons são escandinavos criados a partir de pagãos germânicos. Sei tudo sobre Thor e sei exatamente do que você está falando. E serei um filho da puta se não achar que isso pode funcionar."

Como Chalmers e Walston sabiam, o Thor 2MPD era um sistema de entrega de carga útil múltipla e multifuncional, originalmente projetado como uma arma estratégica ICBM

estratégico, matador de satélites e destruidor de asteroides no espaço profundo - a última tática originalmente concebida por Walt Stern.

* * *

Walston entendeu o que precisava ser feito e deu a ordem.

"Quero uma dúzia de Thor 2s reconfigurados mais rápido do que ontem. Programe-os para espalhar uma parede defensiva de explosões nucleares coordenadas que destruirão a "poeira espacial" antes que ela entre na atmosfera. O sequenciamento do lançamento ocorrerá via NATSECLINK. Pessoal, não há tolerância zero para atrasos ou falhas."

Incapaz de fornecer mais assistência técnica a Walston nessa iniciativa, Chalmers só podia confiar que as engrenagens de coordenação se encaixariam entre os lançadores de mísseis no National Security Command and Control Communications Link. No entanto, havia uma função analítica estratégica para ele como consultor de inteligência de Walston... e uma nova informação de inteligência - interceptada dos chineses - sobre a qual Chalmers precisava informá-lo.

Chalmers achou melhor ter *essa* discussão em particular.

* * *

"É incrível. Nenhum outro país parece ter descoberto a massa alienígena que está chegando, e é inútil informá-los agora", disse Chalmers, "porque nenhum país tecnicamente capaz de ajudar a defender os Estados Unidos dos voracianos provavelmente reduzirá seu esforço nacional contínuo para nos destruir".

Walston bufou de desgosto. "É hora de usar a outra citação que conheço: o inimigo do meu inimigo é meu amigo."

"Certo. Os chineses não nos ajudariam agora, mas o que você precisa ter em mente é que a China acredita que fizemos mais do que construir um abrigo nacional contra precipitação radioativa, um escudo *defensivo* para um futuro ataque de algum inimigo."

"O que eles acham que é, se não defensivo?"

Referindo-se às interceptações de hoje da rede 3C da China - sistemas de comando, controle e comunicações - Chalmers explicou a Walston que o general Zhang acreditava que as medidas defensivas externas dos Estados Unidos não tinham nada a ver com ataques terroristas da UJF, insurgência do HLM ou outra violência doméstica. Zhang acreditava que o baluarte defensivo era um elemento de apoio à agenda de Washington - e agora General pessoal de Walston para parar

as incursões contínuas da China na Indonésia, lançando uma ofensiva preventiva *ofensiva preventiva* contra Zhang e suas forças.

"O desgraçado já está indo em direção à Austrália, já ameaçou nos bombardear ou nos invadir. O que exatamente ele acha que podemos estar pensando sobre ele?"

"Esse é o primeiro problema real. Zhang *quer que* nós o ataquemos e ele *quer* nos atacar... não se importa com quem dá o primeiro passo, mas com certeza está planejando o seu agora. Temos tudo gravado e acabei de ouvi-lo - passei sua voz pela matriz de avaliação psicométrica do DMT. Bill, o homem é totalmente insano... socialmente suicida, pelo menos no sentido de levar seu país a uma guerra em que todos perdem."

"Está bem, o cabeça de merda é louco. Entendi. Qualquer um é louco quando quer lutar em uma guerra, e neste momento isso me inclui. Então, se esse é o *primeiro,* qual é o *próximo* problema real?"

"Se lançarmos os Thor 2s, Zhang pensará - sem saber nem se importar com a nebulosa - que demos o primeiro passo, o que o levará a dar o segundo."

"Bem, John, de qualquer forma, estamos ferrados, então eu digo: Vamos *ao jogo.* Você e eu vamos dividir e conquistar as nuvens. Você se concentra na alienígena, eu cuido do cogumelo."

100

BUNKER DE COMANDO DE CITAÇÃO. 7 DE DEZEMBRO DE 2O21, 16OO HORAS

Chalmers examinou seu domínio no CCB - um átrio de vidro banhado em luz verde neon e construído dentro de uma caverna gigante, com o teto de catedral adornado com estalactites com lustres.

Também pendurado, e lembrando um placar da quadra central, havia um monitor de gás xenônio de quatro lados. Uma falange de ITPs, processadores de tecnologia da informação, analisava dados em suas estações de trabalho, que Chalmers havia projetado originalmente nos terraços de pedra existentes para maximizar o espaço vertical. Outros módulos de trabalho estavam pendurados em conjuntos de guindastes em balanço, perfurados nas paredes de rocha. Todas as estações elevadas foram conectadas por um sistema de pórticos cruzados, atendidos por um elevador de gaiola aberta de núcleo central.

O poder computacional do CCB era o auge da tecnologia absoluta - grande parte dela projetada por Chalmers e toda ela resultado de sua presciência sobre o futuro... e de sua busca para estar pronto para a chegada dele. Com essa tecnologia, ele deveria ser capaz de monitorar, avaliar e responder a qualquer exigência. No entanto, naquele momento, Chalmers questionou se ele tinha ferramentas suficientes para lidar com os voracianos, para salvar o país de sua morte em massa.

Outros técnicos, que Walston e Chalmers haviam liberado para as contramedidas defensivas do BSD, coordenaram as atividades de última hora pelo NATSECLINK, que incluía a CIA, a FEMA e o SMLC, o local do Comando de Lançamento de Mísseis Estratégicos do Departamento de Defesa em Fort Madison, Iowa.

162O HORAS

Pego completamente de surpresa, o NATSECLINK se esforçou para ativar o sistema nacional de alerta da defesa civil, planejado para amanhã, quando Chalmers calculou que havia uma janela adicional de 72 horas para que as pessoas que estavam acima do solo procurassem abrigo.

Felizmente, mais de noventa e cinco por cento dos selecionados - aqueles vinte milhões que se qualificaram para a admissão de contingência no Citations - já estavam no local. Restavam, no entanto, mais de trezentos e quarenta milhões de pessoas para entrar em pânico, o que Chalmers havia tentado evitar durante décadas, mesmo tendo se preparado secretamente para o pior.

16C5 HORAS

Os Thors estavam prontos para o lançamento, mas, de repente, o invasor alienígena já estava em uma descida em espiral de um redemoinho pela camada externa da atmosfera da Terra. Walston deu a ordem para "lançar os martelos", mas era tarde demais, como todos puderam ver no monitor do CCB.

O link de vídeo ao vivo era uma imagem composta em 3-D de satélites de mapeamento, plataformas de coleta de inteligência, monitores atmosféricos da NASA, orbitadores de retransmissão de TV comercial, meteorologia Doppler e radar da FAA, até mesmo MapQuest e Google Earth.

Para Chalmers, a visão era satânica, a escala absoluta de seu horror superava tudo o que ele havia se preparado para testemunhar. Com repulsa e espanto, ele observou o magma voraciano se dividir em duas monstruosas nuvens em forma de funil - os pontos de impacto calculados pelo DMT eram Roswell e Tidewater, exatamente como ele havia imaginado corretamente antes.

1642 HORAS

De repente, Chalmers pensou nas massas gêmeas como baldes de água negra de esgoto que haviam sido despejados de uma varanda e espirrados em um pátio. Respondendo instantaneamente à tarefa de Chalmers, seu monitor DMT renderizou em grade as nuvens em um holomastro 3-D sobreposto com uma matriz de teia de aranha de cálculos quânticos.

"É como se toda a água dos Grandes Lagos estivesse caindo em duas cascatas estupendas de lodo infeccioso", disse ele a Walston.

Chalmers continuou a acariciar o teclado virtual vermelho brilhante que flutuava à sua frente. Seus dedos roçaram em grupos de teclas holográficas iluminadas por laser enquanto ele conduzia sondagens analíticas adicionais no

Massa voraciana. Um transceptor de halo virtual da Aurocom circundava eletronicamente sua cabeça e lhe dava telemetria completa e conexão de comunicação com todos os consoles do ITP.

"Integração de fase completa", ele ordenou.

Ele e todos os outros observaram os dados interpretativos do AIQ piscando em um banco adicional de telas gástricas embutidas nas paredes de vidro. Chalmers estava particularmente interessado na composição biométrica da força invasora.

"Coloque um único organismo em um suporte e me dê um foco tático de cinco x". A tela de vídeo do teto piscou e depois se apagou.

"O que aconteceu com o OptiCon?

"Desculpe, senhor, o controle óptico perdeu a estabilidade do sinal", disse um dos técnicos. "Estamos registrando um distúrbio atmosférico", disse outro técnico de IP.

Avaliando que se tratava de algum tipo de anomalia causada pela velocidade eletrolítica dos funis, Chalmers analisou os números e apresentou às operações técnicas uma possível solução. Felizmente, o DMT-9000, já carregado de dados, continuou a projetar informações.

"É um vírus", disse Chalmers a Walston, "provavelmente do tamanho de uma partícula subatômica, originalmente. Imagino que, depois de ingerir a civilização fiveriana, ele ganhou força e massa suficientes para perseguir os poucos fiverianos restantes que fugiram para cá... talvez, agora parece, para nos avisar."

"Bem, eu gostaria que alguém tivesse escutado naquela época", disse Walston. Chalmers continuou a refinar as informações que recebeu de sua equipe de IP.

"Acredito que, mesmo enquanto rastreavam suas presas aqui, os voracianos continuaram a se alimentar no espaço sideral", disse Chalmers, observando uma representação holográfica se materializar na tela. "Mas veja só, mesmo quando eles descem em espiral sobre nós, cada alienígena celular tem apenas o tamanho de uma pulga."

"Então, quão ruins eles podem ser?", perguntou Walston.

Chalmers apertou mais teclas e leu o novo resultado. "Muito ruins. Cada um tem uma toxicidade viral comprimida igual a uma tonelada de infecção por *Staphylococcus*."

"Como uma fasceíte necrosante", disse Monroe. "Uma doença que come carne." "Ela vai crescer agora que está aqui?", perguntou Quan Shantu.

"Meu Deus, vejam só", exclamou Walston quando o vídeo ao vivo voltou a aparecer de repente nas telas do teto.

101

CCB. 1645 HORAS

"A paisagem em ambas as zonas de impacto está completamente desnudada", disse Walston. "Prédios, veículos e tudo o que foi feito pelo homem está marcado. Como se

Como se tudo tivesse sido jateado com areia", disse Monroe.

"Todos esses são poços de alimentação microbiana, onde os minerais e outros oligoelementos digeríveis foram acidificados", disse Chalmers, obtendo mais imagens na tela. "Mas este é o pós-solo zero, onde os voracianos *estiveram*. OptiCon, me dê um impulso radial de três pontos. Vamos ver onde eles estão agora."

"Entendido. Aumento de três, senhor."

As câmeras remotas escanearam, fixaram as novas coordenadas de GPS e capturaram as primeiras imagens de pessoas desabrigadas sendo invadidas por voracianos.

"Deus tenha piedade", exclamou Walston. "Está se espalhando como uma névoa negra pela terra de ninguém." As imagens afetaram até mesmo o experiente Walston.

Todos os outros membros do CCB sentiram sua pele arrepiar ao ver os voracianos da linha de frente cobrirem suas presas com uma mortalha de morte. As vítimas gritavam até que suas gargantas ficassem entupidas com gotas de matéria negra. Os olhos derreteram e pingaram de suas órbitas. Os corpos se contorciam em agonia e se sacudiam violentamente enquanto minúsculos gêiseres de sangue jorravam dos poros da pele, à medida que organismos alienígenas penetravam para infectar e depois se banqueteavam para dissecar. Pessoas, animais e pássaros - todos tinham bolhas, sangravam e se dissolviam.

Aqueles no CCB que ainda não haviam fechado os olhos para o horror estavam em vários estágios de choque, com alguns ofegantes, engasgados ou soluçando. Todos estavam orando por misericórdia. "Querido Deus, livrai-nos do mal..." "O Senhor é meu pastor..."

"Dr. Chalmers, restabelecemos a trava de foco", informou a OptiCon.

"Ótimo. Adicione as novas imagens à biometria", instruiu ele.

A massa de terra voraciana tinha cerca de um metro de espessura e imediatamente lembrou Chalmers de "Leiningen Versus the Ants" (Leiningen contra as formigas), um conto clássico sobre um cafeicultor sul-americano cuja plantação foi invadida por trilhões de formigas que comiam tudo em seu caminho.

"Puxa vida, elas já são do tamanho de formigas do exército", disse Walston quando uma das câmeras deu um zoom em uma única voraciana.

Chalmers imaginou que essa era parte da coluna avançada que se alimentava primeiro - e, com base nas novas informações biométricas que ele tinha agora, ela crescia mais rápido do que a massa de criaturas que se arrastava atrás, enquanto raspava todos os insetos vivos, bactérias e minerais do solo dessecado.

165O HORAS

"Dê uma olhada nisso", disse Monroe. "Os da linha de frente estão começando a se alimentar dos da retaguarda. Os bastardos feios são canibais, ainda por cima."

"E os que se movem rapidamente, mesmo em terra", disse Chalmers depois de olhar para a última atualização da tela do DMT. "Nos primeiros dez minutos, os dois organismos de macromassa vasculharam cento e sessenta e quatro mil milhas quadradas, a massa terrestre combinada do Novo México e da Virgínia."

"Como um câncer que sofreu metástase em todo o corpo", disse Walston.

"Exatamente", disse Chalmers. "Cada planta, animal e inseto consumido. Minerais lixiviados do solo e das rochas. Pólen, poeira e até mesmo bactérias aspiradas do ar."

Ele se recompôs para a próxima revelação. "E mais de quinze milhões de pessoas foram metabolizadas... ingeridas."

"Sim, ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo", disse Mike DeLorno suavemente. Foi a primeira coisa que ele disse durante todo o dia, mas ele esteve ao lado de Chalmers o tempo todo. Quan Shantu havia saído mais cedo para ficar com a família de Chalmers no condomínio Citation.

Chalmers continuou a trabalhar no console holográfico.

"O canibalismo reduziu cada massa em vinte e três por cento, mas os organismos individuais restantes são mil por cento maiores. Acredito que agora podemos chamá-los legitimamente de criaturas, se não monstros", disse ele, apontando para uma visão em close-up de um alienígena do tamanho de um rato.

"Parece uma combinação de aranha, barata e formiga", disse Monroe.

Todos observaram as mandíbulas da criatura e as várias pernas arenosas se movendo em uma harmonia frenética enquanto ela executava o imperativo de matar e consumir. Incapazes de encontrar presas nativas, os predadores cósmicos continuaram a se virar uns contra os outros - a sujeira negra de suas entranhas sendo expelida à medida que se matavam e se banqueteavam.

"John, há um novo problema", disse Walston, que acabara de receber uma mensagem de um canal militar separado em seu próprio transceptor Aurocom. "Eles estão começando a se esconder em fendas e rachaduras. Neste momento, isso nos coloca, e às outras Citations muito em breve, em risco no nível SitFive."

"Você é o general do exército", disse um Monroe trêmulo. "Como você os detém?"

"Não posso. Ninguém pode."

102

CCB. 1655 HORAS

"Somos os únicos que sabemos disso, até agora", disse Chalmers, "e duvido que se ganhe alguma coisa compartilhando isso."

"Concordo, John", disse Walston. "Com base no que todo o CCB tem monitorado acima, isso seria como martelar um prego final e fatal."

"Então, vamos nos fechar e nos encolher em um canto?", perguntou Monroe.

"De forma alguma", disse Chalmers, seus dedos voltando ao teclado. "Há novos dados a serem publicados, e lidar com eles manterá nossa equipe, e todos nesta Citação, agarrados a um pingo de esperança... com sorte."

A enorme tela central do CCB se dividiu em vários painéis, enquanto mais projeções de pesquisa de dados piscavam do disco rígido de laser de rubi do DMT-9000. Chalmers fez um anúncio resumido em seu transceptor Aurocom.

"Daqui a cinquenta minutos, quarenta e três estados estarão completamente desnudados e estima-se que duzentos e quarenta milhões de pessoas terão morrido. Dez minutos depois disso, os EUA continental será um deserto estéril, e o restante da população acima do solo terá sido consumido por bilhões de alienígenas com várias pernas e do tamanho de jacarés."

Muitos dos membros do CCB que antes haviam se recolhido em um silêncio atônito começaram a soluçar novamente.

O trabalho de toda a vida de Chalmers foi criar o porto seguro Citations. Sabendo que tudo e todos nos Estados Unidos haviam desaparecido, ele não se satisfazia com a possibilidade de alguns milhares de pessoas sobreviverem por mais algum tempo em seções de segurança especiais e abobadadas das Citações mais profundas. Depois que os voracianos totalmente amadurecidos se abaixaram para descobrir as Citações, Chalmers não sabia

não tinha certeza de quão inteligentes e engenhosas as criaturas poderiam ser para conseguir entrar nesses cofres.

Mas ele sabia a resposta, mesmo quando o computador continuava a prever as projeções finais, que eram realmente o Armagedom. Ele não tinha certeza se tinha palavras suficientemente sombrias para descrever a situação, mas todos ouviram mesmo assim.

"Várias centenas de milhões de criaturas com aproximadamente metade do tamanho e, em geral, com a forma de um *estegossauro* do período Jurássico com temperamento de ave de rapina dominarão a América do Norte. Eles serão os *alfagenetrons* - *os* maiores e mais inteligentes dos voracianos de gênero misto que sobreviveram e se estabilizaram durante seu período introdutório neste planeta."

Um vídeo extrapolado biometricamente da criatura hedionda apareceu na tela.

"Eles procriarão, migrarão entre continentes, esgotarão novos suprimentos indígenas, canibalizarão suas próprias fileiras e, em seguida, restabelecerão um novo padrão de equilíbrio malthusiano em outro lugar em períodos de tempo igualmente curtos e sempre repetitivos", disse Chalmers.

"Quanto tempo?" perguntou Walston, cansado.

"Eles provocarão a destruição global total em nove dias."

A revelação foi profunda. Assim como o silêncio atônito... por um momento.

1700 HORAS

De repente, o bunker de comando tremeu violentamente.

Arrancada de sua amarração, a tela suspensa caiu sobre os pórticos, separando as estações de trabalho em terraços das paredes altas. Os corpos foram lançados em queda livre, os gritos agudos da descida em pânico foram substituídos pelo baque surdo do impacto da morte.

"Aqui, Dr. Chalmers", gritou DeLorno ao puxar Chalmers para um lugar seguro sob uma pesada bancada de metal. "Fique por perto, senhor. Eu cuidarei de você."

"Paula. Stevie. Eu tenho que..."

"Quan está com eles. Eles ficarão bem. Vocês estarão todos juntos em breve, eu prometo."

Do ponto de vista do CCB, Chalmers, Walston, Monroe e os outros olharam pelas grandes janelas e viram toneladas de detritos de rocha e terra caindo em cascata sobre Tidewater Citation e seus cidadãos trêmulos.

"Deus nos salve", alguém gritou, "as criaturas estão chegando".

Isso não era verdade. Algo mais estava acontecendo, e Chalmers acreditava saber o que era. E, como ele imaginava, a melhor - ou talvez a pior - visão disso era da alta órbita da Terra.

ESPAÇO-MESMO TEMPO

A tripulação não havia recebido nenhuma transmissão sobre a nebulosa, nem sua visão angular dos portais lhes permitira ver sua nuvem em forma de funil descendo pela atmosfera. Assim, felizes com a falta de informações atuais, os astronautas a bordo da Estação Espacial Terrestre Unida *Solidariedade* observaram com admiração um pôr do sol brilhante espalhar um manto de escuridão invernal pela América do Norte.

"Como pode haver problemas lá embaixo quando parece tão bonito daqui de cima?", perguntou o comandante da *Solidarity*.

Um segundo depois, ele e a tripulação observavam atônitos e incertos enquanto a noite negra servia de pano de fundo para explosões de enormes luzes em forma de crisântemo.

"Mas que... Houston, aqui é *a Solidarity*. Está ouvindo? Houston, você tem algum problema?"

E, então, o banco iluminado de instrumentos de comunicação da estação espacial com conexão ao solo ficou escuro. Os astronautas encostaram o rosto nas janelas, percebendo imediatamente que aquele era um ponto de observação mortal de sua prisão permanente.

Lá embaixo, eles viram mais luzes brilharem enquanto uma ogiva nuclear chinesa explodia, uma após a outra, na terra dos livres e no lar dos corajosos. Tudo o que se encontrava em um raio imediato das várias centenas de zonas de impacto foi destruído e vaporizado; todo o resto foi despedaçado ou carbonizado pela energia térmica que percorreu o campo como uma tempestade de vento concussiva.

** *

Pensando que os mísseis Thor disparados pelos Estados Unidos há poucos minutos eram um ataque preventivo à China, o General Zhang ordenou um contra-ataque imediato aos Estados Unidos.

E agora, do outro lado do horizonte arqueado do planeta, tingido com uma luz atmosférica azul-clara, os astronautas viram outros flashes brilhantes, que i n d i c a v a m que todos os outros membros do clube nuclear que tinham um problema com um colega haviam começado a derrubar dominós globais.

Até que os links de satélites ficassem inoperantes - um após o outro devido a pulsos eletromagnéticos de detonações nucleares -, Chalmers e Walston estavam monitorando a NASA, o DOD e outros sistemas de comunicação de nações do mundo todo e, portanto, tinham uma visão clara do que havia acontecido.

CCB. 17O9 HORAS

Eles sabiam que os Estados Unidos tinham sido golpeados e fritados.

Walston sabia que a China, se não foi totalmente destruída, sofreu danos enormes com a contrabarreira de ICBMs dos EUA que o NATSECLINK havia sido pré-programado para lançar em um último esforço de retaliação.

Chalmers supôs corretamente que, ironicamente, o ataque da China havia matado os voracianos - anatomicamente salteados em sua própria feculência -, mas havia transformado os Estados Unidos em uma pilha de escombros queimados.

A última fonte de Walston que havia informado da superfície confirmou que a China também havia sido devastada pela Rússia, que, por sua vez, foi obliterada por contra-ataques nucleares dos chineses, iranianos e outros. Houve também a confirmação de que o Oriente Médio agora poderia realmente ser chamado de uma caixa de areia, e a América do Sul era um deserto desnudado, inundado de água radioativa que havia sido derretida das geleiras andinas.

A lista de quem atingiu quem foi longa e complicada, assim como as circunstâncias globais que empilharam as peças de dominó... e as probabilidades... em primeiro lugar.

Chalmers agora tinha certeza de que os vorazes homens do espaço não causariam a destruição global em nove dias. Os terráqueos derrotados tinham acabado de fazer isso em *nove minutos.*

De repente, ele sentiu uma sensação estranha percorrer seu corpo.

Era mais do que o cansaço da provação pela qual acabara de passar. Era conhecimento, emoção e a consequência de um evento pendente - e isso o assustou mais do que qualquer pesadelo que ele já tivesse vivenciado.

10C

A TARDE. 1º DE JANEIRO DE 22

Walston e Chalmers, acompanhados por DeLorno e Shantu, serpenteavam pelos escombros da Tidewater Citation. A limpeza e os reparos já estavam em andamento aqui, assim como nas outras doze colônias, cujos sistemas de comunicação subterrânea ainda estavam operacionais. No entanto, com muitas partes da trilha do SpadeLiner agora enterradas, o transporte entre elas era impossível.

Walston já havia nomeado governadores de nível militar para administrar os outros refúgios seguros, com eleições democráticas a serem realizadas mais tarde, assim que os centros regionais fossem reparados e o serviço ferroviário, a manufatura e o comércio fossem reinstituídos entre as colônias subterrâneas.

"John, reconsidere a oferta", disse Walston. "Como um presente de aniversário, talvez?" "Como você sabia que era meu aniversário, General?"

Walston acenou com a cabeça para DeLorno, que rapidamente ergueu as palmas das mãos em defesa.

"Senhor, sua esposa me contou."

"Pensando bem, Dr. Chalmers, quantos anos o senhor *tem*, afinal?", perguntou Walston.

"É como Paula disse aos outros. Sou velho o suficiente para saber mais, mas jovem o suficiente para ser impetuoso, disposto a cometer erros... e continuar a fazê-la feliz."

Os outros três homens riram. Chalmers não se juntou a eles.

"Bill, eu já lhe disse antes, estou lisonjeado com a oferta de ser governador de Tidewater, mas seria um erro que não estou disposto e, francamente, não posso cometer - precisamente por causa da minha idade... e do que sinto ser minha saúde debilitada."

"Seja qual for a sua idade", disse Walston, "você obviamente ainda é forte e robusto".

Chalmers deu de ombros e bufou um pouco. A verdade o machucou. Literalmente. "Às vezes, a idade é o que você pensa, até mais do que o que você sente. E

Neste momento, acho que estou cansado de ficar andando por aí com vocês e *sei que* quero voltar para o condomínio. Hoje também é o aniversário do Stevie, e quero passar um tempo com ele, criar uma lembrança e compartilhar algumas coisas que tenho sobre o pai dele. Hoje também é o aniversário de Steven. Parece que os homens da Chalmers sempre nasceram no primeiro dia de um novo ano".

Ciente dos comentários pessoais e introspectivos que Chalmers acabara de compartilhar com eles, Walston sentiu que precisava acrescentar algumas palavras finais apropriadas antes de retornar.

"É um novo ano, e este é um novo mundo para nós, John. Um mundo que promete um futuro que nunca teríamos se não fosse pelas décadas que você passou criando as Citações."

"Bill, você precisa de uma nova citação, e uma de Albert Einstein funciona perfeitamente."

"E isso é...?"

Com as pernas subitamente trêmulas, Chalmers respirou fundo, obviamente com dor.

"'A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente'." Chalmers olhou para DeLorno e Shantu. "Preciso de ajuda, rapazes. Por favor, levem-me para casa, para a Paula." Ele já estava sentindo mais falta dela do que podia suportar.

104

CITAÇÃO DE CONDOMÍNIO. MAIS TARDE

Depois que o acompanharam até o quarto, DeLorno e Shantu saíram para fazer outras tarefas que Chalmers lhes havia designado no laboratório de Nível II. DeLorno retornou com Stevie, que permaneceu por algum tempo com seu avô.

Quando Paula chegou, ficou imediatamente perturbada com a aparência do marido e, mais ainda, com as coisas que ele dizia - e especialmente *como* as dizia... incluindo sua firme insistência de que não precisava nem queria um médico, já que era tarde demais. Ela protestou, mas ele era intratável.

Ela lhe deu água e verificou sua temperatura - esperando que ele estivesse *apenas* desenvolvendo pneumonia. Chalmers alternava entre conversar com ela e cair repentinamente na inconsciência, o que ela, mais gentilmente, considerou como um cochilo. Mas, ao ver os olhos dele ficarem mais cansados a cada vez que acordava - e ao sentir também o que ele havia lhe dito sobre a sensação em seus próprios ossos -, os olhos de Paula ficaram cheios de lágrimas durante todo o dia, sabendo que a vida do marido estava terminando.

22C0 HORAS

Ela e Stevie estavam sentados ao lado da cama de Chalmers.

"Vocês ficarão aqui por muito tempo", disse ele lentamente. "Esta caverna é seu novo mundo... com a promessa de que um dia o sol voltará a brilhar."

Paula sorriu corajosamente para Stevie. "O vovô tem razão, você ainda tem muitas esperanças e sonhos a serem realizados."

"E há alguém em quem você deve se tornar... e muitas coisas importantes que você deve fazer", disse Chalmers, com a voz agora mais pesada. "Eu dei à sua

sua avó alguns envelopes, eles estão na..." "Na
gaveta da escrivaninha", ela concluiu para
ele.

"Sim. Entregue-os a Mike e Quan pela manhã."

Stevie assentiu, as lágrimas lavando seu rosto enquanto os olhos de seu avô se fechavam lentamente.

2C45 HORAS

Um sorriso fino se estendeu por seu rosto pálido quando ele reabriu os olhos e encontrou Paula e Stevie ainda segurando suas mãos. Ele não pensou se sua vida passaria diante de seus olhos no último segundo, mas queria dizer a eles tudo o que pudesse nesses últimos minutos.

"O amor de vocês foi tudo... uma bênção que estará em minha alma para sempre."

"Jonathan, não, meu querido", ela gritou quando ele fechou os olhos novamente. "Não, ainda não", disse ele, com as pálpebras se erguendo lentamente enquanto ele segurava a mão de Stevie

Stevie com mais força. "Há algo especial que só um jovem muito inteligente e forte pode fazer por mim."

"Sim, vovô."

Chalmers colocou lentamente a mão no lado esquerdo da cabeça do garoto, cobrindo sua orelha. "Você me tem aqui dentro agora. A dor de cabeça vai passar logo e você vai se esquecer disso, mas lembre-se, meu filho - a pista e a chave, o Cristal... e os Collabros."

Stevie enxugou as lágrimas e acenou com a cabeça. "Eu vou me lembrar, vovô. Tudo isso." "São seus compromissos, filho. Você deve fazer tudo o que eu preparei

Você deve fazer tudo o que eu preparei para você", disse Chalmers ao olhar por cima do ombro do jovem para a mesa de aço inoxidável com rodízios, cujo conteúdo estava coberto pelo pano que DeLorno havia colocado sobre ela antes de deixar Chalmers e o garoto no início da manhã.

"Sim, vovô", disse ele, enquanto erguia os ombros. "O senhor é meu avô agora, e eu sou seu Steven. Farei tudo o que o senhor disse."

2C55 HORAS

Seus olhos cansados conseguiram brilhar, como sempre faziam quando se concentravam nela.

"Você tem sido a única estrela em minha galáxia, Paula. Meu único medo é a escuridão do meu próximo mundo sem você. Estou mais assustado com a partida

do que imaginava."

"Oh, meu amor", ela soluçou, "não houve maior alegria em minha vida do que você."

2C59 HORAS

Chalmers colocou a mão direita de sua esposa sobre seu coração e a mão esquerda de seu neto sobre sua testa. "Coração e alma... sempre como um só... para sempre."

Eles se abraçaram e se mantiveram firmes.

24 HORAS - MEIA-NOITE

Deus, olhe por eles, ele orou. Então Chalmers exalou seu último suspiro.

105

INTERNAÇÃO. TMO DIAS DEPOIS

Continuando a executar sua lista de instruções, DeLorno e Shantu agora estavam ao lado de Chalmers em um momento final de respeito silencioso.

* * *

Como Chalmers os havia informado na manhã de sua morte, há muito tempo ele havia descoberto que uma fissura estreita abaixo da plataforma de chegada do SpadeLiner em Tidewater Citation levava a um geodo extraordinariamente belo - uma cavidade de rocha oca repleta de formações de cristais, minerais e pedras de gotejamento, uma das quais era uma proeminente estalactite branca como a neve que pendia do centro do teto da câmara. Rastejando até ela naquela época, ele descobriu que as paredes da câmara consistiam em cianita pura, um mineral de silicato cujo nome deriva da palavra grega *kuanos,* que significa "azul profundo".

Hipnotizado pela aurora mágica de luz azul que encheu a câmara quando o feixe de sua lanterna atingiu as paredes, Chalmers decidiu imediatamente que aquele ponto representava o tema de todo o projeto CRYPTOS - que no retiro escuro de uma caverna ainda podia ser encontrada a promessa de um céu azul.

E, como ele explicou a DeLorno e Shantu, Chalmers também foi atraído pela interessante convergência de semelhança coincidente entre as palavras gregas *Cryptos* e *kuanos.* Naquele dia, ele havia decidido que aquele era o lugar onde gostaria de ser enterrado se algum dia morresse na Citation que ele havia sido levado a construir e que foi forçado a ocupar devido às circunstâncias da época.

* * *

Após o elogio público dessa manhã, feito pelo Governador Geral Walston na câmara da caverna principal de Tidewater Citation, DeLorno e Shantu manobraram o caixão de aço inoxidável de Chalmers até o geodo de kuanos.

"O que você acha que tem dentro dele?" DeLorno finalmente disse depois que ele e Shantu terminaram a segunda instrução de Chalmers - a colocação de outra pequena caixa de aço inoxidável sob o suporte de metal que sustentava o caixão, que estava localizado diretamente abaixo da estalactite.

"Não faço ideia. Tudo sobre o cara era uma espécie de mistério. Quero dizer, a aparência dele quando o tiramos do quarto na manhã seguinte... era como, ou pelo menos me lembrava de..."

"Eu sei. O quadro no sótão", disse DeLorno.

"Ainda bem que a Sra. Chalmers não o viu no caixão daquele jeito." "Talvez seja por isso que ele deixou ordens para que o caixão ficasse fechado, sem ser visto durante o
serviço."

Shantu assentiu com a cabeça. "Sim, é assustador, você
não acha?" "Acho que é irônico."

"O que isso quer dizer?"

DeLorno olhou ao redor da pequena câmara. "Que o Dr. Chalmers passou a vida inteira fazendo preparativos inacreditáveis para que pudéssemos sobreviver a uma guerra nuclear. Na verdade, ele disse que havia passado duas vidas nessa tarefa, o que, na época, achei que era apenas uma piada. Mas agora não tenho certeza se era."

"Então, onde está a ironia?"

"O fato de ele ter feito os preparativos para o tipo errado de ataque, mas acabou que sobrevivemos ao segundo porque ele havia originalmente previsto a guerra de qualquer forma."

"Como eu disse, Mike, é tudo assustador. Vamos sair daqui."

* * *

No caminho para o topo, eles ouviram um estrondo vindo de baixo.

"Parece um desmoronamento", disse DeLorno. "É melhor voltarmos para baixo e verificarmos."

"De jeito nenhum. Terremoto, demolição ou um ataque de poltergeist... Eu não vou voltar e, de acordo com as instruções, ninguém deve voltar até que chegue o chamado dia designado - um dia em que o garoto não vai estar presente.

até que chegue o chamado dia designado - um dia que o garoto saberá. O envelope, lembra?"

DeLorno fez um aceno relutante com a cabeça e os dois homens se dirigiram à caverna alta.

** *

Depois de abrir uma abertura maior na fissura para acomodar seu volume, Kaj'a-zar irrompeu no geodo, com seus olhos facetados vendo tudo em tons iridescentes de verde-amarelo cintilante.

"Ch'al-murs", ele rosnou em sua versão rudimentar da fala humana, com a qual havia adquirido habilidades impressionantes de compreensão ao longo de muitos anos, embora com menos talento para a articulação. =ηamT*f*= Continuando na conveniência de sua própria língua, ele acrescentou,= ϕ λφa(aʃc= *Para você e os seus, eu disse que viria um dia*.

Sem dar atenção à caixa pequena, ele pegou a maior e a levou para as profundezas infinitas da caverna, onde Kaj'a-zar acreditava que ela realmente pertencia.

Parte IX

OS SINOS DA MEIA-NOITE TOCAM

1O6

CITAÇÃO DE TIDEMATER. PRIMAVERA 2O55

Ele olhou para seu m-comm, um dispositivo multiplexado de computação e comunicação que também era usado como relógio de pulso. "Vocês estão prontos para fazer um trânsito?"

Os dois homens de cabelos grisalhos assentiram. Eles eram, como ele também os chamava, seu esquadrão. Chalmers ativou o interruptor.

Em instantes, a única carruagem tubular do SpadeLiner atingiu a velocidade máxima e foi controlada automaticamente pelo RIMS, o sistema de medição da integridade dos trilhos que garantia que a pista à frente estava sólida e o túnel desimpedido.

"Como você se sente em relação a isso? Apreensivo? Animado, talvez, como eu?" "Eu diria que ambos", disse Mike DeLorno.

"Eu o informarei na viagem de volta, Dr. Chalmers", disse um cauteloso Quan Shantu, olhando para os trajes de proteção de nível A colocados nos assentos do outro lado do corredor.

"Vocês me conhecem há mais de quarenta anos. Alguma vez vão me chamar apenas de Steve?"

Ambos sorriram e balançaram a cabeça.

* * *

Diretor do Institute for Substratic Research da Tidewater, o Dr. Steven J. Chalmers refinou a ciência de sobrevivência subterrânea do ISR e projetou planos futuros para a emergência na superfície quando o mundo acima estivesse finalmente a salvo da contaminação radioativa. Chalmers havia realizado recentemente um a'bounder - um teste atmosférico acima do solo usando o mais novo computador DMT da ISR, a série 11000X, que ele havia projetado a partir do DMT de primeira geração de seu avô. Ele havia decidido que os níveis de radiação

estavam baixos o suficiente para a primeira excursão sustentada à superfície desde a guerra.

Todos em todas as treze colônias sabiam que tinha havido uma guerra, mas foi só depois, quando as histórias voracianas começaram a circular, que Walston confirmou oficialmente que eles também tinham sido invadidos por alienígenas. Em vista de tudo o que já havia acontecido, a grande revelação causou pouco mais do que uma ondulação. Entretanto, os eventos combinados ficaram conhecidos como war'acian, outro novo termo que surgiu em um vocabulário em rápida evolução.

* * *

"Estou feliz por você estar comigo hoje", disse Chalmers, "e prometo que nos levarei de volta a Tidewater sem que ninguém brilhe demais."

DeLorno e Shantu falaram em uníssono. "Está bem." "Isso será bom."

"Vamos verificar o equipamento novamente, estamos quase lá", disse Chalmers.

DeLorno retirou o Autovolt do coldre de seu quadril e verificou a carga. *Trinta plazers, cada um com 1000 kV,* ele observou.

Um plazer, ou uma explosão de laser de plasma, tinha carga elétrica suficiente para quebrar um pedaço de madeira grossa e nocautear um homem instantaneamente. Ele não conseguia imaginar nenhuma ameaça a'bounder, mas havia trazido o equipamento achando que era melhor prevenir do que remediar.

Shantu revisou a lista de verificação dos vários instrumentos atmosféricos a serem usados.

Chalmers recalibrou o mostrador radamétrico principal e os outros instrumentos de detecção de radiação nos trajes.

Ele também pensou novamente, como fazia todos os dias, nas quatro confianças que lhe foram concedidas por seu avô: a pista e a chave, o cristal e os Collabros. E ele estava ficando mais ansioso a cada minuto, sabendo que logo passaria por um teste único envolvendo uma das quatro confianças. Os outros, ele sabia, se desenrolariam ao longo dos dias e anos de muitos amanhãs - tempo que seu avô havia dito que passava exatamente como seu amigo Einstein havia calculado: *relativamente rápido.*

Exatamente como passei de ontem para hoje, refletiu Chalmers.

* * *

Sob o comando militar disciplinado de Walston e a habilidade de gerenciamento técnico de Cliff Monroe, a extensão original de 1.500 km do Expresso Norte-Sul SpadeLiner foi consertada e totalmente funcional menos de uma década após a guerra. Nos últimos vinte e cinco anos, uma nova operação de perfuração leste-oeste estava em andamento; quando terminada, a Bicoastal SpadeLiner Express continuaria passando pela Carlsbad Cavernation, agora a décima quinta e maior Citation. A outra nova Citation era a Missamec, uma expansão da caverna Meramec, que havia sido a maior caverna turística do então estado do Missouri.

Chalmers esperava um dia visitar Nava'darnia, que havia se tornado a nova costa oeste depois que as bombas nucleares chinesas acionaram a Falha de San Andreas que, por sua vez, desencadeou o terremoto que separou os antigos estados da Califórnia e Nevada. Como Chalmers sabia por imagens de fotos de satélite, as ilhas Cali'waiian eram agora marcos proeminentes no horizonte do Pacífico. A antiga ilha de Santa Catalina havia desaparecido, varrida por um tsunami de 300 pés de altura.

A Tidewater Citation vinha monitorando as informações da superfície há anos por meio da única plataforma de vigilância em órbita ainda em funcionamento. Chalmers havia reprogramado um dos antigos computadores DMT-9000 de seu avô para se comunicar com um satélite de reconhecimento da CIA da época da Guerra Fria. Equipado com componentes antigos, mas resistentes e impermeáveis a danos causados por pulsos eletromagnéticos, o velho e robusto computador havia sobrevivido às explosões de PEM que destruíram outras plataformas de comunicação por vídeo de alta tecnologia em órbita durante a guerra global.

Chalmers aprendeu sozinho, em parte com as inúmeras anotações técnicas e outras pesquisas que seu avô havia feito. O mais importante é que ele *literalmente* possuía o conhecimento do avô, pois no dia da morte de Jonathan Chalmers, Mike DeLorno havia trazido do laboratório de Nível II uma pequena versão de carrinho de mão da antiga instrumentação BK-PULSE. E, com a supervisão de Jonathan, DeLorno havia copiado por lasermetria partes selecionadas do diagrama de fiação cerebral da mente notável do ancião Chalmers... e depois as colou na mente do jovem Steven.

Um sábio de dose dupla, Steven Chalmers acabou assumindo o manto de liderança experiente da Tidewater. Ele se tornou não apenas o fundador da ISR, mas também o diretor do grupo de segurança técnica da Força-Tarefa K depois que Clifford Monroe morreu de um ataque cardíaco. Walston havia

perdeu sua batalha contra o câncer. A avó Paula simplesmente morreu de coração partido.

Esses e muitos outros eventos - todos na vida subterrânea de Chalmers, que piscava os olhos ...

POUCO TEMPO DEPOIS

Eles haviam chegado à Old Langley Station, logo abaixo do que havia sido a CIA.

"Prontos?" perguntou Chalmers, olhando para cima através do poço do elevador cheio de destroços e sentindo as consequências históricas, passadas e futuras, desse momento.

Acenando com a cabeça, DeLorno e Shantu pegaram seus equipamentos.

"Se não estivermos de volta aqui embaixo em cinquenta e dois minutos", disse Shantu, verificando as leituras de seu comunicador móvel, "esses trajes se transformarão em fornos de micro-ondas antiquados e seremos fritos e despedidos".

DeLorno ajustou uma das correias de Chalmers. "Cuidado com as bordas afiadas ao escalar. Um terno rasgado também não é bom."

Chalmers assumiu a liderança enquanto subia por um poço fraturado de concreto, metal, cabos e pedras de granito.

A subida foi difícil e consumiu metade do tempo de superfície.

107

TOPSIDE. 1C45 HORAS

Ao sair do poço, eles se viraram em todas as direções, observando o panorama de um mundo verdadeiramente alienígena. Era uma paisagem surreal - tudo sob um dossel que nem de longe lembrava o céu da Terra.

"Dez vezes mais bizarro do que os satélites granulados que já vimos", disse Chalmers, referindo-se às fotos de satélite da geração antiga.

Ele não precisava de instrumentos para saber que o ar era irrespirável - não apenas porque as toxinas radioativas ainda estavam quimicamente soldadas aos gases atmosféricos normais, mas também porque o ar estava supersaturado com solo, concreto e outras partículas que haviam sido pulverizadas nas explosões de reação em cadeia que atomizaram o planeta. Com efeito de jato de areia, essas partículas sopravam com o vento incessante que fazia parte de uma corrente de jato quente que agora varria o terreno baldio queimado.

Os três homens observaram longas faixas de nuvens laranja-amarronzadas serpenteando rapidamente em correntes mais altas em um céu amarelo pálido ainda maduro com as marcas do desastre atmosférico. O sol embaçado lançava sombras amareladas sobre o monte de escombros que antes eram os prédios gêmeos da sede da Agência.

Mas, para Chalmers, aquele era o momento de procurar pistas, não de fazer turismo.

Ele fez uma varredura visual da área próxima e imediatamente a localizou.

A descoberta lhe pareceu incrivelmente simples ou uma fatídica convergência de coincidências. De qualquer forma, DeLorno e Shantu o seguiram enquanto Chalmers se dirigia para as colunas de alumínio, muito esburacadas e levemente inclinadas, mas ainda presas ao acabamento, placas em ângulo reto de aço enferrujado pontuadas com milhares de letras alfabéticas.

Com base no que seu avô havia lhe contado, Chalmers sabia que essa escultura tinha sido feita com um propósito perspicaz no passado - mas agora, aqui no presente, a obra de arte antes conhecida como *Cryptos* estava prestes a entregar, ou assim Chalmers esperava, uma mensagem ainda maior e perspicaz sobre o futuro.

* * *

"Essa foi a última coisa que vimos da janela do escritório de seu avô antes de evacuá-lo", disse DeLorno. "Como, em nome de Deus, isso ainda pode estar aqui?"

"Ele nos disse que ninguém nunca descobriu o código", disse Shantu.

As letras refletidas em seu painel facial, Chalmers olhava em silêncio para os homens.

"Esta viagem não tem a ver com testes de radiação", disse DeLorno, lembrando-se dos envelopes que ele e Shantu receberam há muito tempo. "Trata-se de decodificar *o Cryptos,* não é?"

Pensando por um segundo em como responder, Chalmers se lembrou de todas as histórias que havia aprendido com sua avó - a verdade sobre a idade de seu avô, as revelações divinas que o velho acreditava ter vivenciado e as experiências psicológicas e físicas brutais que ele havia suportado ao longo de sua vida notável, especialmente na Primeira Guerra Mundial.

"Esta escultura contém *duas* mensagens secretas", disse ele finalmente. "Uma criada pelo artista como um jogo intelectual. A outra foi incorporada pelo vovô como um seguro intelectual e técnico para o futuro."

"Então, com base no que aconteceu na manhã em que ele morreu, acho que você já sabe qual é a mensagem. E se for esse o caso, por que estamos aqui?", perguntou DeLorno.

Chalmers fez uma pausa, examinando novamente a vasta destruição ao redor deles e verificando a leitura de radiação em seu microcomunicador. "Mike, por mais improvável e perigosa que seja essa jornada", disse ele, fazendo contato visual direto com DeLorno, "acredito que meu avô pretendia que ela fosse um rito de passagem para mim... a sensação real de um desafio, em vez de apenas a memória de um desafio artificialmente inseminado em meu cérebro".

"Você provavelmente está certo. Acho que ele não sabia ao certo se o procedimento transferiria o sentimento junto com o fato", disse DeLorno, lembrando-se de como

relutante em realizar a aplicação em primeiro lugar. "No entanto, seria típico dele deduzir analiticamente que essa era a coisa certa a fazer."

"E, de qualquer forma, ele pode ter me dado apenas alguns de seus arquivos mentais."

"Não tenho a menor ideia do que vocês estão falando", disse Shantu, que não estava presente na transferência de memória BK-PULSE que o Dr. Chalmers ordenou que DeLorno administrasse ao jovem Stevie na vigília do leito de morte de seu avô. "Mas estamos perdendo um tempo precioso aqui."

Como Chalmers ainda não conhecia a mensagem da escultura, ele teria que estudá-la pelo tempo que fosse necessário. Ele acreditava, no entanto, que estava pronto para qualquer desafio que esse a'bounder pudesse apresentar.

A pequena vibração que sentiu sob seus pés e o leve estrondo que pensou ter ouvido através de seu capacete lhe disseram que talvez não estivesse pronto, afinal.

108

***CRYPTOS*. MEIO DA TARDE**

"É realmente artístico", disse Chalmers, ignorando o pequeno estrondo sob ele, enquanto começava a traçar seus dedos enluvados e focar seus olhos de savant nas letras. Assim como DeLorno, ele também achou interessante o fato de a escultura ser a única coisa que ainda estava de pé.

Lembrando-se de tudo o que seu avô havia lhe contado ou transmitido, Chalmers rapidamente trabalhou a cifra matemática e leu a mensagem da primeira camada.

"O inimigo do meu inimigo é meu amigo", ele leu em voz alta. "Não sei o que o artista quis dizer na época, mas agora, em retrospecto, eu diria que é uma alusão perfeita aos chineses queimando nossa casa enquanto exterminavam os voracianos que a infestavam."

"A frente e o verso seguem um ao outro", continuou ele. "Esse é um aforismo do antigo filósofo chinês Lao Tzu. Perfeito para um biscoito da sorte, talvez até um prelúdio para o que o vovô colocou por baixo."

"Mas há algo mais, certo?", perguntou Shantu.

Havia e, em segundos, Chalmers a encontrou - as pistas de seu avô para localizar as transferências. Ali, em uma visão alfabética clara, apenas para os olhos de Chalmers, estavam as direções para a caixa e as sequências de marretas para ambos os conjuntos de notas tritonais. Ele guardou essa informação para si mesmo.

"Bem, é isso", disse ele com uma suavidade simples. "Vamos para casa, pessoal." "Uau, o que é *isso*? Qual é o resto da mensagem?" DeLorno deixou escapar. "Vamos discutir isso no trem", disse Shantu com firmeza, olhando para seu microfone.
comunicador. "Estamos quase sem tempo."

* * *

Enquanto se dirigiam para o poço, os escombros do prédio começaram a vibrar e a roncar sob seus pés. Desta vez, todos sentiram.

"Mas que diabos?", disse DeLorno.

De repente, uma *coisa* viva e feia - *um* apêndice ou tentáculo de algum tipo, Chalmers avaliou imediatamente - explodiu entre os escombros. Antes que qualquer pessoa pudesse dar um passo ou pronunciar outra palavra, o tentáculo de aproximadamente três metros de comprimento chicoteou o corpo de Shantu. Ele o cortou ao meio e salpicou Chalmers e DeLorno com vísceras sangrentas.

Eles começaram a correr, mas foram jogados no chão quando a pilha de entulho se deslocou e o resto do apêndice mortal emergiu. Ao se levantar, Chalmers viu que o que havia matado Shantu era uma cauda, e ela estava presa a uma besta alienígena que se elevava sobre ele e DeLorno.

"Corra, droga! Desçam pelo poço", gritou DeLorno, sacando a Autovolt.

Ele disparou todos os trinta projéteis plazer na criatura de aparência pré-histórica. Atordoada, ela rugiu, arranhou a pele e soltou baba de sua boca horrenda. DeLorno procurou outro carregador.

"Não sem você", disse Chalmers, agarrando DeLorno pelo braço.

Libertando-se, DeLorno empurrou Chalmers na direção do poço no momento em que o monstro avançava em direção a eles. Agora correndo, Chalmers ouviu atrás de si o cuspe sibilante dos ataques do plazer e o uivo furioso da criatura demoníaca. Ele se virou, esperando ver DeLorno alguns passos atrás, mas, em vez disso, viu a criatura engolindo o que restava de seu corpo.

Chalmers estava a apenas alguns passos da segurança do poço, mas podia ouvir o perseguidor se aproximando e sentia a respiração dele em suas costas. De repente, Chalmers tropeçou e, ao descer, teve um vislumbre de um borrão sombrio enquanto caía em um grande pedaço de granito. Imediatamente, ele se arrastou para trás e procurou outra forma de escapar, mas ficou surpreso ao ver que o saqueador havia desaparecido.

Um instante depois, Chalmers ouviu o som de pedras se chocando. Olhando para a direita, ele viu aquela criatura cair de cabeça sobre os calcanhares com chifres, travando um combate feroz com uma segunda criatura, que Chalmers imaginou ser o borrão que surgiu do nada e atacou a primeira um instante antes que ela o devorasse.

O novo monstro - claramente de uma espécie diferente, observou Chalmers, mas não menos gigantesco e igualmente feio - massacrou rapidamente o outro.

** *

Antes que ele pudesse se levantar, o vencedor se voltou contra o Chalmers, que ainda estava se encolhendo, cuja rota de fuga estava bloqueada pela placa de granito às suas costas.

Chalmers se preparou para a morte quando a nova criatura se inclinou para a frente e abriu sua boca de dentes irregulares. Um fedor pútrido saiu. Surpreendentemente, o mesmo aconteceu com o que Chalmers, atônito, acreditava ser apenas palavras. A criatura estava falando com ele. Que diabos era aquilo?

Com os olhos arregalados, ele ouviu a articulação gutural... um conjunto de sons era algo que ele não poderia ter confundido, uma *palavra* reconhecível que lhe causou arrepios na espinha.

109

O RABO. MESMO TEMPO

"Ch'al-murs", disse Kaj'a-zar em uma linguagem humana sisuda.

Ele sabe meu nome? pensou Chalmers. *Como ele pode falar meu nome?* Antes que ele pudesse pensar mais sobre se, quando ou como essa coisa que parecia conhecê-lo estava prestes a massacrá-lo, seu bizarro interlocutor continuou.

=ηamTν,= Kaj'a-zar disse, menos grosseiramente, em sua própria fonética, que Chalmers notou com interesse - se não como um sinal de esperança otimista - que era acompanhada por movimentos ágeis e demonstrativos das mãos. Embora seus dedos enormes estivessem com as pontas das garras e ensanguentados, as mãos gesticulavam de uma maneira que sugeria a Chalmers que a criatura estava comunicando algo... bem, quase sensível, talvez pacífico, ele se permitiu desejar.

=ηamTν kotcδ ωητθ(,= acrescentou Kaj'a-zar, depois repetiu grosseiramente o que ele esperava ser uma tradução compreensível: ***"tank far-mah lay'va".***

Chalmers queria pensar que havia algo para entender, queria acreditar que estava ouvindo essa criatura, esse ser, tentar se comunicar com ele em inglês. Mas era incrível, tão impossível... e ele estava, percebeu, em tal grau de choque que não conseguia formar suas próprias palavras, por mais que quisesse - especialmente agora que reconhecia uma inteligência inconfundível nos olhos dessa entidade alienígena.

"Onde..." Chalmers hesitou enquanto lutava para terminar a frase *"Where are you from?" (De onde você é?)* que estava tentando perguntar à criatura que, agora, ele acreditava que também entendia inglês.

=Kaj'a-zar disse em sua língua fiveriana, apontando para o poço do elevador próximo, no qual ele acreditava que a criatura humana encolhida estava tentando entrar para escapar do voraciano, agora morto.

No segundo em que Chalmers olhou para ver para onde estava sendo apontado, e em menos tempo do que ele levou para virar a cabeça, Kaj'a-zar ficou de pé e deu um passo para trás.

"Goh om", disse ele enquanto girava e pulava sobre a carcaça de seu antigo adversário, arrancando um quarto traseiro e se banqueteando enquanto se afastava.

* * *

Desaparecendo em uma fenda irregular, Kaj'a-zar esperava ter sido capaz de expressar seus sentimentos de forma compreensível. Ele sempre quis transmitir um ηamT*ƒ* adequado, dizer ainda mais do que *obrigado por minha vida* ao humano Chalmers.

Como Kaj'a-zar havia prometido há muito tempo, *um dia eu viria buscar você e os seus.*

Hoje era esse dia.

Ele havia acabado de matar o saqueador que pretendia matar o ωacλ - a prole de óvulos-esporos do primeiro Chalmers parental. Sem os experimentos iniciais de vida daquele humano, Kaj'a-zar sabia que ele nunca teria nascido do ventre de sua própria mãe morta e nunca poderia ter produzido sua própria família de Fiverianos. Com sua dívida agora paga, Kaj'a-zar desceu até a fenda que levava a um reino profundo, onde reinou como senhor de um novo mundo fiveriano, embora apenas temporário.

* * *

Sem ter a menor ideia do que realmente significava esse evento alucinante pelo qual acabara de passar e com as pernas ainda tremendo por causa do encontro com a morte, Chalmers conseguiu se levantar e ir até o poço momentos depois que o alienígena partiu.

Embora não tivesse entendido todas as expressões em inglês, Chalmers definitivamente sabia o que significava ***"4oh om"***.

Espantado por estar vivo, ele lutou para descer o poço do elevador e embarcou no trem, ainda abalado, mas agora pelo menos confiante de que voltaria para casa em segurança. Viajando em uma tristeza silenciosa, ele lamentou seus amigos e jurou, como um compromisso com suas vidas perdidas, que nunca desperdiçaria uma única oportunidade que sua própria vida ainda lhe proporcionava.

* * *

Parecia que havia passado apenas um momento quando ele desceu da carruagem na estação de Tidewater, pronto para seguir as instruções encontradas nas pistas de seu avô. Chalmers percorreu uma distância relativamente curta até uma passagem estreita que ficava ao lado da câmara onde se localizavam o escritório do CSC e os laboratórios da Força-Tarefa K de seu avô, e agora o seu próprio.

Voltei ao ponto de partida.

Ele sorriu. Era típico de seu avô mandá-lo para uma caça ao tesouro.

110

ESTAÇÃO TIDEMATER. NOITE

Encontrando a lanterna onde sabia que ela estaria, Chalmers entrou na passagem obscura e navegou mais fundo na passarela. Ela levava a um geodo incrustado de minerais com uma única estalactite pendurada no teto. Embora a estalactite fosse radiantemente branca, foi o extraordinário brilho azul da pequena câmara que mais o impressionou.

Sabendo por sua avó que seu avô havia pedido para ser enterrado em algum lugar mais profundo da caverna, Chalmers esperava encontrar seu caixão aqui e, de fato, parecia que um deles poderia ter repousado sobre os dois suportes de metal em algum momento.

Também era típico do vovô, pensou ele, ter desaparecido de seu próprio sarcófago. Não importava. O que ele deveria encontrar estava aqui.

Em uma pequena caixa de metal, logo abaixo da estalactite, havia um velho xilofone de cinco barras e um martelo de percussão. Quando Chalmers tocou as três notas musicais do *bing-bong-bing,* ele viu algo mágico acontecer.

A estalactite começou a emitir um zumbido baixo e suave que aumentou de intensidade à medida que a formação de carbonato de cálcio se tornou excepcionalmente brilhante, inundando a câmara do geodo com uma luz azul celestial surreal. A estalactite também começou a derreter, dissipando-se como uma névoa branca no ambiente azul da câmara.

De repente, um cristal em forma de pera - que o ancião Chalmers sabia como embutir, provavelmente com instruções do Samaritano, imaginou Steven - caiu do fundo aberto da formação. Ele parou abruptamente e flutuou, como Chalmers pôde ver, alguns centímetros acima do chão da caverna. Ele se ajoelhou e a pegou em suas mãos.

Não sentiu nenhum desconforto ao segurar o cristal frio e olhar para sua profunda claridade. Ele sabia, pela descrição de seu avô e pela memória inserida do velho, que aquela era a Tabula de Cristal - o instrumento divino de conhecimento ilimitado que o velho Chalmers havia explorado extensivamente e com o qual havia feito muitas descobertas.

** *

Uma delas, um compartimento secreto dentro do Cristal, continha o projeto de uma máquina que seu avô sabia ser chamada de Collabros, que só poderia ser construída quando a tecnologia da Terra tivesse evoluído ao grau necessário para gerar um milagre celestial. Essa, segundo seu avô, era a definição máxima de Deus para a evolução humana, ou foi o que Chalmers explicou ao neto durante as revelações no leito de morte.

Como seu avô lhe dissera naquele dia, a Steven, e somente a Steven, foi confiada a responsabilidade de levar os incontáveis registros do ancião Chalmers e seus muitos avanços na ciência da computação para o próximo nível evolutivo - construindo uma ferramenta computacional capaz, por sua vez, de montar Collabros.

O DMT-11000X do neto era essa ferramenta. E ao inverter a melodia do xilofone, um simples *bong-bing-bong* revelou dentro da infinita Crystal Tabula mais uma porta eterna atrás da qual os Collabros esperavam para serem tecnologicamente trazidos à vida.

* * *

O Dr. Steven Chalmers sabia por seu avô, que havia aprendido com o Primeiro Samaritano chamado Won, que o Collabros era um presente para a Terra, assim como o fogo e a roda, e que foi confiado à humanidade por meio da linhagem evolutiva de um homem. Os progenitores desse homem, Steven sabia, incluíam seu avô e agora ele, bem como outros de seus próprios descendentes que ainda estavam por vir.

Se construído e usado adequadamente para a boa vontade colaborativa, o presente instrucional serviria como um energizador celestial que converteria a luz em qualquer material de construção sólido ou produto imaginável e, depois disso, geraria uma

fonte inesgotável de energia para impulsionar toda e qualquer outra coisa que pudesse ser
concebidas para serem construídas.

~Tudo o que você precisa fazer para que algo aconteça,~ Won compartilhou com Chalmers, que detalhou o evento para seu neto, ~é *realmente acreditar, ter fé que você pode fazer* tudo o que *imaginar acontecer, desde que seja por uma causa boa e nobre.~*

* * *

A verdade simples - como Steven Chalmers percebeu e seu próprio filho aprendeu com o passar do tempo - era que acreditar na verdade e na bondade, em si mesmo e no poder divino de uma força onipotente singular, sempre poderia realizar o que parecia ser milagres.

E, à medida que o tempo continuava a se desenrolar, Steven e as gerações subsequentes de filhos de Chalmers presidiram a construção de uma nova civilização mundial única, rica em conforto, livre de dor e espiritualmente luxuosa. Plantas verdes e um céu azul foram vistos novamente na superfície. Juntamente com novas cidades de belo design e cheias de pessoas robustas, cujas vidas eram tranquilas e dedicadas à boa vontade.

Foi um resultado nobre, considerando todos os eventos ignóbeis que o precederam.

111

FORA. AGOSTO, 4O12, ANOITECER

Por mais de dois mil anos, todos os descendentes de Chalmers foram filhos únicos e sempre do sexo masculino. Considerando isso um rito de passagem e, definitivamente, uma honrada tradição familiar, cada um dos sucessivos filhos - primeiro com o pai e, mais tarde, como adulto, talvez buscando um momento de reflexão e fuga - viajou para uma praia arenosa onde permaneceria tempo suficiente para testemunhar a chuva de meteoros Perseidas que, obrigatoriamente, caía na mesma época todos os anos desde o início dos tempos.

Esse era o caso dessa noite para o único membro da linhagem Chalmers que restava na Terra. Sem nenhum filho para transmitir a importância desse evento, Chalmers, no entanto, estava ansioso para ver novamente o que seu pai havia compartilhado com ele há muitos anos.

Mas ele também estava aqui esperando o início de uma escuridão que ele esperava que proporcionasse sua própria marca de iluminação sobre uma série de outras coisas que ele tinha em mente há muito tempo, incluindo a solidão e o isolamento.

Como todos os seus predecessores, Chalmers sabia que esses meteoros, quando choveram pela primeira vez na Terra, teriam carregado sementes de vida transportadas pelo fogo do espaço sideral. Será que os rastros de fogo pelos quais ele esperou este ano trariam o mesmo material estelar que compunha sua composição genética? O que exatamente ele e a humanidade haviam realmente se tornado após incontáveis milênios de evolução... após o dilúvio infinitamente previsível das Perseidas?

O que, ele se perguntava o tempo todo, era o objetivo de viver uma vida serena e gentil, em que todos os desafios naturais haviam sido evitados pela facilidade e bondade universais de ter alcançado a verdadeira nobreza?

Há muito tempo, os Collabros haviam tornado obsoleta a necessidade de realizar trabalho físico. Como todo mundo, os braços finos e os dedos alongados de Chalmers serviam apenas para apontar para botões de ativação iluminados que faziam com que praticamente qualquer coisa que precisasse acontecer de fato ocorresse, geralmente de forma quase instantânea. Raramente ele usava suas pernas de salgueiro para andar, em vez disso, andava de forma aerodinâmica, como havia feito nessa praia, usando os pulsadores de jato de contorno que compunham seu calçado levitacional.

Esperando que a qualquer momento o primeiro meteoro esboçasse sua linha iluminada no céu escuro, Chalmers de repente pensou na eterna pergunta da humanidade sobre o que resta depois que a natureza senciente de ter estado vivo é suplantada pela morte. A resposta era simples, na verdade. Ele percebeu que a única maneira de saber o que se seguiu a algo que já havia se precedido era *ser o que viria a seguir.*

E, ironicamente, um mero segundo depois, ele testemunhou uma mensagem inconfundível sendo rabiscada nos céus. Ele observou com admiração enquanto uma convergência de consequências explicava o que aconteceria em seguida, além de fornecer uma resposta definitiva sobre o significado da vida de Chalmers... e o destino da humanidade.

Tendo aceitado há muito tempo que, em seu mundo nobre, a verdade era sempre boa e bela, Chalmers percebeu que acabara de ter um vislumbre da feia realidade sobre o poder onipotente... e o que ele poderia fazer quando movido pela raiva e pela vingança.

112

EXTERIOR. MEIA NOITE

O conhecimento da antiga história da guerra era apenas uma gota no mar de informações armazenadas em sua mente de sábio, de modo que Chalmers deduziu instantaneamente que a magnitude da luz meteórica que descia *não* vinha das Perseidas, que eram compostas de pedaços relativamente pequenos de detritos celestes amplamente dispersos. As Perseidas estavam definitivamente no céu esta noite, embora perdidas na coincidência convergente de um evento celestial de escala totalmente diferente que se desenrolava simultaneamente.

Calculando o resultado inevitável e percebendo a futilidade de fugir da cascata maciça de asteroides enormes, ele simplesmente ficou hipnotizado enquanto incontáveis pedaços dos anéis de Saturno - que haviam sido arrancados quando os voracianos passaram por eles em seu encontro infeccioso com a Terra há mais de dois mil anos - agora, tardiamente e com a intenção de um predador, avançavam em direção ao pacífico planeta azul.

Trilhas flamejantes de morte iluminavam o céu, desencadeando estrondosas explosões de compressão enquanto a atmosfera fina e superdimensionada fazia uma defesa inútil para repelir essa onda de invasores cósmicos.

Chalmers sabia que, dali a alguns instantes, ele experimentaria o *fim* sem sentido de tudo o que é sensível... ou a visão ilimitada de um novo *começo* que certamente seria surreal.

Calmo e resignado com suas escolhas, Chalmers inalou seu último suspiro do ar refrescante da noite, guardando-o como um deleite saboreado até que os impactos destruíssem tudo.

ALTA ESTASE - ATEMPORAL

Medido até mesmo pelo padrão de seu próprio reino samaritano, tudo estava acelerando quase além de sua compreensão quando Won sentiu a atração estelar do Hastening. Era a força onipotente de Ga'Lawed que Won sabia que o arremessava em direção ao desconhecido Meg'etheral e a alguma forma de Ascensão que ele experimentaria quando chegasse ao seu destino no Portal da Íris.

Ele ficou triste ao ver, embora suspeitasse disso desde o início da missão única de hoje, que os humanos e sua humanidade tinham acabado de ser extintos - queimados pelos resíduos de uma tempestade de fogo saturnina acesa anteriormente por um ódio voraz.

Disposto a partir, ele, no entanto, lutou contra o aperto do Hastening, pois queria ver todos os estágios restantes do processo evolutivo desse mundo que pudesse.

Sua última visão do planeta - que, pelo seu conhecimento da medição do tempo, ele sabia que seria o ano 10.000 - revelou o surgimento de novas formas de vida, como sempre parecia ser o caso da Terra. Won sabia que, quando algo de interessante acontecesse com os habitantes recém-evoluídos, ele e o dia de hoje, no que se referia a ele, já teriam acabado.

* * *

Em menos do que o tempo parcial do momento final de Won em High Stasis, ele conseguiu ver que uma colônia de fiverianos havia sido criada a partir de Kaj'a-zar. Eles haviam florescido nas profundezas de seu próprio enclave subterrâneo, onde ainda adoravam em um santuário especial. Tratava-se de um caixão de aço inoxidável com o corpo de seu Pai coletivo, o Calmeriano que havia dado vida na Terra a Kaj'a-zar e a todos os que, segundo a lenda, estavam destinados a vir dele.

Há muito tempo, eles passaram a se referir ao Pai como *Hez'a-Dod*, ou seja, Aquele que entregou nosso destino.

Won pôde testemunhar o clã de Kaj'a-zar subir à superfície e seguir seu rei. Ele usava sua tão esperada Coroa Tirânica e pisava com força em mais uma nova paisagem folheada com as sementes do tempo.

Da mesma forma, alguns voracianos, que Won tinha visto se enterrarem no subsolo antes do incêndio atômico, também floresceram. E depois de eras, eles também vieram

para a superfície reabilitada do planeta em busca dos fiverianos... seu adversário geneticamente codificado.

* * *

Sempre fascinado pela maneira como Ga'Lawed empregava sua convergência de coincidências cuidadosamente elaborada, Won se esforçou o suficiente para dar uma olhada para trás nas duas novas espécies da Terra. Ele sabia que, como guerreiros, eles iriam - pelo menos por algum tempo - possuir sua própria nobreza e tradições honradas pelo tempo.

Won achou irônico e apropriado que eles se chamassem *Tiranossauro* e *Estegossauro*. Como ele sabia pelo programa de estudos do diretor ensinado hoje cedo, esses dinossauros alienígenas estariam envolvidos em uma batalha titânica. E eles voltariam a dominar a Terra, como ele sabia que tinham feito em um começo anterior.

Mas, mesmo quando Won piscou em sua nova trajetória em direção ao Portal Iris, o tempo também piscou seu olho cósmico em direção à Terra, fazendo com que os dinossauros passassem por um período de vida de cem milhões de anos e chegassem à sua extinção ordenada mais uma vez.

Imaginando se talvez eles seriam substituídos por algo diferente amanhã de manhã quando Ga'Lawed acordasse, Won se despediu e se dissolveu espiritualmente do reino de trabalho de hoje.

EPÍLOGO

PORTAL DA ÍRIS - HORIZONTE DE EVENTOS

Tendo feito a viagem em pouco tempo, Won já pairava em um novo High Stasis assim como havia deixado o antigo. Embora a viagem tenha sido instantânea, houve tempo suficiente para que ele analisasse suas circunstâncias e tirasse o que sua própria fé lhe dizia serem conclusões corretas sobre o Meg'etheral
-o novo reino no qual ele entraria pela Ascensão por meio do Portal da Íris. Ele olhou agora para esse portal.

Era um disco de acreção azul-avelã no núcleo de um corpo celeste diferente de qualquer outro que ele já havia testemunhado - uma Galáxia Divina, como ele sabia que era em seu coração e em sua alma - que ofuscava o horizonte de qualquer jornada de Boa Vontade que ele já havia feito para Ga'Lawed.

Para Won, estava claro que uma convergência de circunstâncias galácticas o havia trazido a esse momento para que ele pudesse ver e ser visto pelo Olho de Ga'Lawed. Agora ele estava pronto para aceitar a vontade de Ga'Lawed, boa ou ruim.

De repente, Won teve uma sensação avassaladora da presença do Olho. Ele sentiu o foco de ampliação sobre ele e, por sua vez, a sensação de ser atraído pelo Olho.

De fato, ele havia sido puxado para dentro do vórtice de um tubo de cristal. Olhando para trás enquanto acelerava para dentro do tubo, ele viu que todas as galáxias do cosmos tinham dado a volta completa durante o dia eterno, comprimindo-se agora em um único ponto de luz. Era como um ponto de pontuação no final da sentença do tempo, pensou ele, ou como a última lâmpada a ser apagada na hora de dormir.

Depois, não havia nada além de uma profunda escuridão.

Ele imaginou que Ga'Lawed já estivesse dormindo... mas estava errado.

Ao sair abruptamente do tubo, Won viu uma nova e estranha luz e teve uma epifania chocante. Como parte de ter sido destituído de seu título de Samaritano, Vor havia sido enviado para uma prisão infernal por esse mesmo portal. A sensação foi mais do que apenas um choque.

Pela primeira vez em sua existência, Won sentiu medo do desconhecido.

O SANATÓRIO, DROGA

Depois de trabalhar o que lhe pareceu uma noite eternamente longa olhando através do monoscópio de pesquisa, a Dra. Savantha Gahlaud de repente olhou para cima - seus belos olhos azuis avelã arregalados de excitação. Retornando ao portal da lente ocular, ela direcionou a micropipeta, um tubo de extração de cristais, para a matéria líquida escura na lâmina de vidro. A lâmina continha mais do que energia escura, continha uma galáxia de possibilidades curativas para ela. Milagrosamente, sua busca havia terminado. Ela havia encontrado o que estava procurando. Era o início de um novo dia para tudo o que ela tinha em mente. Muito Muito a fazer. Tão pouco tempo.

"Eu venci", disse ela com orgulho, sabendo que acabara de descobrir o único anticorpo verdadeiro de que precisava na corrida para salvar seu paciente - uma vítima demente da insanidade que ameaçava infectar a todos com sua virulência e apetite voraz pelo mal.

Gahlaud colocou o conteúdo do tubo em uma pequena centrífuga e preparou o soro. Ela olhou por um momento para seu paciente em coma, deitado nu na mesa de exame com os braços firmemente amarrados.

Ela terminou seu trabalho, encheu a seringa e se virou novamente para encarar o corpo deitado.

Ela gritou de incredulidade ao olhar para a mesa - pois seu paciente havia desaparecido, pelo menos em sua maior parte. Tudo o que restava eram tocos de braços ensanguentados que haviam sido arrancados das órbitas dos ombros do corpo desaparecido quando o paciente se libertou.

Gahlaud tremia de medo. Não pela cena diante dela, mas pelas aparições desconhecidas que ela sabia que a confrontariam novamente e ao seu mundo. Ela e as boas almas que a serviam haviam trabalhado longa e arduamente para conter esse indivíduo enlouquecido aqui no Sanatório, onde ele poderia ser tratado. Gahlaud passou uma eternidade tentando encontrar uma cura para a doença dele.

Ela esteve a segundos de realizar a maior cura de todos os tempos. E agora ele estava livre novamente.

De repente, Gahlaud viu uma sombra se formar na parede à sua frente. Era seu pior pesadelo. O paciente de Gahlaud havia conseguido chegar por trás dela e estava pronto para infectar seu coração e sua alma com suas intenções vis.

Com a seringa na mão, ela se virou para encarar seu

arqui-inimigo. Seu nome era Lucifer Sa'tan.

Quando ele se ergueu em sua estatura total e maníaca, as asas de abutre se desdobraram das omoplatas encharcadas de sangue de Sa'tan, e sua cabeça com chifres ficou vermelho-escura enquanto o suor fumegante escorria dos poros dilatados de seu rosto infernal. Agora, erguendo-se sobre ela, sua boca macabra se contorceu em uma careta faminta e voraz.

Era o lugar dele para consumi-la, de corpo e alma. A vontade espiritual dela era resistir.

Ele era o Mal. Ela era o Bem.

Somente o tempo diria se Gahlaud havia convocado um samaritano para ajudá-la a restaurar a nobreza, e somente no final da guerra ela saberia se realmente havia vencido. Nesse ínterim, ela se preparou para outra batalha eterna pela supremacia entre forças antagônicas.

E, como sempre acontecia, a rodada de hoje do conflito atemporal anunciaria novamente...

O início.

APÊNDICES

APÊNDICE 1.

A BÍBLIA

Para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.

Os céus já existiam há muito tempo, e a Terra foi formada da água e através da água pela palavra de Deus. Mas, pela mesma palavra, os céus e a terra que existem agora são armazenados para o fogo, sendo guardados até o Dia do Julgamento e da destruição dos ímpios.

O dia do Senhor virá como um ladrão, e então os céus passarão com estrondo, e os corpos celestes se dissolverão, e a terra e as obras que nela se fazem serão queimadas.

-Excertos de 2 Pedro C:7-1O (NVI)

APÊNDICE 2.

TEOREMA DE ADAMS

Há uma teoria que afirma que, se alguém descobrir exatamente para que serve o Universo e por que ele está aqui, ele desaparecerá instantaneamente e será substituído por algo ainda mais bizarro e inexplicável. Há outra teoria que afirma que isso já aconteceu.

-Douglas Adams

***The Hitchhiker's Guide to the Galaxy (O Guia do Mochileiro das Galáxias)*, 1979**

APÊNDICE 3.

BREVE E VERDADEIRA HISTÓRIA DO SOBRENOME CHALMERS

Chalmers

Chalmers é uma variante escocesa do nome ocupacional inglês Chambers, um derivado do francês antigo *de la chambre* e do latim *camera.*

Nos tempos medievais, os servos das casas reais eram tidos em alta conta e, com frequência, aqueles que ocupavam cargos mais altos recebiam certos privilégios, com o cargo, por sua vez, sendo passado de uma geração familiar para outra. Tornou-se popular para essas pessoas adotar o nome da ocupação como seu sobrenome.

Assim, o sobrenome Chalmers evoluiu socialmente a partir da descrição ocupacional de alguém que servia a um nobre e, mais tarde, passou a ostentar um título administrativo nobre.

Eventualmente, Chalmers carregava o padrão da própria nobreza.

O brasão de armas dos Chalmers inclui um guerreiro com capacete, e o lema do clã era originalmente um grito de guerra que se transformou em *Spero*, cuja definição é "Eu espero".

Atualmente, os registros da família Chalmers são mantidos na Biblioteca da Universidade de Edimburgo.

APÊNDICE 4.

GENEALOGIA DE CHALMERS - VERSÃO CRIPTOGRAFADA

Name	*Era/Life-span*	*Notable Facts*
Shar	Pliocene epoch—4.1 million years ago	First *Australopithecine* to look with wonder at the night sky.
Sha'fyer	Pleistocene epoch—1.8 million years ago	First *Homo erectus* to strike flint and make a controlled fire.
Kar'penta	Paleolithic period—100,000 years ago	First *Homo sapiens* to build a roofed living structure.
Kha'landers	Paleolithic period—30,000 years ago	First *Cro-Magnons* to make a calendar based on seasons.
Shumers	Holocene epoch—6,000 B.C.	First "modern man" to write on clay tablets in Sumer.
Shulmyrus	Golden Age of Greece —500 B.C.	Geometer who postulated that the shortest distance between two points is a straight line.
Suwan Calmeros	A.D. 750–814	Chief strategist for Charlemagne, who was *Imperator Augustus*, the "Father of Europe."
Jean de Chalmier	1300–1376	Wrote *Treatise on Ecclesiastical Exigencies and Temporal Reality.*
Strom Jonnas Chammler	1560–1640	Founded the *London Tablet*, later called the *London Times*. Wrote widely under the nom d'plume William Shakespeare.
Jonah S. Chalmer	1730–1799	Sea captain and scout for General George Washington. Chief of staff for President Washington, "Father of the United States."

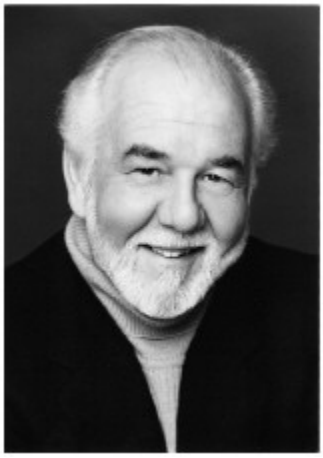
Severn Joseph Chalmers	1830–1906	Botanist. Founded Megatherium Club, group of Washington, D.C., scientists at Smithsonian Institute.
Jonathan S. Chalmers	1860–1930	Immigration lawyer; wrote speech for 1886 Statue of Liberty dedication. Wall Street legal counsel; financial advisor to top corporations and prominent families.
Jonathan S. Chalmers Jr.	1890–2022	Dean of Mathematics, Columbia University. WWI war hero. Classmate of William J. Donovan and Franklin Roosevelt. Director of Office of Strategic Assessments. Father of USA, Underground States of America.
Steven J. Chalmers	1980–2018	Youngest fighter jet pilot in U.S. military history; Gulf War II combat hero. Killed in 2nd Aurora space flight to Mars.
Steven J. Chalmers Jr.	2010–2110	Emerges from USA in 2055. Journeyed to the rubble of Langley. Solved the Cryptos Conundrum. Located the Crystal Tabula, and built Collabros—a Divine machine that will Enable and Ennoble all broken nations to work together to rebuild a once wonderful world.

Então, no que pareciam meros segundos, o Tempo se apressou para o momento em que, embora a Nobreza estivesse profundamente enraizada na alma das pessoas e no solo do planeta, todos e tudo - a linhagem Chalmers e a própria Terra - pereceram abruptamente em uma tempestade de fogo cósmico.

NOTA FINAL DO AUTOR

Um boato antigo em Langley é que Wayne W. Wondelman, o falecido criptógrafo da CIA que orientou o escultor da obra de arte CRYPTOS de Langley, também era especialista no calendário maia. Alguns dizem que ele afirmou ter encontrado erros de computação na tradução da data do calendário da profecia do "Fim dos Tempos" feita *pelo suposto especialista*. Sempre insistindo que a tradução estava errada por dois milênios, Wondelman sustentou que, em vez do ano de 2012, os maias acreditavam que o tempo na Terra terminaria no ano **4O12.**

SOBRE O AUTOR



CHASE BRANDON é um oficial de operações do Serviço Clandestino da CIA há trinta e cinco anos. Ele viveu infiltrado por vinte e cinco anos e se aposentou das tarefas de infiltração em 2006, mas continua prestando consultoria a várias agências da comunidade de inteligência, ao Departamento de Defesa e a várias organizações policiais estaduais e federais. Em sua última missão, Brandon foi funcionário sênior do diretor da Agência Central de Inteligência, atuando como porta-voz da agência e contato oficial da CIA com o setor de entretenimento. Ele prestou consultoria técnica para muitos filmes, séries de televisão e documentários, como *Missão Impossível III, A Identidade Bourne, Alias* e *24*, e para os canais Discovery, Learning e Military.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

O ENIGMA DAS CRIPTOS

Copyright © 2012 por Chase Brandon

Todos os direitos reservados.

Um livro da Forge
Publicado por Tom Doherty Associates, LLC 175
Fifth Avenue
Nova York, NY 10010

www.tor-forge.com

Forge® é uma marca registrada da Tom Doherty Associates, LLC.

A Biblioteca do Congresso catalogou a edição impressa da seguinte forma:

Brandon, Chase.
The cryptos conundrum / Chase Brandon. - 1a. ed., p. cm.
p. cm.
ISBN 978-0-7653-1877-0 (capa dura)
ISBN 978-1-4299-4464-9 (livro eletrônico)
1. Estados Unidos. Agência Central de Inteligência - Ficção. 2. Oficiais de inteligência - ficção. I. Título.
PS3602.R3597C79 2012
813'.6-dc23

2012009271

e-ISBN 9781429944649

Primeira edição: Junho de 2012